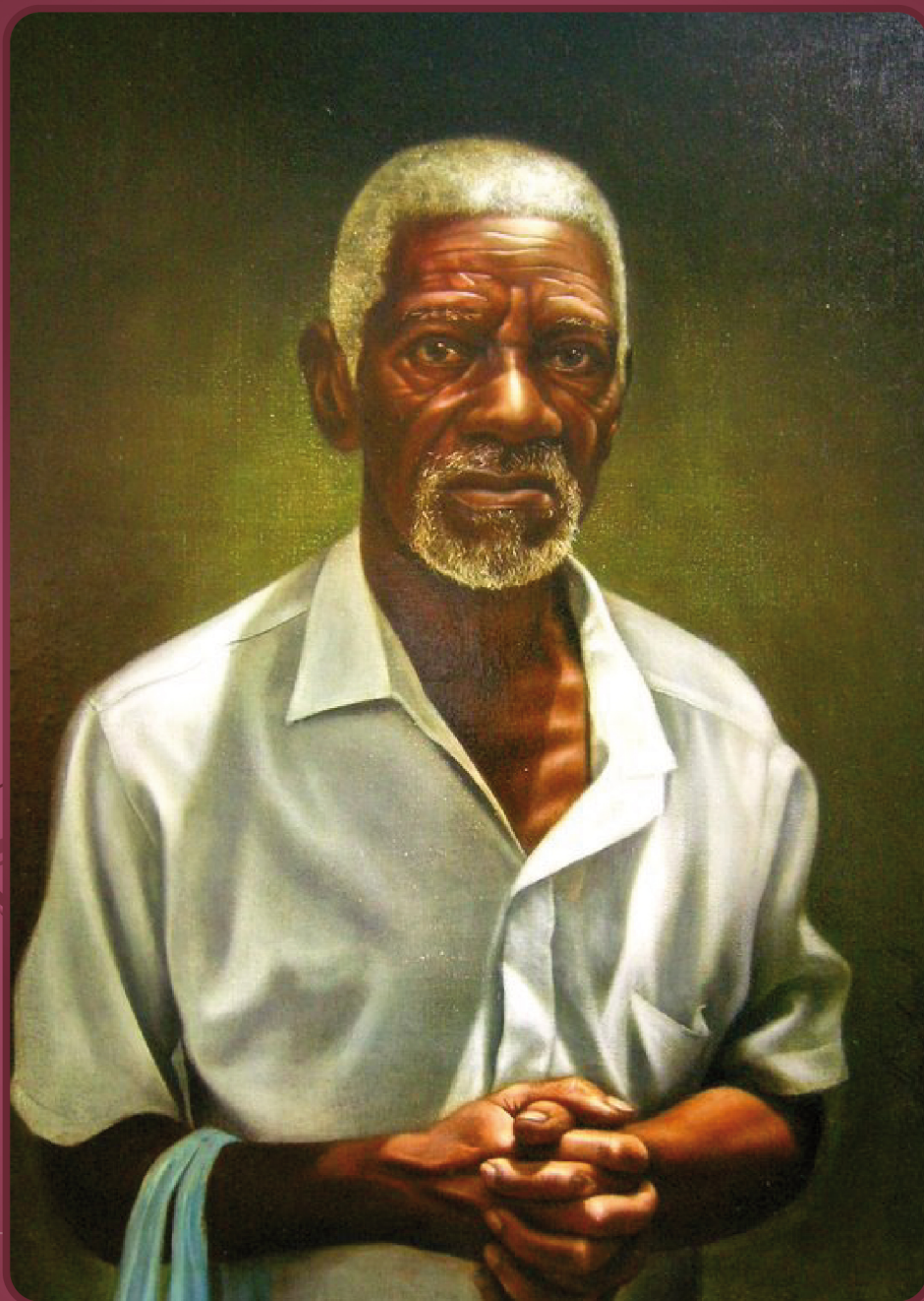


MAGIAS E RITUAIS DA UMBANDA

VOLUME II



Padrinho
Juruá

Padrinho Juruá – 1956

MAGIAS E RITUAIS DA UMBANDA

VOLUME I – II e III

Volume II

**São Caetano do Sul, 2017
398 p.**

Fundação Biblioteca Nacional

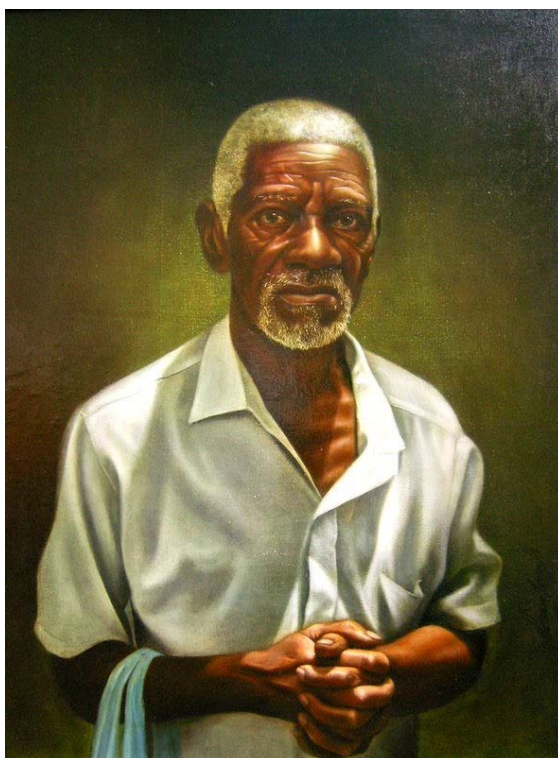
**Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou
Averbação**

Nº Registro: 558.065 – livro: 2320 – folha: 95

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da “LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”.

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.



CAPA: Concepção artística de um Guia Espiritual Preto-Velho

ÍNDICE

•	ANJOS DA GUARDA.....	02
	OS ANJOS DA GUARDA SEGUNDO ANDRÉ LUIZ.....	04
	ANJOS GUARDIÕES.....	05
	OS ANJOS DA GUARDA.....	06
	OS ANJOS DA GUARDA E A “GUARDA PRIMORDIAL – A FORÇA ORIGINÁRIA” SEGUNDO A UMBANDA CRÍSTICA.....	09
•	AS GUIAS (COLARES) – OS ESCUDOS – SEGUNDO A “ESCOLA UMBANDA CRÍSTICA” DEFENSIVOS.....	15
	OS OBJETOS SÃO MILAGROSOS?.....	15
	PRÁTICAS E RITUAIS – PARTE IV.....	17
	GUIAS – COLARES.....	18
	AS GUIAS.....	19
	PURIFICAÇÃO DAS “GUIAS”.....	22
	CONSAGRAÇÃO E IMANTAÇÃO DAS GUIAS.....	25
	ORIXÁS E OS CRISTAIS.....	26
	GUIAS ESPIRITUAIS E CRISTAIS.....	28
	A IMPORTÂNCIA DO USO DA GUIA DE AÇO, CONHECIDA COMO “07 SETE LINHAS DE AÇO”.....	30
•	A MÚSICA SACRA UMBANDISTA SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”	37
	SOBRE A QUESTÃO DE NÃO UTILIZARMOS ATABAQUES.....	37
	OS PONTOS CANTADOS (CURIMBAS) E SUA SIGNIFICAÇÃO NA UMBANDA.....	38
	A MAGIA DO SOM.....	38
	A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA RITUAL NOS CULTOS BRASILEIROS.....	40
	ORIXÁ AYOM.....	41
	TAMBOR XAMÂNICO.....	42
	O ATABAQUE COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO.....	42
	OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO NA RITUALÍSTICA DO CANDOMBLÉ.....	43
	SACERDOTES MÚSICOS APRENDEM CÓDIGOS QUE PRODUZEM TRANSE.....	44
	PARA CONSAGRAR E DAR DE COMER AOS ATABAQUES DA CASA.....	45
	ALAGBÊS E OGÃS.....	47
	A FORÇA REAL DAS PALMAS E DOS TAMBORES E O QUE ELES PODEM PROVOCAR.....	49
	A MÚSICA E OS ELEMENTOS DA NATUREZA.....	50
	A MÚSICA E O TRANSE.....	51
	O USO DE “ATABAQUES” NA UMBANDA.....	52
	ZÉLIO DE MORAES, O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS E O USO DE ATABAQUES NA UMBANDA.....	53
	A INDÚSTRIA DE “FAZER SANTO” É UMA VIGARICE.....	55
	O USO DE ATABAQUES SEGUNDO A TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE.....	62
	OS SONS E OS CHACRAS.....	67
	QUAL É O SOM DE UMA COR?.....	69
	AUDIÇÃO.....	70
	MEDIUNIDADE – TEORIA E PRÁTICA.....	72
	A NATUREZA DO SOM.....	72
	MÚSICA, INTELIGÊNCIA E PERSONALIDADE.....	73
	CONVITE PARA UMA REFLEXÃO.....	75
	A ESSÊNCIA EM DETRIMENTO DA FORMA.....	77
	HINOS, PONTOS DE FORÇA E PONTOS DE PODER.....	80
	PONTOS CANTADOS E SUA INICIAÇÃO.....	80
	PORQUE OS PONTOS CANTADOS SÃO TÃO IMPORTANTES PARA UM TERREIRO DE UMBANDA?.....	82
•	O QUE VEM SER EGRÉGORA.....	84
•	SACRIFÍCIO DE ANIMAIS SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”	87
	SOBRE A MATANÇA DE ANIMAIS PELOS QUE SE DIZEM UMBANDISTAS.....	87
	VI – SACRIFÍCIOS.....	90
	OS MALES DO VAMPIRISMO.....	92
	O SACRIFÍCIO DE ANIMAIS NA “UMBANDA”.....	93
	ESCLARECIMENTO DE RAMATIS.....	94
	REINO ANIMAL – UM DOS ELEMENTOS DA NATUREZA.....	95
	SACRIFÍCIO DE ANIMAIS NA UMBANDA – UMBANDA SEM MEDO.....	96
	IMOLAÇÃO NA UMBANDA?.....	99
	EFEITOS DA CARNE NO ORGANISMO HUMANO.....	103
	A TEOLOGIA DO SACRIFÍCIO NAS RELIGIÕES.....	104
	O SACRIFÍCIO NO ISLÃ.....	105

O SACRIFÍCIO NO JUDAÍSMO.....	105
O SACRIFÍCIO NO CATOLICISMO.....	106
O SACRIFÍCIO NO CANDOMBLÉ.....	106
SACRIFÍCIO DE ANIMAIS EM RITUAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANAS.....	107
AGENOR DE MIRANDA ROCHA E O CANDOMBLÉ VERDE.....	110
SACRIFÍCIO DE ANIMAIS: ATO NECESSÁRIO?.....	111
O SACRIFÍCIO NA UMBANDA.....	111
 • A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA MAGNETIZADA.....	114
O ELEMENTO ÁGUA.....	115
O QUE É ÁGUA FLUIDIFICADA?.....	116
AÇÃO DA ÁGUA MAGNETIZADA NO ORGANISMO.....	126
 • ÁGUA BENTA SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”.....	130
ÁGUA LUSTRAL.....	131
A ÁGUA LUSTRAL NA BÍBLIA.....	132
ÁGUA BENTA NA ANTIGUIDADE.....	133
RITUAL DE PURIFICAÇÃO E CONSAGRAÇÃO DA ÁGUA.....	134
MUDRAS – O PODER DOS GESTOS.....	134
PURIFICAÇÃO.....	135
CONSAGRAÇÃO.....	136

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Nas obras – “Magias e Rituais de Umbanda – volumes I, II, e III”, estaremos abordando temas importantes no que tange a parte ritualística e magística de Terreiro, onde cada leitor poderá ter uma versão calcada na razão e no bom senso, dos procedimentos utilizados do grande arsenal da Umbanda.

Todos os ensinamentos desta obra, com seus aspectos esotéricos e exotéricos, são com total visão da “Escola Iniciática Umbanda Crística”. Não falamos em nome da Umbanda.

Absolutamente ninguém tem autoridade para falar por todos os umbandistas, em nome da Religião de Umbanda, ou de uma hegemonia de opinião ou práticas, seja um dirigente, médium, autor, ou seja, de uma cátedra de Ciência da Religião, Teologia, Religiologia, Antropologia e afins, nem mesmo instituições federativas. Isso é, por si só, desonestidade intelectual.

Quando um umbandista, sobretudo se tem influência sobre a comunidade manifesta uma ideia ou uma opinião, tem por dever dizer se essa ideia é dele, ou do Terreiro que ele dirige ou frequenta, ou da modalidade umbandista que pratica, e jamais deve manifestar essa ideia como sendo da Religião de Umbanda como um todo.

A única autoridade que deu as diretrizes práticas da Religião de Umbanda, a partir de 1908, foi o seu anunciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, fato esse comprovado com documentação. A partir daí, surgiram as “Modalidades de Umbanda”, cada qual com suas diretrizes, algumas se distanciando grandemente das práticas originais.

Todas as “Modalidades de Umbanda” praticadas são legítimas, exercidas de forma diferenciadas, atendendo a todos os entendimentos, regiões, temperamentos psicológicos, ou serviço comprometido no plano espiritual.

O Movimento Umbandista está longe da unanimidade em todos os temas.

Infelizmente muitos irmãos umbandistas dão ênfase exagerado para a realização de Magias e Rituais, achando que somente isso basta para estar “fazendo Umbanda”, ou ajudando o próximo. Há Terreiros onde medra o exagero de objetos e práticas fetichistas, que não tem significação alguma no campo da magia, mais por culpa da ignorância ou vaidade de certos dirigentes ou certos médiuns.

Não se esqueçam:

“Transmutar energias para movimentar o ar, expandir o fogo, contrair a água e coar a terra é fácil, pois são magias que se processam externamente, manipulando-se “coisas concretas” e de fácil acesso. Agora, difícil mesmo é realizar a magia “interior”, onde você trabalha com as “coisas abstratas”, procurando transmutar a ira em paciência, a leviandade em firmeza, o receio em esperança, a soberba em humildade, a luxúria em castidade, o arrebatamento em prudência e o egoísmo em generosidade. Tem-se que compreender que, na maioria das vezes, os grandes conflitos e “demandas” são interiores, ou seja, nós mesmos criamos os emaranhados de situações que ficam pululando em nossos pensamentos, sentimentos e, por decorrência, nas nossas ações”. (Márcio Bamberg)

ANJOS DA GUARDA



ANJO DA GUARDA

O que é o Anjo da Guarda?

Quem é o Anjo da Guarda?

É algum Espírito ancestral que nos acompanha?

É um Guia Espiritual que nos acompanha?

Ou por acaso é um Espírito enviado por Deus para nos guiar?

Os Anjos sempre foram vistos como mensageiros.

Vamos, de uma vez por todas, saber quem é e o que é o nosso Anjo da Guarda, para enfim sabermos como nos dirigir e irmarmos com ele.

Os Anjos segundo o Catolicismo:

De acordo com a doutrina católica: *“os Anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores a Humanidade, criaturas privilegiadas e voltadas a felicidade suprema e eterna desde a sua formação, dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito, aliás, para adquiri-los. Estão, por assim dizer, no primeiro plano de Criação, contrastando com o último onde a vida é puramente material; e, entre os dois, medianamente existe a Humanidade, isto é, as almas, seres inferiores aos Anjos e ligados a corpos materiais”.*

(Livro “O Céu e o Inferno” – Allan Kardec)

Os Anjos segundo o Espiritismo:

Diz Kardec, ainda no livro O Céu e o Inferno: *“Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos Anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres”.* Até este ponto, vemos a concordância com a visão católica dos Anjos. A diferença crucial está no fato de que conforme o ensinamento dos Espíritos, todos os seres possuem uma “centelha divina”, a essência do próprio Criador em cada um de nós.

Portanto ninguém é privilegiado na Criação. Todos temos que trilhar o caminho da evolução espiritual a fim de manifestarmos nosso potencial divino.

Kardec prossegue, dizendo: *“As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes. Isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim – que é a perfeição – é para todos, o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir (...). Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual até ao estado de puro Espírito ou Anjo.*

Os Anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem ditosas, tendo ainda nele um meio de progresso”. Portanto, entre os Anjos, ou Espíritos puros, existem aqueles que participam de tarefas grandiosas, como o planejamento e coordenação dos mundos, até aqueles mais próximos da nossa condição espiritual.

É importante ficar claro que todos os seres têm como destino a angelitude. Até a pessoa mais cruel um dia praticará o Bem tanto quanto os Anjos. Ela pode se demorar milênios e incontáveis encarnações na perturbação e no mal, fruto da ignorância, mas sua evolução é inevitável.

Os Anjos, independente do grau evolutivo em que se encontram, são Espíritos evoluídos, e nós, como também somos Espíritos, seremos um dia tão puro quanto os Anjos, conforme vamos evoluindo. É claro que isso não vai acontecer de repente, nesta encarnação, pois é fruto do trabalho de aprimoramento ao longo das várias encarnações e na vida espiritual.

E os Anjos da Guarda? Eles são Espíritos que protegem a nós e a nossa família, dentro das Leis Divinas. Mas que Espíritos são esses? Por que eles aceitaram esta tarefa?

Quando desencarnamos, nosso corpo físico morre, mas a consciência, o Espírito, continua existindo, só que nos planos mais sutis da realidade. Continuamos com os mesmos vícios e virtudes, afetos e desafetos. Apenas mudamos de endereço! Sem o corpo físico, passamos a nos manifestar diretamente através do corpo astral, que é um corpo mais sutil e que tem, normalmente, a mesma aparência do extinto corpo carnal.

Isso significa que mesmo “mortos” continuamos muito ligados a vida que tínhamos aqui na Terra, vinculados a certas pessoas que “deixamos pra trás”, seja por laços de ódio ou de amor.

A maioria dos Espíritos recém-desencarnados ainda está muito apegada a família terrena e nem sempre está em condições de auxiliar seus familiares. Muitos sofrem pelo apego aos seus parentes consanguíneos e se negam a deixar o ambiente doméstico. Estes não podem ser considerados como Espíritos protetores ou Anjos da Guarda, mas como Espíritos sofredores que necessitam de auxílio e oração.

Em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo III, encontramos a seguinte orientação: *“Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influencia da matéria que ele acaba de abandonar. E à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos”.* Portanto, quanto maior for o equilíbrio em que o Espírito desencarnado se encontra, maior será sua liberdade de ação, dentro é claro, das Leis de Deus.

O Anjo da Guarda, que normalmente nos auxilia nos momentos difíceis, é um Espírito que possui algum tipo de laço afetivo conosco. Esses laços são muito antigos, de encarnações passadas e devido ao grau de equilíbrio espiritual, recebe a missão de nos orientar.

Não são nossas “babás”, ou seja, não realizam aquilo que é nossa obrigação, mas podem atuar junto a um Espírito protetor familiar que deseja nos ajudar.

Às vezes, quando o Espírito que atua como nosso Anjo da Guarda precisa partir para outras tarefas, outro Espírito pode assumir seu posto. Ou seja, o trabalho de proteção espiritual tem um tempo limitado e é mais intenso na fase infantil da pessoa encarnada.

Anjos da Guarda, Espíritos protetores, Espíritos familiares...

- Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?

Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.

- **Que se deve entender por Anjo do guarda ou Anjo guardião?**

O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.

- **Qual a missão do Espírito protetor?**

A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.

- **O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento?**

Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.

- **É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor?**

O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão e dever.

- **Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos?**

Não; mas protege-os menos exclusivamente.

- **O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda?**

Frequentemente sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.

- **Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?**

Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.

É uma doutrina, esta, dos Anjos Guardiões, que, pelo seu encanto e doçura, deverá converter os mais incrédulos.

Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra?

Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem ai os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos.

(O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Capítulo IX)

OS ANJOS DA GUARDA SEGUNDO ANDRÉ LUIZ

Os Espíritos tutelares encontram-se em todas as esferas. Os anjos da sublime vigilância, analisados em sua excelsitude divina, seguem-nos a longa estrada evolutiva. Desvelam-se por nós, dentro das Leis que nos regem, todavia, não podemos esquecer que nos movimentamos todos em círculos multidimensionais. A cadeia de ascensão do Espírito vai da intimidade do abismo à suprema glória celeste.

Será justo lembrar que estamos plasmando nossa individualidade imperecível no espaço e no tempo, ao preço de continuadas e difíceis experiências. A ideia de um ente divinizado e perfeito, invariavelmente ao nosso lado, ao dispor de nossos caprichos ou ao sabor de nossas dívidas, não concorda com a Justiça.

Que governo terrestre destacaria um de seus ministros mais sábios e especializados na garantia do bem de todos para colar-se, indefinidamente, ao destino de um só homem, quase sempre renitente cultor de complicados enigmas e necessitado, por isso mesmo, das mais severas lições da vida? Porque haveria de obrigar-se um arcanjo a descer da Luz Eterna para seguir, passo a passo, um homem deliberadamente egoísta ou preguiçoso? Tudo exige lógica, bom-senso.

Anjo, segundo a acepção justa do termo, é mensageiro. Ora, há mensageiros de todas as condições e de todas as procedências e, por isso, a antiguidade sempre admitiu a existência de Anjos bons e Anjos maus.

Anjo de Guarda, desde as concepções religiosas mais antigas, é uma expressão que define o Espírito celeste que vigia a criatura em nome de Deus ou pessoa que se devota infinitamente a outra, ajudando-a e defendendo-a.

Em qualquer região, convivem conosco os Espíritos familiares de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embrutecidos aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita gradação do progresso. A família espiritual é uma constelação de inteligências, cujos membros estão na Terra e nos Céus. Aquele que já pode ver mais um pouco auxilia a visão daquele que ainda se encontra em luta por desvencilhar-se da própria cegueira. Todos nós, por mais baixo nos revelemos na escala da evolução, possuímos, não longe de nós, alguém que nos ama a impelir-nos para a elevação. Isso podemos verificar nos círculos da matéria mais densa. Temos constantemente corações que nos devotam estima e se consagram ao nosso bem. De todas as afeições terrestres, salientemos, para exemplificar, a devoção das mães. O espírito maternal é uma espécie de anjo ou mensageiro, embora muita vez circunscrito ao cárcere de férreo egoísmo, na custódia dos filhos. Além das mães, cujo amor padece muitas deficiências, quando confrontado com os princípios essenciais da fraternidade e da justiça, temos afetos e simpatias dos mais envolventes, capazes dos mais altos sacrifícios por nós, não obstante condicionados a objetivos por vezes egoísticos. Não podemos olvidar, porém, que o admirável altruísmo de amanhã começa na afetividade estreita de hoje, como a árvore parte do embrião.

Todas as criaturas, individualmente, contam com louváveis devotamentos de entidades afins que se lhes afeiçoam. A orfandade real não existe. Em nome do Amor, todas as almas recebem assistência onde quer que se encontrem.

Irmãos mais velhos ajudam os mais novos. Mestres inspiram discípulos. Pais socorrem os filhos. Amigos ligam-se a amigos. Companheiros auxiliam companheiros.

Isso ocorre em todos os planos da Natureza e, fatalmente, na Terra, entre os que ainda vivem na carne e os que já atravessaram o escuro passadiço da morte. Os gregos sabiam disso e recorriam aos seus gênios invisíveis. Os romanos compreendiam essa verdade e cultuavam os numes domésticos.

O gênio guardião será sempre um Espírito benfazejo para o protegido, mas é imperioso anotar que os laços afetivos, em torno de nós, ainda se encontram em marcha ascendente para mais altos níveis da vida. Com toda a veneração que lhes devemos, importa reconhecer, nos Espíritos familiares que nos protegem, grandes e respeitáveis heróis do bem, mas ainda singularmente distanciados da angelitude eterna.

Naturalmente, avançam em linhas enobrecidas, em planos elevados, todavia, ainda sentem inclinações e paixões particulares, no rumo da universalização de sentimentos. Por esse motivo, com muita propriedade, nas diversas escolas religiosas, escutamos a intuição popular asseverando: - *“nossos Anjos de Guarda não combinam entre si”*, ou, ainda, *“façamos uma oração aos Anjos de Guarda”*, reconhecendo-se, instintivamente, que os gênios familiares de nossa intimidade ainda se encontram no campo de afinidades específicas, e precisam, por vezes, de apelos à natureza superior para atenderem a esse ou àquele gênero de serviço.

(Texto retirado do livro “Entre a Terra e o Céu” (André Luiz / Chico Xavier) – Cap. 33)

ANJOS GUARDIÕES

Os Anjos Guardiões são embaixadores de Deus, mantendo acesa a chama da fé nos corações e auxiliando os enfraquecidos na luta terrestre. Quais estrelas formosas, iluminam as noites das almas e atendem-lhes as necessidades com unção e devotamento inigualáveis. Perseveram ao lado dos seus tutelados em toda circunstância, jamais se impacientando ou os abandonando, mesmo quando eles, em desequilíbrio, vociferam e atiram-se aos despenhadeiros da alucinação.

Vigilantes, utilizam-se de cada ensejo para instruir e educar, orientando com segurança na marcha de ascensão. Envolvem os pupilos em ternura incomum, mas não anuem com seus erros, admoestando com severidade quando necessário, a fim de lhes criarem hábitos saudáveis e conduta moral correta.

São sábios e evoluídos, encontrando-se em perfeita sintonia com o pensamento divino, que buscam transmitir, de modo que as criaturas se integrem psiquicamente na harmonia geral que vige no Cosmo. Trabalham infatigavelmente pelo Bem, no qual confiam com absoluta fidelidade, infundindo coragem àqueles que protegem, mantendo a assistência em qualquer circunstância, na glória ou no fracasso, nos momentos de elevação moral e naqueles outros de perturbação e vulgaridade.

Nunca censuram, porque a sua é a missão de edificar as almas no amor, preservando o livre-arbítrio de cada uma, levantando-as após a queda, e permanecendo leais até que alcancem à meta da sua evolução.

Os Anjos Guardiões são lições vivas de amor, que nunca se cansam, porquanto aplicam milênios do tempo terrestre auxiliando aqueles que lhes são confiados, sem se imporem nem lhes entorpecerem a liberdade de escolha. Constituem a casta dos Espíritos Nobres que cooperam para o progresso da humanidade e da Terra, trabalhando com afinco para alcançar as metas que anelam.

Cada criatura, no mundo, encontra-se vinculada a um Anjo Guardião, em quem pode e deve buscar inspiração, auscultando-o e deixando-se por ele conduzir em nome da Consciência Cósmica. Tem cuidado para que te não afastes psiquicamente do teu Anjo guardião.

Ele jamais se aparta do seu protegido, mas este, por presunção ou ignorância, rompe os laços de ligação emocional e mental, debandando da rota libertadora. Quando erres e experimentes a solidão, refaz o passo e busca-o pelo pensamento em oração, partindo de imediato para a ação edificante.

Quando alcances as cumeadas do êxito, recorda-o, feliz com o teu sucesso, no entanto preservando-te do orgulho, dos perigos das facilidades terrestres. Na enfermidade, procura ouvi-lo interiormente sugerindo-te bom ânimo e equilíbrio. Na saúde, mantém o intercâmbio, canalizando tuas forças para as atividades enobrecedoras.

Muitas vezes sentirás a tentação de desviar, mudando de rumo. Mantém-te atento e supera a maléfica inspiração. O teu Anjo guardião não poderá impedir que os Espíritos perturbadores se acerquem de ti, especialmente se atraídos pelos teus pensamentos e atos, em razão do teu passado, ou invejando as tuas realizações... Todavia te induzirão ao amor, a fim de que te eleves e os ajudes, afastando-os do mal em que se comprazem. O teu Anjo Guardião é o teu mestre e amigo mais próximo. Imana-te a ele.

Entre eles, os Anjos Guardiões e Deus, encontra-se Jesus, o Guia perfeito da humanidade. Medita nas Suas lições e busca seguir-Lhe as diretrizes, a fim de que o teu Anjo guardião te conduza ao aprisco que Jesus levará ao Pai Amoroso.

(Joanna de Angelis – Do Livro: Momentos Enriquecedores – Psicografia: Divaldo Pereira Franco)

OS ANJOS DA GUARDA

- **Boa noite a todos! Paz em Jesus! A figura dos Anjos da Guarda é uma das lembranças ternas que tenho da infância (fui educado no catolicismo), tanto que me lembro até hoje da oração ensinada no catecismo, “Santo Anjo do Senhor”. Esses companheiros mais evoluídos que nos assistem do plano espiritual, sempre são ligados à nossa marcha evolutiva, são companheiros do nosso pretérito, necessariamente?**

Não necessariamente são ligados ao nosso pretérito.

- **Os nossos Anjos da guarda são Espíritos com os quais tivemos algum tipo de relacionamento afetivo em outra vida?**

Idem a anterior, mas geralmente são afetos do nosso coração, muitas vezes seculares.

- **Gostaria de perguntar: Quem realmente são os Anjos? São Espíritos familiares? O que foram eles? Eles já estiveram na Terra?**

Anjo é um Espírito superior. Espíritos familiares são os que se ligam a nós por laços mais ou menos duráveis. São bons, porém muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos (“O Livro dos Espíritos”, questão 514). Eles são como nós, criaturas de Deus, percorrendo caminhos semelhantes aos nossos, sendo que eles nos antecedem em progresso. Sem dúvida eles já estiveram encarnados na Terra em muitas oportunidades.

- **Como é feita a designação dos Anjos da Guarda? Quem irá tomar conta de quem?**

Geralmente um Espírito adiantado solicita a missão de Espírito protetor, e conforme as suas possibilidades, esta missão lhe é concedida. Este Espírito é motivado a solicitar essa missão pelo amor que sente pelo seu tutelado.

- **Gostaria de perguntar se nossos Anjos, além de nos aturar, não possuem outras atividades mais úteis no plano espiritual? Ou só vivem tentando nos orientar?**

Eles possuem também outras tarefas. Quando se afastam do seu tutelado outro Espírito o substitui temporariamente.

- **Minha dúvida é de como podemos fortalecer nosso Anjo da Guarda para não sermos perturbados pelos obsessores.**

Orientar os nossos pensamentos, palavras e atos para o bem. Na medida que conseguimos isto, mais nos ligamos a nosso Espírito protetor e afastamos de nós os obsessores ou Espíritos não interessados no bem.

- **Gostaria de saber: Como podemos “afinar” nosso relacionamento com o Espírito protetor?**

Além dos nossos pensamentos e conduta, orando a ele.

- **Poderemos, um dia, na marcha evolutiva, nos transformar em Anjos da Guarda de alguém? Qual o nível evolutivo necessário? É verdade que um dia todos nós podemos ser Anjos? E quais são os passos evolutivos para isso?**

Todos nós chegaremos a ser Anjos, é da Lei do Progresso. A missão de Anjos da Guarda nos caberá quando conquistemos as virtudes imprescindíveis e a sabedoria que esta missão requer.

Podemos ter uma ideia da distância que nos falta percorrer, analisando os nossos sinais de impaciência, ansiedade, etc. que observamos no nosso cotidiano. Quantas horas nós conseguimos permanecer na fila de um banco sem um pensamento de contrariedade?

- **Gostaria de saber: Quando pedimos ajuda a eles, como é feito o intercâmbio da Terra até o plano espiritual?**

Através do pensamento. Ele se propaga através do Flúido Universal percorrendo distâncias quase que infinitas.

- **Sabemos que os Espíritos designados para serem protetores ou Anjos da Guarda de alguém, normalmente são aqueles cujas afinidades, tanto enquanto encarnados como depois de desencarnados, são muito grandes, ficando, assim, um “no posto” de protetor, enquanto o outro reencarna para que ambos consigam evoluir, cada qual da maneira que for necessária; porém gostaria de saber se, primeiro, o Anjo da Guarda pode ser a alma gêmea da outra pessoa que reencarnou? E, se isso for possível, pode existir a possibilidade de em uma das encarnações as almas gêmeas deixar de se encontrarem? Ainda, neste sentido, poderá a pessoa aqui encarnada, se apaixonar pelo seu Anjo da Guarda?**

Pensamos que todas estas situações são possíveis. Porém o Espírito protetor possui um adiantamento maior que seu tutelado que o faculta a esta missão.

- **Os Anjos podem falhar em suas missões? E se falharem, o que acontece?**

Quando nos referimos a Anjos entendemos Espíritos puros que não estão sujeitos ao que nós entendemos por erros. Os Espíritos familiares ou ainda Guias ou Protetores, não sendo Espíritos perfeitos, estão sujeitos a erros, mas as consequências destes não afetam seus tutelados.

- **Podemos, sempre que quiser entrar em contato com nossos Anjos da Guarda, quando em desdobramento? Como verificar a veracidade do ocorrido, ou seja, como saber se quem se diz o meu Anjo da Guarda é realmente ele?**

Podemos entrar em contato através do pensamento e da prece. Quanto ao desdobramento, tudo depende das possibilidades do encarnado. Quanto à veracidade podemos analisar o cunho moral de seus conselhos: Ele sempre nos orientará para o bem.

- **Poderíamos empregar para nos referir a esses bondosos companheiros, os termos Guia Espiritual e Espírito Guardião?**

Podemos. Dentro da hierarquia das missões de amparo, auxílio e proteção, existe uma variedade de prepostos. Mas há um Espírito que está mais perto de nós, que podemos considerar o nosso protetor.

- **Existe uma ligação mais forte, mais frequente entre nosso Espírito protetor e nós até os sete anos de idade?**

A questão é muito ampla. O Espírito encarnado, até os sete anos de idade, possui uma maior sensibilidade devido a seu perispírito não estar solidamente ligado ao corpo físico. Acontece também que até esta idade muitos encarnados são amparados por Espíritos protetores “especializados” em criaturas dessa faixa de idade.

- **Nosso Anjo da Guarda está conosco 24 horas por dia? Ou tem vezes que podemos estar em perigo, ou na iminência dele, e temos que invocá-lo?**

O Espírito protetor está ligado permanentemente a seu tutelado através do pensamento. Em situações de perigo, o Espírito protetor perceberá de imediato o fato. Poderemos também evocá-lo, e, com isto, conseguimos uma maior ligação mental com ele, que, através da inspiração, nos auxilia em momentos difíceis.

- **Os Anjos da guarda podem se comunicar à hora que quiserem ou somente com uma permissão do Plano Maior?**

Chico Xavier nos diz: “O telefone toca de lá pra cá”, ou seja, o Espírito pode entrar em contato conosco sempre que o desejar, mas nem sempre o nosso pensamento é receptivo as suas mensagens.

- **Poderíamos considerar as pessoas que estão ao nosso redor, com certa evolução, por exemplo, Francisco de Assis, como sendo Anjos que só vêm cumprir uma missão na Terra?**

É uma possibilidade, mas não podemos afirmar ou, muito menos, julgar as capacidades desses vultos sublimes que auxiliam a humanidade.

- **Quando saímos, e oramos, pedindo proteção ao Anjo da Guarda, ele sempre estará nos ouvindo?**

Toda prece é atendida. A maioria das vezes nosso Espírito protetor é o intermediário das nossas preces.

- **Quando o processo evolutivo na Terra acabar com o fim dos tempos, o que acontecerá com esses Espíritos evoluídos? Irão auxiliar em outro “planeta”?**

O progresso é infinito, como infinitas são as missões que Deus outorga a seus filhos. A criação de planetas também é infinita e a cada novo planeta lhe são atribuídos Espíritos dirigentes dos futuros habitantes que o irão povoar.

- **Quando pedimos ao Anjo da Guarda algum conselho, para nos conduzir para o melhor caminho em determinadas situações, ele sempre nos orienta?**

Sempre. Muitas vezes, quando estes conselhos são contrários aos nossos interesses pessoais, paixões, orgulho, etc., muitas vezes os ignoramos.

- **Tem a pessoa aqui protegida pelo Anjo da Guarda, quando desencarnar, a possibilidade de encontrar no Plano Espiritual seu protetor, ou existe um desencontro, onde eles mudariam de “posto”?**

O Espírito protetor está quase sempre perto do seu tutelado, principalmente nos momentos mais cruciais da vida do tutelado. E o nosso Espírito protetor quem nos dá geralmente as boas vindas à pátria espiritual.

- **Como eu fico sabendo quem é o meu Anjo da Guarda? Há uma maneira de identificar quem é o nosso Anjo da Guarda?**

Geralmente não ficamos conhecendo quem é nem conseguimos identificá-lo. Mas sempre está a nos amparar e a nos auxiliar.

- **Quando uma pessoa nasce, já tem o seu Anjo da Guarda. Digamos que a mãe dessa pessoa desencarne quando o filho tem apenas um ano. É possível haver troca do Espírito protetor, a pedido dessa mãe, para substituí-lo?**

Este tipo de decisão não está sujeita aos nossos desejos. Esta missão é atribuída pela espiritualidade superior através de critérios que escapam ao nosso conhecimento.

- **Existem Anjos da Guarda responsáveis por coletividades (cidades, estados, países)? O Mestre Jesus poderia ser considerado Anjo da Guarda planetário? A nível de sistemas solares e galáxias, respectivamente, teríamos Arcanjos e Potências Celestes cada vez mais evoluídas para exercerem essa função?**

Deus governa as galáxias através de seus prepostos, Anjos que conquistaram essas responsabilidades.

- **Há alguma forma mais prática e certa de entrarmos em contato com os nossos Anjos da Guarda?**

Através de nosso pensamento, da nossa prece, do amor que podemos dedicar a quem nos ampara e protege. Não há formulas cabalísticas, talismãs ou cerimônias que possam melhorar este contato. É a nossa mente, e, sobretudo, o nosso coração.

(Palestra proferido pelo Sr. Miguel Labolida)

OS ANJOS DA GUARDA E A “GUARDA PRIMORDIAL – A FORÇA ORIGINÁRIA” SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”

Quando as Hierarquias Espirituais Superiores dão oportunidade de encarnação a um Espírito, a primeira providência tomada é a consulta aos Espíritos encarnados dos pais (o que é feito durante o sono do casal) para ver se ainda concordam em gerar um filho, tudo isto em obediência à lei do livre-arbítrio, a não ser os casos carmáticos em que a encarnação será obrigatória. Após a concordância dos pais, a tarefa de plasmar o Espírito na forma é entregue aos Orixás Sustentadores afetos ao planeta Terra. Eles executarão a tarefa dando de si as energias necessárias para que haja a vida, e o novo ser estará ligado diretamente àquelas vibrações originais.

Desta força nasce a “Guarda Primordial” do novo ser, e que é a força originária atuando no nascimento, força essa conhecida por nós, como elementais da Natureza. A partir do instante em que o novo ser é gerado, esta força primária – elementais – começam a atuar sob as ordens e supervisão dos Devas (Espíritos Superiores) fazendo com que os elementos se transformem e se tornem coesos segundo os processos materiais, e o corpo vá tomando forma. Os elementais trabalham então intensamente, cada um na sua respectiva área, e vão formando, a partir do embrião, todas as partes materializadas do corpo. Energias materiais e espirituais são então fundidas e moldadas até que nasce o novo ser. Após o nascimento, a “Guarda Primordial” vai promovendo o domínio gradativo da consciência da alma e da força do Espírito sobre a forma até que este novo ser adquira sua personalidade própria através da lei do livre-arbítrio. Desse momento em diante, a força originária passa a atuar de forma mais discreta, obedecendo ao livre arbítrio do novo ser.

Todos os seres humanos possuem os elementos da Natureza em sua constituição, vibrando incessantemente por toda a sua vida terrena.

Em cada ser humano encontraremos elementos naturais mais dominantes, atraídos vibratoriamente pelo temperamento do Espírito, e por consequência, a força originária dos elementais que vibram em nossas vidas é o que conhecemos como “Guarda Primordial” e de onde surgem o que conhecemos como a presença da força emanada das Corporações Orixás na vida de uma pessoa.

A partir deste entendimento, chegaremos à conclusão que a nossa “Guarda Primordial” é uma “força originária” (gerada pelas Corporações Orixás), responsáveis pelo nosso sustento material, atuando em nossa vida desde o nascimento, até a nossa morte física.

Essa “força originária” é viva e sustentada pelas forças da Natureza – Fogo, Terra, Ar, Água, Mineral, Metal, Vegetal, Animal e Humano. Quando da morte física, esta “força originária”, volta a Natureza. Portanto o que conhecemos como “Guarda Primordial”, nada mais é que a presença dos elementais, da Natureza viva, em nossas vidas.

A nossa “Guarda Primordial” não “vive”, na acepção da palavra, do nosso lado diuturnamente, mas sim, ligados a nós por núcleos energéticos vibratórios presentes em nossas constituições áurica, duplo etérico e corpo físico, vibrando constantemente, nos abastecendo de forças necessárias a nossa vida, evolução e proteção no planeta. Com isso esclarecido, vamos agora entender o porquê nós umbandistas, usamos acender velas, colocar um copo com água, etc. para firmar o nosso “Anjo da Guarda”. É certo que um “Anjo da Guarda”, mais comumente conhecido na Umbanda como “Espírito Guardião”, não necessita de velas, água, etc., para se fazer presente em nossas vidas.

A vela não é acesa para “iluminar o nosso Espírito Guardião”. Usamos “firmar a nossa “Guarda Primordial” com elementos da Natureza (vela= terra; chama da vela= fogo; copo com água= água; o ar que alimenta o fogo= ar), adequadamente vibrados, que irão fazer a devida ligação, plasmando essas forças em nossos corpos áurico, duplo etérico e corpo físico, nos protegendo, auxiliando e amparando.

A Umbanda aceita a explicação dada pelo Espiritismo para o que seriam os Anjos da Guarda, como Espíritos protetores e Espíritos familiares, ligados por amor a nós, e nos acompanhando sempre. Isso é verdade. Mas, a Umbanda vai além. Fora a presença de um Espírito Guardião, existe ainda a presença da nossa “Guarda Primordial”, tão importante para a nossa proteção, vivência, estímulo, vitalidade, etc. São os que conhecemos como os elementais da Natureza, tão importantes para a nossa sobrevivência física no planeta.

Veja que só conhecemos um Espírito protetor, chamado de Anjo da Guarda, mas nos esquecemos da presença da Natureza, tão importante para o nosso sustento físico e espiritual no planeta. Quem são os responsáveis pela Natureza? Quem controla toda a Natureza no planeta?

O culto ao Anjo da Guarda (Espírito protetor) deve ter sido colocado como prioridade na idade média, onde o catolicismo imperava e o culto a Hierarquia Espiritual Superior classificada como Anjos era muito difundida. O conhecimento, bem como o culto a nossa “Guarda Primordial” foi suprimido, e com certeza era difundido e pregado pelas religiões naturais antigas. Muitos dos pensadores e filósofos da época, que mantinham conhecimentos herméticos eram perseguidos e as noções e ensinamentos esotéricos do passado eram absorvidos pela “nova imposição religiosa” e eram moldados a bel prazer, dando uma nova roupagem teológica deturpada, pois saíam do princípio gerador do ensinamento. Infelizmente é assim até hoje.

O Anjo da Guarda é pregado por todas as religiões desde os tempos mais remotos, e sempre se apresenta da mesma forma. O que estamos fazendo aqui é tão somente abrindo a realidade do que é o Anjo da Guarda, juntamente com a nossa “Guarda Primordial”, tão importante para o nosso sustento material e espiritual.

A partir deste entendimento, chegaremos à conclusão que o Anjo da Guarda é um Espírito protetor, familiar e guardião de nossas vidas, responsáveis pela nossa conduta moral e espiritual, e, a nossa “Guarda Primordial” é uma “força originária” (gerada pelas Corporações Orixás), responsáveis pelo nosso sustento material, atuando em nossa vida desde o nascimento, até a nossa morte física.

Essa “força Originária” é viva e sustentada pelas forças da Natureza. Quando da nossa morte, a “força originária”, volta a Natureza. Portanto o que conhecemos como “Guarda Primordial”, nada mais é que a presença da Natureza viva, em nossas vidas.

FIRMAR A GUARDA

O altar da sua guarda

Um altar é uma área sagrada onde são deixados objetos de cunho espiritual. Os altares servem como um foco de concentração. Um altar de um umbandista é dedicado a Deus, aos Sagrados Orixás, aos Guias Espirituais e a todos os Espíritos de, e da luz.

Como tornar sagrado o local onde for montar o seu altar

Esse altar pode ser colocado em qualquer lugar (menos dentro de banheiros, junto a materiais de limpeza e quatinhos dedicados a guardar “tranqueiras”. Monte seu altar num local alto, arejado, limpo e de fácil acesso. Nunca deixe-o sobre o chão. Remova todo e qualquer material entulhado, eliminando todo o lixo, desordem e sujeira, para tirar dali qualquer energia estagnada que possa impregnar o local. Depois que tiver montado o seu altar, ele se tornará sagrado, e sempre proceda conforme as orientações dadas, para que as energias superiores e da Natureza sempre possam estar em sua proteção.

Montagem do seu altar

A firmeza da “Guarda Primordial” consiste em atrair em equilíbrio, para junto da casa e seus moradores, a energia dos elementos da Natureza.



Esses elementos deverão constar do altar, sendo que todos deverão estar em volta de uma tábua cortada de forma redonda, de aproximadamente 30 cm de raio (ou 60 cm de diâmetro); nessa tábua deverá ser pintada, com tinta branca, uma estrela de sete pontas; no meio desta estrela deverá ser fixada uma cruz de aproximadamente 60 centímetros de altura, distribuída simetricamente. A cruz central simboliza a presença do nosso meigo e amado Jesus. Se não tiver condições pelo tamanho, poderá confeccionar uma com dimensões simétricas, num tamanho condizente para você.

A cruz poderá ser confeccionada de Cedro Rosa (na impossibilidade, utilizar lâminas de Cedro Rosa para cobrir toda a cruz e a tábua redonda). Também poderá ser feita de Pinus ou mesmo Eucalipto, sendo rústica ou mesmo trabalhada. Essa peça de madeira não pode ser pintada totalmente com nenhum tipo de cor. Só poderá, se quiser, tingi-la de cor natural de alguma madeira ou mesmo somente encará-la com carnaúba ou semelhante.

Somente à vela de sete dias será postada num dos vãos da estrela que estará à frente da cruz; os outros elementos da Natureza deverão ser distribuídos harmoniosamente nos outros vãos restantes.

1. O elemento ígneo será representado pela chama da vela (vela de sete dias branca, que deverá ser substituída semanalmente) e deverá ser fixada em um recipiente próprio (copo para vela de sete dias).
2. O elemento telúrico deverá ser representado por um recipiente (pode ser de vidro (tipo taça) ou porcelana) contendo terra. A terra deverá ser substituída quando observar que esta muito suja de poeira.
3. O elemento eólico está presente no meio envolvente e também na presença de uma vareta de incenso acesa, no aroma do seu agrado, fixada em areia do mar que será colocada dentro de um recipiente (pode ser de vidro (tipo taça) ou porcelana); essa areia poderá ser substituída sempre que for preciso.
4. O elemento mineral será representado por várias pedrinhas de diversos tipos, todas colocadas num recipiente (pode ser de vidro (tipo taça) ou porcelana). Essas pedras deverão ser lavadas semanalmente.
5. O elemento metal será representado por limalhas de metal colocados num recipiente (pode ser de vidro (tipo taça) ou porcelana). As limalhas deverão ser substituídas quando observar que esta muito suja de poeira, ou enferrujadas.
6. O elemento vegetal será representado por uma flor colocada num recipiente (pode ser de vidro (tipo taça) ou porcelana), contendo água (deve ser trocado semanalmente).
7. O elemento aquático será representado por um recipiente (pode ser de vidro (tipo taça) ou porcelana) com água. Essa água deverá ser trocada semanalmente.

O elemento Etérico e o elemento Espiritual serão ativados pelas orações e concentrações diárias efetuadas diante do seu altar e perante a firmação da “Guarda Primordial”, completando a invocação e a firmeza das forças da Natureza.

É importante a concentração e orações (lembre-se que a oração é a arma mais eficaz contra obsessões, quiumbas, feitiçarias e magias negras, além de nos ligar a Espiritualidade Maior) diárias pessoais efetuadas diante da firmeza da “Guarda Primordial”, onde estarão fixados todos os elementos da Natureza.

É importante que todos os médiuns atuantes em um Templo Umbandista tenham essa firmeza de ligação com a Natureza.

Jamais firme no assentamento da “Guarda Primordial” em intenção de outra pessoa, ou mesmo coloque sobre ele nomes, fotos, etc., pertencentes a outras pessoas.

Esta firmeza, como já foi explanado, deverá ser limpo semanalmente, pois onde houver sujeira, com certeza estará à presença de energias ruins.

Pensem conosco. Será que quando os nossos Guias Espirituais nos encaminham aos Sítios Vibratórios da Natureza, mandando-nos proceder a uma entrega não será para acionar, fortificar ou mesmo despertar a força da nossa “Guarda Primordial”?

E quando nós temos que nos dirigir aos Sítios Vibratórios da Natureza tão somente para nos harmonizarmos, será que nesse momento a nossa “Guarda Primordial” não nos dará condições de ter uma melhor proteção?

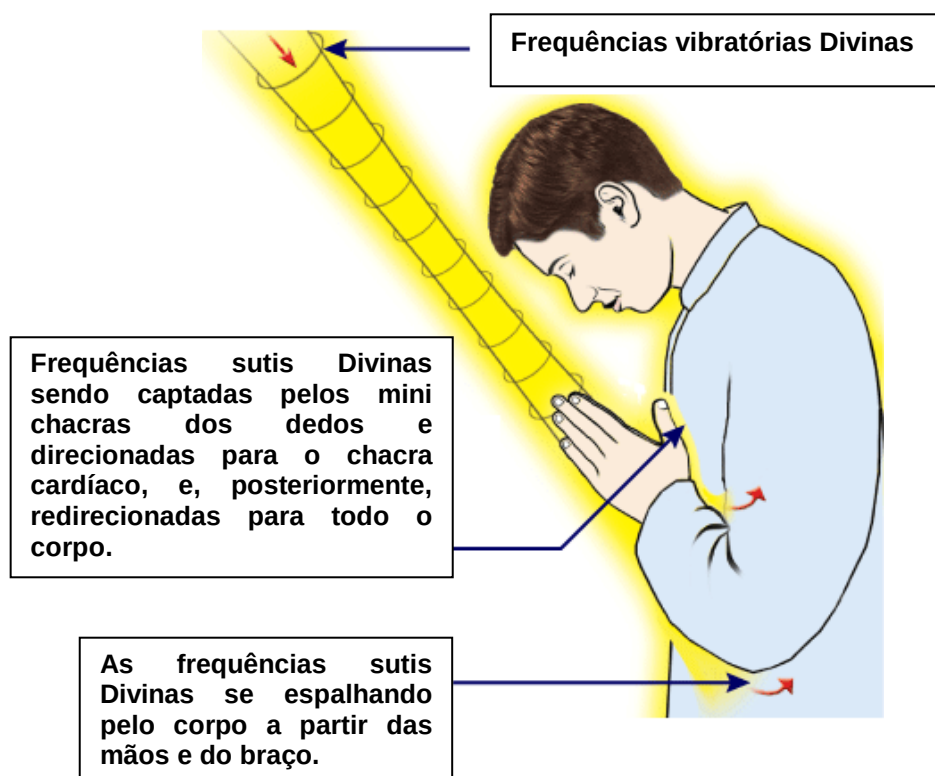
Na Umbanda, tanto o Anjo da Guarda como a nossa “Guarda” exercem funções de mais alta importância. Em todos os rituais, a invocação destas forças é feita por todos os médiuns. O Anjo da Guarda através de orações, mentalizações, amor e fé, e a “Guarda Primordial” através de firmezas as quais atraem as forças da Natureza.

Pensem bem e chegarão a preciosas conclusões de muitas coisas que nos foram mandadas fazer pelos Guias Espirituais e achávamos ser somente para ofertá-los ou mesmo por que o “santo” exigia uma entrega. Não seria essa “entrega” uma exigência interior, onde a sua “Guarda Primordial” está alertando a falta de energias suficientes para sustentá-lo? Tem lógica!

Importante: Do mesmo modo que temos a vibração, como nossa “Guarda Primordial”, de elementais positivos da Natureza, muitas vezes devido às nossas más ações, nos afinizamos com elementais negativos, fazendo com se agreguem ao nosso campo energético e a vibração que teremos como “Guarda Primordial” será tão somente de seres que vibram e vivem de negativos.

O gestual utilizado durante a firmeza e orações ao Anjo da Guarda e para a Guarda Primordial:

- Primeiro passo: faça o sinal da Cruz.
- Segundo passo: Posição Anjali Mudra: O curvar da cabeça e dos ombros e as mãos juntas na altura do coração em sinal de respeito e humildade. Este gesto facilita as entradas de energias cósmicas em nosso físico e em nosso Espírito.



Inclinar-se diante de alguém é sinal de grande respeito. É também honrar a tudo o que é sagrado. Estando nesta posição, nossa mente a aceitará como “estar num estado de humildade” perante o tudo, fazendo com que todo o nosso ser se coloque de modo a aceitar e realizar o que está sendo feito.

Deve-se colocar as mãos e os dedos juntos na altura no peito, na altura do coração (chakra cardíaco), de tal forma que a base dos dedos polegares toquem no peito. Isto facilita o processo de se ligar amorosamente com a Espiritualidade Superior. As frequências vibratórias Divinas que já se estabelecem neste gesto, serão transmitidas para o chakra cardíaco, que absorverá essas frequências, e, posteriormente espalhando para todo o corpo. O encostar dos pulsos no peito, ajudam numa melhor absorção das frequências Divinas.

O chakra cardíaco, nesse momento, sendo ativado, auxilia a despertar um buscador espiritual da emoção, da devoção e do amor em união com Espiritualidade Superior. Com este gesto, a pessoa tem a experiência contemplativa de estar na presença das emanções divinas.

Este gesto é conhecido mundialmente como: “Anjali (da raiz Sânscrita Anj – “para adornar, comemorar”) Mudra” (pronuncia-se: mudrá. Os mudras são posições gestuais das mãos que simbolizam as manifestações Divinas) – O gesto de honrar.

Este gesto faz parte de várias religiões e de vários povos. É o gesto que representa uma reverência ou saudação. Para a isso, as duas mãos são unidas e levadas próximas ao coração, como uma oração seguida de um sutil movimento da cabeça e ombros, delicadamente curvado.

As mãos e os dedos devem ser carinhosamente prensados em conjunto, sem forte pressão, tendo um ligeiro espaço entre as palmas das mãos. Elas unem os 18 núcleos sensoriais que temos em cada mão, fechando um circuito importante de energias. Se as mãos estiverem unidas, os circuitos nervosos cranianos da cabeça e da parte superior do corpo no sistema pneumogástrico ou vago estão unidos. Os cinco dedos da mão esquerda representam os cinco sentidos do sentimento, enquanto os dedos da mão direita, representam os cinco sentidos da razão (nos canhotos é o contrário). Significa então que mente e coração devem estar em harmonia, para que o nosso pensar e agir, estejam de acordo com a verdade.

Também é um reconhecimento da dualidade que existe no mundo, simbolizando a união da polaridade, esquerda e direita, bem e mal, e sugere um esforço de nossa parte para manter essas duas forças unidas em equilíbrio. Os dez dedos unidos são os símbolos da perfeição, da unidade e do equilíbrio perfeito. É o gesto da oração, do respeito, da veneração, humildade e da saudação. A simples união de suas mãos no centro do peito simboliza a luz do coração que se irradia para a pessoa que está à sua frente e também para o ser divino que você é.

Essa postura reequilibra as polaridades Ying e Yang, ou seja, as forças ativas e passivas, e ajuda a tornar as nossas ações mais harmoniosas e equilibradas. Significa recolhimento interior, busca de Deus, fé, súplica, confiança e entrega da vida. É atitude de profunda piedade. A simples união de suas mãos no centro do peito simboliza a luz do coração que se irradia para suas orações ou quem está à sua frente e também para o ser divino que você é. As mãos com as palmas unidas significam unidade de um cosmos aparentemente duplo, unir Espírito e matéria, ou o Eu de cada um que se encontra. A mão direita (para os destros; para os canhotos é a esquerda) representa a natureza mais elevada ou o que é divino em nós, enquanto a mão esquerda (para os destros; para os canhotos é a direita) representa a natureza inferior. Na união das duas mãos, as forças são equilibradas.

No momento da realização desse mudra, deveremos estar com a cabeça ligeiramente inclinada para baixo em sinal de respeito e humildade. O Anjali Mudra age equilibrando e harmonizando nossas energias e nos mantendo centrados, interiorizados e protegidos mentalmente, criando uma aura de proteção em nossa volta. Este é um gesto que diminui nosso sentido do ego, exigindo alguma humildade para oferecê-lo. É a posição que acende o fervor religioso e também a honra a Espiritualidade Superior. É utilizado em momentos de oração, e é dado a Jesus, a Mãe Maria Santíssima, a Mãe Senhora Aparecida, aos Sagrados Orixás, aos Guias e Protetores Espirituais, aos Anjos, aos Santos, etc. Também utilizamos o mesmo gesto para cumprimentar os Guias e Protetores Espirituais, bem como a todos os frequentadores do Terreiro.

PRECE PARA O ANJO DA GUARDA

Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que tendes por missão assistir os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentai-me nas provas desta vida; dai-me a força de suportá-la sem queixumes; livrai-me dos maus pensamentos e fazei que eu não dê entrada a nenhum mau Espírito que queira induzir-me ao mal. Esclarecei a minha consciência com relação aos meus defeitos e tirai-me de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo.

A ti, sobretudo, meu Anjo Guardião, que mais particularmente velas por mim, e a todos vós, Espíritos protetores, que por mim vos interessais, peço fazerdes que me torne digno da vossa proteção. Conheceis as minhas necessidades; sejam elas atendidas, segundo a vontade de Deus. Que assim seja.

Santo Anjo do Senhor;
Meu zeloso guardador;
Se a ti me confiou à piedade divina;
Sempre me rege,
Guarde;
Governe;
Ilumine;
Que assim seja.

Santo Anjo do Senhor, inspira-me;
Santo Anjo do Senhor, dirige-me.
Santo Anjo do Senhor, fortifica-me;
Santo Anjo do Senhor, defende-me;
Santo Anjo do Senhor, ensina-me.
Santo Anjo do Senhor, ampara-me;
Santo Anjo do Senhor, abençoa-me.

- Ao terminar, encerre com o sinal da cruz.

Obs: Esse altar será único, não necessitando cada morador da casa ter um seu particular. Ao lado dele, diariamente, todos deveriam acender uma vela branca em intenção do Anjo da Guarda, acendendo um vareta de incenso, e na posição de Anjali Mudra, firmar o pensamento em orações e conversações com o seu Espírito Protetor. Ao lado dessa vela, tenha sempre um copo com água. De acordo com a Psicologia, um comportamento pode ser modificado através do reforço. No fato de se acender uma vela, isoladamente, não há nenhum tipo de reforço que se baseie na repetição. Assim, ao acender uma vela diariamente, as pessoas são reforçadas cotidianamente em sua fé, e, repetindo os pedidos, dentro desse ritual de magia, ficam realmente com maiores probabilidades de despertar a própria mente e alcançar os seus propósitos.



Vela de rechô

Tome cuidado ao acender velas tipo “palito”, a fim de não atear fogo em seu altar. Indicamos acender velas de rechô, pelo fato de serem mais seguras, acondicionadas em recipiente próprio, de metal.

Ao se dirigir ao seu Anjo da Guarda, realizem sua oração sentimental, feita de coração, sem se prender a coisas decoradas ou lidas. Converse e se abra com ele.

Obs: Agora podemos entender o porquê nossos Guias Espirituais nos pedem para não deixarmos nossos Congás, altares ou mesmo a firmeza da guarda apagados, sem as velas de sete dias acesas iluminando-os. Sempre estará presente, junto das firmezas, o elemento ígneo ativado. Portanto, essa vela não fica acesa para “iluminar” espíritos, mas para tão somente manter viva a chama do elemento fogo, tendo a função de transmutador supremo.

AS GUIAS (COLARES) – OS ESCUDOS DEFENSIVOS – SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”



É considerado um objeto de poder, qualquer elemento da Natureza, bem como um artefato fabricado pelo homem, desde que seja manufaturado com elementos naturais, para fins de manipulação magnética em cura, proteção e magias positivas. Funcionam como antenas para captar e concentrar as energias da Mãe Natureza. Ex: Pedras, cristais, madeiras, metais, conchas, etc.

Qualquer elemento da Natureza, por si só, já vibra numa energia própria emanando vibrações magnéticas naturalmente.

O magnetismo prânico pode facilmente penetrar em todas as formas de matéria viva, em diferentes níveis de velocidade e concentração, carrega e se irradia de todas as substâncias vivas e não vivas; existe de forma livre na atmosfera e no vácuo. É excitável, pulsátil, capaz de se contrair e expandir e pode ser concentrado. É atraído por matéria viva, orgânica, que o absorve e armazena. Materiais não orgânicos não absorvem ou se carregam de prâna vital

Mas, nenhum objeto de poder tem “inteligência” própria para carrear magnetismos endereçados; pra isso necessita de uma inteligência vibracional manipuladora, no caso, de nós, humanos. Portanto, utilizaremos objetos da Natureza, ou fabricados pelo homem, mas, com elementos naturais, como catalisadores, condensadores, potencializadores e carreadores de magnetismos superiores da Natureza invocados por nós. Esses objetos são dinamizados a fim de projetarem magnetismos positivos para um endereçamento vibratório. Mas, como tudo acontece? Quando é orientado utilizarmos ou mesmo escolhemos um objeto natural, que se transformará num objeto de poder, com certeza, a escolha não será aleatória, mas acontecerá por orientação ou por simpatia vibratória, pois o objeto será um canalizador e carreador de energias, primeiramente pelo fato de termos um objeto simpático, e segundo, por tratar-se de algo sagrado que estará em nossas mãos, simbolizando um elo de ligação com o Divino e a Natureza. Este objeto de poder será sagrado, e extremamente poderoso, principalmente quando estiver conosco sendo utilizado positivamente.

OS OBJETOS SÃO MILAGROSOS?

Trens não andam sozinhos; mas sem o trem, o maquinista não nos levaria ao nosso destino. Deus faz o mesmo. Ele valoriza pessoas e coisas na devida ordem. Façamos o mesmo. Usemos os objetos como o maquinista usa o trem. Sem o maquinista o trem não vai a lugar nenhum. Pessoas são sujeitos, objetos serão sempre objetos.

Deus é todo poderoso e por isso mesmo pode fazer o que quiser e como quiser. Pode fazer uso de pessoas, palavras, gestos e sinais. Se ele quiser nos dar sua mensagem por um anjo, ou por uma pessoa, ou por algum objeto, é seu direito. Objetos também podem traduzir um sinal de Deus. Mas daí a dizer que um objeto é milagroso é um passo gigantesco.

Moisés fez brotar água da rocha, mas nem a rocha, nem a água, nem a vara era milagrosa; nem Moisés. Milagroso foi e é Deus. Deus fez uso de Moisés, da vara, da água e da rocha para ensinar aos Israelitas o quanto Ele se importa.

O Mar Vermelho não era milagroso: Deus, sim. Lugares podem ser santos e especiais, mas milagroso, só Deus. Imagens podem até ser veículo para a fé que, se pode transportar montanhas, pode se valer de algum sinal para operar. Mas é Deus quem faz o milagre.

Dizer que Deus não usa de objetos é não entender a Bíblia. É claro que ele usou de imagens, da sarsa em fogo, da Arca, da serpente de bronze, dos Querubins de ouro e de profetas para anunciar sua presença. Pode usar hoje de imagens que levem a ele. Por isso, acusar de idolatria todo aquele que usa imagens é cometer pecado e crime de calúnia.

Também é bíblico que não se deve atribuir poder a objetos. Nesse caso acontece a idolatria. Uma fé pode chamar o milagre que só Deus opera, mas através de pessoas e sinais. Jesus não teria usado barro e saliva se usar objetos fosse pecado. Usados corretamente eles ajudam a fé. Inclusive as imagens ajudam.

Fanáticos nunca entenderão isso, mas Jesus já disse o que pensa desses boanerges de ontem e de hoje! (Mc 3,17), (Lc 9,54) Para terem o apelido de Filhos do Trovão, deviam ser muito exagerados e espalhafatosos. E eram!

Que não sintam vergonha de suas águas bentas, velas, Rosários, guias, medalhas e imagens. Se acreditam que aqueles objetos têm poder próprio então cometem idolatria. Mas se sabem que objetos são apenas sinais e que o poder é de Deus que usa o que ele bem entender para mostrar que nos ama, então estão agindo corretamente.

Ninguém manda em Deus. Deve ser por isso que Jesus fez uso de coisas para chegar às pessoas. É só ler a Bíblia com mais atenção. Não há objetos milagrosos, mas Deus já usou muitos objetos para fazer milagre.

(Pe. Zezinho com adaptações do autor)

Aqui, trataremos particularmente das guias (colares) de trabalho utilizadas em rituais na Umbanda, como um importante escudo defensivo.

Mas, não nos esqueçamos: As guias de trabalho têm que serem confeccionadas com elementos da Natureza tais como: quartzos, pedras semi-preciosas, sementes, raízes, cascas, conchas, metais, etc. Os materiais naturais e orgânicos de uma guia serão prendidos, preferencialmente, com materiais de boa condutividade, como, fios de cobre, alpaca, aço, ou mesmo algodão. Fios de nylon ou outro material sintético isolando os materiais naturais ou orgânicos, se estiverem juntos, o que os prende internamente não interfere, pois os materiais estarão unidos entre si, e não separados por um isolante.

“(...) Lembramos que, não confeccionamos as guias com cristais por vaidade, mas sim porque as pedras naturais (cristais) concentram determinadas energias devido a sua estrutura molecular geométrica; E as contas de plástico são estruturalmente amorfas, ou seja, sem nenhuma projeção ou modulação energética. Por outro lado, o fio de cobre, por exemplo, é um condutor (ativo), e em conjunto com cristais quantitativamente e qualificadamente selecionados, forma um instrumento radiônico possante que popularmente chamamos de guias.... Para potencializar ainda mais as guias, podemos utilizar certos clichês astrais que acionam a movimentação das forças sutis que tanto almejamos. Esses talismãs podem ser feitos de diversas formas, no entanto, deve existir sempre um cuidado redobrado quando se fala em magia, pois, com magia podemos tudo, mas, tudo tem um preço que cedo ou tarde pagaremos; é a Lei. Enfim, as guias naturais são extremamente positivas e são pedidas pelas entidades espirituais de Umbanda, com o intuito de escudarem seus médiuns, contra os ataques das energias negativas provenientes do baixo astral. Porém lembramos que, o número excessivo de guias no pescoço do médium, não aumenta sua proteção e ainda reflete um aspecto desarmonioso. Logo, concluímos que “uma só” guia imantada por uma entidade de fato é o suficiente para escudar o médium. O segundo tipo de guia, as guias compostas de miçangas coloridas, se prende mais ao caráter simbólico, e aos aspectos sugestivos emitidos pelas cores. Essas guias não possuem nenhum valor real de atração e reflexão de energias, atuando apenas como muletas psicológicas, mas, simbolicamente ainda são muito utilizadas”. (Trecho de: <http://eduardoparra.maat-order.org/temple.htm>)

Evite confeccionar as guias de trabalho com produtos artificiais, pois não será um objeto catalisador de nenhum tipo de energia natural. As miçangas bem como as guias de porcelana e resinas não são boas condutoras e atratoras de magnetismos naturais; as guias chamadas de “cristais” (vidros), também não se prestam a movimentação energética; tem em sua composição elementos minerais, mas são manufaturados, prensados e conformados mecanicamente; suas imantações são precárias. Realmente, elas se prestam a um estado sugestivo de quem a possui, e, com certeza, influem positivamente pela condutividade cromática. Evite também utilizar elementos da Natureza que foram “tingidos”; prefira os naturalmente puros.

PRÁTICAS E RITUAIS – PARTE IV

Quanto às guias que às vezes vemos amontoadas no pescoço de alguns médiuns, é importante que se diga que jamais deveriam ser usadas como objetos de ostentação, como se fossem sinais de que, por terem bastante guias penduradas, têm também “maior poder” ou mais proteção de suas entidades como percebemos em diversos locais. A bem da verdade, todos sabemos que, se as guias estiverem realmente consagradas, energizadas com as vibrações das diversas entidades, o amontoamento delas num só pescoço cria uma diversificação tão grande de energias presentes que pode provocar até sensações bastante desagradáveis para os mais sensitivos.

Se uma entidade vier à terra (incorporar) com seu “cavalo” cheio de guias, só poderá acontecer que durante a incorporação ou logo após (se houver incorporação), ela trate de se livrar dos enfeites. Normalmente uma confusão tão grande de vibrações dificulta a incorporação de uma entidade de fato. Se a entidade, após a incorporação, não se livrar do cacho de guias, você pode ter certeza de que: ou não há entidade alguma ali ou as guias são mesmo apenas enfeites sem nenhum valor energético e por conseguinte, apenas objetos da vaidade do(a) médium.



Nota do autor: A grande profusão de “guias” no pescoço e outros adornos esquisitos são completamente desnecessários nos cultos da Umbanda.



Nota do autor: “(...) Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium” (Zélio de Moraes)

Guias têm como principal função facilitar o contato entre médium e entidade em qualquer situação em que estiverem sendo usadas. Para isso são devidamente preparadas, imantadas, energizadas pelas vibrações das entidades às quais pertencem e as vibrações dos médiuns que as vão usar. Entendeu bem? Se durante o processo de preparação de uma guia, as energias do médium que dela vai fazer uso não forem envolvidas, seu efeito poderá ser nenhum para este (...).

(Trecho extraído da obra: “Umbanda sem medo” de Cláudio Zeus)

As guias (colares) usadas são somente as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta, ou por determinação do Guia Espiritual Chefe do Terreiro.

“A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium” (Zélio de Moraes)

GUIAS – COLARES

Abaixo segue uma entrevista, gravada em fita, efetuada em 22 de outubro de 1970, com o sr. Zélio de Moraes respondendo sobre a compra de guias feitas e seu número:

Sr. Carlos – Sr. Zélio, eu gostaria de saber a sua opinião sobre as guias que são usadas nos Terreiros de Umbanda.

Sr. Zélio – *“O Caboclo das Sete Encruzilhadas trouxe para trabalhar com Ele, o velho Pai Antônio. Mais tarde o Orixá Mallet. Então, Pai Antônio fez uma guia com a força, uma guia que chama “Guia de São Benedito”, porque é guia de Preto, de todos os Pretos, que isso faz 60 anos, mais ou menos, que é a força do Chefe Caboclo das Sete Encruzilhadas, do Orixá, e da falange Cambinda, Moçambique, Benguela, enfim, Povo de Aruanda. Chama-se “Guia de São Benedito”. Depois o Orixá fez a guia de acordo com as cabeças, porque todos nós temos um Protetor, temos um Caboclo seja de Ogum, e o médium sabe qual é o Caboclo, ou como o Espírito se diz, e faz de acordo com a cabeça do médium, uma guia, porque botar guia que não está de acordo pode até ser prejudicial”.*

Sr. Carlos – Uma pergunta que eu gostaria de fazer é sobre o sistema usado de quantidades, de três, de sete, eu gostaria, se haveria alguma lei, alguma, digamos maneira de numerar a quantidade das contas usadas.

Sr. Zélio – *“O médium que vai trabalhar numa sessão de Pretos têm sua guia de Preto, se é Congo, se é Moçambique, é Benguela, se é, enfim, da onde ele pertence, Povo de Guiné, enfim. Se é de Caboclos, trabalho de Caboclos, então, se o Protetor dele é de Euxoce (nota do autor: Oxóssi), ele leva a guia de Euxoce na cabeça com a guia de Preto. É o bastante porque botar, usar cinco, dez guias no pescoço, eu acho isso que não é certo”.*

Sr. Carlos – E uma pergunta, continuando sobre o assunto de guias, tem casa que se diz de Umbanda, que vende material de Umbanda, que vende guias prontas, o que o senhor acha disso?

Sr. Zélio – *“Eu não concordo, porque as guias têm que ser de acordo com a cabeça do médium. Se a pessoa é médium, deve ter uma guia. Se é de Euxoce, é uma guia com a cabeça de Euxoce. Pode ter as Sete Linhas, até os próprios Exus, para carregar no pescoço, para ter a sua defesa como médium. Mas essas guias preparadas, em casas de artigos que se vende, eu não concordo”.*

Portanto, não devemos adquirir uma guia de trabalho, tão somente pela nossa vontade, por ser bonita ou mesmo pela sugestão. Somente um Guia Espiritual determinará qual guia de trabalho necessita, como e com que material o médium deverá confeccioná-la.

A guia de trabalho ganhará potência de atração e irradiação conduzida, somente quando for devidamente purificada e consagrada, e ter seu uso exclusivo em rituais da Umbanda, sejam quais forem, a fim de que seja efetuada uma ligação mental/espiritual com ela.

Com o uso da guia de trabalho, haverá dois tipos de situações:

- **1º Efeito, ancoragem:**

Sempre que estivermos com a guia, em nosso íntimo se acionará automaticamente o elo de ligação com as forças advindas da Natureza e da Espiritualidade Superior. A guia será então, um elo importante de ligação. Será uma âncora mental. É só pegarmos ou usarmos ela em momentos religiosos, que nossa mente é acionada, e nossa força ancorada.

Vamos entender o que é ancoragem mental:

Na programação Neurolinguística (PNL), “ancoragem” se refere ao processo de associar reações internas com algum gatilho externo ou interno porque assim, prontamente, podemos acessar essa reação de novo.

A ancoragem é o processo onde um estímulo, seja ele interno ou externo, seja associado a uma reação ou sensação específica.

Este estímulo após a associação passa a funcionar como um gatilho, e sempre que ele for eliciado, disparará a âncora que desencadeará novamente as mesmas sensações ou reações ancoradas a ele.

Estes estímulos podem partir dos 05 sistemas representacionais que dispomos: ele pode ser visual, auditivo, sinestésico, olfativo ou degustativo. O estímulo é externo quando parta de fora para dentro, ou seja, quando algo do mundo a nossa volta é captado por um de nossos órgãos sensoriais (nossos cinco sentidos).

Por exemplo, ao ouvirmos uma música, estamos em contato com um estímulo externo referente ao sistema representacional auditivo. O mesmo se aplica quando pronunciamos um mantra, onde entraremos em estado de êxtase espiritual, ou mesmo nos leva a concentração devida ao que estamos centrado.

Se estamos olhando uma foto, este é um estímulo externo referente ao sistema representacional visual.

Se tocamos nosso braço, o estímulo é referente ao sistema cinestésico.

Se sentirmos um cheiro, como o de um incenso, é um estímulo externo olfativo, que ao atingir a região cerebral decodificará um estado de “meditação” ou “religiosidade”.

Ao nos persignarmos com o sinal da cruz, um estímulo externo visual, acionaremos o “estado de benção”, e imediatamente assumiremos uma postura interior, onde nos sentiremos protegidos.

O estímulo é interno e não parte de dentro para fora, ou seja, quando usamos nossa imaginação para criar uma imagem, lembrar uma música, imaginar uma sensação corporal, etc.

Para que a ancoragem aconteça, algum tipo de estímulo como os de cima devem ser associados à sensação ou reação que desejamos ancorar, de preferência quando tal reação ou sensação estejam em seu ápice.

Por exemplo: uma mulher está contigo, e vocês dois estão vivenciando um momento ótimo e prazeroso juntos (sensação que você gostaria de ancorar), e então coloca uma música para tocar (estímulo externo auditivo), que automaticamente será associada a esta sensação boa que vocês dois estão vivenciando. Pronto; está criada uma âncora. Sempre que vocês dois ouvirem esta mesma música, se lembrarão da mesma sensação gostosa que sentiram naquela experiência do passado. Esta é uma âncora auditiva que consiste na associação de um estímulo externo a uma sensação interna de prazer. Sempre que este mesmo estímulo externo auditivo for utilizado (a música), o mesmo irá desencadear o surgimento desta mesma sensação específica (o prazer que os dois sentiram no passado).

Se o estado que desejamos ancorar for intenso o bastante, e o estímulo que desejarmos associar a ele for bem ancorado, é possível que a âncora seja criada numa única tentativa. Em alguns casos é necessário que se repita o processo, com a esperança de que a âncora seja criada por repetição.

Ancoragem de forma bem resumida é isso.

- **2º Efeito, atrator, defensivo e escoador:**

AS GUIAS

(...) não existe a necessidade de se comprar uma infinidade de guias para a entidade, pois não são elas que precisam da proteção que supostamente, estes colares oferecem, mas sim nós, os médiuns, pois é para nós e não para nossos mentores que as cargas negativas serão dirigidas.

É preciso sempre esperar as que as entidades peçam ao médium a guia que este deve usar e nunca sair por aí, tresloucadamente comprando qualquer coisa apenas para “agradar” ao mentor. Por isso a confiança em nossos mentores é importante, pois estes saberão a forma mais correta de se preparar uma guia e com certeza não mandarão seus médiuns comprarem nas ditas lojas de artigos religiosos.

Nota do autor: “Não use guias ou colares de qualquer natureza sem ordens comprovada de sua entidade protetora responsável direta e testadas no Terreiro”. (W. W. da Matta e Silva)

A Corrente Astral de Umbanda admite dois tipos de guias: as sugestivas e as naturais.

As primeiras são feitas de materiais que não conduzem ou não absorvem energia nenhuma, servindo única e exclusivamente como elo mental entre o médium e sua entidade, e ainda, segundo suas cores, tem a finalidade de elevar, rebaixar ou mesmo ajustar correntes de pensamentos pesadas, tanto dos médiuns quanto dos consulentes (...).

As guias naturais são aquelas de elementos naturais, tais como sementes, pedras, ervas, conchas, etc., além de metais diversos, tais como o cobre, a alpaca, o aço, etc. estas guias são as que realmente conduzem energia e quando imantadas e consagradas nos sítios da Natureza, constituem-se em verdadeiros escudos de defesa e mesmo de contra-ataque a determinadas correntes e entidades negativas.

Repetimos que mais vale ter uma só guia consagrada e realmente imantada e cruzada por uma entidade, do que usar-se em sem número de guias de plástico e outras no pescoço, na ilusão de que isto tornará a incorporação mais forte, ou que fará com que os consulentes pensem ser um Caboclo ou mesmo o médium de uma alta hierarquia.

Em Aruanda, meus irmãos, quanto mais alto se está posicionado hierarquicamente, mais humilde se é e mais desapegado das coisas destruidoras da vaidade se está, dando-se mais valor à essência que à forma.

Igualmente, não são as entidades que pedem os tão famosos cocares e tacapes. Estes apetrechos são uma manipulação comercial em cima da velha ideia de que os nossos Caboclos são índios primitivos, quando isto não é verdade. Não neguemos que existem entidades de Umbanda que realmente foram índios em encarnações bem próximas, mas em hipótese alguma – apesar de se apresentarem como índios à vidência – eles necessitariam “paramentar” seus aparelhos para que pudessem dar uma consulta mais certa ou para convencer quem quer que fosse de seus poderes.

Existem casos em que as entidades toleram que seus médiuns se utilizem desses objetos para incrementar-lhes a fé e a disposição para o trabalho, embora, com o tempo, estes vão dando o direcionamento necessário e abolindo tais costumes.

(Trecho extraído do livro: “Cultura Umbandística”, de Brasão de Freitas, Roger T. Soares e William C. Oliveira – Editora Ícone)

Ter uma guia no pescoço, confeccionada com materiais naturais, sem esta estar purificada, consagrada e imantada não representa nada, energeticamente falando, seria apenas mais um colar a enfeitar o pescoço.

Na consagração efetiva da guia de trabalho, por serem constituídas de elementos naturais, de magnetismos conduzidos, tornam-se objetos imantados de grande valia. As guias imantadas são:

- **Atradoras:** porque atrai para si as condensações energéticas vibradas no momento da sua consagração, tornando-se um objeto condensador de energias vivas, pulsantes e irradiadoras, expandindo esses magnetismos nos momentos de seu uso.
- **Defensivas:** porque devido a ser um condensador de energias positivas, envolve seu possuidor, criando como um “escudo” de proteção, que abarca todo o corpo físico e áurico do possuinte, protegendo-o de magnetismos enfermícios.
- **Escoadoras:** na proporção em que, funcionando como verdadeiro fio-terra (para-raios), descarrega as energias enfermícias captadas, dissolvendo-as para a terra, num potente influxo eletromagnético.

A guia imantada, quando em ação, explode numa luz poderosa; irradia uma energia protetora, tornando-se um “escudo defensivo”, protegendo o médium de certos magnetismos negativos que poderiam macular seu aura ou seu corpo físico. As irradiações que saem das guias de trabalho imantadas em momentos de uso religioso/ritualístico rechaçam as energias negativas, devido à condutividade natural dos objetos utilizados em sua confecção, os quais, somente um Guia Espiritual gabaritado é entendedor.

Para entendermos melhor a efetividade de uma guia de trabalho imantada, imaginemos um exame de raio-x:

Os raios-x são ondas eletromagnéticas capazes de atravessar a matéria. Sua produção é obtida a partir da colisão de elétrons com um alvo de tungstênio dentro de um tubo especial, fechado a vácuo. O feixe resultante é direcionado para a pessoa através de uma janela.

Se colocarmos uma placa radiográfica atrás do paciente, ela será impressionada por diferentes níveis de radiação e, após processada, nos dará uma imagem com diferentes densidades. Isso nos permite visualizar algumas estruturas internas do corpo humano, como ossos em contraste com o ar dos pulmões no caso de uma radiografia do tórax, por exemplo.

Para que isso seja realizado, é necessário tomar precauções. Por se tratarem de radiação ionizante (com capacidade de interferir nas estruturas de átomos e moléculas), os raios-x têm capacidade de causar graves problemas à saúde, especialmente o desenvolvimento de cânceres. A exposição excessiva à radiação pode determinar efeitos sobre a divisão celular, ocorrendo, eventualmente, reprodução celular descoordenada, ou mesmo sua diminuição.

O chumbo tem uma nuvem grande, o que facilita a dissipação da energia contida no raio-x. O isolamento com paredes de chumbo é necessário porque o raio-x é uma das formas de radiação mais fortes que existem: ela atravessa tecidos e, dentro das células, causa mutações que podem levar ao câncer.

A quantidade de radiação recebida quando se tira uma chapa não é capaz de causar danos, mas a pessoa que opera a máquina de raios-x diariamente teria problemas sérios se não se escondesse atrás da parede de chumbo.

As energias enfermigas provenientes de Espíritos menos esclarecidos ou mesmo de assistidos desequilibrados nos momentos de um atendimento fraterno tendem a se agregar no corpo áurico ou físico do medianeiro, que poderá sofrer uma infestação fluídica perniciosa nesse momento, como no exemplo do raio-x. Essas energias enfermigas são ondas eletromagnéticas insalubres, capazes de atravessar a matéria, podendo alojar-se no aura ou no físico do médium.

O Guia Espiritual, sabedor de certas deficiências de seu medianeiro, procura sanear certas brechas por onde poderiam entrar energias insalubres, usando um recurso rudimentar, mas eficiente, que é a confecção de um “escudo defensivo” (guia de trabalho), a fim de bloquear certos tipos de magnetismos enfermigos que poderiam infestar o medianeiro. Por isso, quando da necessidade, solicitam que seja montada uma guia de trabalho com certos materiais naturais. Jamais encontrará essa guia pronta para o uso, pois o Guia Espiritual ordenará a sua confecção de forma exclusiva, pois é sabedor dos materiais e do magnetismo exsudado de cada um, necessário a formação e manutenção do escudo defensivo.

Em nosso Terreiro (Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista), todos os médiuns usam uma guia imantada confeccionada de quartzo transparente (cristal), ou uma guia composta de sete tipos de quartzos (cristal, água marinha, sodalita, quartzo verde, jaspe vermelho, citrino, ônix). Se o Preto-Velho ou o Caboclo da Mata achar necessário um escudo defensivo para seu médium, determinará a confecção de um guia personalizada.

O médium usará a guia do Terreiro, e colocará a guia específica da engira do dia, ou seja, se Preto-Velho usará a guia específica, se Caboclo da Mata a guia própria. Somente isso e nada mais. Portanto, quem determina a confecção e uso de uma guia de trabalho como objeto de poder é somente um Guia Espiritual Preto-Velho ou Caboclo da Mata.

Têm Terreiros que fornecem guias específicas para cada tipo de “obrigação” efetuada pelo médium, cada uma representando um passo dado pelo medianeiro em sua caminhada na Casa; nesse caso, essas guias só serão objetos indicadores de “conquistas materiais” e nada mais; não serão objetos de poder.

Se entendemos que cada guia de trabalho é um objeto sagrado atrator, defensivo e escoador, podemos chegar a conclusão de que quanto mais guias os médiuns pendurarem no pescoço, pode significar que este medianeiro não tem condições de se imunizar de energias negativas, dando o ensejo de dizerem que esse médium é deficiente, ou seja, fraquinho.

AS GUIAS DE PORCELANA, VIDRO OU PLÁSTICO

“Esta é uma questão delicada. Muito difundidas por aí estão às guias de porcelana e de vidro (nota do autor: as missangas são vidrilhos), quando não de plástico, materiais de natureza isolante, que não retém nada energético, sendo, pois, apenas úteis no mesmo princípio de elevação mental das imagens, ou seja, predispõe o psiquismo dos médiuns a um efeito psicológico-positivo, efeito este que se estende ao assistido devido às várias cores que essas guias chamadas de sugestivas possam ter. Este cromatismo induz os pensamentos a vibrarem em sintonia com cada cor, cada uma delas tendo uma função particular de acordo com seu matiz”. (<http://www.fbu.com.br/TEPAJB/umbanda.htm>)

A função cromoterápica das guias de porcelana e vidro são:

- As brancas induzem o pensamento às coisas puras (Oxalá).
- As vermelhas induzem a repulsa de cargas negativas (Ogum).
- As amarelas induzem a repulsa de mau-olhado, sentimentos pesados, inveja, cobiça, etc. (Yansã).
- As verdes induzem a atração das forças da mata, e da cura (Oxóssi).
- As azuis induzem a calma, acalmam e os estados mentais relativos às coisas superiores (Yemanjá).
- As rosas induzem às coisas puras no sentido do amor fraterno, da compaixão (Oxum).
- As guias pretas e brancas lembram a humildade, a união dos opostos (Pretos-Velhos).

- As marrons induzem a seriedade, maturidade, estabilidade e responsabilidade (Xangô).
- As violetas induzem a transmutação e transformação em nossas vidas (Omulú/Oabaluaê/Nanã Buruquê).

Quanto aos colares de plástico e outros sintéticos, por tratam-se de materiais absolutamente inertes a qualquer tipo de energização, não se prestam à confecção de guias, podendo, quando muito compor alegres bijuterias.

Já o vidro e a cerâmica (porcelana) são sabidamente poderosos dielétricos, largamente utilizados em eletrônica para a produção de capacitores, cuja função precípua é justamente condensar eletricidade. Isso, por si só já demonstra a operacionalidade desses materiais e a viabilidade de seu uso, mas na confecção de guias desaconselhamos, pois a condutividade magnética não é tão pura e poderosa, não se imantando de substâncias vivas, não contraindo e nem expandindo, não atraindo matéria viva por não ser uma forma orgânica, portanto, não se carregando de prana vital.

PURIFICAÇÃO DAS “GUIAS”

Quando compramos ou confeccionamos uma “guia” não sabemos pelas mãos e locais seus componentes passaram, onde foram anteriormente armazenados, e por isso, podem estar impregnados de energias desses locais e pessoas. Fora o exposto acima, por isso, também necessitam serem purificadas e consagradas antes do uso. Em qualquer ritual de purificação utilizaremos certas posições das mãos e dos dedos, a fim de canalizarmos as energias necessárias. Para um melhor entendimento de como isso ocorre, vamos esclarecer o que são estas posições, conhecidas mundialmente como “mudras” (pronuncia-se mudrás):

MUDRAS – O PODER DOS GESTOS

Você nem imagina como é forte e poderosa a linguagem não-verbal. Assim como os mantras (cantos e sons), os mudras (gestos) são parte integrante dos rituais budistas e das danças sagradas da Índia.

Mergulhe no universo dos gestos simbólicos e inclua os mudras na sua prática diária de viver melhor.

Se você observar as pinturas e esculturas não apenas da Índia, mas do Tibet, da China, da Coréia e do Japão, vai ver que em grande parte delas a posição das mãos e dos dedos parece significar alguma coisa mais do que um simples gesto. De fato, os mudras (pronuncie mudrás), além de serem uma forma não-verbal de comunicação e de auto-expressão, também são símbolos poderosos, capazes de canalizar a energia que flui no nosso corpo e de expressar diferentes estados da alma. Na dança indiana, por exemplo, são centenas de gestos feitos com uma ou com as duas mãos, cada um com um significado.

Combinados, eles podem contar uma história inteira, sem necessidade de nenhuma palavra. No budismo tântrico, também conhecido como Vajrayana ou Caminho do Diamante, os mudras são ferramentas fundamentais para conectar o homem com o divino.

Além de possuírem um significado espiritual, eles são repetições dos gestos do próprio Buda, em suas várias manifestações. O praticante do budismo reconhece nas posições das mãos de cada estátua ou de cada imagem de Buda um significado e entende sua natureza. Vamos dar um exemplo: O *abhaya mudra* é o gesto típico do Amoghasiddhi Buda, o senhor do karma. É ele que ajuda os seres humanos a superarem a ilusão da inveja e a transformá-la em sabedoria e em realização.

Neste gesto, que significa literalmente “sem medo”, Buda aparece com o braço estendido para frente e a mão levantada, como se fosse fazer um sinal de pare. Repetindo e meditando neste mudra, o praticante pode efetivamente transformar-se e alcançar este mesmo estado.

Do ponto de vista religioso, então, os mudras são gestos que simbolizam as manifestações divinas. Além de meditar sobre seu significado, os monges, por exemplo, usam-nos em seus exercícios espirituais de meditação e de concentração. Nas suas formas mais avançadas, este trabalho com gestos simbólicos permite alcançar estados alterados de consciência.

Os budistas acreditam que, neste estágio, os mudras se transformam em arte mágica, capaz de invocar as forças invisíveis que atuam na terra e fazê-las atuarem em benefício dos seres humanos. Mas os mudras têm ainda uma outra função: ao curvar, estender e tocar de diferentes maneiras dedos e mãos, você faz circular a energia que percorre todo o corpo. Como na medicina oriental todas as partes do corpo se refletem nas mãos e nos pés, estes movimentos harmonizam o fluxo de energia do organismo e, segundo dizem, pode até curar certos males, seguindo o mesmo princípio da acupuntura e das massagens, como shiatsu e do-in.

Antes de você experimentar, lembre-se de respirar profundamente por alguns instantes e deixar que o sentimento de calma e tranquilidade que vem desta respiração penetre você. Fique assim por uns 5 minutos. Depois faça a postura, assim como se estivesse praticando yoga: concentrado e atento em todos os movimentos.

Ritual de purificação:

Ao realizar este ritual, haverá a necessidade de estar com o corpo limpo, ou seja: sem sexo e sem consumir bebidas alcoólicas por no mínimo 12 horas; não estar aborrecido ou nervoso; estar com saúde física e mental em ordem e preferivelmente descansado. Você irá precisar de:

- A “guia” escolhida
- De uma tábua (virgem e só usada para purificações e consagrações. Tem que ser de madeira; não pode ser compensado e nem mdf).
- De uma pomba branca.
- 01 vela branca.
- 01 vareta de incenso no aroma de sândalo.
- 01 copo com água.

Como proceder:

- 1) Primeiramente deve-se higienizar a guia com água e detergente neutro. Logo após, se a “guia” for de pedras ou de metal, deixe-a por 03 horas mergulhada num recipiente de vidro ou de porcelana contendo as seguintes ervas maceradas em água: guiné, arruda e alecrim. Terminado o tempo, retire-a e enxugue-a. se a “guia” for de sementes, casca ou raízes, somente higienize-a com água e detergente, e, posteriormente lave-a na solução da maceração sem deixa-la por muito tempo, pois poderá estraga-la.

- 2) Trace, com a pomba, na tábua, um círculo, e dentro do círculo uma estrela de cinco pontas.



- 3) Coloque a “guia” enrolada sobre o desenho. No centro da “estrela” (por dentro da guia), acenda a vela branca; de um lado acenda a vareta de incenso; do outro lado coloque um copo com água (aqui estarão presentes os quatro elementos primordiais da Natureza).

Estenda os braços para frente, com as palmas voltadas para o Céu, dizendo: **“Senhor, purificai conosco esta guia, a fim de que, quando for utilizada, sejam expulsos quaisquer malefícios, quaisquer energias negativas, servindo de proteção e como escudo defensivo”**

Logo após, coloque as duas mãos, abertas, unindo os indicadores e os polegares, formando um triângulo na altura da boca em direção a “guia”; aproxime-se para que seu hálito chegue bem próximo a “guia”, e diga (neste momento, iremos invocar as Corporações Orixás):

“Que esta “guia” muito pura nunca seja corrompida e que conserve as suas virtudes, pelas forças de Oxalá, Yemanjá, Oxossi, Ogum, Xangô, Yansã, Omulú e Obaluaê.



Em seguida:

A Mão: A posição deve ser realizada com a mão nobre, ou seja, a mão dominante. Para os destros: a mão direita; para os canhotos: a mão esquerda.

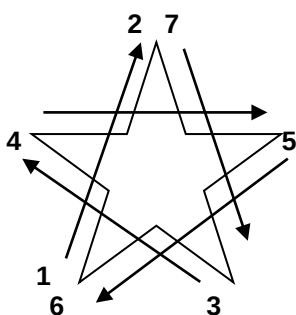
Dedos: Para a purificação e o sinal da cruz, utilizaremos três dedos juntos: o dedo polegar, o dedo indicador e o dedo médio.

- O dedo polegar está associado ao elemento fogo. O fogo do dedo polegar nutre a energia dos outros dedos e absorve o excesso de energia. Ele assim restaura e equilibra. Ele faz o trabalho de incinerador do lixo, com o poder do fogo para criar a ordem.
- O dedo indicador está associado ao elemento ar. Representa a mente e o poder do pensamento. O pensamento é o iniciador do desejo e da ação. É o molde de nossos projetos com a terceira visão. Também nos dá um instinto fiel, aumenta a capacidade de reflexão e traz muita inspiração. Esta é uma energia que vai ao nosso mais profundo íntimo e de volta para o cosmo.
- O dedo médio está associado ao elemento do éterico; este é o dedo do Céu. As energias deste longo dedo irradiam ao mais longe infinito. Este dedo está relacionado aos nossos riscos. Sua qualidade está na alegria em tomarmos ações. Seu raio de ação vai desde os nossos atos terrenos, até ao mais longínquo cosmo e além. Aqui é a hora da entrega de nosso ego e preocupação com o eu, ao nosso EU Superior no chacra do coração.



Posição para realização do sinal da cruz e da purificação

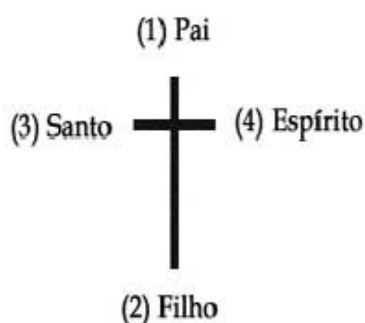
Portanto, ao realizarmos a purificação, utilizaremos um mudra onde os dedos anelar e mínimo ficarão dobrados sobre a mão, e os dedos polegar, indicador e médio tocam-se nas pontas; com esse movimento, estaremos fechando um círculo energético, bem explicado acima. Entendemos, portanto, por que essa posição representa a Trindade Divina (Pai, Filho e Espírito Santo).



Vá formando uma estrela de cinco pontas seguindo os movimentos do desenho ao lado. A cada traço, profira as seguintes palavras (no total, proferirá por 5 vezes):

“Purifico esta guia, em nome de Deus Pai Todo Poderoso”.

Sinta a energia clareando, limpando e purificando a guia, no mesmo momento,



Logo após, trace por três vezes o sinal da cruz sobre a guia; a cada sinal da cruz profira as seguintes palavras:

“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Que assim seja”.

- **Em nome do Pai:** (estamos invocando a Deus Pai) simboliza o Céu e a sabedoria. O poder de Deus Pai e de toda a espiritualidade superior.
- **Do Filho:** (estamos invocando a Jesus, e ao Cristo Planetário) simboliza o mundo terreno onde as nossas ações vão nortear nossas vidas.
- **E do Espírito Santo:** (estamos invocando os Guias Espirituais, os Espíritos Santos de Deus) simboliza o nosso racional.

Terminado o processo de purificação, e necessário consagrar (imantar) essa guia para que ela se carregue de magnetismos positivos, e passe a vibrar positivamente para o que será destinada. Orientamos que a consagração seja efetuada por um Guia Espiritual (geralmente o mentor do Terreiro que frequenta) ou alguém gabaritado para isso. Na falta de um desses elementos, daremos abaixo uma consagração simples que pode ser efetuada por todos.

Importante: Somente use uma “guia” ritualisticamente, se esta estiver purificada e consagrada, senão este objeto não vibrará energeticamente positivo, e não estará abençoado.

CONSAGRAÇÃO E IMANTAÇÃO DAS GUIAS

Seguindo o exemplo acima (da purificação), os mesmos materiais (tábua com a estrela de cinco pontas riscada, copo com água, incenso, sem ter que higienizá-la ou mesmo coloca-la de molho em ervas, pois assim já o fez), com os braços estendidos para frente, com as palmas voltadas para o Céu, diga:

“Senhor; consagrai conosco esta guia, a fim de que ela possa irradiar Sua Luz Celestial.

**As sete luzes,
Dos sete santuários sagrados,
Dos sete cantos do mundo,
Foram acesas neste momento e nesta hora.**

Acendei, Senhor Deus, a Luz nessa guia. Consagrai-a, a fim de que ele a tudo ilumine, a tudo proteja”.



Logo após, coloque as duas mãos, abertas, unindo os indicadores e os polegares, formando um triângulo na altura da boca em direção a “guia”; aproxime-se para que seu hálito chegue bem próximo a “guia”, e diga (neste momento, iremos invocar as Congregações Orixás):

“Que se acenda nesta guia, a Luz do amor, por Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Yemanjá, Yansã, Omulú e Obaluaê”.

Umedeça ligeiramente o polegar direito com a sua saliva, e trace (com o polegar) sobre a guia, três cruzes.

- Ao traçar a primeira cruz profira o mantra: **Aum (pronúncia: “om”)**
- Ao traçar a segunda cruz profira o mantra: **Bhan (pronúncia: “brran”)**
- Ao traçar a terceira cruz profira o mantra: **Dhan Pronúncia: “drran”)**

Termine, impondo as mãos sobre a guia, pelo menos durante três minutos, emanando energias positivas.

Sua guia está imantada e pronta para o uso.

Só deve ser reconsagrada por determinação de um Guia Espiritual quando perceber que sua ação, por diversos motivos, foi prejudicada.

Sua guia só poderá ser dada como presente a outrem pelo Guia Espiritual, e não pela vontade do médium.

- **Considerações sobre os cristais naturais utilizados na confecção das guias:**

Sobre os mais variados tipos de cristais, suas estruturas, energias e finalidades, existem uma centena de livros, site e blogues, onde todos podem com carinho pesquisar.

Sabemos que na Natureza os elementos minerais são os únicos que podem ser “programados” segundo a Energia Quântica, aliada a nossa vontade, e passam a refletir por um tempo, àquilo a que foram “condicionados” a fazerem por magnetização mental; ou seja, os minerais refletem intermitentemente, por um tempo, as determinações programadas neles pela nossa vontade.

Programar um Cristal é introduzir uma imagem-energia na estrutura energética do Cristal, que irá harmonizá-lo e devolvê-lo ao seu emissor. Quando estamos programando um Cristal, estamos trabalhando em nós mesmos. Os cristais agem como computadores, com capacidade de receber, armazenar e liberar as forças mentais.

Quando programamos um Cristal devemos ter pensamentos e desejos claros e lógicos como se estivéssemos inserindo dados nesse computador. Um computador comum simplesmente ordena e devolve os dados. Quanto ao Cristal, ele ordena, harmoniza e amplia os dados emitidos mas esses dados continuam sendo os seus desejos.

Imaginem então, um Guia Espiritual programando (imantando) uma guia de cristal?

O interessante é os cristais não serem programáveis para refletir negatividade; não se pode programar um cristal para o mal.

Os cristais até podem se carregar de fluidos perniciosos do seu possuidor, mas, se isso acontecer, conforme o tipo e a intensidade dessa negatividade, o cristal poderá, de diversas formas, se quebrar.

Cristais podem se sobrecarregar de energias pesadas, mas não passam essas energias aos humanos; simplesmente, o humano sente o carrego do cristal, e, pode descarrega-los de diversas formas, fartamente disponibilizadas.

Literalmente não existem pedras de Orixás. As Corporações Orixás são Poderes de Deus e não se ligam a simples objetos materiais. Existem sim, emanções magnéticas das pedras que ligamos de uma forma ou outra com alguma das emanções fluídicas vitais emanadas das Corporações Orixás.

Igualmente utilizaremos os cristais em guias devido às vibrações latentes e emanadas de cada pedra, consoantes com o que necessitamos.

Isso, um Guia Espiritual gabaritado poderá nos orientar sobre a necessidade ou não do seu uso, e quais pedras devem ser usadas em sua confecção.

Estudando a opinião de especialistas em livros e redes sociais, recolhemos o seguinte material, muito interessante e verdadeiro:

ORIXÁS E OS CRISTAIS

Um dos elementos que podemos utilizar para atrairmos determinadas energias ou padrões vibratórios específicos ligados às Corporações Orixás são os Cristais de Quartzo.

Suas vibrações possuem frequências magnéticas e também um eixo energético, capaz de atrair, canalizar energias e concentrá-las. Cada pedra possui uma ligação vibratória com cada um destes campos, os prânas vitais emanados de cada Corporação Orixá, que permeia a vida.

Uma pedra é capaz de atuar em várias dimensões de existência. Como se pudéssemos trazer para junto de nós um canal da energia vital da Corporação Ogum, outro da energia vital da Corporação de Iansã, e assim por diante, através de uma pedra.

Os Cristais são pequenos presentes que recebemos da Mãe Natureza, que nos ensinam, nos acolhem e nos direcionam.

Muito se avançou nos estudos destes elementos, que sempre foram parte integrante de vários sistemas religiosos em todos os tempos.

Mas desde as pesquisas dos alquimistas, na Idade Média, foi possível começar a comprovar cientificamente a eficácia energética de sua atuação. E não se parou desde então, as comprovações daquilo que nossos Caboclos e Pretos Velhos já falam há muito.

Seu efeito terapêutico navega por várias nuances dos efeitos físicos do desequilíbrio energético.

Tratamos com Cristais não só o corpo físico, mas também todas as camadas áuricas, e principalmente os Chakras e o fluxo energético do corpo que corre entre eles.

Na Umbanda, as entidades espirituais que dominam este conhecimento, podem trazer uma infinidade de informações, tanto no aspecto da cura, como a atuação magística destes elementos tão vitais.

Vemos Caboclos, Pretos-Velhos e outras entidades espirituais se utilizarem de colares de pedras e outros elementos minerais; alguns usam de pedras dentro de alguns pontos riscados e até trabalham muitas vezes com uma pedra na mão.

O Assentamento de forças de um Terreiro tem em sua confecção, pedras. A Tronqueira de um Terreiro é firmada igualmente tendo pedras: é comum solicitarem o uso de pedras e mais ainda a larga utilização de pedras pretas para Exu e vermelhas para Pomba Gira.

Suas aplicações são infinitas.

Podemos ainda fazer uma relação de pedras e Orixás como:

- **Ogum** – Utilizamos pedras metálicas e magnéticas para defesa como: Magnetita, Hematita. Já para o outro papel que Ogum exerce que é o direcionamento, podemos utilizar a Sodalita, que contém em si este potencial.
- **Oxóssi** – Utilizamos as pedras verdes, mas em especial a Esmeralda; podemos usar o Quartzo Verde ou Amazonita, a que possui todos os poderes que abrangem a fartura, o equilíbrio mental e de consciência, a constância e o trabalho, mas principalmente a magia. Podemos também utilizar o Lápis Lázuli ou a Safira azul, que trabalham a abertura mental e a conexão espiritual.
- **Oxum** – A energia do Amor Incondicional pode ser canalizada pelo Quartzo Rosa, Rodocrasita e também a Lepdolitita.
- **Yansã** – Para esta energia utilizamos do Citrino ou Quartzo Rutilado, que traz estabilidade e desenvolve o centro de energia em quem é usado ou Ágata de Fogo para envolver as forças dessa radiação.
- **Xangô** – Utilizamos a energia da Pedra do Sol, do Jaspe Marrom ou Obsidiana Mogno.
- **Omulú** – Para canalizar sua energia usamos Ônix (Preto ou Branco), Obsidiana Floco de Neve, ou Quartzo Fumê, para favorecer a luz a tudo o que está no meio da escuridão. Para cura, pode-se usar Ametista, com grande capacidade de transmutação.
- **Obaluaê** – Poderosas energias de cura possuem as Ametistas. A Turmalina Negra (A Turmalina Preta é capaz de transformar a energia negativa e dissolvê-la, nem que para isso ela se desfaça e vire pó. Sinal que cumpriu sua missão), e o Quartzo Fumê também podem ser usados.
- **Yemanjá** – Podemos utilizar a sua principal pedra que é a Água Marinha, pois sua atuação é muito intensa, trazendo calma, paz interior, e limpando o emocional, o mental e o físico de energias nocivas. Mas a nobre pedra de Yemanjá é a Safira.
- **Oxalá** – A Oxalá pertencem as pedras brancas, mas em especial o Quartzo Translúcido que simboliza a Fé, a Harmonia, a Purificação.
- **Ossain** – Também utilizamos para Ossain a Esmeralda.
- **Oxumaré** – Para canalizar a sua energia a Fluorita deve ser empregada. Também pode-se usar a Zirconita.

- **Obá** – a Senhora da terra, vamos usar a Madeira Petrificada. A pedra da transformação.
- **Nanã Buruquê** – A Ametista por ser uma pedra de sabedoria e compreensão e que oferece confiança e paz. Transporta a energia transmutadora do raio violeta.
- **Ewá** – Para canalizar a sua energia, usamos Birilo, Topázio, Olho de Gato.
- **Logunedé** – Para canalizar sua energia, usamos Turquesa, Topázio, Safira azul.

Em nosso Terreiro, utilizamos como padrão para todos os médiuns que adentram a corrente mediúnica, uma guia composta de Quartzo Translúcido (Oxalá), ou mesmo uma guia composta com sete tipos de Cristais, ligados a Oxalá, Yemanjá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Yansã, Omulú/Obaluaê.

GUIAS ESPIRITUAIS E CRISTAIS

Guias Espirituais Caboclos da Mata e Pretos-Velhos – Poderão solicitar na confecção de suas guias, Cristais com energias específicas para o que desejam, bem como também podem utilizar os Cristais que tem ligação com as energias vitais emanadas pelas corporações Orixás, dependendo de qual Corporação pertence por afinidades de trabalho.

Guias Espirituais Crianças (Ibeji) – Pedras Cor-de-Rosa. Purificam intensamente, inspirando a cura emocional, fortalecendo o amor próprio, acalmando a mente, eliminando preocupações, e, promovendo alegria e paz interior. Turmalina rosa – Quartzo Rosa.

Tarefairos (Exús) – Em geral as pedras pretas, que possuem a capacidade de lidar com energias mais densas e pesadas. Mica Preta, Turmalina Negra, Ônix Negro, “Vassoura de Bruxa”, Quartzo Negro, Estauroлита, Obsidiana Negra, e outras.

Tarefairas (Pombas-Gira) – Em geral pedras vermelhas, que agem centrifugamente, puxando para fora as energias enfermizas. Aumentam a energia, o movimento, ajudando a ficar mais para cima. Mica Rosa, Ágata de Fogo, Granada e outras.

• **Conservação das guias:**

Como já estudamos, as guias são objetos sagrados, verdadeiros escudos defensivos. Como tais, devem ser zeladas, tomando cuidados especiais com a sua higienização e acomodação.

Por ficarem no pescoço e estarem em contato com o suor, devemos observar se as guias estão sujas. De vez em quando deve-se limpar as guias, lavando-as com água e detergente neutro. Após, passar as guias numa solução com ervas (pode usar as ervas indicadas acima, no ritual de purificação), deixando-as secarem por sobre um pano branco, com uma vela branca acesa no meio das guias.

Devemos ter zelo pelas guias, principalmente quando for guarda-las. Deve-se acomoda-las em um saquinho de pano próprio, preferencialmente na cor branca, acomodadas de forma respeitosa entre seus pertences.

No Terreiro, se necessário retirar sua guia do pescoço por qualquer motivo, deve-se acomodá-la em local apropriado; nunca enfiá-la de qualquer jeito dentro do bolso, ou praticamente jogá-la em qualquer canto.

Em sua casa, retirar as guias do saquinho, e dispô-las em seu altar, por cima de um pano branco, ou envoltas de uma imagem sacra, ou mesmo, se tiver uma cruz em seu altar, coloca-las por sobre a cruz.

Sem ser obsessivo, evite que outras pessoas toquem em suas guias.

• **Rompimento das guias:**

Quando uma guia estoura e suspeita-se que seu rompimento fora causado por fluídos menos apreciáveis, ou mesmo se rompeu por desgaste ou ter enroscado em algum lugar (isso é comum acontecer), deve-se recolher as contas, refazendo-a procedendo ao Ritual de Purificação, e, posteriormente ao Ritual de Consagração como acima explicitado.

As guias podem ser montadas utilizando fios de algodão, de aço ou mesmo de nylon.

O fio de nylon pode ser usado, desde que não separe os materiais naturais ou orgânicos; se esses materiais estiverem juntos, o que os prende internamente não interfere, pois os materiais estarão unidos entre si, e não separados por um isolante.

No caso de rompimento, a guia, se houver indicação do Guia Espiritual Chefe do Terreiro de despacha-la (só serão descartadas na Natureza, as guias confeccionadas com materiais orgânicos ou naturais), deverá o dirigente do Terreiro ou quem ele indicar se dirigir à beira de um rio, devendo depositar o que compunha a guia dentro da água, imbuído do máximo zelo, fervor e respeito.

De modo geral, deve-se sempre buscar orientações com a Chefia Espiritual do Terreiro.

As guias de um médium recém-desencarnado:

Conforme as orientações dadas pelo Guia Espiritual Chefe do Terreiro:

Se for consultar o Guia Chefe do Terreiro sobre o que fazer com as guias de um médium que desencarnou e este autorizar, podem perfeitamente serem purificadas e reconsagradas novamente, direcionando-as para outrem.

Se houver indicação de despachar as guias (só serão descartadas na Natureza, as guias confeccionadas com materiais orgânicos ou naturais), deverá o dirigente do Terreiro ou quem ele indicar se dirigir à beira de um rio, devendo estourá-las com as mãos dentro da água, uma por uma, individualmente, imbuído de reverência.

De modo geral, deve-se sempre buscar orientações com a Chefia Espiritual do Terreiro.

Relativo à observância dos cuidados especiais com as guias:

Nunca um médium ou cambono deverá levar ao pescoço uma guia que não lhe pertença, a menos que lhe seja ordenado pelo Guia Espiritual dono dela.

Jamais se deixarão as guias jogadas, esparramadas, esquecidas como um objeto comum e de uso efêmero.

Observa-se que as guias exigem zelo, pois nos trazem energias vitais emanadas pela imantação efetuada pelos Guias e Protetores Espirituais que as solicitaram para a nossa defesa, tornando-se objetos sacros, que deverão ser resguardadas de quaisquer emanções mentais menos elevadas.

Deixar-se-á as guias longe dos olhos e mãos curiosas.

Só se deve banhá-las em ervas maceradas conforme indicado acima, ou o que o Guia Espiritual determinar.

Explicitamente, jamais se comprarão guias já confeccionadas do comércio, pois, as guias deverão estar de pleno acordo com a orientação do Guia Espiritual que a solicitou.

Só deve-se utilizar guias que forem solicitadas pelos Guias Espirituais de Trabalho, não sendo permitido o médium montar a sua guia por gosto, aleatoriamente. Quando o médium receber a orientação de algum tipo de guia a ser montada, antes de fazê-lo deverá consultar o dirigente do Terreiro para verificar a veracidade.

Em dia de trabalho espiritual deve-se utilizar tão somente a guia indicada pelo Terreiro, e, se a Sessão for de Preto-Velho usa-se a guia de Preto-Velho; se for de Caboclo, usa-se a guia do Caboclo. A guia de proteção individual ficará por dentro do uniforme. Se os Guias do médium não solicitaram nenhuma guia, usa-se tão somente as guias orientadas pela direção da Casa. Utilizará outra(s) guias só com autorização ou indicação da direção do Terreiro.

Deve-se deixar de lado qualquer espécie de vaidade, consoante ao número de guias que se leva ao redor do pescoço, bem como as guias muito enfeitadas. Deve-se apenas utilizar e ter para si as que lhe foram solicitadas; guia não representa condecoração.

Do uso comum:

Se o Guia ou Protetor Espiritual incorporado solicitar a um médium ou cambono para que lhe assista segurando-lhe as guias por um lapso de tempo, assim poderá ser feito.

Em certos trabalhos, como o de Desobsessão, sentados à Mesa ou não, é de praxe que, antes, se coloque as guias dos médiuns que irão atuar sobre o Ponto Riscado do Guia Espiritual, ou, na falta desse, coloque-as por sobre um pano branco no local onde o médium está atendendo.

Ocorre eventualmente que o Guia ou Protetor incorporado coloque uma de suas guias temporariamente no pescoço do assistido.

Das informações errôneas acerca das guias:

Não existe a necessidade de as guias terem tamanho que vai abaixo do umbigo por conta dos chacras. Não existe a necessidade de as guias serem usadas de modo cruzado no peito, descendendo dos ombros aos quadris.

A confecção de uma guia ficando ao total critério do Guia Chefe do Terreiro ou dos Guias e Protetores Espirituais do médium, que indicarão os materiais orgânicos e naturais que a comporão, e o médium deverá confeccioná-la conforme o solicitado.

Fios de algodão, aço ou nylon são indiferentes no fabrico de uma guia, não interferindo em nada energeticamente falando. O fio de nylon pode ser usado, desde que não separe os materiais naturais ou orgânicos; se esses materiais estiverem juntos, o que os prende internamente não interfere, pois os materiais estarão unidos entre si, e não separados por um isolante.

A IMPORTÂNCIA DO USO DA GUIA DE AÇO, CONHECIDA COMO “07 SETE LINHAS DE AÇO”

“Todo umbandista deveria utilizar um pedacinho de aço junto ao corpo” (Caboclo das Sete Encruzilhadas, segundo a Sr^a Lygia Cunha, Neta de Zélio de Moraes)

Hoje em dia, infelizmente, observamos o não uso da “guia de aço”, como proteção individual, por parte dos médiuns umbandistas. Por que será?

É muito comum ver-se a utilização de guias confeccionadas com materiais inócuos, como miçangas, vidros coloridos, porcelana, plástico, etc., que sabemos serem objetos de baixa vibratória, bem como isolantes de energias, invencionices de um comércio inescrupuloso, alimentado pela falta de instrução, de saber, ou seja, pela ausência de conhecimento, por parte dos fiéis umbandistas, das manipulações energéticas efetivas com os elementos da Natureza.

Vamos entender a importância do aço e com certeza daremos maior valor na utilização dessa guia, tão importante para a nossa proteção, e defesa contra certos tipos de magnetismos enfermigosos.

As guias de aço vendidas nas casas do ramo, geralmente possuem o que chamam de “ferramentas dos Orixás”, simbólicas, penduradas por toda a extensão da guia. O que seriam essas “ferramentas”? Nada mais são do que representativas das emanções magnéticas das Corporações Orixás, pois cada uma delas traz em sua formação, um pedaço da onda vibratória geométrica sagrada, representativa de cada emanção. Para termos uma melhor noção de quais “ferramentas” deverá conter a guia de aço, vamos enumerá-las. Podem ser sete ou mais:



- Uma cruz de aço na ponta do colar (Oxalá);
- Um raiozinho de aço (Yansã);
- Uma espadinha de aço (Ogum);
- Uma flechinha de aço (Oxossi);
- Uma machadinha de aço (Xangô);
- Uma meia luazinha de aço (Yemanjá);
- Uma chavinha de aço (Omulú/Obaluaê);
- Um coraçãozinho de aço (Oxum);

Entre outras...

As “ferramentas” são dispostas simetricamente no colar de aço.

E, tempos idos, esses colares “sete linhas”, eram mais bonitos e melhor elaborados.



Também pode-se utilizar uma medalha de aço, pendurada numa corrente igualmente de aço, onde tem impressos os símbolos das emanções das Corporações Orixás, como ao lado.

Se por ventura tiver dificuldade em encontrar uma “sete linhas de aço”, ou se preferir, poderá optar por uma corrente com um crucifixo, uma estrela, uma imagem de Nossa Senhora, de São Jorge, um escapulário, ou outro símbolo religioso (não utilizar símbolos profanos), desde que sejam confeccionados em aço, preferencialmente inox.



O aço é uma liga de ferro-carbono, mais dura do que outras ligas de ferro. Existem diferentes tipos de aço, produzidos pela incorporação de outros metais à liga. Embora estes metais sejam introduzidos em pouca quantidade (menos de 7%), sua presença provoca mudanças significativas nas propriedades da liga.

Uma variedade importante de aço é o aço inoxidável, cujos tipos são determinados pela quantidade de outros elementos adicionados à liga; esse tipo de aço é o preferencial para a nossa “guia de aço”, pois não sofre corrosão a curto tempo. Alguns exemplos são os seguintes: aço cromo (Cr): aumento da resistência à corrosão nos aços inoxidáveis; aço níquel (Ni): torna o aço mais dútil e não magnético, mas tem pouco efeito sobre as propriedades inoxidáveis; aço molibdênio (Mo): aumenta a resistência a um tipo de corrosão especial denominado corrosão por pontos; aço titânio (Ti) e nióbio (Nb): melhora a resistência do aço nos processos de soldagem.

A importância desta guia está no fato de que o aço é uma liga de ferro-carbono e outros elementos residuais do tipo P, S, Mn e Si. O ferro que predomina na composição do aço existe na Natureza (nos minérios) sob a forma de óxidos estáveis do tipo Fe_2O_3 (filamentos de hematita) etc. O aço é um excelente condutor de energia elétrica, irradiador de energia vital, escoador de energias deletérias, e possui uma aura fortemente radioativa.

As conformações dos filamentos que compõem o aço funcionam como excelentes diminutos cabos eletromagnéticos, que desprendem traços fluídicos dispersores, favorecendo eficientemente o escoamento para a terra de certos fluidos enfermícios.

A guia de aço imantada (dynamizada) impede o excesso de energias desequilibrantes, polarizando positivamente com as energias emanadas pelos Reinos da Natureza.

No início do Séc. XX, o Dr. Wilhelm Reich (Dobzau, Austria, 24 de março de 1897 — Lewisburg, Pensilvânia, 3 de novembro de 1957) foi um médico, psicanalista e cientista natural. Ex-colaborador de Sigmund Freud, rompeu com este para dar prosseguimento à elaboração de suas próprias ideias no campo da psicanálise), realizou várias experiências afirmando a existência de uma energia primordial, pré-atômica, livre de massa e que em determinadas condições, podiam-se formar partículas de massa.

Essa energia a que ele se referiu como “orgone” permeava todas as coisas vivas e penetrava todas as formas de matéria, mas com diferentes níveis de velocidade, interagindo com estas. Orgônio pode ser considerado como “Força Vital”, e é também conhecida como o milenar “Prâna”, “Chi”, “Energia Universal” ou “Ether”.

Prâna, do sânscrito; de “pra”, para fora, e de “na”, respirar; viver; textualmente quer dizer: “**Sopro da Vida**”. Em todas as manifestações de vida no Planeta, ali existe Prâna. Em todos os planos de existência, tanto material quanto espiritual, o Prâna é a vida manifestada. Temos a coordenação e a edificação das moléculas físicas, devido à manifestação de Prâna. As formas minerais, vegetais, animais e hominais se compõem graças a manifestação do Prâna. Em todo o processo gradativo da formação material para a manifestação do espírito imortal, em todos os estágios de adaptações, todo o modelamento progressivo e demorado, é regado pelo Prâna dadivoso para que se plasmem todas as formas de vida.

O Prâna não é um efeito da vida, mas sim está presente e atuante em todas as expressões da vida no Universo, porque ele alimenta desde o campo dos pensamentos e ideias do homem, assim como os sentimentos da emoção do espírito.

Segundo as experiências de Reich, a energia orgônica (prânica) pode facilmente penetrar todas as formas de matéria, em diferentes níveis de velocidade e concentração, carrega e se irradia de todas as substâncias vivas e não-vivas; pode também existir de forma livre na atmosfera e no vácuo. É excitável, pulsátil, capaz de se contrair e expandir e pode ser concentrada.

É atraída pela matéria viva, orgânica que a absorve e armazena ao passo que toda matéria inorgânica (metais, por exemplo) a conduz e irradia. Dos metais, o aço é o mais poderoso condutor e irradiador. A ciência quântica se refere a esta energia como “ponto zero”, “energia quântica”. O orgônio (prâna) é mais fortemente atraído para as coisas vivas e para si mesmo, sendo a água a substância que mais o atrai naturalmente.

Todo o material orgânico (inclusive o nosso corpo) capta prâna vital puro da atmosfera pela respiração e pelos poros, e internamente através dos prânas individuais de cada alimento e líquidos.

O aço sendo um excelente condutor eletromagnético conduz o prâna atraído e irradia-o para o corpo; deste modo o corpo vai ser mais irradiado de energia prânica captada.

Descobrimos então, algumas características naturais marcantes do aço:

- 1) **Condutor:** porque, naturalmente conduz energia eletromagnética e prânica, numa contínua atividade.
- 2) **Irradiador:** porque irradia a energia prânica captada conduzindo-a para corpo continuamente, auxiliando numa maior capacidade de captação.
- 3) **Escoador:** as energias enfermizas diluídas, na proporção em que, funcionando como verdadeiro fio-terra (para-raios) comprime miasmas e cargas magneto/negativas e as descarrega para a Mãe Terra, num potente influxo eletromagnético.
- 4) **Dispersador:** dilui certas classes de energias enfermizas ao ser humano.

Consideramos a guia de aço um sacrário, um tabernáculo, um oratório:

- **Sacrário:** do latim: “sacrus”, sagrado. *“Lugar ou reservatório onde se guardam coisas sagradas. Lugar reservado e respeitável”.*
- **Tabernáculo:** do latim: “tabernaculum”. *“Designa o santuário portátil onde se guarda objetos sagrados. Em hebraico chama-se: mishkan, מִשְׁכָּן, “moradia”, (local da Divina morada, ou morada de Deus).*
- **Oratório:** É uma capela portátil. Nicho onde ficam objetos sagrados.

Portanto, a guia de aço é um santuário portátil que guarda o que nos é sagrado. Trazemos esse santuário sagrado portátil próximo ao nosso coração, e lhe rendemos respeito pelo que representa.

A guia de aço também é considerada um talismã. Vamos entender o que seria um talismã:

O talismã provém da palavra árabe “مِسْلَط – Tilasm”, e também da palavra grega “Teleo” que significa “objeto consagrado”. Amuletos e talismãs são muitas vezes confundidos, porém enquanto o amuleto é um objeto com propriedades magnéticas naturais, o talismã pode ser carregado de magnetismo pela pessoa que o cria.

Apesar de terem a mesma função, proteger quem os usa, os amuletos são objetos já prontos encontrados na Natureza, enquanto os talismãs são peças feitas pelo homem com materiais naturais.

A força existente em um talismã envolve principalmente as energias que projetamos nele. O ato de purificação, consagração (imantação) é que dá ao talismã seus devidos poderes de proteção. O talismã é sempre feito por uma razão definida, enquanto um amuleto é usado de uma forma geral, tais como evitar o mal ou atrair boa sorte.

Os talismãs que trazem em si palavras ou imagens (como é o caso da guia de aço que trazem as “ferramentas” simbólicas das Corporações Orixás) ou imagens sagradas têm seu magnetismo potencializado.

Os talismãs são objetos feitos com os mais variados tipos de matérias, mas obedecendo a uma regra: têm em sua constituição, materiais da Natureza, ou seja, materiais com altíssimo teor vibratório.

Esses materiais, bem como as palavras ou imagens impressas nele, também catalisam e dinamizam energias necessárias, a fim de que seja efetuada uma defesa fluídica eficaz de seus portadores. Muitos talismãs são confeccionados com o exclusivo fim de criar uma aura protetora em torno do seu possuidor. Todo talismã atua como um escudo defensivo e próprio para desviar cargas nocivas enviadas ao seu possuidor.

Os talismãs só podem ser utilizados para quem foi destinado, pois em poder de outros se torna inofensivo, devido à frequência vibratória estar intimamente ligada ao seu primeiro dono, efetuadas através de uma consagração.

Os metais não se carregam de energias negativas, portanto, não infectam seus possuidores. Os metais somente recebem e guardam as impressões de seu “dono e portador”, guardando-as em suas moléculas. Para novo uso, devem ser desimpregnadas, purificadas e reconsagradas.

Muitas vezes observamos um Guia Espiritual retirar uma guia do pescoço e colocar no pescoço do assistido; ali, o Guia Espiritual está dando um amuleto e/ou um talismã de proteção pessoal, que possui todos os elementos necessários impregnados nela, a fim de proteger um filho de fé.

Uma coisa é certa: o plano espiritual superior não se liga ou mesmo se aproxima de nós através das coisas materiais, ou mesmo do culto externo. Temos que nos conscientizar que só poderemos invocar ou evocar o plano espiritual superior, somente através da nossa moral, reforma íntima, das nossas virtudes, boas ações, orações e rezas.

Devemos entender de uma vez por todas que não existe conjurações, talismãs, amuletos, patuás, sistemas cabalísticos, pontos riscados, oferendas, banhos, defumações; nada material, que atraia ou mesmo expulse um Espírito. Isso é engodo. Vejamos a opinião abalizada dos Espíritos Superiores em o “Livro dos Espíritos” de Allan Kardec:

- Pergunta: Qual pode ser o efeito de fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

Resposta: *“O de torná-las ridículas, se são de boa-fé; no caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são charlatanice; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais”.*

- Pergunta: Certos Espíritos não ditaram algumas vezes, fórmulas cabalísticas?

Resposta: *“Sim, tendes Espíritos que vos indicam signos, palavras bizarras, ou que vos prescrevem certos atos, com a ajuda dos quais fazeis aquilo que chamais conjuração. Mas ficai bem seguros de que são Espíritos que zombam de vocês e abusam da vossa credulidade”.*

Conjurações através de sistemas cabalísticos e pontos riscados também não atraem ou repelem Espíritos, mas somente manipulam efetivamente forças etéreas (magnetismos) da Natureza. Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, moral, ações, intenções e não por objetos materiais, oferendas, despachos, que não têm nenhum poder sobre eles. Não podemos admitir que objetos materiais possam ter uma virtude qualquer sobre as manifestações de Espíritos, seja para provocá-las, seja para impedi-las.

É indiscutível que o homem “cristianizado” solucionaria todos os problemas humanos sem os recursos de talismãs, amuletos, guias, religiões, benzimentos, defumações, etc. Os ensinamentos crísticos resolvem todos os problemas do mundo, pois é o melhor amigo que temos, sempre disposto a nos aconselhar nos piores momentos e estão sempre a disposição para nos encaminhar rumo a nossa felicidade e a Deus.

Infelizmente isso não acontece e o homem necessita ainda buscar elementos defensivos através das forças da Natureza. O homem que mantém o pensamento limpo e fraterno, não atrai para si fluidos maléficos.

Mas, tem um porém: o homem ainda não pode dispensar de todos os recursos oferecidos por Deus presentes na Natureza para a sua defesa e proteção. Aliás, se os humanos fossem livres dos amuletos, talismãs, religiões, doutrinas, etc., sem sombra de dúvida não estaria mais encarnado em nosso amado Planeta, pois estaria “iluminado”, partindo para outros orbes planetários, mais evoluídos.

Justifica-se o uso de certos objetos e coisas imprescindíveis quando se trata de manipulações mágicas e magnéticas com o uso de materiais altamente energéticos da Natureza, aliados à magia da geometria sagrada (forma), da magia sonora (sons) e da magia cromoterápica (cores). Tudo isso em conjunto, utilizado por quem entende, transforma-se numa grande ferramenta de trabalho e proteção, pois atuará no campo magnético que nos rodeia.

Não podemos pelo simples fato de “achar” que nada disso é necessário para a humanidade que temos que erradicá-los, pois se o fizéssemos, teríamos também que deixar de comer, de tomar remédios, de beber, de dormir, etc. Temos que utilizar todos os recursos que Deus nos deu, com disciplina, parcimônia e sabedoria. Se tudo isso existe, é para que o homem faça bom uso, e direcione tudo para o bem de todos. Não nos esqueçamos: o homem não foi feito para tudo isso; tudo o que existe à nossa volta foi feito para o homem; usemo-los com sabedoria.

A guia de aço como um talismã tem sim uma ascendência muito grande no que tange à vibração magnética/prânica em comunhão com a Natureza, no campo vibratório e etérico do ser encarnado, mas nunca para atrair ou expulsar um Espírito.

Os talismãs são confeccionados com o exclusivo fim de criar uma aura protetora em torno do seu possuidor. O talismã é exclusivamente defensivo e próprio para desviar cargas magnéticas nocivas enviadas ao seu possuidor.

A guia de aço, como talismã, só pode ser utilizada para quem foi destinada, devido à frequência vibratória estar intimamente ligada ao seu dono, efetuada através da consagração. A guia de aço é de uso pessoal; se for dada a alguém, está deverá ser desimpregnada, purificada e reconsagrada ao seu novo possuidor.

Todos os elementos naturais possuem magnetismo: as pedras, ervas, flores, raízes, animais, águas de todos os tipos, etc.

Quando o magnetismo de algum objeto natural é forte e positivo, nós temos um amuleto natural; eles parecem possuir sobrecarga natural de magnetismo. Através da qualidade que o magnetismo possui de ser transferido de um portador a outro, o amuleto pode transmitir o seu magnetismo.

Com a guia de aço é diferente; o aço possui a propriedade de ser um grande atrator e irradiador de energias eletromagnética e prânicas, e um excelente dispersor de magnetismos enfermicos; esse material é manipulado pelo homem, que lhe dá formato, para depois dinamizá-lo (imantá-lo). Para a “guia de aço” ser efetiva em proteção e dispersões, terá que ser primeiramente purificada, e, posteriormente “consagrada”, preferencialmente por um Guia Espiritual. Para sua purificação e consagração, podem usar o mesmo ritual acima descrito. A guia de aço, no momento da consagração, será dinamizada por uma potente força mental (do Guia Espiritual incorporado), aliada a uma conjuração espiritual, num processo de convocar forças do mundo oculto para catalisar a guia, a fim de irradiar energias benéficas e de proteção, para o auxílio intermitente do possuidor da guia (logicamente, se estiver vivendo dentro da Lei e da Justiça Divina). Observem que no momento da consagração, serão movimentadas forças sutis e livres da Natureza, a fim de imantar a guia de aço. Sem esse procedimento, o fator “protetor/defensor” desta guia ficará difuso.

Algumas emanções fluidicas são perniciosas ao ser humano. O feiticeiro e/ou os Espíritos inferiores, sabedores desse fator, procuram ativar forças etéreas aliadas a certos materiais dinamizados, a fim de conseguir êxito nos processos de “bombardear” a aura e o duplo etérico de seu desafeto, provocando uma série de problemas físicos e espirituais. Também acontece o caso de “auto enfeitiçamento”, por viver constantemente vivenciando doenças morais ou mesmo a presença em ambientes de baixo teor vibratório, onde fatalmente existem fluidos perniciosos à constituição humana, que poderão agregar-se aos corpos sutis e físico do homem.

Se houvesse uma maneira “clínica” de se observar e examinar o duplo etérico de um homem enfeitiçado, auto enfeitiçado ou mesmo carregado de inveja, olho gordo, etc., os médicos identificariam como as radiações negativas, emanadas de uma magia negra e de pensamentos negativos, afetam a base química orgânica, agregando aos corpos sutis e físico uma série de miasmas e larvas astrais, produzindo uma série de enfermidades muitas vezes graves.

A guia de aço, devido a sua ação de ser um excelente condutor e irradiador de energias eletromagnéticas/prânicas, possui a capacidade de conduzir e irradiar a energia vital (prâna) captada para o corpo humano. Igualmente, é um excelente diluidor de energias deletérias de baixo teor energético, descarregando-as naturalmente para a terra, não permitindo seu alojamento e conseqüentemente a criação e proliferação de certos tipos de miasmas e larvas astrais nos corpos sutis e físico do homem.

A guia de aço, por ação radioativa e excelente condução e irradiação, juntamente dinamizada pela eletricidade biológica irá criar um campo eletromagnético em volta do corpo físico e astral do homem, criando uma barreira natural contra vários tipos de fluídos de baixo padrão, não permitindo que adentrem na constituição espiritual e física de quem está usando essa proteção. As energias negativas captadas pela guia de aço serão imediatamente escoadas para a terra.

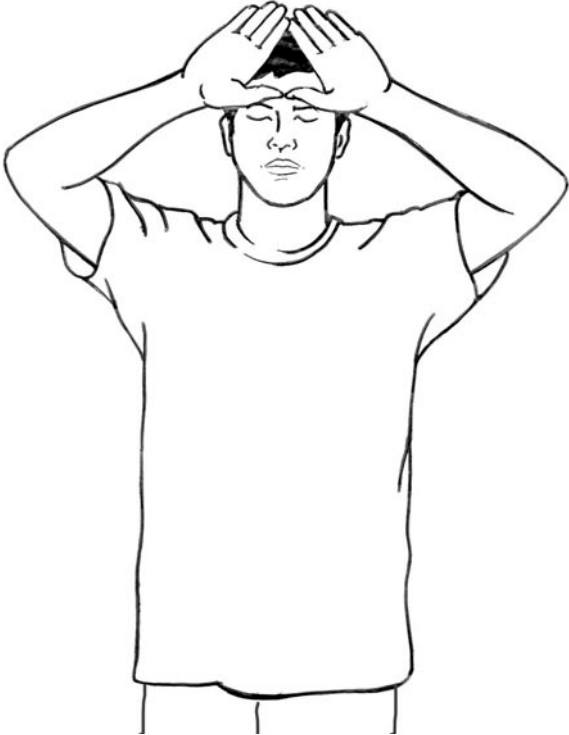
O aço é um metal relativamente moderno e não tem muita história na magia. No entanto, foram descobertos e preservados alguns usos, por exemplo: pedacinhos de aço são levados para proteger contra negatividade. Um anel de aço também serve como um talismã protetor. A energia do aço é emissora, e é ligado ao Planeta Marte.

Recomendações:

- Mesmo uma pessoa descrente poderá usar uma guia de aço, pois esta independe de crença para funcionar; agora, se o seu possuidor tiver fé, com certeza as energias emanadas do aço serão ampliadas grandemente.
- Não colocar a guia de aço em qualquer lugar. Quando for retirá-la do pescoço, como reverência, deve ser acondicionada numa caixinha própria, utilizada somente para ela. Deve ser guardada em sua própria caixinha, sempre limpa e que nunca foi, ou seja utilizada para outra finalidade. Deve ser colocada sempre em local digno, e não se deve ter nada em cima dela; por essa razão, não deve ser guardada diretamente em gaveta, bolsa ou bolso, junto com outros objetos. Não se dispondo da caixinha, pode-se pousá-la em uma folha de papel ou lenço branco que não tenham sido utilizados.
- Não há problemas em portar a guia de aço no pescoço durante o repouso. No entanto, caso haja algum tipo de desconforto, pode-se guardá-la num recipiente adequado, em lugar digno.
- Quando for tomar banho, pode ficar com a guia de aço, aproveitando o momento para higienizá-la fisicamente.
- Quando for praticar sexo, antes, retire a guia de aço do pescoço e guarde-a num recipiente próprio, colocando-a em local digno.
- A guia de aço, por ser constituída de eficientes filamentos de hematita, de excelente condução, desde que devidamente consagrada (imantada), nunca se sobrecarrega, pois estará, naturalmente, e constantemente escoando os fluidos de baixo teor vibratório para a terra; portanto, nunca estará “carregada” de fluidos pesados, não necessitando ser constantemente purificada e nem reconsagrada.
- Se alguém tocar inocentemente em sua guia de aço não tema; ela jamais se contagia com as energias de outras pessoas. Mas, evite que alguém toque-a a fim de fazer chacota ou comentários desairosos.
- É de uso exclusivo do aplicador. Sendo assim, não deve “emprestada” a terceiros.
- Deve-se sempre portar a guia de aço pendurada no pescoço. Como um objeto de poder sagrado e pessoal, no dia a dia, deve ser utilizado sempre por dentro da vestimenta, e nunca pelo lado de fora como enfeite.
- Não é permitido utilizar, na mesma corrente da guia de aço, qualquer outro tipo de pingente. A corrente deve ser de uso exclusivo, e seu comprimento ideal deve ser na altura do coração.
- Devemos atentar que não é simplesmente o uso de uma guia de aço que irá nos proteger e nos livrar de todo o mal do mundo. À necessidade de se criar condições morais, promovendo a necessária Reforma Íntima, Evangelização e conseqüentemente redobrar a vigilância, ajustando-se a uma elevada conduta espiritual. Tudo isso, aliado ao uso de uma guia de aço, estaremos criando condições de obter uma efetiva proteção contra todos os tipos de males que possam nos apoquentar. Se não agir assim, essa guia será tão somente um enfeite dependurado em seu pescoço.

- Pode ser levada a praia, piscina ou atividade esportivas desde, nesses momentos de lazer, seja guardada num local digno e seguro, em seu recipiente próprio, evitando quedas ou perda.

Quanto ao uso, todos os dias, antes de usá-la, devemos proferir a “Oração da Guia de Aço”, para que mentalmente ativemos a energia dinamizada da guia, para assim se tornar mais efetiva e ampliada à proteção energética.

	Oração da Guia de Aço: Antes de colocá-la no pescoço, com a guia de aço entre os dedos polegares, tendo as mãos espalmadas elevadas e para frente, formando um triângulo na altura da testa, profira com firmeza e fé, a seguinte invocação: Em nome do Setenário da Luz; que encerra os mistérios da Santa Cruz; eu me cruzo e me ligo; em corpo e Espírito; com as forças dos Sagrados Orixás.
--	--

Após a invocação, pegar a medalha, ou a cruz, ou a imagem da guia de aço na mão, e enquanto diz o nome dos Sagrados Orixás, cruzar da seguinte maneira:

- 03 (três) vezes na testa, dizendo: por Yemanjá, por Ogum, por Oxossi.
- 01 (uma) vez, na têmpora direita, dizendo: por Xangô.
- 01 (uma) vez, na têmpora esquerda, dizendo: por Yansã
- 01 (uma) vez no alto da cabeça, dizendo: por Oxalá.
- 01 (uma) vez na nuca, dizendo: por Omulú e Obaluaê.

Após tudo feito, colocar a guia de aço no pescoço.

A MÚSICA SACRA UMBANDISTA SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”



Mãe Alice – Praia Grande – Dezembro de 1969, entoando o “Hino da Umbanda”

SOBRE A QUESTÃO DE NÃO UTILIZARMOS ATABAQUES

“A música é o maior poder que já experimentei. Duvido que alguma coisa iguale o seu poder sobre o organismo humano” (Jean Maas).

“A música exerce salutar influência sobre a alma e a alma que a concebe também exerce influência sobre a música. A alma virtuosa, que nutre a paixão do bem, do belo, do grandioso e que adquiriu harmonia, produzirá obras primas capazes de penetrar as mais endurecidas almas e de comovê-las”. (Obras Póstumas – Allan Kardec)

“A música tem o poder de atuar intensamente no mundo interno da pessoa. Tal capacidade faz da música uma arte ímpar, uma experiência estética que mobilize as possibilidades do indivíduo. Este se descobre capaz de criar e de expressar, por meio dela, emoções, sentimentos, estado de espírito.” (Haguinara, 2003)

Neste escrito, vamos analisar, sem paixões, sem preconceitos, sem julgamentos, a utilização dos pontos cantados e o uso ou não de Atabaques na ritualística de alguns Terreiros de Umbanda. Porque os Atabaques não é senso comum em uso nos Terreiros? Porque uns defendem seu uso e outros os abominam? O que o som dos Atabaques provoca no psiquismo humano? O som dos Atabaques tem a magia capaz de capacitar o desenvolvimento mediúnico ou mesmo invocar Espíritos que são atraídos pelas notas musicais? O som dos Atabaques também é capaz de abrir portais espirituais de conexão com os Poderes Reinantes Orixás do Divino Criador? Desarmemos as defesas contundentes, deixemos os achismos, gostos particulares e personalismos de lado, e analisemos o assunto na razão e no bom senso.

Vamos deixar bem claro que todo o exposto nesse capítulo é o pregado e aceito pela “Escola Iniciática Umbanda Crística”, esclarecendo o porquê não utilizamos Atabaques em nossa ritualística. É o que aceitamos, mas respeitamos quem faz uso de tal expediente. Somente devemos saber o porquê e não ficar com divagações e preferências pessoais, apregoando a todos que “Umbanda sem Atabaques não é Umbanda”, pois isto está totalmente em desacordo com os fatos históricos comprovados da anunciação da Umbanda (o Caboclo das Sete Encruzilhadas aboliu o uso de Atabaques); o que sai fora do contexto histórico, primário, é pura especulação, é pura idiossincrasia.

OS PONTOS CANTADOS (CURIMBAS) E SUA SIGNIFICAÇÃO NA UMBANDA

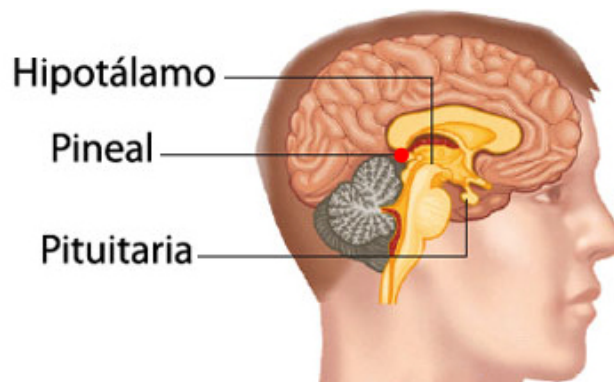
Na terminologia umbandista, “Pontos Cantados”, é o designativo de força e de poder de uma música cantada.

Significado de Curimba e/ou Corimba: de origem Yoruba: formada de “ko” (cantou) + “orin” (canção) + “ba” (realmente) = “Realmente cantou uma canção”. Ou do dialeto kimbundo (Angola), formada pelo prefixo verbal “ku” + “imba” = cantar.

Curimba significa literalmente – canto e/ou cantar –, mas, para alguns umbandistas passou a ter o significado do conjunto de instrumentos musicais do Terreiro, conjugados ao grupo de vozes.

Os pontos cantados, sem dúvida alguma, exercem uma força sobre o ambiente e especialmente sobre o ser humano. Os chacras respondem instantaneamente aos sons, acelerando ou retardando sua rotação e consequentemente a tonalidade de sua cor fundamental.

A glândula pineal imediatamente reage aos sons; ela é a grande responsável pelo nosso intercâmbio espiritual. A pineal no que diz respeito à mediunidade, capta os campos eletromagnéticos, impregnados de informações como se fosse um telefone celular.



A glândula pineal está localizada em uma área cheia de líquido. Qualquer tipo de sonorização faz vibrar de vários modos esse líquido, provocando alguma reação na glândula, e consequentemente influenciando na possível paranormalidade mediúnica ou não do indivíduo.

Os cristais que estão em volta da glândula pineal também recebem influências de vibração e sonorização, potencializando o magnetismo recebido, e consequentemente alterando todo o metabolismo, fazendo com que a possível paranormalidade mediúnica, seja ativada.

“(...) pesquise a ciclagem do impulso elétrico nos neurônios cerebrais e verá que sua frequência ótima (40 Hz), ao ser estabilizada por estímulos externos sonoros ou vibracionais induz com facilidade à expansão de consciência e a eventuais estados de êxtase (razão pela qual se usam aqui maracás, lá mantras, acolá tambores, não sei onde chocalhos e por aí adiante) (...)” (Luis Carlos Teixeira de Freitas).

Está aí, a explicação do que sentimos ao proferirmos orações, rezas, e cânticos religiosos. Aí também reside o porquê de ao ouvirmos determinados sons, reagimos sentimentalmente.

A MAGIA DO SOM

Para muitas culturas, o som é a força divina que se manifesta através das vibrações rítmicas. A cura com som tem nas suas raízes uma sabedoria cujas origens se perdem no tempo. O homem antigo desconhecia métodos organizados de “terapia dos sons”. Mas, na verdade, nem precisava deles, pois conhecia e vivenciava espontaneamente a influência dos sons sobre ele.

O terror provocado pelos trovões, a tranquilidade gerada pelo ruído de uma chuva fina, o enlevo produzido pelo canto de um pássaro, o êxtase a que se é conduzido pelo som de uma flauta: todos esses sentimentos são fruto de efeitos inexplicáveis, mas que sempre atraíram e exerceram forte influência sobre o ser humano. São muitas as referências e numerosos os escritos relacionados à aplicação da música e dos sons na medicina.

Na região próxima a Kahum, no Egito, foi descoberto em 1889 um papiro de aproximadamente 4.500 anos que revelava a aplicação de um sistema de sons e de músicas, instrumentais ou vocais, para o tratamento de problemas emocionais e espirituais. Esse sistema incluía até mesmo indicações para algumas doenças físicas.

A mitologia grega também é rica em informações sobre técnicas terapêuticas de caráter musical. Asclépio, ou Esculápio para os romanos, filho de Apolo e deus da medicina – do qual, acreditavam os gregos, descendia o próprio Hipócrates – tratava seus doentes fazendo-os ouvir cânticos considerados mágicos.

Homero, por sua vez, famoso poeta épico da Grécia Antiga que precedeu Platão, afirmava que a música foi uma dádiva divina para o homem: com ela, poderia alegrar a alma e assim apaziguar as perturbações de sua mente e de seu corpo.

A música e o temperamento

Os gregos antigos chegaram a desenvolver um sistema bem organizado de cura com som, baseado na influência de certos sons, ritmos e melodias sobre o psiquismo e o somatismo do ser humano. Esse poder que se atribuía ao som, ou à música, denominava-se *ethos* e dividia-se em quatro tipos baseados nas quatro formas de temperamento humano (*Na música, o sistema de som conta com 7 tipos: Jônio, Dórico, Frígio, Lídio. Mixolídio. Eólio e Lócrio. Mas com relação às formas de temperamento humano, só são identificados 4 tipos*). São eles:

- **Etho frígio** - que excita, gera coragem e mesmo furor;
- **Etho eólio** - que gera sentimentos profundos e amor;
- **Etho lídio** - que produz sentimentos de contrição, de arrependimento, de compaixão e de tristeza;
- **Etho dórico** - que gera estados mais profundos, de recolhimento e de concentração.

Em todas as culturas antigas, sejam elas egípcia, persa, grega, indiana, chinesa, japonesa ou qualquer outra, existem importantes referências sobre terapia musical ou sobre a conexão entre música e transformações do estado de Espírito. Entre os gregos, ainda, a flauta do semi-deus Pã ficou famosa não só por encantar as pessoas como também por que eliminava os maus sentimentos acumulados no organismo.

O remédio da alma

Platão revelou especial admiração pelo estudo dos efeitos da música sobre os seres humanos e, em particular, por seus efeitos terapêuticos. Afirmava que “a música é o remédio da alma” e que chega ao corpo por intermédio dela. Ainda segundo o filósofo, a alma pode ser condicionada pela música assim como o corpo pela ginástica.

Demócrito, outro filósofo grego, afirmava com convicção que o som melodioso da flauta doce conseguia combater os efeitos da picada de serpentes venenosas.

Esse poder da flauta cuja melodia encanta as próprias serpentes na Índia desde os tempos mais remotos, ganhou fama na Europa durante a Idade Média: acreditava-se, então, que o som da flauta doce era capaz de curar crises de dor ciática, como o confirmam registros da época. Hoje, a medicina natural, além de aplicar esse mesmo recurso em crises de ciática, estendeu seu uso a manifestações agudas de outras doenças nevralgias.

Música, alimento do amor

Esse interesse pelos efeitos terapêuticos da música não se limita aos filósofos e aos médicos. O escritor e pensador alemão Goethe gostava de ouvir sinfonias que considerava inspiradoras e que, segundo suas palavras, “*representavam a fonte do pensamento e do sentimento puro*”. Antes dele, na abertura da peça “Noite de Reis”, Shakespeare já havia colocado na voz de Duque de Orsino um pedido aos instrumentistas: “*Se a música é o alimento do amor, continuem a tocar*”.

São infinitas as citações em que a música aparece ligada a sentimentos, emoções, pensamentos, e essa relação é mais intensa e está mais enraizada nas culturas do que se imagina. Ainda na Índia, por exemplo, o velho hábito de se pendurar sinos nas vacas – animais sagrados para os indianos – tem por objetivo afugentar os maus Espíritos, causadores de doenças; já os japoneses mantêm o hábito milenar de pendurar, nas portas e janelas, instrumentos que produzem sons à passagem do vento; desse modo “purificam-se” as vibrações dos ambientes, criando-se uma atmosfera de calma, de paz, propícia à concentração, à interiorização e mesmo ao convívio harmonioso.

Não há como negar a influência dos sons na natureza anímica e mental do ser humano; esses recursos, aliás, têm sido cada vez mais aproveitados na terapia com som, um recurso terapêutico que utiliza a magia dos sons para harmonizar e curar o corpo e a alma. Vamos versar sobre a questão, “Atabaque”:

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA RITUAL NOS CULTOS BRASILEIROS

(...) as unidades rítmicas de expressão podem ser sonoras como um suspiro, verbais como uma palavra ou ideológicas como um conceito. O ritmo da linguagem não só se desenvolve segundo as unidades de expressão fonética, mas compreende ainda, as emotivas e mentais, perfazendo várias unidades de ritmo contidas num mesmo discurso.

O canto e a risada, a cólera e a alegria buscam um canal rítmico quando um ser humano trata de comunicar seu sentimento a outro ser humano. O sentido acústico da audição tem por fundamento o sentido muscular do esforço e não funciona senão em relação a este último, ou seja, a expressão das emoções, quando é traduzida para elementos sonoros visando a comunicação auditiva, combina-se através do inconsciente com a expressão muscular do movimento e se conectam com o sistema nervoso através das formas rítmicas.

E muitas emoções internas do ser humano por não possuírem conexões musculares e não se ligarem diretamente com nenhum pensamento determinado, encontram sua exteriorização na música através do ritmo.

Sons são emissões que são interpretadas segundo os pulsos corporais, somáticos e psíquicos. A música está na intersecção em que diferentes frequências se combinam e se interpretam porque se interpenetram e o pulso na música se apresenta através dos ritmos somáticos (por exemplo o sanguíneo) e ritmos psíquicos (ondas cerebrais).

Ambos operam em diferentes faixas de onda, em frequências sonoras que se apresentam basicamente em três grandes dimensões: São três dimensões: duração (temporal), altura (dos sons graves aos agudos) e intensidade (volume). Daí a orquestra de Terreiro influenciar as pessoas psíquica e corporalmente e de acordo com a mensagem dos pontos cantados, excitarem e impressionarem o psiquismo como um carimbo através das letras das cantigas e melodias.

A batida de um tambor é um pulso rítmico. Ele emite frequências perceptíveis como recortes de tempo, onde inscreve suas recorrências e variações. Se estas frequências forem tocadas por um músico ou um instrumento capaz de acelerá-las na medida de dez ciclos por segundo, há um salto para outro patamar, o da altura melódica.

A partir de um certo limiar em torno de quinze ciclos por segundo, estabilizando em cem e disparando ao agudo até a faixa possível de se ouvir de quinze mil hertz, o ritmo vira melodia. Nosso ouvido só percebe sinais discretos, separados (portanto rítmicos) até a barreira aproximada de dez hertz (ciclos por segundo).

Entre dez e cerca de quinze hertz o som entra numa faixa difusa e indefinida entre a duração e a altura, que se define depois, através da sensação do som melódico (quando o período das vibrações nos permite escutar a identidade de um possível dó, mi, lá ou si).

É aí que se dá o salto qualitativo, pois muda o parâmetro da escuta. Passamos a ouvir todas as variantes que vão do grave ao agudo, o campo das tessituras – assim é chamado o espectro das alturas. E é aqui, nesse campo, que há o enlace corporal e assim, o som grave tende a ser associado ao peso da matéria, com vibrações mais lentas e pesadas, em oposição à leveza e velocidade da sensação do agudo...

E é assim que se processa, dentro de um rito de Umbanda (seja ligado às nações, encantarias, ou mesmo a rituais onde não há o uso de Atabaques), as tensões necessárias ao êxtase e instase ritual, pois o clímax é atingido pelo inconsciente que se liga à descrição ritual e se abre às possibilidades de conexão com as consciências de outras esferas.

O ritmo está presente no canto (nos Terreiros que só cantam) nas palmas, nos instrumentos de percussão e mesmo nas orações e em sua estrutura poética e sua construção invocativa e evocativa.

E é pela relação do som grave com o corpo, que o Atabaque Rum, o maior dos três (Os outros são o Rumpi, médio e o Lê, pequeno - nomenclatura Gêge) – induz ao transe mediúnico ou anímico, independentemente do culto que se exerça.

(William do Carmo Oliveira)

Entendamos como os seguidores dos cultos afros entendem e cultuam o Atabaque. Iniciemos pelo Orixá Ayom, o “Orixá do Atabaque”:

ORIXÁ AYOM



Do seio de Olodumare, dentro do Orún, estão os Imolés (a palavra Imolé significa: luz brilhante) do qual emanam 400 consciências, casais míticos, denominadas de direita, os Irúnmolés, palavra que significa “Concebidos com a luz do Orún”, Espíritos que não nasceram e nem morreram na Terra, pois são fonte original da luz espiritual. Também emanam 201 consciências da esquerda chamadas Igbàmólé, que significa “Os que guardam a luz” (igbá – cabaça, enquanto substantivo; enquanto numeral, significa 200). Estes Espíritos foram responsáveis diretos pela implantação da evolução em nosso planeta e pelo despertar da humanidade, rumo à civilização. São “filhos” tradutores dos Irúnmolés e são mais conhecidos como Eboras. Dentre eles estão Exu, Xangô, Obaluaiê, Ossain, Yemanjá, Oyá, etc.

Na primeira categoria, dos Irunmalés, por surgirem de dentro da luz de Olorum foram chamados de “FUN FUN”, os Senhores do Branco e são potestades extremamente antigas, a maior parte quase esquecidas. Oxalá é o mais conhecido dentre eles, mas existem muitos outros, praticamente desconhecidos no Brasil.

Dentre eles podemos citar Irawó (as estrelas), Oshupá (A lua), Agba Lodé (A imensidade do espaço) e em especial o Ayom Poolo, o Senhor da Música conhecido como Aña em Cuba e Ayan ou Ayon na África.

Um desses “FUN FUN”, chamado Órúnmílà (que se traduz como “Só o Céu conhece os que se salvaram”), é considerado o primeiro profeta que passou pela Terra para trazer os ensinamentos de Olodumare. Trouxe o conhecimento cósmico, através da Antiga Sabedoria de Ifá, que descreve, num de seus textos, as origens dos primeiros momentos do Universo, o despertar da Gênese por intermédio do Ayom, o Movimento Pontual, a Eternidade no Momento, as Eras, ou o Eterno Sacrificio. Conhecido em várias culturas com praticamente o mesmo nome (Ayom ou Ayan para os sudaneses, Mooyo para os Bantu, Y-Om Ahed para os Judeus, Aum para os Hindus, Eon para os gregos, etc), o Ayom é a potestade que encerra alguns dos maiores mistérios da profunda iniciação, pois está ligada a praticamente todo o sistema de equilíbrio das divindades, estando presente no começo e no fim do mundo, atuando na ritualística de todos os orixás. É o Espírito da Música e segundo os mitos antigos, morava dentro do tambor no princípio dos tempos.

Quando os homens começaram a fazer a guerra, foi libertado por Xangô, que utilizando seu machado, cortou os tambores batá (antigos tambores de duas peles, ainda usados em alguns cultos) ao meio, fazendo surgir os tambores de uma só pele. O Ayom é a entidade que ensinou os homens a falar, a cantar e a preservar e viver a música como fonte de equilíbrio e estabilidade. Por isso hoje, os raros sacerdotes iniciados nos mistérios do Ayom firmam sua força através de um saquinho ou uma cabaça, preenchidos com seus fundamentos que fica fixado dentro ou fora do tambor, o qual produz um som peculiar quando se choca com as paredes do casco. Um tambor bem preparado é um verdadeiro ser vivo, e quase sempre o Espírito do Ayom quando se manifesta nele, induz o Alabê a executar ritmos extremamente hipnóticos e complexos, pois os tambores chegam a “falar” sozinhos.

Quando o Ayom é fixado no tambor o instrumento é chamado de Eléèkóto. O ritual de consagração inclui a pintura do tambor com a assinatura de Xangô. Eléèkóto é representado por uma miniatura de tambor que não pode ser tocada, pois está representando o assentamento do Ayom na Terra.

O tambor batá é um dos instrumentos onde o Ayom pode ser assentado, embora todo e qualquer tambor pode passar por sua consagração. Os tambores Ayom das tradições mais antigas são cilíndricos e não em curva como os batás, mas o que importa é o poder que o instrumento adquire de invocar, curar e até mesmo matar, dependendo do ritmo que se percute, por isso é uma iniciação para poucos, pois o mito do Ayom é bem claro: a música jamais será usada para a guerra!

O preparo de um tambor para Ayom requer muitos cuidados dentro da magia, pois desde a construção até a preparação, são utilizados diversos materiais para a consagração, que vão do azeite ao mel, elementos de alguns peixes e resinas de árvores. Um especial cuidado com as tiras que prendem o couro, com elementos diferenciados e polêmicos são indispensáveis. Normalmente afina-se os tambores próximos a nota Lá.

Os fundamentos do Ayom são conhecimentos que estão praticamente perdidos e são raríssimos no Brasil os iniciados nestes mistérios...

(William do Carmo Oliveira)

TAMBOR XAMÂNICO

O tambor é um catalisador de energias. Todo instrumento que emite som natural, ou seja, não eletrônico, é catalisador da energia refinada que está ao nosso dispor no universo para que possamos curar e sermos curados. Essa vibração penetra a matéria de nossos corpos, relaxa a musculatura, afrouxa as ligações entre as moléculas e propicia níveis mais profundos de concentração.

O som do tambor afina nosso coração com o coração da Mãe Terra, desperta a energia individual e coletiva em ritos e cerimônias, sendo esta energia o despertar de nosso curador interno. O som do tambor é como o som do coração. A batida está dentro de nós, no nosso coração, e trazer esta batida para fora no tambor é exteriorizar nossa emoção, cantar esse momento sagrado, tocar o sopro da alma, vibrando para fora do corpo, é a expressão da alquimia da vida.

Os xamãs consideram o tambor como o “cavalo” que os leva em viagens a outros mundos. O ritmo das batidas altera nossa percepção e estado de consciência, permitindo-nos entrar em contato com os mundos visíveis e invisíveis para proporcionar cura, meditação, auto-conhecimento, empreender jornadas, nos harmonizarmos com a Terra e contatar os ancestrais, Espíritos e animais guardiões.

Encontrar nosso ritmo interno e afiná-lo ao da Mãe Terra é equilíbrio e cura. As mulheres podem sentir os toques do tambor em seus úteros, geradores de vida, tal qual a Terra.

As ancestrais buscavam alinhar coração e útero ao som do tambor, entrando em sintonia com a Mãe Terra, e encontrando assim seu som primordial, bem como o seu som e ritmo interno. O tambor é coração, pulsa cheio de vida, de ritmos que se alteram. O coração, assim como o tambor, é o mapa de toda a jornada de cura. Escutar o toque do tambor é também escutar a batida de nosso coração, sendo assim, é o guia para que nunca nos percamos na busca do contato com outras realidades e energias.

(Marcus Fraga)

O Atabaque é um instrumento sagrado para os cultos africanos. Existem diversos tipos de tambores verticais, dos indígenas aos orquestrais, como os tímpanos. Existe toda uma preparação dos Atabaques, bem como de quem os toca, inclusive com toques festivos especiais para cada Orixá invocado. Assim é na Umbanda? Os umbandistas apropriaram-se dos Atabaques, utilizando-os de forma errônea, desde a sua feitura, consagração, bem como nos toques. Na Umbanda, praticamente, usa-se Atabaques somente como acompanhamento musical. Observem que no Candomblé, utiliza-se os Atabaques exclusivamente para cultos aos Orixás. Na Umbanda Original (de Zélio de Moraes), bem como na “Escola Iniciática Umbanda Crística” não existe culto a Orixá, mas sim, culto a caridade, porque então teríamos o uso de Atabaques em Sessões de Desenvolvimento e Sessões de Caridade? Vamos agora dar uma pincelada da importância dos Atabaques e sua preparação no Candomblé, para podermos avaliar o seu uso na Umbanda:

O ATABAQUE COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO

O Atabaque tem um segredo e é preciso saber penetrar nele. Na África o toque difere dependendo do acontecimento a ser comunicado. Através da audição do toque o receptor pode inferir se alguém nasceu, alguém morreu, ou ainda, se alguém está se casando. Significa que aquele que toca o Atabaque conhece os seus códigos e faz com que o som transmitido comunique exatamente a mensagem desejada. O instrumento tocado pode nos levar a um profundo silêncio, ao recolhimento, a uma mística, a um momento de transcendência; só o toque do Atabaque sem nenhuma palavra já é palavra de Deus oferecida à comunidade.

Esse mesmo Atabaque tocado de outra maneira leva à alegria exuberante, em outro momento ainda, pode revelar a comunicação que as pessoas devem ter entre si, e assim por diante. Toca-se para convocar ou dispersar, para pedir ou agradecer.

Os instrumentos musicais podem servir como veículos de comunicação entre o mundo visível e o invisível. É muito comum na África a crença no poder dos instrumentos musicais para ajudar e influenciar em casos de possessão pelos Espíritos e de exorcismo. Às vezes acredita-se que os instrumentos têm poder ou uma função espiritual mesmo após sua vida útil como instrumentos musicais.

Um tambor é essencial ao culto dos ancestrais e serve como uma espécie de meio de comunicação com eles.

São-lhe oferecidas preces e sacrifícios por parte do chefe antes de invocar os ancestrais que foram outrora tocadores desse tambor, a fim de que abençoem a comunidade e lhe tragam boa sorte, riquezas e muitos filhos. Através de suas vozes e corpos, os instrumentos musicais servem como mediadores entre os seres humanos e os Espíritos. No poder e no sentido a eles atribuídos, têm muito a revelar acerca do imaginário religioso da humanidade...

(A contribuição do Atabaque para uma liturgia mais inculturada em meios afro-brasileiros – Gabriel Gonzaga Bina)

OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO NA RITUALÍSTICA DO CANDOMBLÉ

Os Atabaques têm papel fundamental no culto aos Orixás no Candomblé. O maior tem o nome de Rum, o médio se chama Rumpi, e o menor tem o nome de Lé. As varinhas usadas para toque chamam-se: Aguidavis. O agogô de Kêtu chama-se: Gan.



São objetos sagrados, e seu axé, a força vital que lhes é consagrada, é renovada periodicamente. São usados unicamente nas dependências do Terreiro, não saem para a rua como os que são usados nos Afoxés.

Os Atabaques são encourados com as peles dos animais consagrados aos Orixás. Independente da cerimônia que é feita para consagração quando são comprados, o couro que veio da loja geralmente é descartado, e só depois de passar pelos rituais é que poderão ser usados no Terreiro. A eles são prestados rituais exclusivos, e os sacerdotes do culto lhes prestam respeito.

No mito da criação da primeira Iaô, é o som dos Atabaques o condutor do axé do Orixá e que traz os Orixás à Terra.

Os Atabaques do Candomblé só podem ser tocados pelo sacerdote a isto consagrado: na nação Ketu-Nagô, ele é chamado Alagbê, tendo outras denominações na nação Angola e Congo e na nação Jeje, respectivamente, Xicarangoma e Runtó.

O Alagbê é o responsável pelo Rum, o Atabaque maior, e outros ogans pelos Atabaques menores. É sob o comando do Alagbê que começa o toque e é através do seu desempenho no Rum que o Orixá vai executar sua dança sagrada, sempre acompanhando o floreio do Rum. O Rum comanda o Rumpi e o Lé.

Manuel Querino (1851-1923), considerado o primeiro historiador negro do Brasil, já registrava várias espécies de Atabaques: pequenos Batá, grandes Ilús e os Atabaques de guerra, Batá-cotô, que desempenharam grande papel nos levantes de escravos, na Bahia, no começo do século XIX, o que determinou a proibição expressa de sua importação desde 1835.

Nome dos toques dos Orixás

• Alujá (Shangô) • Agerê (Odé) • Opanigê (Omulu/Obaluaê) • Bravum (Oxalá e Becém) • Ijeshá (Oxum – Logum-Edé – Oxalá)	• Ilú (Yansã – Obá Siou) • Egó (Yansã) • Aderê (Yemanjá) • Batá (Ogum – Eshu)
---	--

(www.dosanto.com.br)

A reportagem abaixo nos mostra claramente que os “sacerdotes músicos dos cultos afros” aprendem os códigos sonoros compostos de dois sons, e os andamentos lento, moderado e rápido, que induzem ao transe anímico, através de hipnose.

SACERDOTES MÚSICOS APRENDEM CÓDIGOS QUE PRODUZEM TRANSE

No Candomblé, o canto e a dança têm importância central. É através deles que os deuses se manifestam no corpo de sacerdotisas e sacerdotes para ficar mais perto da comunidade que os cultua. O comando para proporcionar essa proximidade está nas mãos e vozes de homens preparados especialmente para este fim: alabês, na nação ketu; huntós, na jeje; e xicarangomas na angola.

Como instrumento de comunicação, eles têm os Atabaques – rum, rumpi e lé –, elementos considerados também divindades por sua missão especial. *“Tudo que tem vida tem voz, e a voz do Candomblé é o som retirado dos Atabaques pelos alabês”*, explica a ialorixá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, mãe Stella de Azevedo Santos. Ela reforça que a relação dos sacerdotes é diretamente com as divindades. *“O som dos Atabaques consegue fazer com Orixá muita coisa que a própria pessoa não tem condições”*.

Compromisso – Apesar da nomenclatura diferente para cada nação, as características do posto de sacerdote músico se repetem em todas elas. O cargo é dado a um ogã ou tata, dependendo da tradição litúrgica do Terreiro. O título é exclusividade dos homens que “não rodam”, ou seja, não incorporam as divindades por meio do transe.

Entre os escolhidos para o posto de ogã ou tata, alguns recebem funções rituais específicas, como o abate dos animais nas cerimônias ou dedicação para conhecer os mistérios da música litúrgica. Um ogã é escolhido durante uma festa pública.

A divindade se aproxima dele e o “suspende”, ou seja, pede ajuda para a execução de elementos do seu culto. Se aceita a missão, ele se integra à rotina do Terreiro na condição de “suspenso”, ou seja, à espera do seu processo iniciático que é conhecido como “confirmação”.

Em algumas comunidades, os sacerdotes músicos também possuem o compromisso de construir os próprios Atabaques.

Eles dominam a arte da fabricação desde a marcenaria até o trato do couro animal. *“A relação entre um ogã e a divindade começa a ser construída a partir do momento que a pessoa é suspensa”*, explica Jaime Sodré, doutorando em história social e xicarangoma do Terreiro Tanuri Junsara.

Durante uma cerimônia religiosa, cada canto, toque e dança conta detalhes dos mitos sobre as divindades. Os mitos têm a função de ensinar sobre o porquê da prática religiosa. Sodré explica que, por isso, um bom sacerdote da música tem que estar sempre atento para aprender sobre vários aspectos da sua religiosidade. *“É fundamental que o sacerdote conecte-se com a divindade e com o momento que ela vive na hora do rito”*, diz. Sodré acrescenta que é comum um ogã já ter referência e prática musical, o que não implica que ele vá ser um bom alabê.

“Muito mais do que saber tocar, ele precisa desenvolver as noções e a intimidade com os santos. É assim que ele vai saber o que cada um precisa”, diz.

De acordo com Sodré, um sacerdote músico acaba por dominar a habilidade musical para além da sua função no Terreiro. *“Todo sacerdote músico conhece muito da arte musical. Chamar os deuses é uma missão muito mais complexa do que simplesmente tocar”*, diz.

Poder – O doutor em antropologia, professor da Ufba e religioso do Candomblé Vilson Caetano explica que, como em outras funções das religiões de matriz africana, os elementos ligados à música reúnem símbolos da visão sobre a vida e a formação do mundo. *“O som tirado dos Atabaques imita o que vem do ventre das mulheres quando elas estão grávidas. Na Natureza, isso é bem representado pela cabaça, que é usada para dar o som em ritos que têm a marca do renascimento. Portanto, o alabê estreita essa relação entre o sagrado e a humanidade”*. De acordo com ele, um sacerdote músico, desde cedo, já dá indícios da sua vocação no culto. *“A maioria deles, quando criança, já revela um pendor musical. Começa às vezes batendo na lata”*, diz. Outra característica muito própria dos sacerdotes músicos é a percepção para aprender o tempo inteiro o que cada nota sonora comunica. *“Ele tem que saber ouvir para entender o que está cantando, o sentido e o poder que essas letras e melodias possuem”*, completa.

Senegal - Membro da casta dos griôs – homens que dominam o poder de comunicar a ancestralidade por meio da transmissão de histórias e cantos – Dudu Rose, senegalês radicado na Bahia, diz que em seu país há ritos religiosos que também dão muita importância à música. *“Parecido com a Bahia, as divindades são chamadas pela música. A diferença é que a festa não é feita em locais específicos como o barracão dos Terreiros”*, diz Rose. Ele explica que, no Senegal e em outros países do continente africano, o culto às divindades, que inspirou o Candomblé brasileiro, penetra em vários segmentos da vida social. Por isso há até reconhecimento econômico para o trabalho dos griôs. *“No Senegal, por exemplo, os griôs vivem deste seu dom. Também podemos fazer um danpan (rito religioso local) na praia, na porta de casa ou na rua. O importante é falar com o Orixá”*, explica.

(<http://atarde.uol.com.br/bahia/materias/1468123-sacerdotes-musicos-aprendem-codigos-que-produzem-transe>)

Observe que “a voz do Candomblé é o som retirado dos Atabaques”; não é a voz da Umbanda.

“O som dos Atabaques consegue fazer com Orixá muita coisa que a própria pessoa não tem condições”. Na Umbanda a nossa relação com os Orixás é bem diferente, pois cultuamos a caridade; na “Escola Iniciática Umbanda Crística” inexistente o culto a Orixás, portanto, não existe a questão de ser atuado psiquicamente por Atabaques para haver um encontro anímico/místico com Orixás.

Os sacerdotes músicos aprendem toques específicos nos Atabaques, que, incrivelmente, tem um poder de ação hipnótica, influenciando diretamente sobre o sistema nervoso central, onde o cérebro decodifica os sons, e passa a refletir estados catárquicos, advindos da memória ancestral, sendo colocados para fora nos momentos dos rituais, misturando êxtase + animismo + atavismo + catarse + frenesi = exteriorização corporal/mental arquetípica regional.

PARA CONSAGRAR E DAR DE COMER AOS ATABAQUES DA CASA

Depois de encourados, mande limpar os Atabaques com o Omieró da casa. Feito isso, forra-se um Enim (esteira) no chão, forrada de branco e na cabeceira colocam-se as comidas dos santos a quem se dedica cada um dos Atabaques, três velas, e colocam-se os Atabaques ali deitados, cobertos de branco.

Parte-se um Obi e joga-se para ver se foi aceito. Depois oboriza-se os Atabaques e dá-lhes matança de bichos consagrados aos Orixás a quem pertencem os Atabaques. Em cima do Atabaque, corta-se um pombo. Depois, quando suspendê-los para os seus lugares e os Ogans confirmados tocarão em Bravun, para que eles possam chamar os Orixás.

Depois disso, só quem poderá colocar as mãos sobre elas, serão os Ogans e quando não estiverem tocando, deverão sempre estar cobertos de branco.

Se o santo o qual o Atabaque foi consagrado não levar dendê, nunca deixe que ninguém, sob pretexto algum, coloque dendê em cima do Atabaque de sua casa de santo.

(<http://okitalande.tripod.com/novosassuntos4.htm>)

Creemos que deu para se ter noção de que umbandistas somente utilizam o Atabaque como instrumento de acompanhamento musical com ação psíquica/anímica.

Segundo estudiosos, a feitura de um Atabaque em solo africano em priscas eras era totalmente iniciático. Inicialmente o corpo do Atabaque era feito de madeira específica, colhida com rezas, tudo feito em tempo dia e hora certos. O couro também tinha um preparo especial. O animal era pré-determinado e, durante certo tempo, era alimentado de forma específica. Numa data e hora especiais, era sacrificado, sendo que o couro era curtido de modo particular, com ervas, cânticos, rezas e defumações especiais, para no tempo certo ser inserido no corpo do Atabaque. Depois de tudo devidamente preparado, tinham os sacerdotes “Ogãs” (*A palavra Ogã vem do Yorubá e significa: “Senhor da Minha Casa”*) certos, realmente iniciados nos diversos tipos de “toques”, para o uso magístico desse instrumento magístico. Mas reparem bem – **USO MAGÍSTICO** – os cultos africanos não tinham Sessões de Desenvolvimento Mediúnico, Sessões de Descarregos, e muito menos Sessões de Caridade com atendimentos fraternos. Tudo era e é pura magia.

Raciocinem: Os Atabaques possuem couro animal de onde é produzido o som. Temos então que matar ou mesmo aceitar os restos de um animal morto para poder produzirmos música sacra? Ou usaremos couro sintético contrariando os ensinamentos dos ancestrais africanos em seus cultos primitivos? Já viram couro sintético nas orquestras dos Terreiros de Candomblé, em cultos africanos ou mesmo em cultos xamanistas? Os Guias Espirituais da Umbanda pedem coisas assim? Exigem tambores e suas devidas preparações?

Podem reparar que a preparação e a manutenção de um Atabaque requerem ritualísticas apropriadas, que não fazem parte dos fundamentos originais da Umbanda. Os Atabaques e o seu som percutido que tem sonoridade binária (só dois sons distintos); o Atabaque é aquele instrumento que necessita ser percutido (batido), para que produza som. É um instrumento de altura indefinida, percebido pelo ouvido humano apenas como ruídos e sua frequência, como em todos os instrumentos de percussão que necessitam ser percutidos, vibrar em faixa monocromática (somente uma cor, nesse caso a vermelha), levam o médium a um processo de transe psíquico/anímico, ou seja, estimula o atavismo, a lembrança ancestral, o afloramento do subconsciente do médium. O som dos Atabaques tem a capacidade de tirar do homem da consciência e do juízo. Atabaques não provocam e nem incitam concentração, meditação, silêncio, oração, preparação mental para ações mediúnicas, tão importantes numa Sessão Umbandista, principalmente de Desenvolvimento ou mesmo Atendimento Fraterno.

Atabaque não provoca transe mediúnico; somente o transe anímico. O transe mediúnico poderá acontecer após o anímico, em quem tiver o dom paranormal da mediunidade psicomotora. O inconveniente é o “médium” viciar-se ao som de Atabaque, e só conseguir entrar em estado alterado de consciência (transe anímico) ao ouvir “as batidas do tambor”; pode reparar que médiuns acostumados a se mediunizarem ao som de Atabaques, dificilmente conseguem entrar em estado ampliado de consciência, no silêncio, na meditação ou na contemplação. Esses mesmos médiuns quando visitam um Terreiro que não possui Atabaques, dizem que ali não tem força; que não tem alegria; que ali não sentiram as vibrações do seu Guia, ou mesmo que ali não se faz Umbanda.

Já presenciamos um fato curioso, em diversas ocasiões, em festividades efetuadas na Praia Grande/SP, à Yemanjá, em dezembro, na praia, vários “médiuns” que estavam simplesmente observando Terreiros, começaram a se chacoalharem, rodopiarem, retorcendo-se de forma desordenada, revirando os olhos, ao simples som de Atabaques; estariam manifestando mediunicamente? Não seria simplesmente “catarse arquetípica” ou sugestibilidade?

Em resumo: para cada situação magística (e não mediúnica), um determinado tom musical, determinados instrumentos, determinados ritmos, e assim por diante. Agora poderemos entender porque alguns Terreiros usam o Atabaque e outros não; existem Terreiros que militam numa faixa espiritual que a presença do Atabaque irá causar desarmonias; existem outros Terreiros que necessitam o uso de Atabaques para que suas Sessões Espirituais possam se firmar de modo positivo. Tudo vai depender do tipo de trabalho efetuado e/ou querência dos Espíritos Guias do Terreiro ou mesmo do dirigente ou médiuns.

Músicas de ritmo muito marcado, com uso de instrumentos de percussão, como o samba, ou como o rock, embora funcionem como estimulantes, exercem efeito dispersivo sobre o sistema nervoso, impedindo a concentração e o relaxamento. Muitos estudiosos de musicoterapia em várias instituições de ensino superior pelo mundo afora, tem estudado as influências que certas músicas e certos instrumentos musicais provocam nas pessoas e nos ambientes.

Os instrumentos de percussão, o Atabaque em especial, tocado de forma intermitente e em alto volume por longos períodos, provoca certos distúrbios psicomotores. Assim, conforme sua qualidade, intensidade e quantidade, o som pode beneficiar ou agredir o organismo. O ouvido humano está preparado para resistir a ruídos de alta intensidade apenas durante curtos períodos. Após pouco mais de uma hora de exposição a sons intensos, de aproximadamente 100 decibéis, o sistema nervoso necessita de cerca de 40 horas para se recuperar completamente dessa espécie de “trauma”.

Creemos ter ficado claro, que o Atabaque é tão somente uma linguagem musical, transformando-se em código, veículo, para o mundo psíquico, e nada mais é, que um ativador do sistema arquetípico ancestral (atavismo), toques psíquicos, e através da sugestionabilidade o fiel decodifica o código, entrando em estado de transe anímico; se esse “transe” será somente anímico ou não, depende muito da cultura, conhecimento, dedicação, amadurecimento e espiritualidade do mediano.

Alguns dão ênfase ao fato de que o índio africano tocava Atabaque, que o índio brasileiro tocava maracá, etc., e isso seria importante trazer para a religiosidade umbandista, pois os Espíritos que aqui militam curtem esse tipo de coisa e quando ouvem um cântico devocional com esses acompanhamentos instrumentais, correm, para ver o que está acontecendo. Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, moral, ações, intenções, orações, concentrações harmônicas e não por cânticos e/ou instrumentos musicais. Espíritos que são atraídos por instrumentos musicais e/ou pelos cânticos, com certeza, ainda estão presos em seus egos; e se estão presos ao “eu”, não o desconfiguraremos como um obreiro do bem, mas não podem ser classificados como Espíritos Elevados. Não nos esqueçamos: Os cânticos e os instrumentos musicais somente atuam a nível mental/psíquico, pelo vibrar do liquor envolvente da glândula pineal, provocando estados alterados da consciência, pois o ser se envolve emocionalmente com os sons musicais, deixando-se influenciar conforme o tipo de ritmo, atuando exteriormente em danças, frenesis, animismos e atavismos, influenciando ou não sua paranormalidade.

Vejamos a opinião do Preto-Velho, Pai Joaquim de Aruanda:

“(...) Usa-se música, cantada ou com Atabaque, porque a música lhe deixa conhecer o ritmo da energia que está sendo trabalhada naquele momento.

Por exemplo, uma música mais calma lhe sugere que você está se conectando com uma energia de determinada amplitude e velocidade; Já uma música rápida, com uma outra energia.

A música não é o som. A música não é a energia, mas ela pode lhe ajudar a compreender que energia está vibrando aqui, nesse exato momento. Uma música mais suave pode estar ligada a uma energia mais sentimental, enquanto uma música com Atabaques, a uma energia mais voltada para a coragem, por exemplo. A música apenas marca um ritmo e ajuda você a se orientar por ela. Ela apenas dá o ritmo, mas você, se quiser, entra nele ou não. A música vai lhe sugerir um ritmo para você se coadunar com a energia que está aqui. Podemos dizer que a música é uma interpretação que o ego te fornece da energia que está vibrando agora no centro.

A música também não chama a entidade, ela apenas mostra a faixa de onda para os Espíritos. A música mostra o padrão vibracional que está existindo agora. Por isso a música não chama, ela mostra o que está acontecendo.

O Espírito pode até achar que ao tocar uma determinada música está na hora dele entrar. Ele pode até acreditar, mas não é isso que está acontecendo. Você é que não pode acreditar que ele está sendo chamado por causa da música. Se ele se sente chamado, é criação do ego dele. Ele pode achar que aquele ponto é para chamá-lo, mas não é isso. Não podemos trabalhar a ilusão do outro como realidade para nós.

Por exemplo, ninguém bate para chamar Joaquim de Aruanda, mas para mostrar uma energia. Eu sabendo que aquela é minha hora de entrar, entro. Só isso”.

(Pai Joaquim de Aruanda, através do médium: Firmino Leite)

ALAGBÊS E OGÃS

De acordo com a “Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana”, o significado da palavra “Alagbê” é a seguinte, *in verbis*: “Músico ritual da orquestra do Candomblé. É necessariamente um Ogã submetido aos rituais de iniciação. O nome designou, originalmente, e em especial na mina maranhense, o tocador de agbê (alagbê, “o dono da cabaça”), tendo daí ampliado seu sentido”.

Nota do autor: Muitos umbandistas se auto intitulam de Ogãs ou Alagbês. Vamos entender o que significa essa palavra, e entender que estão se apropriando de um título e de uma função muito importante que pertence à religião do Candomblé.

“Ogã (do iorubá oga: “pessoa superior, chefe”, com possível influência do jeje ogã: “chefe, dirigente”) é o nome genérico para diversas funções masculinas dentro de uma Casa de Candomblé. É o sacerdote escolhido pelo Orixá para estar lúcido durante todos os trabalhos. Ele não entra em transe, mas, mesmo assim, não deixa de ter a intuição espiritual. Os Atabaques do Candomblé só podem ser tocados pelo Alagbê (nação Ketu), Kambondo (nações Angola e Congo) e Runtó (nação Jeje), que é o responsável pelo Rum (o Atabaque maior), e pelos ogãs nos Atabaques menores sob o seu comando. É o Alagbê que começa o toque e é através do seu desempenho no Rum que o “Orixá” vai executar sua coreografia, de caça, de guerra, sempre acompanhando o floreio do Rum. O Rum é que comanda o Rumpi e o Lê”. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ogan>)

Portanto, jamais, nenhum umbandista que faz uso de Atabaques pode-se se auto intitular de Ogã, e muito menos de Alagbê. As Casas Umbandistas que fazem uso de Atabaques, tem somente como tocador de sua orquestra, um simples Atabaqueiro e nada mais.

Dentro da hierarquia do Candomblé, temos vários tipos de *Ogãs*, dentre eles aquele que não tem cargo ritualístico dentro da “Roça”, mas que ajuda financeiramente na sua manutenção. Outros *Ogãs*, dentro da Nação *Jeje*, são responsáveis pelo altar e outros “axés” da Casa (*Pejigan*), o sacrifício ritual (*Axogun*), dentre outros. No caso do *Alabê*, note-se, ele é o “maestro”, o “chefe” dos demais *Ogãs*, sendo que a ele é reservado o maior *ilu* (Atabaque) chamado de *Run*, sendo assim conhecido como *Alabê-Runtó*.

No caso dos músicos, temos também a denominação de *fongbé houn hô tô* que pode ser traduzido, literalmente, como “*tocador de tambor*”.

Podemos perceber, portanto, que tais termos e cargos dentro do Candomblé, em sua maioria, vem da Nação Jeje, relativa ao chamado grupo daomeano, cuja a mais famosa “Roça” é a Casa das Minas, em São Luiz do Maranhão.

A questão que coloco, portanto, é: o que tudo isto tem com a Umbanda?

É, para dizer o mínimo, contraditório, alguns segmentos dentro do movimento umbandista se mobilizarem para festejar o centenário da Religião, cantarem loas ao Caboclo das Sete Encruzilhadas e ao seu médium Zélio Fernandino de Moraes, reconhecerem que foi a partir deles que a Umbanda nasceu, mas não seguirem os princípios que deixaram.

Por mais que eu pesquise, não consegui uma só referência do uso de Atabaques nos rituais da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade ou em qualquer outra fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Estes elementos, portanto, são alienígenas, estranhos à ritualística da Umbanda (...).

(...) Este não é o ponto.

O ponto é que enquanto há uma profunda mobilização de setores do Candomblé, a exemplo do empenho da respeitável Mãe Stella d' Oxossi do *Ilê Àsé Opô Afonjá*, para acabar com a influência ariano-cristã, a Umbanda, uma religião genuinamente brasileira (como adoram alardear por aí), está sendo cada vez mais africanizada.

Antes que os puristas (hipócritas) de plantão venham atirar pedras em mim, nada tenho contra a cultura negra, pelo contrário. Minha ascendência é europeia-afro-ameríndia, como a da maioria dos brasileiros. Gosto de percussão, samba, pagode e tenho excelente relacionamento com vários *Babalorixás* e *Yalorixás* do Candomblé, do Omolokô e de outros segmentos da Umbanda (...).

(...) Esta “umbanda do vale-tudo” que apregoam por aí, nada mais é do que uma forma rasteira de angariar simpatia e, consequentemente, aliados para os projetos megalomaniacos de uns e outros. Tudo é válido, tudo pode, mesmo que sejam práticas antagônicas, como Umbanda e Catimbó, por exemplo.

(<http://vozesdearuanda.blogspot.com.br/2008/08/alabs-e-ogs.html> - com adaptações do autor)

Corroborando com o nosso pensamento, vamos a elucidação de Wilson Woodron da Matta e Silva (Mestre Yapacany), dirigente, estudioso e escritor umbandista:

A FORÇA REAL DAS PALMAS E DOS TAMBORES E O QUE ELES PODEM PROVOCAR

Agora, para elucidar tanto quanto possível esse assunto ritual, vamos dizer coisas sobre a “força real” das palmas e dos tambores e o que podem provocar, a fim de elucidar um pouco os que os usam, pois a maioria o faz pela “força ou hábito” de uma “tradição africana”.

Começarei afirmando que o bater das palmas provoca, invariavelmente, grande excitação anímica, pelo despertar de certos ângulos sombrios do atavismo e mesmo dos instintos.

Por que? Devo lembrar que as mãos são os instrumentos por onde se processam os passes, as curas, etc. Pelas mãos, especialmente, é que se recebe e se dá, quer da corrente de energia cósmica, quer dos fluídos magnéticos das Entidades espirituais.

As mãos são condutoras e está provado, cientificamente, que, nelas se concentram mais de 280.000 terminações protoplasmáticas (na palma da mão) em forma de sutis correntes nêuricas e que fazem gravar nelas todas as alterações orgânicas e estados psíquicos visto a mente influir decisivamente no estado fisiológico de um indivíduo.

Sabe-se mais que uma pessoa tem em cada mão 07 pontos vitais de concentração protoplasmática ou nêurica a que dão o nome de Montes Planetários, na astrologia esotérica em relação com a Quiromancia e a Quirologia médica.

Nota do autor:

Existem 18 núcleos sensoriais em cada mão, fechando um circuito importante de energias. Esses núcleos atuam diretamente nos circuitos nervosos cranianos da cabeça e da parte superior do corpo no sistema pneumogástrico ou vago. Os cinco dedos da mão esquerda representam os cinco sentidos do sentimento, enquanto os dedos da mão direita, representam os cinco sentidos da razão (cremos que nos canhotos é o contrário). Significa então que mente e coração devem estar em harmonia, para que o nosso pensar e agir, estejam de acordo com a verdade.

Esses montes ficam na base de cada dedo e outros em determinadas zonas da palma da mão. Ora, pelas mais simples das relações e sem querer aprofundar muito o assunto, se esses montes são condensadores de energia e se, ao bater as palmas, uma criatura choca violentamente uma mão contra a outra, isto é, esses 07 montes de cada uma, o que pode acontecer? Um choque de energia ou de fluídos ou corrente nêurica, que se comprimem, se excitam, excitando toda corrente do sistema neurossensitivo do indivíduo, pela circulação, etc. E em consequência disso os pensamentos, todo o psiquismo da criatura também se altera, dado o impacto provocado nos seus neurônios sensitivos.

Então, a excitação impera, já atingindo todo o sistema neuromuscular e assim, lá vem forte, pulando de dentro pra fora, certa classe de impressões atávicas, fetichistas, guerreiras, e até certos impulsos ou sensações instintivas, etc.

Dentro dessas condições que se veem as criaturas ditas “médiuns” pularem, gritarem, se contorcerem com o “santo” e tomarem outras atitudes ou gestos esquisitos, feios, de olhos arregalados ou esbugalhados, etc. Isso tudo comumente se processa ao som dos tambores, ainda para excitar mais. E os tambores, que são e para que servem?

Os tambores, foram, num passado distante, instrumentos mágicos, porém, atualmente, são nada mais nada menos do barulhentas expressões para fins de batucada, samba e, por que não dizê-lo? Servem também para alegrar os Terreiros, em seus festejos, suas “chamadas de santo”, de Orixá, etc.

Num passado distante, os tambores eram instrumentos mágicos, e o segredo do preparo do tambor ritualístico era usado e fazia desse instrumento algo muito diferente do que existe hoje por aí.

Esse segredo era transmitido pela tradição oral, de “Babalaô a Babalaô ou de sacerdote a sacerdote”, tal era a importância dada ao seu preparo mágico.

Diferente como são feitos os tambores que hoje são feitos hoje por aí. Feitos às dúzias, comercialmente, e tanto servem para os “Terreiros”, como para as “batucadas do cara-suja (carnaval)”. Geralmente são feitos de couro de cabrito e de madeira comum.

O preparo mágico era fator importante para a preparação deste instrumento e se processava da seguinte maneira.

Nos primitivos Cultos Afros os segredos mágicos eram conservados e transmitidos, pela tradição oral, com muito cuidado, inclusive aquele que ensinava a preparar esses tambores.

Assim é que escolhiam um cabrito todo de pelo branco, sem ter ainda cruzado, e três dias antes de uma determinada fase da lunar (na fase única e apropriada) davam-lhe uma lavagem intestinal ao mesmo tempo em que passavam a alimentá-lo com certas folhas ou ervas apropriadas.

Quando essa fase lunar entrava, ele era sacrificado ou abatido e o couro passava a ser curtido ou preparado em banhos de ervas e raízes apropriadas e relacionadas com o Orixá ou com a força da Natureza que eles queriam que influíssem no couro.

Tudo isso se processava dentro de certos cuidados e evocações especiais (espécie de encantamento mágico, de palavras e cânticos).

Daí se esperava a nova fase da lua para esticar ou colocar o couro sobre o tambor de madeira propriamente dito.

O tambor, preparado dentro desse “mistério” ou dessa forma especial, emitia os ruídos ou vibrações de som, bastante diferentes desses dos tambores comuns. E ainda observavam o seguinte -- os primeiros sons e vibrações desse tambor eram aferidos ou dados, em certa hora, de certo dia, dessa fase lunar. Dava-se um encantamento, uma operação mágica, porque os primeiros sons eram tirados de acordo com um cântico especialíssimo (espécie de mantra) de imantação de forças. A pessoa ou o ogã que faziam isso conhecia o segredo completo desse preparo, dos cânticos e também uma espécie de escala de batidas ou toques, com os quais produziam sons especiais, para o Orixá a quem esse objeto ou tambor havia sido votado. Depois disso é que tocavam para outros Orixás.

Não se batia tambor como se bate hoje em dia, nos Terreiros... onde se quer é barulho, alegria, excitação, etc.. A coisa era diferente. Pode-se afirmar com toda certeza, que os ruídos desses tambores comuns, conforme são batidos hoje, são altamente prejudiciais aos que realmente são médiuns... acabam atrofiando seus plexos nervosos (por onde a mediunidade forma os contatos orgânicos, físicos, etc..) que vão gradualmente (nesses médiuns) perdendo os positivos fluídos de contato com as Entidades, etc.

E para os que não têm mediunidade, gera a excitação anímica, essa que produz esse curioso fenômeno de “receber o santo”.... além de atrair, pela lei dos semelhantes, Espíritos da classe dos kumbas, etc., que passam a atuar nos médiuns e os que se dizem ou querem ser. Isso, bem compreendido, da forma que são usados e tocados.

Por isso, irmão, se você anda em algum lugar que incentiva essa prática, inclusive dizendo que essa é uma forma de ativar certos pontos para sua mediunidade, cuidado....

(Trecho retirado do livro: “Lições de Umbanda e Quimbanda na Palavra de um Preto-Velho” – Wilson Woodron da Matta a Silva (Mestre Yacapan) – 6ª edição revista e ampliada)

A MÚSICA E OS ELEMENTOS DA NATUREZA

Cada classe de instrumentos possui características comuns que lhes concedem qualidades genéricas, por isto os efeitos exercidos sobre o campo energético circundante são diferenciados de conformidade com a categoria. Basicamente existem três categorias de instrumentos: de cordas, de sopro e de percussão e cada uma dessas classes tem uma especificidade sobre determinados chacras e centros psíquicos, como por exemplo, os instrumentos de percussão atuam mais intensamente sobre o chacra raiz (base da espinha dorsal). (...)

(...) o som dos instrumentos de percussão têm muito a ver com o lado material do ser por efetivar maior nível de ressonância no chacra da base da espinha o qual está relacionado diretamente com a sexualidade. (...)

(...) Falamos dos instrumentos musicais, mas vale salientar que nenhum deles compara-se à voz humana. Os indianos sempre sublinharam que a primazia da música cabe à voz sendo ela, portanto, um dos meios mais potentes de expressão das forças cósmicas, bem superior aos sons de instrumentos inanimados. (...)

(Trecho de: José do Egito)

A MÚSICA E O TRANSE

Os sons

Um outro ponto a ser estudado diz respeito aos efeitos da música a nível espiritual, pois tal como ela nos afeta física, mental e emocionalmente, também nos influencia em um nível espiritual, o que, num certo sentido, reveste-se de grande importância no desenvolvimento espiritual.

Qualquer envolvimento ativo com a música, quer seja compondo, executando ou ouvindo, envolve estados especiais da mente.

Existem dois tipos de música que são normalmente usados para fins espirituais em todo o mundo; um é aquele que pode induzir um estado de transe; o outro o que favorece o estado meditativo.

A música como meio de indução de transe é frequentemente tocada, quer accidental ou intencionalmente. Sabe-se que o estado de transe pode ocorrer facilmente quando padrões rítmicos repetidos são ouvidos por tempo suficientemente prolongado. Neste caso quase não segue uma linha melódica, pelo que se pode dizer que tem um caráter plano. Trata-se de um gênero muito usado em diversas regiões, especialmente na Turquia, na África, na Indonésia, no Caribe, no Brasil, em outras partes do mundo em que as sociedades xamânicas continuam ativas, podemos mesmo dizer música capaz de induzir estado de transe está presente em todas as culturas.

Geralmente a música de transe se baseia em sons de instrumentos de percussão, especialmente Atabaques e tambores.

Estudos especializados têm mostrado que a batucada rítmica é o meio mais usual de ocasionar estados de transe. Este tipo de som induz características de comportamento pelo efeito que causa sobre o sistema nervoso central.

Experiências científicas têm mostrado que lâmpadas brilhantes piscando em uma frequência correspondente a das ondas alfa do cérebro determinam esse tipo de onda cerebral, e também que uma ligeira mudança na frequência da luz resulta em uma mudança equivalente na frequência das ondas. Esse tipo de experiência também foi feito tendo como objeto o som se obtendo resultado semelhante. Verificou-se que o mesmo acontecia com as pessoas que participam de cerimônias ritualísticas em que se faz presente sons de tambores.

Evidencia-se que tambores soando numa frequência rítmica específica, em ciclos por segundo, correspondente a frequência das “ondas alfa” afeta as áreas sensoriais e motoras do cérebro, que em condições normais não são afetadas, produzindo as seguintes mudanças de comportamento dos participantes:

- Alterações sensoriais: Percepções de formas coloridas, modificações na cor da aura, nos movimentos, e nos sons;
- Movimentos físicos tais como balanços, giros, tremores, contrações e saltos;
- Percepções e alucinações incomuns; e,
- Aumento da velocidade da respiração, batimentos cardíacos muito rápidos, transpiração abundante e revirar dos olhos.

A estimulação sensorial na verdade é causa do estado de transe que é a meta desejada daquelas cerimônias que, via de regra, associado às danças ritualísticas. A clarividência amiúde acompanha o êxtase dos dançarinos e assim aqueles que entram em transe profundo podem prever o futuro, aconselhar as pessoas e comumente atuar como intermediários em processos de cura.

Nas mencionadas cerimônias, de início, o ritmo dos tambores, as danças e os cânticos são suaves, mas vão aumentando gradativamente em cadência e em volume até que os participantes sucessivamente vão entrando em estado de transe cada vez mais profundo. Quando esse nível é atingido a cadência e o volume são mantidos. As mencionadas cerimônias são uma parte importante na vida espiritual de muitas pessoas. Neste sentido dois objetivos se fazem sentir. Um diz respeito à aquisição de poderes para serem usados com objetivos negativos, para explorações, ou mesmo para causarem algum tipo de sofrimento aos outros os influenciando e tirando proveitos dos mais diversos tipos.

Mas existe grande número de pessoas cujo propósito é a comunhão com o mundo dos Espíritos mediante o estímulo à perda de percepção do ego como entidade individualizada e separada e em tal condição elas podem sentirem-se em união com o mundo.

A música de transe, portanto, afeta o corpo alterando a frequência das ondas cerebrais e inundando as áreas sensoriais do cérebro que pelo mecanismo mencionado antes acaba afetando o sistema glandular, aumentando assim a produção de hormônios, o que, por sua vez, afeta as emoções e a mente. Isto foi comprovado por dois pesquisadores nos Estados Unidos que estudaram o efeito da música sobre o cérebro concluindo:

“A música aumenta os metabolismos corporais... aumenta ou diminui a energia muscular... acelera a respiração e diminui a sua regularidade... produz um efeito distinto, mas variável, sobre o volume, o pulso e a pressão sanguínea... reduz o limiar dos estímulos sensoriais de diferentes modos... influencia as secreções internas (...).”

Disto se conclui que, em consequência de determinados sons, o sistema glandular aumenta a produção de hormônios que, por sua vez, afeta as emoções e outros processos psíquicos.

Podemos dizer que o transe é um estado de consciência induzido pelo corpo físico para fins espirituais e, portanto, a música usada em determinadas cerimônias deve ser escolhida de conformidade com o resultado que se espera obter, ou a fim de efetuar mudanças físicas que se fizerem necessárias. Diante da capacidade dos sons em geral, e da música em particular, determinar estados de transe é preciso que a pessoa que participe de uma cerimônia em que isto esteja em jogo tenha o máximo de cuidado, pois em estados alterados de consciência a pessoa torna-se muito mais susceptíveis às influências externas. Diante disso a mente torna-se sujeita a entrar em sintonia com o lado negativo da natureza e assim se tornar objeto das mais diversas influências espúrias. Por outro lado, ela também pode acessar o lado positivo, pode reprimir o ego e sentir as benesses do Eu Maior.

Podemos encerrar esta palestra dando ênfase ao que disse Randall McClellan em seu livro “O Poder Terapêutico da Música”:

“No nosso corpo físico ocorrem mudanças decorrentes da sua exposição aos sons e à música; essas mudanças podem ter lugar mesmo que não as percebamos conscientemente. Significativamente, pode não ser necessário manter a consciência para que essas mudanças ocorram ou até não ser preciso darmos uma permissão para que tenham lugar. Por causa disso, uma parte considerável da responsabilidade pelo efeito físico da música pode caber aos que a executam, pois ela não exige uma permissão consciente por parte do ouvinte para nos afetar ao nível físico e psíquico. Durante qualquer apresentação musical, os músicos devem entender que aquilo que criam faz ressoar fisicamente cada pessoa do público, e que o nível de ressonância pode ser intensificado de acordo com o número de pessoas presentes. Portanto, os músicos devem estar constantemente sensíveis aos efeitos de sua música e ter clareza sobre suas intenções”.

(José Laércio do Egito - F.R.C.)

O USO DE “ATABAQUES” NA UMBANDA

Importante: Deixemos de lado o “encantamento” particular que muitos têm pelos Atabaques, defendendo de unhas e dentes o seu uso na Umbanda, pelo simples fato de gostarem, ou mesmo “acharem” que é certo. Até aqui, abordamos tão somente o fator científico/psíquico do som dos Atabaques no transe. Portanto, usemos a razão e bom senso, raciocinando a luz da ciência.

O grande ponto de divergência e discussão é esse: “O Caboclo das Sete Encruzilhadas não admitia Atabaques e nem mesmo palmas nas sessões. Apenas os cânticos, muito firmes e ritmados, para a incorporação dos Guias e a manutenção da corrente vibratória”. (Zélio Fernandino de Moraes).

No início, quando a Umbanda foi anunciada pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, não havia a utilização de Atabaques; apenas haviam cânticos sem acompanhamento nenhum, entoados de forma harmoniosa. O ritmo era mantido com o bater compassado dos pés no chão. Até mesmo as palmas acompanhando os pontos cantados eram desaconselhadas. Porque será que o Caboclo fez essa exigência?

O Caboclo das Sete Encruzilhadas como iniciador da Umbanda no Brasil disse: “Não haverá bater de tambores” – “não haverá palmas ritmadas”. Não disse que poderiam utilizar se quisessem, mas não deixou maiores explicações por escrito, ou em gravação. Fomos a campo para descobrir o porquê dessa “proibição”. Encontramos uma importante informação, em arquivo de áudio, dito pelo próprio Zélio de Moraes:

Acima, no subtítulo: “A FORÇA REAL DA PALMAS E DOS TAMBORES E O QUE ELES PODEM PROVOCAR”, W.W. da Matta e Silva já deu uma explicação plausível, quanto ao uso de palmas, dispensando maiores comentários

ZÉLIO DE MORAES, O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS E O USO DE ATABAQUES NA UMBANDA

“(...) o chefe acha que espiritismo não é pra perder tempo, que o Espírito baixa, é pra fazer caridade, ou pra ensinar, o chefe não sai daí; ou pra ensinar, ou pra fazer caridade (...)”

Assim como em outros assuntos pertinentes aos fundamentos da Umbanda praticada na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, muito tem se falado sobre o não uso de Atabaques e instrumentos musicais na Tenda mater da Umbanda bem como nas poucas Casas que seguem os ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

O problema é que muitas vezes a explicação dada é sempre baseada em suposições duvidosas e infundadas, para justificar na maioria das vezes, o uso do Atabaque.

(...) venho disponibilizar este arquivo de áudio de grande importância, contendo o real motivo da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade não usar Atabaques nas suas atividades mediúnicas até hoje, mais de 100 anos após a manifestação do seu Chefe.

Após a dissertação de João de Oliveira e de uma troca de ideias entre o jornalista, Zarci (filho de Zélio) e Lilia Ribeiro sobre o assunto, Zélio se manifesta aos 13 min. de áudio, pela segunda vez e expõe de maneira clara a opinião do Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“Bater tambor para fazer bonito, escutar e todo mundo... não é pra nossa Umbanda, Espírito não perde tempo; quando baixa é pra fazer caridade; o Chefe não aceita e eu não saio fora do Chefe”*.

Fica mais do que claro com este arquivo, que a política da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio de Moraes de não usar Atabaques e qualquer outro tipo de instrumento musical em seus rituais de Umbanda, em nada tem a ver com possíveis crises de labirintite do dirigente desta casa, ou ainda, pela repressão policial existente na época da fundação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, e sim por motivos doutrinários, ensinados pelo próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, onde se entende que o uso de Atabaques, tambores e demais instrumentos geram um ambiente pernicioso à concentração e disciplina exigida para o desenvolvimento dos médiuns e da execução dos trabalhos.

(Trecho de: Pedro Kritski)

Vamos discutir o primeiro ponto importante e decisivo para entendermos que os Atabaques foram introduzidos na Umbanda por pura aceitação pessoal de umbandistas, e não pela orientação do anunciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas que foi categórico quando disse: *“... O Caboclo ditou certas normas para a sequência dos trabalhos, inclusive atendimento absolutamente gratuito, roupa branca, simples, sem Atabaques, nem palmas ritmadas e os cânticos seriam baixos e harmoniosos”* (Zélio Fernandino de Moraes).

“Atabaque na Umbanda é rito, e não fundamento”

- **Rito:** *“É um conjunto de atividades organizadas, no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual”. “Cerimonial de um culto, determinado por uma autoridade”.*

Nesse caso, um rito (rito é diferente de ritual) nada mais seria que uma ação determinada por uma autoridade local (idiossincrasia), e não pela autoridade total (anunciador), ou seja, no caso, o uso de Atabaques num Terreiro é determinado por uma autoridade local (dirigente) de um Terreiro de Umbanda, mas o uso do Atabaque não foi estabelecido pela autoridade total (anunciador da Umbanda – Caboclo das Sete Encruzilhadas).

- **Fundamento:** *“Alicerce; base; causa; motivo”. “Conjunto de princípios de um sistema. Fundamento da lei”.*

Nesse caso, fundamento nada mais é que a razão ou argumento que se funda uma tese, concepção, ponto de vista, etc.; base de apoio. O Caboclo das Sete Encruzilhadas fundamentou e alicerçou suas normas para a Umbanda, e foi textual ao abolir o uso de Atabaques, instrumentos próprios e corriqueiros nas Macumbas cariocas.

É fato indiscutível, se a presença ou não de Atabaques num Terreiro não vai interferir no resultado final dos trabalhos espirituais; só a segurança, consciência, amor, dedicação, devoção do medianeiro poderá decidir. O uso de Atabaques não vai de maneira nenhuma invocar, evocar, aproximar Espíritos Superiores e/ou Elevados de nós, de maneira nenhuma.

Uma coisa é certa: o uso de Atabaques na Umbanda, interfere sim, provocando letargia, pois seus ritmos são em compassos compostos de dois sons, e os andamentos lento, moderado e rápido, tendo sua frequência vibrando na cor vermelha, somente atuará a nível psíquico, vibratório, hipnótico, tanto na alma como no físico, ocasionando o transe anímico, e após, pode como que, “facilitar” para alguns, a manifestação de algum tipo de paranormalidade.

Pode-se até utilizar os Atabaques a nível magístico como indutor, capacitador, atrator e expensor de magnetismos psíquicos e desagregador eólico de magnetismos negativos, mas, nunca como ativador, evocador ou invocador de Espíritos Superiores e/ou Elevados. Qualquer música, com ou sem acompanhamento instrumental só tem atuação psíquica e nada mais. Aliás, os instrumentos musicais foram feitos para o homem, e não o homem para eles. Se ficarmos “presos” a instrumentos musicais para exteriorizarmos nossa espiritualidade/mediunidade, com certeza atuaremos como médiuns incapacitados, como fazem os viciados que para terem momentos felizes de libertação mental ou indução ilusória, fazem uso de entorpecentes, pois não tem a capacidade própria de externarem suas alegrias por si só.

O mesmo acontece com a ingestão de bebidas alucinógenas e/ou enteógenas para querer capacitação para encontrar com o divino; sabemos que nos momentos de atuação de alucinógenos, é a nossa mente que entra em estado alterado, provocando visões e cenas particulares. São dependentes absolutos. A “Escola Iniciática Umbanda Crística” (bem como a doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas) não aceita de forma alguma, qualquer tipo de indução hipnótica para se entrar em contato com o Sagrado, com o Divino; basta a fé, amor, dedicação, concentração, contemplação e devoção.

Devemos entender que não existe cânticos e instrumentos musicais que atraia ou mesmo expulse um Espírito. Isso é engodo. Vejamos a opinião abalizada dos Espíritos Superiores no “Livro do Espíritos” de Allan Kardec: Pergunta: Qual pode ser o efeito de fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos? Resposta: *“O de torná-las ridículas, se são de boa-fé; no caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são charlatanice; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais”*.

Os cânticos e os instrumentos musicais têm sim uma ascendência muito grande no que tange à vibração magnética mental/psíquica no campo vibratório e etérico do ser encarnado, mas nunca para atrair ou expulsar um Espírito.

Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, moral, ações, intenções, orações, concentrações harmônicas e não por cânticos e/ou instrumentos musicais. Espíritos que são atraídos por instrumentos musicais e/ou pelos cânticos, com certeza, ainda estão presos em seus egos. Não nos esqueçamos: Os cânticos e os instrumentos musicais somente atuam a nível mental, pelo vibrar do liquor envolvente da glândula pineal, provocando estados alterados da consciência, pois o ser se envolve emocionalmente com o furor musical, deixando-se influenciar conforme o tipo de ritmo, atuando exteriormente em danças, frenesis, animismos e atavismos, influenciando ou não sua paranormalidade.

“Os tambores mexem mesmo com o psiquismo humano. Já está provado que tambores em ritmos cadenciados podem levar a mente humana a estados de transe (estado alterado de consciência), desencadeando, a partir daí, possibilidades mil. Repare quais são os ritmos, na atualidade, que mais chamam as pessoas para participarem das “danças” (aqueles em que as pessoas, quando se dão conta, já estão acompanhando) e verá que em todos os casos esses ritmos são cadenciados por tambores a exemplo do samba mesmo e do funk. Tambores são usados para induzirem estados de transe desde a mais remota antiguidade. O que se deve estar preocupado sempre é com o que nos atuara através desse estado de transe que, na verdade, é apenas um estado passivo de consciência que abre portas para atuações exteriores a esta consciência, das mais variadas espécies.” (<http://umbandasemmedo.blogspot.com.br/2007/11/perguntas-e-respostas.html>)

Portanto, de nada adianta querer, com um simples bater de Atabaques ou cânticos, invocar um Orixá ou Guia Espiritual num filho de fé. O que acontece, como vamos explanar melhor mais abaixo, é a simples sugestão, hipnose moderada ou intensa, psíquica, que provoca magnetismos materiais, levados a serem emanções das esferas superiores, que sabemos definitivamente não ser.

Mais uma vez lancemos mão da Codificação Kardeciana, onde os Espíritos Superiores nos orientam:

“251. Os Espíritos são sensíveis à música? – Trata-se da vossa música? O que é ela perante a música celeste, essa harmonia da qual ninguém na Terra pode ter ideia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia. Não obstante, os Espíritos vulgares podem provar um certo prazer ao ouvir a vossa música, porque não estão ainda capazes de compreender outra mais sublime.

A música tem, para os Espíritos, encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo quanto a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.” (Trecho extraído do: “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec)

Vamos lembrar alguns tópicos do livro: “Coletânea Umbanda – A Manifestação do Espírito para a Caridade I”, com a opinião do anunciador da Umbanda:

A INDÚSTRIA DE “FAZER SANTO” É UMA VIGARICE

O fundador da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas (que foi padre em vidas anteriores), ao se incorporar no médium fluminense Zélio de Moraes, ditou as normas de como deviam funcionar os Terreiros de Umbanda, praticando a caridade gratuita; sem tocar tambores nem palmas no acompanhamento dos cânticos; fazer desobsessão transportando os Espíritos maus para os médiuns de incorporação, doutrinando-os e afastando-os, aliviando os doentes, curando-os da falsa loucura.

Zélio de Moraes, que faleceu aos 83 anos, em 1975, ao ser entrevistado por Ronaldo Antônio Linares, presidente da Federação Umbandista do Grande ABC, na Rua Visconde de Inhaúna, 1.174, Vila Gerty, em São Caetano do Sul, diz:

“Não havia Umbanda antes de 1908. Havia a chamada macumba, que era feita pelo Candomblé, por causa das oferendas aos santos. A Umbanda não é macumba, não é Candomblé. Na Umbanda não se usa isso. Nós não batemos tambor (Atabaque). Quem bate é macumba. Nossa Umbanda não tem tambor e nem palmas, nem roupa de seda. Aqui, em meu Terreiro, se usa roupa simples de algodão e sapato de corda (nota do auto: é a conhecida “alpercata ruada”) ou descalço. Não tem seda e nem luxo.

Tenho ouvido que muitos umbandistas aqui na Guanabara estão “fazendo santo”. Médium fazer santo? Eu não creio nisso. Trazemos isso do berço; ninguém bota santo na cabeça dos outros.

Em nossas sessões, temos a preocupação de curar os loucos (desobsessões). Já foram curados muitos, que estavam em sanatórios e que era de outras religiões. Eu trabalho com o Orixá Mallet, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos e obsedados”.

*****//*****

Vamos destacar outro trecho de uma entrevista concedida por Zélio de Moraes que comprovam a deturpação da Umbanda em nossos dias: *“Os meus Guias nunca mandaram sacrificar animais, nunca permitiram que se cobrasse um centavo pelos trabalhos efetuados. No Espiritismo, não se pode pensar em ganhar dinheiro. Deve-se pensar em Deus e no preparo da vida futura. O Caboclo das Sete Encruzilhadas que incorporou em 15 de novembro de 1908, não permitia Atabaques, nem palmas para marcar o ritmo dos cânticos, nem objetos de adorno, como capacetes e cocares, etc.”.* Aí está à prova: Os vigaristas e malandros da Umbanda cobram consultas e dão listas para despachos. Infernizam os vizinhos com Atabaques e enganam doentes com problemas espirituais. (Notícias Populares 12/06/1977 – reportagem de Moacir Jorge)

Palavras textuais de Zélio de Moraes: *“O Caboclo das Sete Encruzilhadas não admitia Atabaques e nem mesmo palmas nas sessões. Apenas os cânticos, muito firmes e ritmados, para a incorporação dos Guias e a manutenção da corrente vibratória”.*

Leal de Souza, dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das sete Tenda fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, (em 1932), sobre a “Macumba” no capítulo XIII de seu livro nos diz: (...) *“A Macumba se distingue e caracteriza pelo uso de batuques, tambores e alguns instrumentos originários da África. Essa música bizarra em sua irregularidade soturna, não representa um acessório de barulho inútil, pois exerce positiva influência nos trabalhos, acelerando, com suas vibrações os lances fluídicos”.* (...)

Lilia Ribeiro, no septuagésimo aniversário da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade: *“(…) Existem, é justo dizer, numerosos Templos que, embora adotando vestimentas coloridas, Atabaques e rituais complexos, dirigem os seus trabalhos apenas para o bem, seguindo os conceitos evangélicos, objetivando a melhora íntima dos seus componentes. Isto nos leva a sugerir o retorno à antiga denominação de Umbanda, “Linha Branca”, para as Tendias que seguem o ritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinando como “Linha de Nação” os que se enquadram na descrição acima.”* (...)

Somos sabedores que tudo o que é material em nosso abençoado Planeta é constituído por som, cor e número (geometria). A união desses três elementos é que da forma visível, palpável e auditiva em tudo. No mundo terreno, usamos os cinco sentidos da vida (visão, audição, tato, olfato e paladar) para vivenciarmos tudo o que aqui existe. Sem esses sentidos, a vida se tornaria apática, ou seja, não teria sentido.

Portanto, é fácil entender como se processa o – elemento som – em nossas vidas. Podemos muitas vezes nos referir a “magia do som”; mas, magia, nada mais é do que ciência ainda não vivida, explicada e provada pela ciência oficial; reparem, que o que no passado, muita coisa tida como magia, hoje é explicada e aceita pela ciência oficial. Hoje, temos a ciência da Musicoterapia (como vimos acima), ministrada em várias instituições de ensino superior, e usada em vários hospitais, em vários países; está sendo provada a influência do som no ser humano.

Com a magia do som, aqui especialmente a magia dos Atabaques, não é diferente. Não somos contra o uso de Atabaques na ritualística de Terreiros que queiram usar esse artifício, mas, se for o caso de ser usado por determinação espiritual ou mesmo a vontade material, em dias certos e em rituais específicos (magias).

O uso de Atabaques na Umbanda surgiu pelo fato de certos dirigentes terem tendências africanistas, contrariando as ordens do anunciador da Umbanda. Portanto, como já dissemos, Atabaque na Umbanda é rito, e não fundamento.

Uns dizem que o Caboclo das Sete Encruzilhadas vetou o uso de Atabaques na recém-criada Umbanda, pelo fato das perseguições que os cultos afros sofriam por parte do governo, e onde se batia Atabaques, era imediatamente identificado, sendo os Terreiro invadidos, seus dirigentes e seguidores presos e muitas vezes, as imagens, Atabaques e outros apetrechos de culto eram, ou quebrados, ou apreendidos. Refutamos tal dissertativa.

Segundo uma entrevista gravada em vídeo de nossa propriedade, com a Sr^a. Lygia Cunha (Neta de Zélio) e seu filho Leonardo Cunha dos Santos (bisneto de Zélio), quando às perseguições policiais em época de Zélio de Moraes por causa de Atabaques, Leonardo diz: *“(...) o uso dos Atabaques; nunca usamos; que o contrário do que eu já ouvi, que eles (Tenda da Piedade) não usavam que era para não atrair a atenção da polícia; não. A polícia foi um problema nos primórdios da Umbanda, mas não se usava Atabaques por conta da polícia; o Chefe (Caboclo das Sete Encruzilhadas) nunca permitiu. Para nossa Casa, só pontos cantados; nem palmas; porque o Chefe não queria. Mas se vocês forem investigar vocês vão envolver polícia e a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, mas numa outra base, nunca numa base de medo, até porque muitas das pessoas que frequentavam essa Casa foram delegados, foram oficiais de polícia, oficiais do exército como meu outro avô, que chegou a ser general do exército”.*

Só por essa afirmação fidedigna, chegamos à conclusão que não havia perseguições policiais na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade no que tange a nominação da Tenda e muito menos que não se usava Atabaques para fugir de apossamentos. Essa coisa de perseguições a esse nível foi puro achismo de quem não se preocupa em pesquisar fatos históricos, e somente emite opiniões calcadas em suas idiosincrasias.

Na realidade, as perseguições por parte da República iniciaram somente a partir de 1920, sob o governo de Washington Luiz, se estendendo até o governo de Getúlio Vargas. Se assim o foi, não existiam perseguições pelo poder público de 1908 até 1920.

Diamantino Fernandes Trindade relata em seu livro *“Umbanda e sua História”* que o início da expansão do Movimento Umbandista coincide com a subida ao poder de Getúlio Vargas, em 1930. Seu regime, de caráter autoritário, se solidificaria, em 1937, com a criação do chamado Estado Novo. As primeiras lideranças da Umbanda foram, direta ou indiretamente, ligadas ao regime. Alguns Terreiros exibiam em suas paredes fotos do ditador. Apesar do apoio ao governo, os praticantes ainda sofreram perseguições e repressões que durariam até 1945. Uma lei de 1934 enquadrava a Umbanda, o Kardecismo, as Religiões Afro-Brasileiras, a Maçonaria, entre outras, na seção especial de *Costumes e Diversões do Departamento de Tóxicos e Mistificações do Rio de Janeiro*.

Trata-se do mesmo departamento que lidava com álcool, drogas, jogo e prostituição. A lei vigorou até 1964. Os cultos eram vítimas da extorsão em troca de proteção da polícia, prática atualmente comum nos jogos de azar. Quando contrariada, a autoridade se resguardava na justificativa de que a Macumba dava cobertura a tipos considerados comunistas. De acordo com relatos da época, Ogum, o Orixá sincretizado com São Jorge, era identificado na década de 1930, com o *Cavaleiro Vermelho*. Há relatos de que a perseguição do governo Washington Luís (1926 a 1930) foi bastante intensa do que no governo seguinte de Vargas, pois este último teria sido um frequentador assíduo dos cultos afro-brasileiros.

O que Zélio, de família católica, com 17 anos entendia de africanismo, Atabaques e congêneres??? O Caboclo das Sete Encruzilhadas, logo de início, ditou as normas e foi enfático quando a vetação de Atabaques na então anunciada Umbanda.

Existem relatos em sites, blogs, facebook que a Tenda Espírita São Jorge, uma das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em seu início utilizava Atabaques, com anuência do anunciador da Umbanda. Já foi provado e amplamente divulgado que essa informação não procede, pois, o próprio dirigente da Tenda, Sr. Pedro Miranda, relatou em vídeo que o Atabaque entrou na Tenda em 1987, por iniciativa do dirigente na época. Zélio de Moraes já havia falecido em 1975, bem como o fundador da Tenda Espírita São Jorge, Severino Ramos, igualmente já havia falecido.

Fomos pesquisar com a espiritualidade, onde o Espírito da “Vovó Joana da Bahia” nos explanou:

“A ciência do som dos Atabaques é coisa muito antiga meu filho. Num tempo muito distante que ninguém se lembra, os homens fizeram mau uso da magia dos tambores. Usaram-na para práticas egoísticas, tais como: vencer guerras, ferir, controlar, manipular e principalmente exercer ações hipnóticas com fins ditatoriais particulares e egoísticos.

Com isso, a espiritualidade superior resolveu “recolher” todo o cabedal desse conhecimento, fazendo com que os que já sabiam, guardassem consigo os “segredos”, e quando desencarnaram, o levassem consigo, não deixando discípulos e nem substitutos. Estava selada então, a Ciência da Magia do Som dos Atabaques na Terra, até os dias atuais.

Somente pouquíssimos humanos são sabedores dessa sagrada ciência, mas, essa sabedoria está guardada em sua memória ancestral, e aos que se recordam de algo, é tão somente breves pinceladas, que já é de grande valia. Atualmente, não é permitido a ser humano nenhum, a sabedoria plena da Ciência da Magia do Som dos Atabaques”.

Ai, perguntamos sobre os “toques” específicos para os Orixás, efetuados pelos seguidores dos cultos afros, e a “Vovó Joana da Bahia” nos respondeu:

Esses, meu filho, são simplesmente toques festivos. São sons específicos que ao serem tocados e sentidos, nos levam a festejar, a cantar e a celebrar o encontro com os nossos ancestrais. Nos fazem entrar em estado de êxtase por estarmos em contato com a Natureza e com tudo o que é divino. Só isso e nada mais. Os sons mágicos manipuladores de toda a energia terrena estão guardados a sete chaves, sob a guarda da Cúpula Astral da Umbanda, e sua totalidade não é de acesso de nenhum ser vivente, assim como também o é, a Lei de Pemba (pontos riscados)”.

Também perguntamos sobre o porquê o Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou que não houvesse o bater de tambores, e a Vovó Joana da Bahia nos respondeu:

“O Caboclo enfatizava que uma das principais causas da queda de um médium, é a vaidade.

O Caboclo viu, invariavelmente, que em todos os locais onde se batiam Atabaques (Macumba), os médiuns somente se entregavam a ilusão de danças, rodopios, festejos, histerismos, esgares, catarses, e quase nunca, para seriamente, comungarem com a espiritualidade superior, através do som ritualístico.

O Caboclo proibiu, para que os médiuns não se entregassem aos sons de Atabaques tão somente por gosto, para dançarem, rodopiarem e externarem seus desejos carnis do que seria o encontro com o sagrado. Umbanda é trabalho. Umbanda é Caridade e não somente danças festivas e rodopios intermináveis. Umbanda é concentração. Umbanda é a manifestação do Divino na harmonia dos sons e não no atavismo frenético dos sons que incitam o ardor guerreiro e as manifestações animistas. Guia Espiritual necessita de concentração, harmonia, amor, santidade das intenções e mente ilibada para poderem se manifestar e não somente sons frenéticos, e na maioria das vezes produzidos desordenadamente”.

Por que a concentração é tão fundamental numa reunião mediúnica séria e de objetivos superiores, que foi um dos pontos cruciais do porquê da proibição de Atabaques na Umbanda?

Uma das grandes dificuldades daqueles que mantêm um maior contato com o mundo espiritual, nas Casas umbandistas, é a concentração. A capacidade de controlar, direcionar e sustentar o pensamento dentro dos objetivos do trabalho é, para alguns, um esforço muito grande e que nem sempre dá bons resultados. E por quê? Uma das razões é porque os pensamentos se dispersam para os fatos e problemas do cotidiano. No entanto, qualquer atividade mediúnica depende muitíssimo do ambiente mental formado por cada um dos componentes do grupo. Allan Kardec anota:

“Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são as resultantes de todas as dos seus membros, e formam como um feixe; ora, esse feixe terá tanto mais força quanto mais for homogêneo (é aquele ditado: “A união faz a força”). (...) vinte pessoas, unindo-se em uma mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma sozinha; mas, para que todos esses pensamentos concorram para o mesmo objetivo, é preciso que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, num só, o que não pode ocorrer sem o recolhimento (ou seja, sem a concentração).

(...) Toda reunião espírita deve, pois, tender à maior homogeneidade possível; fique bem entendido que falamos daquelas que querem alcançar resultados sérios e verdadeiramente úteis; se se quer simplesmente obter comunicações mesmo assim, sem se inquietar com a qualidade daqueles que as dão, é evidente que todas essas preocupações não são necessárias, mas então não se pode queixar da qualidade do produto.

O recolhimento e a comunhão de pensamentos (são) as condições essenciais de toda reunião séria”.

(KARDEC, Allan. O livro dos Médiuns)

Sendo assim, conforme o estado íntimo dos participantes, uma reunião mediúnica pode favorecer ou embarçar a ação dos Espíritos. E é exatamente essa união entre todos, propiciada pela concentração, que torna o trabalho viável, porque sentimentos e pensamentos elevados saturam o ambiente de vibrações positivas, e estas são fundamentais para um intercâmbio sério e de finalidade superior.

Mas, o que é concentrar? Segundo definição, é *“reunir(se) em um mesmo centro ou ponto. Fazer convergir. Aplicar a atenção a algum assunto; meditar profundamente. Não dar expansão a. Ficar em silêncio”.*

Então, a concentração é um estado mental que permite ao indivíduo direcionar sua atenção para um determinado fim – ou objeto, pessoa, ideia, sentimento, interesse, sustentando-a nesse ponto, inabalavelmente, pelo tempo que decidir.

E para que ela se torne plena, sua mente necessita se desligar dos estímulos externos (barulhos de qualquer origem) – enfim, do ambiente físico ao seu redor –, bem como da sua realidade interna.

O Espírito Odilon Fernandes enfatiza:

“Todo médium precisa reconhecer que a sintonia mediúnica é esforço do dia a dia. O transe não acontece sem uma prévia sintonia com os quais se deseja estabelecer contato. Nem mesmo a obsessão se instala de uma hora para outra. Tudo exige um preparo que anteceda este ou aquele acontecimento.

O médium que não entende que desenvolvimento mediúnico é trabalho perseverante, através de todas as suas atitudes cotidianas, não se desenvolverá a contento, estando longe de ser o cooperador consciente e responsável que os Espíritos procuram.

Não há como o médium deixar de ser médium, para levar uma vida paralela, ou seja, não há como o médium se interessar pela mediunidade apenas no momento do transe, olvidando a maior parte do tempo os seus compromissos com o Mundo Espiritual.

Desenvolvimento mediúnico, em essência, é adestramento mental. O mediano que interrompe com frequência dos seus contatos com os Espíritos, deles isolando-se voluntariamente em suas ocupações imediatistas, terá dificuldades imensas para restabelecer no contato.

Mediunidade requisita treino, demorados exercícios, disciplina psíquica, espaço mental cedido aos espíritos, discernimento na captação dos pensamentos, união de propósitos (...).

(...) Em grande parte dos medianeiros, a mediunidade não deslancha porque se julgam dispensados de se cultivarem mediunicamente; acreditam equivocadamente que os Espíritos haverão de realizar todo o trabalho (...).

Ora, nenhum médium pode ser tão passivo assim, ao ponto de acreditar que os desencarnados farão tudo por ele. A mediunidade depende do médium, como o fruto depende da árvore que o produz. Se a qualidade do fruto está relacionada à natureza da árvore, a mediunidade, em sua capacidade de produção, se vincula ao empenho do mediano.

Não é fácil superar a barreira das dimensões diferentes; se o médium não se dispuser a subir, os Espíritos não terão como descer. O ideal é que ambos, médium e Espírito, se encontrem no meio do caminho. Todavia, quanto mais se elevar em termos de sintonia, mais o mediano se aproximará da fonte em seu nascedouro, usufruindo da linfa cristalina antes que, no percurso que efetue, ela se conspue.

Em qualquer tipo de mediunidade, a questão da sintonia é fundamental. O medianeiro de bons princípios, interessado na vivência do Evangelho, naturalmente atrairá a presença dos Bons Espíritos e fará jus a um redobrado esforço da Espiritualidade que, neste caso (quando o médium não consegue uma boa sintonia), poderá inclusive, lhe suprir as deficiências no transe. A um bom médium, a Espiritualidade Superior sempre preferirá um médium bom. Em termos de mediunidade, nem sempre o melhor instrumento é o mais bem aparelhado.

Portanto, a sintonia mediúnica que estamos enfatizando deve, igualmente, ser procurada nas tarefas do bem. Se, para a sintonia com os Espíritos infelizes, basta ao médium uma boa condição mediúnica, para a sintonia com os Espíritos Superiores a natureza de seus sentimentos é fator preponderante, porquanto, em essência, o que se busca é a sublimação do intercâmbio.

(Trecho de: FERNANDES, Odilon (espírito); BACCELLI, Carlos A. (psicografado por). Conversando com os médiuns. 3. ed. Uberaba, MG: Livraria Espírita "Pedro e Paulo", 2001. Cap. 12. p. 42-44)

Portanto, perguntamos: dá para se concentrar ao som de Atabaques???

Depois dessas importantes e abalizadas informações, chegamos a algumas conclusões:

- 1) Atualmente, existem raras pessoas que possuem traços importantes da sabedoria da Ciência da Magia do Som dos Atabaques, devido a terem esse registro em suas memórias ancestrais. Mas, o que sabem, não constitui a totalidade, pois não é permitida pela Espiritualidade Superior.
- 2) Os toques específicos efetuados pelo Candomblé para os Orixás são apenas toques festivos, um congaçamento especial, onde o som nos incita ao encontro ancestral conjugado com a Mãe Natureza.
- 3) O uso ritualístico de Atabaques nos Terreiros de Umbanda são toques ativadores do psiquismo, produzindo transe animico. É a presença de um só temperamento – “Etho frígio” – que excita, gera coragem e mesmo furor. O som de Atabaques, principalmente, nos incita ao atavismo guerreiro, a alegria do congaçamento, a emoção do contato com o arquétipo ancestral, pois nos lembra o nativo africano. Pelo que nos consta, os índios brasileiros somente usam o maracá com instrumento principal de êxtase; algumas poucas tribos utilizam um tambor pequeno, mas somente em aporte ao maracá. Os sons produzidos por Atabaques não geram sentimentos profundos de amor, contrição, arrependimento, compaixão, recolhimento, concentração, perdão. Somente gera ardor e paixão.
- 4) Em solo africano, existia um culto específico ao Atabaque, ao Orixá Àyàn ou Ayom. O passado do Orixá Ayom no Brasil é nebuloso. O que nos chegou de tudo isso? Porque não veio? Porque, mesmo em solo africano esse culto praticamente se extinguiu? Porque está esquecido? Mera coincidência? Muitos poderão dizer que na Nigéria e em Cuba está presente o culto a Ayon e todo o seu conhecimento em sua totalidade. Não cremos. Os poucos que detêm o conhecimento atual de Ayom são guardadores do que a espiritualidade maior quer. Reparem que mesmo os atuais cultuadores de Ayom, somente passam seus “restritos” conhecimentos a raros adeptos. O que a Umbanda e seus “Ogans” sabem disso?

“Antes que tudo é necessário estabelecer uma distinção: uma coisa são os tambores batá ditos pagãos, comprados em loja ou não, destinados apenas a fazer música. Outra bem diferente são os tambores consagrados, sacralizados através de uma série de rituais que os transformam em instrumentos de comunicação com os deuses – tornando os tambores na morada, no assentamento do Orixá Àyàn. Nas palavras de Fernando Ortiz, “um jogo de tambores consagrados – Ilú Àyàn – é algo mais que um trio de tambores bimembranófonos, capaz de produzir uma maravilhosa e singular concatenação musical de ritmos tão belos quanto complexos. Nos batás-Àyàn há um poder divino”. (Léo Leobons)

- 5) Hoje, em quase toda totalidade, o que nos é permitido pela Espiritualidade, é o som do Atabaque para manipulação dos vários estados psíquicos humanos. Portanto, em rituais umbandistas, cremos que nunca deveria ser utilizado em Sessões de Educação Mediúnica, ou seja, para “desenvolver” médiuns, pois correríamos o risco de acelerar o contato anímico/espiritual, despertando o animismo/sugestionabilidade; a mediunidade deve ser desenvolvida naturalmente. Cremos que também deveria ser evitado em Sessões de Caridade (Sessões com atendimento), pois nesses dias deveremos estar centrados para o contato espiritual com fins específicos para atendimentos fraternos.

Depois de tudo entendido, vamos a outras explanações da presença dos Atabaques nos Templos umbandistas, visando somente sua atuação psíquica, pois, com certeza, nos rituais de Umbanda é somente essa a sua função. Cremos que o uso de Atabaques em Sessões de Caridade e Sessões de Educação Mediúnica sejam totalmente dispensáveis.

Como vimos, cada instrumento está ligado a um dos elementos da Natureza. Qualquer instrumento de percussão está ligado ao elemento Terra; flauta, ao Ar, cordas também, e assim por diante, para efeitos terapêuticos. Em linhas gerais, sem generalizar: Uma pessoa que está divagando, flutuando, sem se firmar em nada, precisa exatamente do elemento Terra; precisa aterrar. Tentar isso com instrumento do ar será um desastre, pois ele voará cada vez mais alto, o que quer dizer, em vez de melhorar, piorará. Uma pessoa em estado de letargia, apagada, deprimida, precisa de músicas ligadas ao Fogo e a Terra (percussão), e jamais música em tom menor, e sim em tom maior.

“(...) Sons graves, pesados e que puxam o ser humano para as energias mais da Terra, são os chamados sons telúricos. Um som de Atabaque produz um frisson no corpo físico podendo atingir a mente e ao Espírito se for tocado em cadência rápida, bastante grave. Isso faz com que os chacras se manifestem, principalmente o chacra básico, da extremidade da coluna, trazendo uma vibração física mais terrena, leva os seus ouvintes a terem atitudes mais terrenas, por vezes até mesmo pensamentos mais sensuais e até menos elevados. (...)” (<http://www.terezinhamachado.com> – o som e seus poderes)

“(...) Os instrumentos percussionistas produzem música pelo impacto, simbolizando a vitalidade rítmica. Eles apresentam uma variedade de formas quase infinita, e muitas delas são usadas em cultos. (...)” *“(...) Os instrumentos de percussão também promovem uma saída para o relaxamento emocional e gestual. E encorajam o movimento – físico, emocional e mental – que capacita você a recuperar ou acentuar a sua mobilidade, agilidade e liberdade. (...)”* (Trechos Extraídos do livro: “A Cura pelo Som” – de Oliveira Dewhurst-Maddock – Editora Madras)

Em um trabalho puramente espiritual, curas, amor, perdão, concentrações, meditações, orações, rezas, alta-magia, o uso de instrumentos de percussão, principalmente os Atabaques, são totalmente inadequados e desaconselháveis, pois irão desestruturar e desenergizar tudo o que está sendo realizado. O ambiente e as pessoas entrarão em total desarmonia com o que ali está sendo feito e o trabalho ficará totalmente prejudicado. Nos trabalhos descritos necessitaremos de total lucidez da mente e harmonia, para podermos entrar conscientemente no estado de contemplação.

Mas, quando temos que atuar ao nível do mundo material, são exatamente os sons de percussão que permitem resultados, em todas as suas variantes (Atabaques, Maracá, etc.). A percussão é usada para os que têm dificuldade de concentração, e mesmo para os que chegam a um ambiente de trabalho espiritual despreparados, desarmonizados, pela falta de meditação e prévia preparação. A percussão repetida tira o indivíduo do seu estado atual, levando-o a um estado anímico ampliado de consciência, pois passa a não reconhecer mais nada além do som produzido; com isso, o liquido envoltório da glândula pineal passa a ser vibrado de modo contundente, alterando-se drasticamente, provocando de modo involuntário os mais sensíveis, e de modo voluntário os menos sensíveis, tirando-os do “juízo”, levando-os a um estado de “catarse arquetípica” (animismo) ou sugestionabilidade.

Nesse momento, essa “catarse arquetípica” (animismo) ou sugestionabilidade é direcionada para o que o indivíduo crer; nesse caso, uma “incorporação mediúnica”. É nesse momento que, os que têm mediunidade positiva, pela alteração drástica da glândula pineal, entram, primeiramente, em transe anímico, e, posteriormente, sofrem o transe mediúnic.

Vejam o que diz a socióloga Maria Suzana Bárbara: *“Cada homem possui o próprio duplo sonoro no “Òrun”* (nota do autor: na Mitologia Yoruba, Òrun é o Céu ou o mundo espiritual, paralelo ao Aiyé, mundo físico) *que encontra no momento da possessão que aprende a conhecer e a expressar através da música e da dança, aprendida em momentos específicos e num estado alterado de consciência para dar a possibilidade de construir uma nova identidade. A música dos Atabaques conduz o fiel em uma viagem simbólica que o transforma. O filho-de-santo possui, dançando o próprio ritmo, o próprio tempo e o próprio espaço”.*

Creemos ser claro o que diz a socióloga. *“O fiel aprender a conhecer e expressar através da música e da dança”*, ou seja, o fiel já está “condicionado e/ou sugestionado” aos procedimentos ritualísticos religiosos; no momento de cada toque, conscientemente ou inconscientemente (animismo), já sabe o que fazer.

“A música dos Atabaques conduz o fiel em uma viagem simbólica que o transforma”, ou seja, a viagem simbólica que o fiel é levado, reside no condicionamento inconsciente; através dos toques específicos, e já estudados dos Atabaques, o fiel sabe como proceder. Torna-se até automático. Suas reações se tornam como que, inesperadas, e no momento manifesta-se o arquétipo simbólico armazenado em seu inconsciente (sugestionabilidade). O Atabaque conduz a reações arquetípicas, provocando o animismo.

Atabaque não atrai Espíritos. Não é a “Entidade Espiritual” que se aproxima por causa dos toques do Atabaque, mas simplesmente, o fiel fica receptivo pelo condicionamento mental provocado. Como já dissemos, qualquer Espírito que se sinta atraído por sons de Atabaques, está preso em seu ego.

Poderíamos até fazer uma experiência interessante: Se realizarmos um toque específico de um Orixá que não é cultuado no Brasil, será que os médiuns seriam atuados por este Orixá, com seus trejeitos, danças, etc.? Ou os médiuns ficariam como que “atordoados” sem saberem como procederem, pois nunca ouviram falar desse Orixá, não identificando em nada, como proceder?

Também poderíamos colocar um médium umbandista numa sessão de Candomblé, onde ouviria toque por toque de cada Orixá; o que aconteceria?

Nada; pois o médium umbandista ficaria sem saber como agir, pois desconhece o que cada toque significa, portanto, não saberia quem ele deveria “dar passagem” e nem como proceder. Com isso, provamos que nenhum Espírito se aproxima de alguém ouvindo sons de Atabaques.

Como já dissemos, o som do Atabaque somente conduz a um tipo de energia que é entendida pelo médium e esse passa a agir conforme o que ouve. E se colocássemos vários médiuns com deficiência auditiva concentrados, de olhos fechados, sem saberem que no ambiente estariam Atabaques com toques de Orixás; o que será que aconteceria? Será que o som dos Atabaques seria magístico e afetaria de algum modo a mediunidade desses deficientes auditivos? Ou não aconteceria absolutamente nada porque não estão ouvindo os sons e por isso não estariam sendo influenciados pelo bater constante e insistente dos Atabaques, não tendo reações arquetípicas e muito menos psíquicas! Tentem.

Já presenciamos um trabalho espiritual onde iniciou-se um cântico de Ogum, com cerca de 200 vozes, tendo como fundo um arranjo musical arrojado e imensamente ardoroso. Pela sonoridade intensa, apossou-se de todos uma vibração muito peculiar, dando arrepios, calor intenso e uma vontade incontável de bradar e sair dançando. Grande parte dos médiuns presentes nos relatou que tiveram que segurar muito para que não “incorporassem”. Nós também sentimos as mesmas vibrações.

Olhando tudo com sentimento perquiridor e racional, observamos que todos entraram num sentimento coletivo do que representa a “força Ogum”. Formou-se naquele momento uma egrégora psíquica (anímica) poderosa, compartilhada por todos.

Naquele momento haviam Guias Espirituais irradiando para seus médiuns? Pode ser que sim, mas, também temos que observar que havia uma egrégora psíquica poderosa formada, e os médiuns entraram em estado alterado de consciência, sentindo vibrações, mas, isso não quer dizer a presença de Espíritos.

Se por ventura houvesse a presença de Guias Espirituais, naquele momento esses Espíritos estavam ali para se manifestarem mediunicamente? Possivelmente não. Espíritos da Luz manifestam-se tão somente para ensinar, missões caritativas e não para ficarem bradando, rodopiando e dançando, e por conta de tão somente a vontade de certos médiuns, portarem um copo de cerveja e espada na mão, capas vermelhas, capacetes com penas e charutos na boca baforando interminavelmente.

Então, pela razão e o bom senso, chegamos a uma só conclusão: A música é hipnótica e traz sensações peculiares. No momento do ardor da cantoria, pelo fato de estarem unidos religiosamente, a glândula pineal dos médiuns entraram em atividade provocando alterações mentais. A sensação era a mesma de quando vai entrar-se em atividade mediúnica.

Mas, no exato momento do arroubo, os médiuns alterados em seus psiquismos, entraram em êxtase coletivo, sentindo vibrações maravilhosas, detonando o ardor guerreiro e sentindo-se capazes de vencer quaisquer tipos de obstáculos. Mas uma coisa é certa: Não havia atividade mediúnica com manifestações de Espíritos, mas, tão somente, atividade psíquica positiva e ardorosa aliada à atividade anímica arquetípica da “força espiritual” invocada, em conjunto com a “força agreste da Natureza” representada.

Temos que ter cuidado para não confundirmos atividade mediúnica com “incorporações”, com atividades psíquicas, pois haverá o risco de os médiuns manifestarem tão somente os seus animismos, provocando reações arquetípicas peculiares, a pecha de Espíritos.

Vamos atentar para a opinião de um estudioso da Umbanda:

“(…) Instrumentos que emitem sons de baixa frequência, do tipo Atabaques e tambores e mesmo sinos de tons graves, atuam com mais vigor nos chakras inferiores (Solar, Esplênico e Fundamental) ativando dessa forma, a função desses chakras, muito mais que os superiores, o que acarreta em transmitirem ao corpo, através do sistema nervoso, sensações de agitação e hiper-ativação motora.

Essa hiper-ativação motora se traduz, às vezes, na vontade de se querer dançar agitadamente, pular e até mesmo, em casos extremos, irritações que podem levar a desentendimentos e brigas pelo fato do emocional (chakra solar ou umbilical) ficar sensibilizado. Isso sem falar no chakra fundamental que transmite ao corpo a necessidade de satisfação sexual quando hiper-ativado”.

“(…) Dá pra compreender agora o porquê de em determinados tipos de baile a violência e as tentativas de práticas sexuais ocorrerem muito mais que em outros? Instrumentos que emitem sons em mais alta frequência, do tipo violinos, flautas, etc. alcançam, em ativação, os mais altos chakras (cardíaco, frontal, coronário), ativando-os e transmitindo ao corpo sensações mais calmantes, mas podem também, da forma que forem executadas as sequências sonoras, ativar excessivamente os plexos e causar irritação, embora sejam casos mais raros, a não ser que isso seja proposital”. (…)

“(…) O simples toque de Atabaques ou mesmo o vozerio dos desavisados faz com que essas entidades (nota do autor: Os Espíritos Elementares da Natureza) se afastem de uma vez por todas.

(…) Músicas harmoniosas, no entanto, em determinadas situações, funcionam como atrativos para os Devas menores, ao mesmo tempo em que afastam entidades de faixa vibratória inferior e mesmo energias espúrias de mesma faixa. Você sabia que o som tem essa possibilidade? Conhece os efeitos do som sobre a matéria, a mente, as entidades astrais? Já ouviu falar de mantras? Sabia também que cada chakra é “afinado” com uma nota da escala musical, começando-se pelo Dó no chakra fundamental e finalizando com o Si no coronário? Se não sabia então já sabe agora e, dessa forma, se embrenhou um pouco mais no esoterismo de Umbanda e pode, inclusive, começar a raciocinar sobre como agem os Pontos Cantados e os Hinos em termos de ativação ou sedação do sistema nervoso e, em consequência, sobre a sintonia mediúnica. Só pra simplificar e não nos estendermos muito nisso por enquanto, imaginemos um grupo de encarnados que adore música erudita em um salão de festas. Repentinamente, “do nada”, o maestro começa a tocar funk. O que você acha que aconteceria nesse salão? Não seria óbvio dizermos que, no mínimo ficaria vazio? E no caso contrário, se num baile Funk o DJ resolvesse que só tocaria Música Clássica? Entendeu?” (…)

“(…) Orixá não come. Orixá de Umbanda não bebe. Orixá de Umbanda não aceita barulhos de Atabaques ou parecidos. Orixá de Umbanda não precisa da energia humana ou animal para existir ou sobreviver – são eles que nos fornecem essa energia, por isso somos filhos deles, ou melhor, trazemos em nós parte das energias deles”. (…)

(Trechos retirados do livro: “Umbanda Sem Medo” – Volume II – Cláudio Zeus)

Afinal de contas, tem ou não tem Atabaques na Umbanda?

Sabe que eu já não sei? Tem tanta gente que diz que os Atabaques são peças importantíssimas, indispensáveis, enquanto outros os acham totalmente dispensáveis e até mesmo sinal de selvageria. O que posso lhe explicar, e mesmo assim “por cima”, é que sons de qualquer natureza podem influenciar a mente consciente e até mesmo a inconsciente de muitos de nós, provocando estados de “transe” (alteração da consciência e estados mentais). Se partirmos dessa premissa, podemos concluir que o barulho dos Atabaques pode fazer o mesmo, principalmente por se tratarem de sons repetitivos e orquestrados dentro de certas cadências. Nesse caso, se bem utilizados, os Atabaques cumprem a tarefa de colocar as mentes dos médiuns em estado de transe passivo, receptivas a influências externas. Agora se é obrigatório a utilização de Atabaques ... sei não! Eu, pelo menos, iniciei em um Centro que nem de longe queria saber de Atabaques e nem por isso os médiuns deixavam de se desenvolver ou trabalharem. Na Umbanda Original, a nós trazida pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, os tambores nunca foram usados.

(<http://umbandasemmedo.blogspot.com.br/2007/11/perguntas-e-respostas.html>)

O USO DE ATABAQUES SEGUNDO A TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

(nota do autor: Foi efetuada uma pergunta para a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade através do seu Facebook sobre o uso de Atabaques por um nosso grande amigo, Wanderson Cruz, advindo o texto abaixo como resposta)

Em primeiro lugar, é necessário apontar que a compreensão da questão do uso ou não de Atabaques está sujeita aos fundamentos que serão exploradas a seguir. Tais fundamentos, além da codificação de Kardec, são oriundos das orientações deixadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas (Chefe), manifestadas através de Zélio de Moraes e depois reafirmadas por Zélia, Zilméia (suas filhas) e tantos outros trabalhadores que participaram da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP) ainda sob a direção de nosso fundador.

Lembramos ainda que algumas destas pessoas que atuaram sob o comando de Zélio e do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ainda atuam em nossa casa, apesar da idade avançada, como Babás.

São também fontes deste conhecimento os descendentes diretos que hoje comandam nossa casa e que ouviram o próprio Zélio tratar desta questão, por mais de uma vez. Assim sendo, falamos de ensinamentos que perduram e se apresentam na prática cotidiana do Terreiro, a despeito da substituição de pessoas, o que é natural em uma casa que vai completar 109 anos em novembro.

O Chefe, antes de tudo, nos ensinava, parafraseando nosso Mestre maior, que *“não devemos olhar para a casa do vizinho, não julgar para não ser julgado”*. Assim, sob esta perspectiva, tratamos do tema compreendendo que se existem práticas diferentes das preconizadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, este assunto não nos diz respeito, entendendo que tais ações ou são determinações dos Guias que dirigem o trabalho da Casa que as pratica ou ela se dá sob a vontade e responsabilidade do dirigente da Casa. Tanto uma quanto outra devem ser compreendidas, a nosso ver, no âmbito da responsabilidade de cada Casa na busca das melhores condições possíveis para com relação à espiritualidade.

Entende-se assim, tomando-se o conceito bíblico explicitado na doutrina de Kardec, que cada indivíduo tem seu livre-arbítrio, pressupondo que cada um pode levar adiante a prática que entenda adequada para si, não obstante à indicação de que deve também buscar o conhecimento necessário para aprimorar suas práticas. Este processo por vezes implica em questioná-las e, a partir dos fundamentos e do aprendizado, transformá-las quando for entendido como necessário.

Assim sendo, queremos apontar que a Umbanda é uma manifestação espírita organizada pela espiritualidade e que prima por não rechaçar a nenhum Espírito, mas sim acolhê-los, como bem pode ser observado no relato da Sessão ocorrida em 15 de novembro de 1908 quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas defende a manifestação dos Espíritos que ali se manifestavam e eram rechaçados pelos dirigentes. Isto implica em compreender que na Umbanda haverá sempre espaço para manifestação de todos, independentemente de seu grau evolutivo, desde que o trabalho realizado seja para prática do bem e na direção da elevação dos Espíritos envolvidos.

Consideradas estas premissas, devemos compreender que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, assim como Pai Antônio ou Orixá Malet, além de vários Guias que atuaram na TENSP e nas Casas fundadas posteriormente pelo Chefe, eram Espíritos muito evoluídos, com nível vibratório muito elevado, o que implica em considerar que para a manifestação deles, algumas condições se faziam necessárias.

Uma delas, recuperando a doutrina codificada por Kardec, é relativa ao médium: sabemos que não é qualquer pessoa capaz de incorporar um Espírito da envergadura e nível vibracional do Caboclo das Sete Encruzilhadas e outros acima citados, ou Caboclos como Nazaré ou Tururi. Para que não fiquemos somente no âmbito da Umbanda, do mesmo modo a questão tem validade na recepção de comunicações de Espíritos do quilate de Emmanuel.

Assim, para que tais comunicações ou incorporações ocorram devidamente, é fundamental que existam médiuns que reúnam condições para tal, seja a partir de condições pré-existentes, como observamos em Zélio e Chico Xavier, por exemplo, seja por meio de uma preparação adequada e normalmente longa. O preparo de um médium para possibilitar a incorporação de tais entidades, quando for o caso e sem entrar em tecnicidades, deve também estar associado às posturas do próprio indivíduo, principalmente com relação à sua elevação moral. Este princípio, bem desenvolvido na obra de Kardec, é fundante.

Como sabemos a partir das falas dos próprios Espíritos, um médium que evolui moralmente pode vir a receber Espíritos cada vez mais elevados, porém o contrário também se observa: caso o médium que recebe um Guia da Luz venha a se comprometer com condutas inapropriadas (e não precisa muito, basta à vaidade exacerbada, por exemplo), corre o risco de ver estes Espíritos se afastarem, deixando espaços que poderão ser ocupados por outros de nível inferior, muitas vezes podendo até chegar a situações nas quais os Espíritos envolvidos são considerados como obsessores.

Mas além do médium, devemos também considerar as condições do ambiente onde estas manifestações ocorrerão. A prática do Terreiro também mostra que em ambientes onde há discórdia, pensamentos inapropriados ou outras posturas deletérias, mesmo na assistência, acaba por ser facilitado o acesso de entidades com níveis vibratórios mais baixos, muitas vezes até com o objetivo de atrapalhar o andamento dos trabalhos que por ventura ali se realizem.

Portanto, para a realização de uma boa Sessão, além do preparo dos médiuns devemos também considerar a importância do preparo do ambiente. Fazem parte desta preocupação a defumação, a concentração e dos bons pensamentos dos presentes e os sons que são produzidos no local.

Partindo destas considerações, compreendemos que as variações ambientais e as condições da mediunidade dos trabalhadores favorecem ou dificultam a chegada de entidades de níveis vibracionais diferentes, seja alto ou baixo grau.

Ou seja, se tivermos médiuns preparados, de grande elevação moral, e ambientes propícios teremos boas sessões e propiciaremos as condições ideais para a manifestação de entidades de maior evolução, com maior assertividade na prática da caridade, como foi preconizado pelo Chefe (...)

(...) No contexto dos médiuns, segundo ensinamentos que nos chegam até hoje, os Atabaques também podem favorecer a possibilidade de transe anímico em médiuns que ainda não estejam firmes. Este motivo, aliás, era o principal argumento usado pelo Chefe para que não fossem usados na Piedade e nas Tendas que nasceram sob seu comando. Nas palavras dele – *“para se evitar o animismo”* (...).

(...) Tomadas estas duas preocupações (o médium e o ambiente), temos que considerar que o papel do dirigente é garantir que o conjunto (médiuns + ambiente) favoreça a melhor condição possível para a prática da caridade e evolução dos envolvidos.

Os cuidados no preparo dos médiuns assim como do ambiente levam a diminuir a possibilidade, sempre existente, de haver abertura para a entrada de algum Espírito mal-intencionado, a despeito das defesas existentes no Terreiro, ou que alguém passe em consulta com um médium que esteja em transe anímico, sendo estas situações absolutamente indesejáveis (...).

(...) A orientação que recebemos, praticamos e compartilhamos é que não devemos utilizar Atabaques. Isto foi posto pelo próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas e pelos motivos acima explicitados. Entendemos que nossa missão é trabalhar para que nossos médiuns e nossa Casa estejam abertos a receber Espíritos de grande elevação, capazes de promover a evolução dos trabalhadores e assistidos, e, caso seja permitido e seja do nosso merecimento, que possam auxiliar-nos também em nossas dificuldades cotidianas.

Tomado o quadro como um todo, entendemos que é possível que em algumas Casas seja necessário ou autorizado o uso de Atabaques, pois ele deve facilitar a incorporação das entidades para as quais aquela Casa, em sua formação, tem condições ou foi destinada a receber. Isso não quer dizer que o uso do instrumento deva ser uma regra obrigatória ou, mesmo, que seja desejável ser usado em todas as Casas de Umbanda.

A nosso ver, a utilização ou não de Atabaques deve ser vista sob o prisma do cuidado e da responsabilidade para com o trabalho que se pretende fazer, sempre cuidando de observar na prática os fundamentos ensinados pelos Espíritos a partir da Codificação de Kardec.

Para que compreendam como trabalhamos, em nossa Casa – que é estritamente o que nos compete – médiuns são preparados por anos a fio, sendo frequente que demorem mais de uma década desde o seu início na corrente até que obtenham a autorização para dar passes. Aprendem que o trabalho na corrente se firma a partir dos pontos cantados das respectivas Linhas e dos chamamentos a eles inerentes. Neste cenário onde o canto é a grande sonoridade do ambiente, as incorporações ocorrem de forma mais vigorosa ou serena, dependendo das características do Guia. Às vezes demandam maior esforço do médium, outras vezes não, mas com o tempo, sempre acabam chegando para realizar os seus trabalhos sem demandar o uso de Atabaques. Leonardo, bisneto de Zélio e nosso atual presidente sempre fala que nos mais de 45 anos em que frequenta o Terreiro, primeiro como cambono na Cabana de Pai Antônio e depois como médium da Piedade, que nunca viu qualquer entidade da Casa ter dificuldade para se manifestar por falta de Atabaques ou clamar pelo seu uso.

Também é importante abordar outros aspectos que em geral pouco ou quase nunca são comentados quando se trata deste tema. O primeiro tem a ver com a definição de Umbanda trazida pelo Chefe – “a manifestação de espíritos para a (prática da) caridade”. Em nossa Casa, entendemos que a principal forma de prática caritativa num Centro de Umbanda está no atendimento à assistência, como chamamos os assistidos.

Além dos passes propriamente ditos, este atendimento se dá através das conversas ou consultas entre as entidades incorporadas – os Guias – e o assistido.

Entendemos ser obrigatório que tais conversas aconteçam no ambiente mais propício possível, inclusive do ponto de vista sonoro, sobretudo para que as entidades sejam ouvidas pelas pessoas que com elas conversam.

Mesmo sem Atabaques, percebemos que isto já é relativamente difícil, pois, com o entusiasmo com que são proferidos os pontos cantados o volume do canto acaba por criar ruídos para a audição dos filhos. Imaginamos que somando a este volume o som do Atabaque, torna-se mais difícil ainda o trato com os Guias.

Outra consideração importante é que entendemos que não se pode esquecer do papel dos pontos cantados, os quais, funcionam como relevantes orações, entoados por todo corpo mediúnico e por parte da própria assistência, uma vez que carregam consigo a força das palavras presentes nas letras.

Mais ainda, devemos considerar que tais palavras devem ser utilizadas como importante fonte de ensinamentos sobre a Umbanda e sobre a vida e que, portanto, os pontos devem ser muito bem ouvidos por todos os presentes. Do mesmo modo, a inclusão do som do Atabaque nem sempre é possível devido ao elevado volume das batidas dos “Ogans”.

(...) A autoridade não está em mim ou em qualquer indivíduo de nossa Casa, mas sim no ensinamento que recebemos dos Guias que vem se manifestando na Tenda Nossa Senhora da Piedade ao longo de nossa história, sendo o principal deles o Caboclo das Sete Encruzilhadas (...).

(...) Também é importante dizer, que em nossa Casa, nunca tivemos a informação do Chefe ter “se arrependido” sobre a questão dos Atabaques, muito pelo contrário. Todos que o conheceram Zélio e o viram incorporado com o Chefe ou com Pai Antônio, nunca o ouviram falar qualquer coisa neste sentido, incluindo suas filhas Zélia e Zilméia e seus outros familiares.

E que, na verdade, até o fim de sua existência terrena, manteve a mesma posição e o mesmo discurso, como pode ser apreendido em reportagens realizadas em jornais de grande circulação quando Zélio ainda era vivo, no Jornal Macaia da TULEF (Tenda de Umbanda Luz, Esperança e Fraternidade) ou como pode ser aferido em nosso site numa das gravações com Zélio realizadas por Lilia Ribeiro em 1970.

Aliás, considerando-se a envergadura do Caboclo das Sete Encruzilhadas, consideramos estranho o argumento de que ele teria se arrependido e passado a permitir o uso de Atabaques. Dada a natureza e a dimensão de sua tarefa com a fundação da Umbanda, não seria estranho imaginar que esta questão não estivesse prevista?

(Resposta para Wanderson Cruz, efetuada pela Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)

“(...) recomenda-se não usar Atabaques em todos os trabalhos que envolvam contato mediúnico. A explicação tem vários ângulos: Concentração é um dos pontos e o barulho ensurdecedor neste aspecto, não é condizente, com a calma, a busca de um estado mental e emocional para isso, podendo causar bloqueios no médium quanto ao recebimento de mensagens da espiritualidade superior em sua mente. Num segundo momento, o Atabaque induz com seu som, ao transe anímico, em determinados trabalhos, onde o cérebro trabalha como um captador frequencial, induções essas hipnóticas e rítmicas. Alegam alguns especialistas que neste caso pode ser animismo do médium, o que causaria uma confusão, já que o imaginário entraria em questão, e condenam o uso de Atabaques para um trabalho mais refinado e não primitivo que os sons dos tambores induzem a mente. Existe um ritual correto no uso de Atabaques que é desbloquear áreas do inconsciente, porém é na fase inicial, chamado de “RITUAL DO TRANSE ANÍMICO”, nestes rituais não existe incorporação de entidades (...)”. (<http://www.espiritualismo.info/umbanda2.html> - com complementações do autor)

Concordamos em numero, gênero e grau, que o uso de instrumentos de percussão, principalmente os Atabaque, ativam o transe anímico e jamais o transe mediúnico. O transe mediúnico acontece, obviamente, em quem é portador do dom paranormal da mediunidade psicomotora, independente de Atabaques. Onde se toca Atabaques, o transe anímico é acionado, e, posteriormente em quem tem o dom da incorporação, acontece a mediunização. O problema é o médium ficar viciado em toques de Atabaques e dependente em ter que estar em transe anímico, para após ter condições de manifestar sua mediunidade.

Reparamos que quando entoamos pontos cantados (pontos de força e/ou poder) ou mesmo quaisquer cânticos com acompanhamentos musicais em ritmo frenético ou acelerado, vibrando naturalmente na frequência vermelha, provocamos uma explosão de sentimentos, fervilhando nosso atavismo, e assim, as sessões espirituais se conduzem de maneira mais explosivas, com consultas rompantes, médiuns suados, dançando, focados na música.

Quando os médiuns cantam com acompanhamento musical frenético, ficam de olhos abertos e/ou virados, dançando, mexendo os braços, com semblante alegres, descontraídos, mas, sem concentração nenhuma. Quando cantam pontos de força e/ou poder compassados, harmoniosos, só com a voz ou mesmo arranjos harmoniosos, reparamos que os médiuns geralmente fecham seus olhos, em concentração, onde refletem em seu semblante a paz e a harmonia.

Vamos a alguns apontamentos dos Espíritos de Ramatis e de Atanagildo, através do médium Hercílio Maes, distribuídos em suas obras, onde observaremos o ênfase da “música sacra” entoadas harmoniosamente. Para um bom entendedor, um pingô é letra:

(...) embora os sons da música repercutam na atmosfera e não no éter, eles influenciam os assistentes integrando-os em uma só frequência vibratória, e também favorecem os Espíritos no sentido de eles conjugarem o ectoplasma do médium às energias psíquicas que são mobilizadas do “lado de cá” (...)

(...) As ondas sonoras estimulam e combinam-se com as vibrações perispirituais dos desencarnados e dos encarnados, resultando assim maior exsudação de ectoplasma do médium e das energias vitais dos presentes. Mas, como a música exerce profunda influência na alma dos seres, (...).

(...) O papel da música, portanto, é o de nutrir o otimismo dos assistentes, evitando-se que seja perturbada a coesão da harmonia mental e psíquica essencial ao sucesso de tais trabalhos, aliás, bastante complexos e de certa responsabilidade.

(...) a música sacra, na sua harmonia auditiva, aquieta a alma e não estimula os sentidos físicos. *(Nota do autor: A música efetuada somente com instrumentos de percussão alvoroça a alma, e estimula auditivamente os sentidos físicos).*

Em primeiro, “melodia” sublimando as forças do Espírito; no segundo, ritmo estimulante para as atividades do corpo. Sem dúvida, destacam-se as composições sinfônicas na sua expressão musical superior e acima do ritmo das melodias populares. No entanto, malgrado as adaptações de letras adequadas ao ambiente religioso, a música profana como o tradicional “iê, iê, iê”, jamais poderá atender à finalidade elevada da cerimônia na igreja, assim como o “tam-tam” *(nota do autor: Atabaque)* do selvagem não poderia substituir os movimentos da sinfonia, que é prolongamento sonoro da alma.

A principal função da música sacra, como símbolo interpretativo da “música celeste”, é desmaterializar a personalidade inferior, para eclodirem sentimentos definitivos do anjo criador.

No seio de um templo religioso ou de qualquer instituição espiritualista, a música deve apurar a emotividade e adoçar a razão humana, fazendo vibrar os sentimentos mais pacíficos e generosos dos ouvintes (...)

(...) música sacra, acomodam a alma, reajustam energias espirituais, dispersam emoções desagradáveis e associam sentimentos sublimes nos crentes, incorporando-se aos pensamentos semelhantes e ensejando purificações emotivas e mentais.

(...) a música, pela sua repercussão emotiva, de fundo espiritual, tem o poder de agir no campo psicofísico, provocando reações sedativas sobre o sistema nervoso, circulatório e glandular, que favorecem a recomposição sadia das células e a dinâmica endocrínica, beneficiando assim o ritmo fisiológico e vital de todo o organismo.

Pergunta: - Então devemos considerar impura e indesejável toda música que ultrapasse a esfera da alta composição espiritual? Convém eliminar definitivamente esses ritmos que perambulam por toda parte, e que rebentam em sons que só dizem respeito aos trejeitos e às diversões do corpo?

Atanagildo: - Não vejo razões para que seja destruído aquilo que já não serve mais para os vossos sentidos aprimorados. Não devemos esquecer de que à nossa retaguarda ainda marcha extensa caravana humana, bastante trôpega no seu progresso espiritual e artístico, muito necessitada de passar pelas experimentações que já realizamos, e que injustamente criticamos só porque somos beneficiados agora por um entendimento mais amplo da realidade espiritual. Acresce que, à nossa frente, ainda marcham outras almas bem mais adiantadas, e que também se serviram das mesmas lições que estamos experimentando atualmente; e, embora elas reconheçam que já lhes são inúteis às coisas que ainda nos servem, continuam a nos ensinar e a respeitar o que nos parece prazenteiro e útil.

Não devemos ser tão egoístas a ponto de pretender destruir e queimar os degraus que mal terminamos de subir, quando bem sabemos que outros aprendizes ainda nos seguem os passos. O fato de o aluno permanecer longo tempo no solfejo musical, que pode irritar a nossa sensibilidade artística, porque já estamos familiarizados com a produção sinfônica, não é motivo suficiente para que proibamos definitivamente o exercício das escalas de música, porque são inferiores e irritantes. É incontestável que Mozart, Beethoven, Schumann ou Bach primeiramente travaram conhecimento com a música através do modo irritante de solfejar, para só então atingirem os cimos da glória e do gênio sinfônico.

É justo, pois, que permaneçam os ritmos e a música que já nos parecem indesejáveis, mesmo quando ainda digam respeito mais aos trejeitos do corpo do que à sensibilidade do Espírito, pois ainda se trata dos solfejos e treinamentos necessários às criaturas incultas e primitivas, a fim de aprimorarem o seu senso sinfônico, que permanece adormecido em suas almas. É muito grande a responsabilidade consequente do fato de não apreciarmos algo e por isso proibirmos que outros cultivem um direito consagrado pelo seu grau evolutivo.

Muitos Espíritos que estão se reencarnando a todo momento mal articulam o alfabeto da consciência espiritual e, por isso, na esfera da música não compreendem senão aquilo que lhes desperta os requebros do corpo, Assim como não podeis exigir que os bugres se entusiasmem ouvindo as dissertações filosóficas de Spinoza ou os postulados religiosos dos vedas, também não deveis exigir que almas ainda presas às paixões sensuais abandonem os seus ritmos musicais primitivos, para se devotarem entusiasticamente à música clássica.

Nenhum benefício resultaria para suas almas o se porem a ouvir outra música além daquela que identificasse as suas próprias emoções violentas e paixões animais, porque só os coleios musicados é que realmente lhes podem dar vazão aos estertores da carne, que brotam da vida inferior.

Pergunta: - Mas não seria lógico e sensato que se incentivasse essas criaturas ao cultivo de uma música melhor?

Atanagildo: - Indubitavelmente, tudo aquilo que propender para melhorar qualquer arte ou atividade na vida humana deve ser incentivado, para que a qualidade também se estenda à quantidade. No entanto, até na devoção à música a alma revela a sua intimidade, por cujo motivo não se pode forçá-la a preferir padrões artísticos que ainda sejam superiores ao grau de sua maturidade espiritual. É muito razoável e elogiável que incentiveis a propaganda e o cultivo da música elevada, porém habituando as massas, pouco a pouco, ao padrão artístico superior.

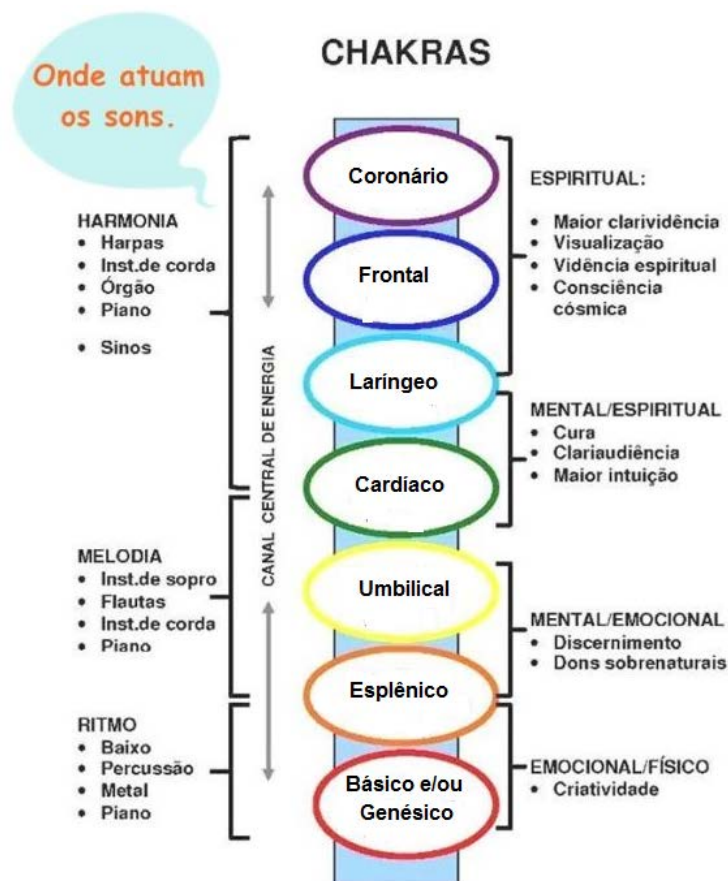
Vamos entender como os sons repercutem nos chacras. Conforme o tipo de som haverá centralização ou desarmonia dos centros de força.

OS SONS E OS CHACRAS

Resumidamente: A palavra chacra, de origem sânscrita, quer dizer “roda” ou “pires” que, em seus movimentos vorticosos, forma uma depressão no centro; portanto, seu significado etimológico é “disco giratório”. Os chacras se apresentam como espécie de vórtices, turbilhões ou redemoinhos, verdadeiros discos giratórios etéricos em alta velocidade, com movimento contínuo e acelerado. São pontos de conexão ou enlace pelos quais flui a energia de um corpo a outro.

São entradas e saídas de energias onde estes fluxos se chocam formando vórtices energéticos. As energias entram pelo Perispírito e passam para o organismo físico através do Duplo Etérico. Os chacras no Perispírito são responsáveis pela vitalização do corpo físico; são órgãos semi-materiais, responsáveis não só pela comunicação, mas, sobretudo, pela reciclagem das energias espirituais para o corpo físico e vice versa. A coluna cervical (medula) é o grande canal condutor de energia. Estes chacras estão ligados entre si e sua energia é transmitida através dos meridianos (pontos de acupuntura e pelas linhas axiatonais), que formam uma malha magnética por todo o corpo. Estes pontos são vórtices espiralados que permitem a troca e o remanejamento entre o corpo físico e sutil.

Quando um chacra está enfraquecido, o outro chacra tenta suprir a deficiência, aumentando ainda mais o desequilíbrio pela sobrecarga que recebe. Se o enfraquecimento não for sanado, há um desequilíbrio geral de todos os chacras, causando vários distúrbios físicos. Estes distúrbios, quando não são corrigidos, podem levar o indivíduo a estados crônicos de desequilíbrio, provocando enfermidades.



Cada chakra está associado com uma das sete cores do arco-íris e corresponde a uma cor e sons específicos que influenciam um ou mais órgãos do corpo humano.

Existe uma relação direta entre os chakras e a música. A cada um dos 07 chakras corresponde uma das 07 notas musicais e aquele que sabe, age conscientemente quando deseja obter certos resultados. Mas não são apenas as notas isoladas que atuam nesse sentido, mais ainda em se tratando de combinações de notas.

Na verdade a atuação pode ser mais intensa e completa conforme os acordes, a classe de música e também o instrumento que produz o som.

Mais abaixo apresentamos alguns exemplos para que se possa ter uma pálida ideia do assunto, contudo a lista visa apenas exemplificar o que estamos querendo focalizar; assim ela está muito reduzida e simplificada.

Os instrumentos musicais sempre foram associados a momentos de louvor, elevação e de práticas espirituais. Atualmente podemos afirmar que os sons dos instrumentos musicais vão além do que a simples beleza que representam. Eles podem auxiliar na elevação espiritual de quem o executa e de seus ouvintes.

Os mestres nos ensinam que os instrumentos musicais têm sua função no equilíbrio dos chakras e que cada um dos grupos de instrumentos tem sua correspondência nos chakras.

A vibração de certos instrumentos permite uma libertação de energia dos chakras, permitindo assim a sua harmonização e afinação com o som cósmico.

Para cada chakra corresponde um ritmo, uma cor, e uma música chave. Esta música por ter em destaque determinado instrumento, tem um poder de atuação para emitir vibrações saudáveis ao equilíbrio daquele chakra.

Os instrumentos utilizados nas orquestras, são os instrumentos que cobrem todo o espectro da pauta sonora, com frequências que vão desde 20 hertz, no caso dos contrabaixos e Atabaques, até os 20.000 hertz, ou 20 khz, no caso dos violinos, piccolos e pratos. Cada faixa deste espectro corresponde à frequência vibratória de uma parte de nosso corpo físico ou de um de nossos chakras.

Os sons mais graves, especialmente os sons de percussão e baixos, que iniciam na região de 20 hztz entram em sintonia e atuam principalmente no chacra básico. Os sons mais agudos, especialmente das cordas, que vão de 8.000 até aproximadamente 15.000 khz entram em sintonia com o chacra coronário. Os sons intermediários têm a sua atuação nos demais chacras, mas de modo geral, todos atuam como um conjunto em todo o nosso corpo.

Assim a riqueza sonora das orquestras é capaz de transpor o nível físico e tocas também nossos sentimentos e emoções, que se elevarão, enriquecidos com esta massagem nos níveis físico e espiritual.

Isto é bem diferente no caso de músicas dissonantes nocivas, que apesar de terem a mesma amplitude possuem timbres agressivos que produzem um efeito negativo.

Cada faixa deste espectro sonoro corresponde também a uma cor. Assim, se fosse possível visualizar com os olhos físicos o som emitido por uma orquestra, veríamos um arco-íris, onde as cores fariam uma sinfonia visual, correspondentes aos sete raios.

(Luciano Cesa)

Cada faixa sonora corresponde a uma cor. A frequência do som dos Atabaques corresponde à vibração da cor vermelha. A cor vermelha significa paixão, energia e excitação. É uma cor quente. Está associada ao poder, à guerra, ao perigo e à violência. O vermelho é a cor do elemento fogo, do sangue e do coração humano. Simboliza a chama que mantém vivo o desejo, a excitação sexual e representa os sentimentos de amor e paixão. Um ambiente pintado ou vibrado em vermelho se torna vibrante, com glamour, requinte e estimula a sexualidade. Em excesso, pode provocar inquietação, nervosismo e confusões.

Imaginem só, numa “orquestra” religiosa, onde só tem como instrumento Atabaques, vibrando incessantemente somente na cor vermelha, por horas, o que vai acontecer com quem está sob a influência deste som: *“Em excesso, pode provocar inquietação, nervosismo e confusões”*.

Existem pouquíssimos estudos associando cores com notas musicais. Os estudos carecem de profundidade e todos eles relacionam as cores com notas melódicas (com altura definida). A relação que encontramos em sentir a cor dos sons, e em nosso caso os sons repercutidos pelos atabaques vibrar na cor vermelha, é explicada pela sinestesia.

QUAL É O SOM DE UMA COR?

Alguma vez você escutou uma música e logo veio à percepção de uma cor em especial? Não, não é loucura. A sinestesia é um fenômeno neurológico caracterizado pela produção de duas sensações paralelas, de natureza distinta, por um único estímulo.

Você estava saboreando algo e lhe veio algum som bem peculiar aos ouvidos? Algum lugar que você visitou logo lhe trouxe um sabor à boca? Determinado cheiro lhe faz ver imagens como se fossem reais naquele momento? Alguma vez você escutou uma música e logo veio à percepção de uma cor em especial? Não, não é loucura. A sinestesia é um fenômeno neurológico caracterizado pela produção de duas sensações paralelas, de natureza distinta, por um único estímulo.

Não há o que temer. A sinestesia não é uma doença. Na verdade, ela ilustra como o cérebro é um órgão complexo e repleto de fortes interconexões. A experiência sensorial de certas pessoas na qual sensações correspondentes a um certo sentido são associadas a outro sentido é, na verdade, o cimento da memória. Quanto mais relações às sensações puderem estabelecer entre si, mais facilmente são reestabelecidas as suas memórias correspondentes.

Portanto, por conta da sinestesia, eventualmente ocorre essa espécie de cruzamento de sensações em um só estímulo. Assim, uma cor pode ter um sabor ou um som pode ter uma forma. Essa forma diferente de processar as informações obtidas através dos sentidos pode ter uma base hereditária.

O que dizem os estudos

Diversos estudos têm investigado possíveis relações sensoriais desse tipo, especialmente entre sons e cores. Uma pesquisa realizada pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, e publicada recentemente no periódico PNAS mostrou que o cérebro humano é capaz de ir mais além. Segundo o estudo, através das sensações que uma melodia provoca, o cérebro foi capaz de fazer relações entre cor e música a ponto de superar barreiras culturais, como se todas as pessoas apresentassem uma estrutura neural senso-perceptiva comum.

Ainda sobre o estudo, cujo título original é “*Music–color associations are mediated by emotion*”, identificou-se que músicas mais rápidas se relacionavam a cores claras e vívidas, como o amarelo, e melodias mais lentas, a tons mais escuros, acinzentados ou azulados. Todas essas informações poderão auxiliar o desenvolvimento de estratégias para afiar a criatividade e a percepção, novos métodos de reabilitação emocional que se utilizem de terapias cognitivas, além de embasar novas ações tomadas pelos profissionais do neuromarketing e publicidade. Os programas tocadores de música, por exemplo, podem se utilizar das informações de um equalizador para produzir padrões de cores em suas telas, procurando seguir as características – o “tom emocional” – de cada música. (...)

(...) os neurocientistas insistem na correlação neural entre sons e cores. Seguindo vias neurais próprias e paralelas ou que, secundariamente, se cruzem em algum ponto do caminho perceptivo cerebral, o fato é que parece prevalecer um denominador comum entre as sensações, particularmente entre aquelas veiculadas pelos olhos e ouvidos. Assim como outro estudo de 2007 – “The Color of Music: Correspondence Through Emotion” – também conclui, a música parece compartilhar com o som um substrato neural comum: o emocional. Seria esse o ponto onde nasce a sinestesia.

(Leonardo Faria – Neurocirurgião, membro-sócio titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia)

Vejam, logo mais abaixo, o que o neuropsiquiatra Frances Jacques Baudouresque relatou sobre ficar muito tempo sobre a frequência desse tipo de som.

AUDIÇÃO

As ondas sonoras entram pela orelha e chegam no canal auditivo. No fim deste canal, fica a membrana do tímpano. Ela chacoalha como uma cortina quando as ondas sonoras passam, e vibra como um tambor.

O tímpano, por sua vez, transmite essas ondulações a três ossos bem pequenos que existem em uma parte do ouvido, chamada orelha média. Esses ossinhos têm nomes engraçados: martelo, bigorna e estribo. Primeiro, as vibrações chegam ao martelo. Ele bate na bigorna, que passa sua vibração ao estribo.

Martelo, bigorna e estribo são os menores ossos do corpo. Aí começa a orelha interna, formada pela cóclea e pelos canais semicirculares.



Um caracol vibrante: a cóclea é um tubinho em forma de caracol. Ela pega as vibrações do estribo e as transforma em impulsos nervosos. Estes são então enviados para o cérebro, que vai distinguir os sons. Os canais semicirculares são responsáveis pelo nosso equilíbrio.

Em seu interior há um líquido cujo movimento informa ao cérebro a posição da cabeça, e mudanças súbitas de velocidade. Isso permite ao corpo perceber que está caindo.

Percebemos que estamos em movimento dentro de um elevador, por exemplo, mesmo sem ver as coisas passando lá fora. É por causa dos canais semicirculares.

Tipos de sons:

Podemos classificar os sons entre agudos, médios e graves.

- **Agudos:** o canto dos passarinhos, as vozes das crianças e das mulheres.
- **Médios:** vozes dos homens adultos.
- **Graves:** Tambores.

Os limites de emissão sonora foram fixados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR 10.151 e NBR 10.152 – Avaliação de ruído em áreas habitadas visando o conforto da comunidade), em específico para Templos. Foram fixadas as seguintes regras a serem obrigatoriamente seguidas:

- Sinos e carrilhões acústicos de Igrejas e Templos que realizam cultos de qualquer natureza, no horário compreendido entre as 07h00min e 22h00min.
- Igrejas e Templos: de 40 a 50 decibéis.

Vejam um exemplo do ocorrido num Terreiro na Bahia: *“O babalorixá Anderson Argolo foi notificado à primeira vez em janeiro, pois a quantidade de decibéis de um culto no início da noite havia ultrapassado os 70 permitidos pela legislação, entre 07h00min e 22h00min, para qualquer atividade que envolva emissão sonora (Lei municipal 5.354/98). Na ocasião, Argolo foi orientado para que vedasse o local, retirasse um dos três Atabaques ou suspendesse o culto, sob pena de multa e “apreensão dos equipamentos” – ressaltando que na celebração não são utilizados aparelhos sonoros, apenas os Atabaques e um agogô”.* (Por Mariana Rios – Faculdades Jorge Amado - Bahia)

Observem que foi feita uma medição com um sonômetro-decibelímetro, apontando 70 decibéis para somente três Atabaques e mais um agogô tocando em conjunto, sendo que o permitido é no máximo 50. Se um grupo de voz humana chega a produzir 60 decibéis, os Atabaques desse Terreiro estavam sendo tocados moderadamente, pois atingiram a cifra de 70 decibéis. Dependendo da força impregnada na produção musical de um Atabaque, pode atingir de 70 a 90 decibéis, o que se torna prejudicial à saúde, bem como incomoda os vizinhos.

“Quando as notas produzidas pelo instrumento não podem ser precisamente afinadas, diz-se que eles possuem altura indefinida, não definida ou indeterminada. Em geral trata-se de instrumentos não harmônicos, ou seja, possuem uma grande quantidade de parciais não harmônicos em seu timbre, o que torna a afinação difícil ou impossível. A maioria dos instrumentos de altura não definida são instrumentos de percussão, como tambores (...)” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Instrumento_musical)

O som é medido em decibéis. Um jato decolando, por exemplo, faz um barulho de 140 decibéis; uma conversa produz, em média, 60 decibéis. Os sons acima de 70 decibéis fazem mal ao nosso organismo, e podem causar desde um zumbido no ouvido até nervosismo e complicações no sistema digestivo.

Segundo o neuropsiquiatra Frances Jacques Baudouresque, o excesso e a frequência de ruídos podem provocar distúrbios psico-orgânicos como:

Úlceras e distúrbios gerais do estômago; Elevação da pressão arterial; Perda temporária ou redução da capacidade auditiva (quando acima de 65 decibéis); Agravamento de doenças cardíacas; Redução do campo e da acuidade visual; Redução do tempo de sono normal; Dificuldade de percepção das cores; Aumento de sudorese;	Redução da capacidade de concentração; Redução da capacidade intelectual; Tendência a câibras, vertigens e espasmos ou cólicas; Aumento do consumo de oxigênio; Maior tendência a neuroses; Perturbações circulatórias do feto na gravidez; Desequilíbrios nas reações neuropsíquicas e orgânicas.
--	--

MEDIUNIDADE – TEORIA E PRÁTICA

“(...) Na mediunidade consciente e disciplinada a tela Etérica passa por alterações em sua elasticidade, porém de forma controlada. Isto é, abrindo e fechando sua malha segundo a ação coordenada entre médium e mentor (...).” “(...) Na proporção de sua vivência, com naturalidade, o candidato constrói sua defesa artificial. Entretanto, lembramos, a eficácia da defesa artificial é proporcional à disciplina, à vigilância e ao alcance do saber. Sem esforço ela não se constrói (...).”

“(...) A seguir daremos uma das circunstâncias que provocam a dilatação, ou o enrijecimento ou perda da elasticidade, e até o rompimento definitivo da tela Etérica (...).”

“(...) Música em ritmo alucinante e em alto volume de som afeta a tela Etérica, deixando-a flácida, descontrolada. O efeito imediato ocorrerá em três níveis. No corpo Físico é a dor e o enfraquecimento dos tímpanos, com ulterior surdez; no corpo Astral o reflexo é a irritabilidade; no corpo Mental uma sensação de fadiga e incapacidade de pensar claramente. A pessoa apresenta uma apatia inexplicável, ficando abobalhada. Além dos efeitos citados, nos corpos Astral e Mental o prejuízo se torna semelhante ao causado por uma forte pancada sobre o corpo Físico (...).”

(<http://vivenciasespiritualismo.net/mediunidade/apostila25/apostila25.htm>)

A NATUREZA DO SOM

O som é uma vibração que é passada de um ponto ao outro através de átomos em um mesmo meio, ou de um meio ao outro. Quando produzimos um som em um violão, na realidade estamos apenas aplicando um efeito vibratório nas cordas distendidas através do toque de nossos dedos.

O resultado que se ouve é o da corda vibrando e tal vibração ao cortar o ar circundante e ser transmitida às moléculas desse ar, atinge nossos ouvidos e é percebida como um tom sonoro. O interessante é que mesmo que não dispuséssemos de ouvidos aptos a ouvir, a vibração ainda assim seria perceptível na caixa do próprio violão, uma vez que esta também é composta por átomos e estes recebem a vibração da mesma forma, sendo o som, portanto, perceptível por nós através do contato com a mesma. Imaginemos então o que se passa com sons inaudíveis. Nossos ouvidos não os percebem diretamente, mas da mesma forma que o corpo do violão, nossos corpos são feitos de átomos passíveis de serem estimulados pelas vibrações e estas “ressoam” em nossos órgãos.

A pergunta chave é: qual o efeito desse “ressoar” inaudível? Infra e ultra sons estão frequentemente cruzando nossos caminhos: o cricrilar dos grilos à noite oferece um bom exemplo de borderline sonoro uma vez que captamos apenas a parte audível de sequências de cri-cris que extrapolam nossa acuidade auditiva. Quando ouvimos o morcego emitindo seus guinchos, da mesma forma apenas ouvimos uma parte mínima do som que foi realmente emitido na forma ultrassônica. E os infrassons? Os sons “surdos”, aqueles que apenas fazem vibrar nossas caixas torácicas ainda que não sejamos capazes de distingui-los, invadem nosso sistema físico a todo momento. O oceano de magma sob nossos pés é uma fonte de tais sons, assim como o movimento constante da Terra, explosões, batidas de tambores, tons graves num órgão de igreja, as batidas de nosso coração, terremotos.

Mas bem... e quais seriam os efeitos de tais vibrações percebidas de forma indireta? Não são audíveis, portanto não há limites de suportabilidade de tais sons que sejam perceptíveis em termos de sentidos, mas... o que aconteceria caso fôssemos expostos a este tipo de som por um tempo suficientemente longo e numa frequência perceptível como uma vibração poderosa em nossos corpos?

A pesquisa mais documentada sobre os efeitos dos infrassons no corpo humano foram levadas a cabo pela NASA, nos idos anos 60, época da corrida espacial. Estudou-se os efeitos que o barulho dos foguetes poderia produzir nos corpos dos astronautas, especialmente durante o lançamento e seus testes confirmaram que a certo volume, os infrassons causavam várias reações fisiológicas. De acordo com os resultados divulgados pelo pesquisador GH Mohr, uma pessoa exposta a frequências entre 0 e 100 Hz aos 150-155 dB percebe vibrações na caixa torácica, mudanças no ritmo respiratório, sensação de náusea, dor de cabeça, alterações visuais, tosse e fadiga. Pesquisas subsequentes determinaram que a frequência em que ocorrem alterações visuais, em consequência da vibração do globo ocular, é da ordem de 19 Hz.

Os efeitos dessa frequência específica foram confirmados ainda pelo engenheiro Vic Tandy, em sua tentativa bem sucedida de desmistificar a “assombração” que perturbava a paz de seu laboratório na cidade inglesa de Coventry. As aparições do “fantasma” eram marcadas pela sensação de desconforto e vislumbres de uma vaga silhueta acinzentada... Quando foi determinado o ponto em que tais aparições aconteciam, Tandy percebeu que correspondia ao local onde havia sido instalado um novo exaustor que, após medições, percebeu-se vibrar na frequência dos 18,9 Hz.

Esse evento fez com que o engenheiro vislumbrasse a possibilidade de pesquisar outros locais “assombrados” a fim de detectar a frequência dos 19 Hz, a que provoca alterações visuais pela vibração do globo ocular. Acredita ele que outras sensações como arrepios na nuca e a de mudanças na temperatura ambiente podem estar associadas ao efeito dessa frequência específica no corpo humano.

Ah... uma luz ao fim do túnel... então é isso! Fenômenos que a ciência não admite como realidade, a famigerada PES - Percepção Extra-sensorial pode acontecer apenas pelo contato com frequências abaixo de nossa capacidade auditiva. Estaríamos, portanto, à mercê desses efeitos quando frequentando um Terreiro de Umbanda, por exemplo?

Bastam medições... Atabaques e surdos em batidas feéricas a fim de produzir sons que estimulam o transe e a perda dos sentidos, a “alegria do Terreiro”! E os mantrâns orientais? Sons nasais, OM contínuo... numa frequência baixa, fazendo nosso interior tremer, a vibração primeva do cosmo...

Parece que uma chave para a compreensão do que se passa além dos 5 sentidos básicos foi achada. Assim, não adianta negar que fenômenos que fogem do hodierno ocorrem. Não adianta fechar-se para o desconhecido na esperança de que nada de paranormal ocorra.

Há a necessidade sim de estudos sérios que busquem respostas às questões... e acima de tudo, o respeito para com aqueles que experimentam tais fenômenos. Afinal, ninguém está isento de tomar contato com frequências infrassônicas e experimentar os arrepios na espinha e visões fantasmagóricas.

“Ora direis ouvir estrelas”... e até mesmo elas são audíveis. Os radiotelescópios que captam o som de suas entranhas continuamente dão mostras de que o Universo é uma grande sinfonia e já não somos surdos às harmonias celestes. E o místico em suas evocações mânticas já não pode ser tomado por apenas um lunático quando alega tomar contato com outras dimensões.

O fato é que estamos imersos num oceano de vibrações e a mente humana avança a descobrir que o verbo se fez carne, ou, pelo menos, que a carne sofre os efeitos do verbo... por volta dos 19 Hz.

(<http://joaogil.ideology.com.br/som-pes.php>)

MÚSICA, INTELIGÊNCIA E PERSONALIDADE

Como funciona o cérebro?

Desde os anos 1960-1970, graças ao estudo de casos de epilepsia que foram submetidos a uma comissurotomia [*Seccionamento da comissura, isto é, das fibras nervosas que ligam os dois lobos cerebrais*] (para evitar a propagação das ondas elétricas e, assim, impedir a propagação de ataques que não respondiam ao tratamento médico da época), sabemos que o homem dispõe de dois cérebros:

- 1) O cérebro esquerdo, “intelectual”, a sede da consciência (faculdade de perceber e de reconhecer o mundo graças a sua capacidade de análise, conceituação e simbolização, e finalmente de “raciocínio lógico e numérico”, por associação de circuitos de neurônios, proposições e conceitos, como quando contamos nos dedos).
- 2) O cérebro direito, “emocional”, sede do inconsciente ou faculdade de compreender intuitivamente, assim, percebe e entende o aspecto global geral das coisas, a sua aparência agradável ou impressões nocivas, imagens. Este é o cérebro de raciocínio analógico por imagem, da sensibilidade, emoções (medo, raiva), humor (alegria, prazer, nojo, tristeza), imaginação, devaneios e da criatividade.

Também deve-se adicionar o “cérebro reptiliano” descoberto pelo neurocirurgião Mac Lean em 1950. Fazendo parte funcionalmente do cérebro direito, ele contém o centro da agressividade (instinto de matar), o centro de prazer (centro hedônico) e o centro da sexualidade. Ele controla as emoções, o humor e as funções vegetativas (temperatura e constantes biológicas do corpo, frequência cardíaca, etc.).

O mecanismo de ação da música sobre o homem

A música age pela melodia, massa orquestral, harmonia e ritmo.

- 1) A melodia, ou conjunto de tonalidades (tons, notas) ou ar da canção, é percebido pelo lado direito do cérebro, que pode conceber o prazer estético, agindo sobre o humor e condicionando, ao que parece, a sensibilidade da pessoa (...).

- 2) A massa orquestral, ou potencial sonoro dos instrumentos musicais. A lei reconhece que os sons são perigosos para o ouvido acima dos 85 decibéis (*Nota do autor: No Brasil, segundo a lei do silêncio, que é um conjunto de leis federais, municipais e estaduais, o barulho produzido não pode ser maior do que 50dB entre as dez horas da noite e as sete da manhã. Durante o dia, o nível permitido é de 70dB. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), sons com mais de 55dB já podem estressar e prejudicar a saúde. A partir de 85dB o barulho já pode ser suficiente para causar a perda da audição. O dano depende da intensidade do som e do tempo de exposição a ele*). Hoje, escutar “músicas jovens” e “músicas novas” muitas vezes se faz em ambientes sonoros de mais de 120 decibel (shows de rock, discotecas, caixas de som). Também a surdez (em geral parcial) está em crescimento contínuo nos países ocidentais apesar dos avisos da medicina. Porque nós fomos capazes de ensinar às pessoas que a juventude ideal deve amar o barulho e a violência.
- 3) A dominante harmônica, dependendo da relação entre os sons agudos e os sons graves, e sua codificação, no contraponto, permite combinar várias melodias, produzindo um efeito agradável para a sensibilidade europeia (música barroca). A parte harmônica da música é percebida pela função analítica do cérebro esquerdo; que provoca estímulos e é considerada a que desenvolver intelecto, aumentando o QI (quociente de inteligência).
- 4) O ritmo, ou sequência periódica combinatória dos elementos longos e elementos curtos (notas brancas e pretas ou movimentos de dança). Ele pode ser produzido ou com batidas de tambores, ou qualquer outro instrumento de percussão da bateria, ou ainda pelo sintetizador que imita instrumentos de percussão – esses processos simplistas dão ritmo às músicas ditas “jovens”, “novas” ou “modernas” – ou pela combinação de tons e harmonia de sons provenientes de vários instrumentos de música (violino, trompetes e harpa, por exemplo). Este último tipo de ritmo, obtido sem intervenção de qualquer instrumento de percussão, é aquele da música europeia por excelência.

Apenas um ouvido treinado pode reconhecer e perceber o ritmo europeu. Além disso, na maior parte do tempo, nossos “jovens” educados – se podemos assim dizer – na mídia não entendem e literalmente dormem ao escutar música clássica, como se o seu cérebro esquerdo estivesse privado da função de análise de tom e harmonia e não recebesse qualquer informação (estímulo) a partir de uma composição rítmica complexa.

A excitação pelo tambor: o transe

A música é feita de componentes acústicos: quantidades de energia que provocam pulsos elétricos no ouvido interno. Elas se propagam para o cérebro sobre a forma de trens de ondas perfeitamente identificáveis pelos equipamentos de engenharia acústica. Estes trens de ondas tomam diferentes circuitos nervosos para serem analisados, identificados, comparados, etc. Sua passagem despolariza esses circuitos que então se restauram para poder coletar as ondas seguintes. Se a frequência for muito alta, alguns circuitos não têm tempo de se recuperar antes de chegarem às novas ondas, assim sua condução acaba bloqueada: é a tetanização. Segue-se que algumas partes do cérebro (os órgãos para percepção fina dos sons, por exemplo) se apartam do mundo exterior, que para de ser percebido e reconhecido. Durante esse período em que a percepção está como suspensão, cancelada, o cérebro direito emocional continua a ser estimulado por determinadas batidas (que são informações mais grosseiras), cujas vias de condução continuam ativas. Em suma, o transe será um estado de *consciência alterada* no qual o cérebro intelectual está perturbado, desligado do mundo exterior, e o cérebro emocional está excitado ao máximo.

Este estado pode levar ao orgasmo com o estímulo do centro hedônico e secreção de encefalinas e endorfinas; daí a insensibilidade a queimaduras e ferimentos de facas (ver bruxas ou médiuns caminhando sobre brasa e perfurando o corpo). Muitas vezes ele é seguido de um total descaso da crise. Isto é ainda pior porque, durante o transe, o indivíduo pode se envolver em atos de violência, os “crimes de multidões” (ver efeito de grupo).

Os ritmos mais lentos acalmam e adormecem. Os ritmos moderadamente rápidos, que acompanham uma bela melodia, excitam, produzindo prazer e alegria (ritmo das danças europeias com 40 a 70 tempos por minuto). Acima de 90 a 100 tempos por minuto, como nas danças afro, a música excita e exalta – se é que somos suficientemente africanizados para amá-la – ao ponto de produzir o transe. Mas parece que para isso é preciso se ter o temperamento predisposto, a “personalidade exaltada”.

O transe se observa: Ao ouvir as sessões de tambor.

§ Cerimônias entre os ancestrais, mas que também pode se produzir nos shows de rock ou blues!

§ Ouvindo música com tambor ou análoga (rock, rap, techno, etc.). Claro, no bom jazz, não há bateria; a música é “sincopada” (com um som emitido há um tempo fraco para continuar com um tempo forte seguinte com uma marcha irregular imitando o tambor). (...)

CONVITE PARA UMA REFLEXÃO

Na Umbanda, durante as manifestações mediúnicas, há alguns casos que vez ou outra, o dirigente precisa reforçar o esclarecimento do que já havia passado, para que os umbandistas vejam além das aparências, que deem ênfase no conteúdo das comunicações e dos trabalhos em geral, que vejam a doutrina em seu conteúdo mais profundo, como é dito nos escritos do Zohar e devido à universalidade podemos aplicar à Umbanda: *“Os simplórios olham para a vestimenta, ou seja, para a narrativa da doutrina. E mais além eles não sabem, os mais instruídos, contudo veem não somente o manto, mas o que o manto cobre”*.

Um dirigente sério, consciente do que faz e responsável, sempre ensinará e instigará os médiuns e também a assistência a verem além das aparências, a não viverem a Umbanda em sua superficialidade, indo além das emoções e impressões passageiras. Vejamos:

Acontece em alguns casos onde dizem que o médium tal, quando fica mediunizado ou como o senso comum chama, “incorpora”, dá um brado mais alto que os demais, possui, portanto, uma mediunidade mais “ostensiva”.

Ou quando fica mediunizado por um Caboclo e este bate no peito com mais força que os demais e por mais tempo, alguns irmãos acham que esse médium tem “mais força” e que sua comunicação é mais segura.

Outro caso também é na psicografia, quando o médium entorta a boca ou faz careta... Isso em nada tem ligação com o conteúdo que virá.

Ora, todos nós sabemos que uma coisa não tem ligação alguma com a outra. Dar um brado mais alto que os demais, em nada significa uma mediunidade mais ostensiva ou que o médium ou Guia tenha “mais força”, assim como quem bate no peito quando mediunizado por dois minutos seguidos em nada possui uma comunicação mediúnica melhor do que aquele que apenas dá dois ou três toques no peito em alguns segundos quando mediunizado.

Nenhum grupo mediúnico esclarecido faria tais confusões; aqui o que disse até o momento parece óbvio, mas infelizmente ainda encontramos resquícios dessa mentalidade.

Seguindo esse raciocínio, gostaria de convidar o público umbandista a cogitar sobre uma questão: Sobre o uso dos Atabaques na Umbanda.

Aqui não quero ter pretensão de dizer se tal uso é certo ou errado, nem demonstrar preocupação ou muito menos censura (o que seria um absurdo) sobre a ritualística e liturgia de cada Casa de Umbanda.

Mas assim como notamos a questão de confusão do brado mais alto, do bater no peito com mais força e por mais tempo... com uma mediunidade “mais ostensiva”, o que é um equívoco. Notamos nos diálogos sobre os Atabaques na Umbanda, afirmações desse gênero.

Darei um exemplo: Certa vez convidei um amigo graduando em história, que estava estudando a Umbanda (além de ser umbandista), para ir em um Terreiro que eu conhecia, Terreiro no qual não fazia o uso de Atabaques. E ele disse: - Mas isso não é Umbanda! A egrégora parece fraca, os médiuns não giram pela falta de Atabaques, alguns movimentos são bem mais leves por não fazerem o uso, apenas balançam na hora dos pontos cantados... o corpo mediúnico parece fraco!

Ora, convenhamos: Da mesma forma dos exemplos citados anteriormente, médiuns fazendo movimentos mais bruscos e o som mais forte pelo uso dos Atabaques, não é sinônimo de qualidade mediúnica.

Agora chego no ponto principal: Alguns afirmam que o uso dos Atabaques na Umbanda seria demasiadamente importante, pois facilita um estado alterado de consciência, mesmo que induzido, alguns também esquecem da existência do animismo.

Convido os irmãos para uma reflexão: Estado alterado de consciência causado por indução ou auto-sugestão e Cia, é sinônimo de mediunização? Obviamente que não! Mediunidade não se resume em mero estado alterado de consciência, se assim o fosse, tratamentos com hipnose utilizado por alguns psicólogos e psicanalistas, significaria o terapeuta mediunizar seu paciente, já que existe uma alteração em seu estado de vigília. Outrora, seria supor que uma pessoa febril que falou e fez algumas coisas sem lembrar de nada depois, seria médium inconsciente. E assim por diante.

Pois bem, que exemplos um tanto quanto banais, não é mesmo? Ninguém confundiria estados alterados de consciência, seja por métodos terapêuticos, seja por uma febre, um sonambulismo genuíno ou devido uma medicação, com facilitadores da comunicação mediúnica ou confundir com a mediunidade em si.

Mas fica uma pergunta: Por qual motivo associamos sons e ritmos de um instrumento como facilitador de uma mediunidade mais segura e “ostensiva”? Somente por causar um estado alterado de consciência?

Recomendo aos caros leitores que leiam um livro do Dr. Minh Dung Ngheim, chamado “Musique, Intelligence et Personnalité” (Música, Inteligência e Personalidade).

Ele demonstra através de vários experimentos e observações, que ritmos musicais são capazes não apenas alterar o estado de consciência, como também alterar o QI (Quociente Inteligente) da pessoa. Técnica muito usada em Engenharia Social, infelizmente pouco falada no Brasil.

Esses estados alterados de consciência estão sendo atribuídos por alguns irmãos Umbandistas como sendo sinônimo de mediunidade. E eis aí um equívoco que merece ser avaliado pelos dirigentes e demais médiuns. Um estado alterado de consciência por si só não garante comunicação mediúnica segura, o mesmo pode ser um processo meramente anímico.

Vejam que não estou fazendo uma crítica ao uso dos Atabaques, mas sim com a relação que alguns fazem de que um estado alterado de consciência produzido com mais facilidade pelo mesmo, significa mediunidade. Sem mais devidas observações que devem fazer sobre a comunicação mediúnica.

Ora, quando começarmos a darmos ênfase no conteúdo do que é passado numa comunicação, veremos como no início do texto *“não apenas o manto, mas o que o manto cobre”*, perceberemos que isso não procede; mediunidade é aquela que tem boa comunicação e não estou dizendo aqui no sentido de apenas emitir palavras bonitas, mas no sentido de transformar vidas, incluindo a do próprio médium, uma vez que os ouvidos mais próximos da boca em que o Guia está passando os ensinamentos, são os do próprio médium.

Comunicação mediúnica de boa qualidade há sim o estado alterado de consciência, porém o estado alterado de consciência por si só, não define comunicação mediúnica. Não se mede a qualidade da comunicação mediúnica se o brado é mais alto, se bate por mais tempo no peito... da mesma forma, por si só, um estado alterado de consciência não resume-se em melhor comunicação mediúnica; há estados alterados de consciência que nada tem de ligação com mediunidade. Não podemos “medir” um progresso em um desenvolvimento mediúnico se a pessoa entrou em estado alterado de consciência mais rapidamente na frente de uma Curimba, mas sim no que ela passa, no conteúdo, nas vidas que instruí dentro e fora do Terreiro. Se conhece a árvore pelos seus frutos, se realmente há uma comunicação mediúnica falar simplesmente em estado alterado de consciência por si só não faz sentido.

Quando pararmos de darmos ênfase no “manto” e vemos o que o “manto cobre”, quando dermos ênfase no conteúdo, veremos que tal associação que alguns fazem hoje, não procede.

Observem uma coisa: Quando um autor umbandista ou aquele que psicografa sobre Umbanda afim de publicar, ele não diz que prefere escrever ou psicografar na frente da Curimba para facilitar sua mediunidade. A razão é simples: Quando o escrito sair, o que terá importância é o conteúdo da mensagem, não as impressões causadas na hora da escrita ou psicografia, ninguém se importará se o autor ou psicógrafo entortou a boca para escrever, se fez movimentos bruscos, se alegou ter menor ou mais estado alterado de consciência, nada disso. O leitor dará ênfase tão somente ao conteúdo do que está sendo transmitido. E para tal conteúdo, o autor ou psicógrafo sabe que precisa de concentração, de introspecção, que ele não tem que simplesmente alegar estado alterado de consciência por si só, mas junto a isso passar um bom conteúdo.

Se isso vale para a psicografia, por qual motivo nos deixamos levar e não vale para outras faculdades mediúnicas como a chamada incorporação?

Cada Casa é livre para fazer o que bem entenda em sua ritualística e liturgia e isso não coloquei em pauta em momento algum. Mas convido os irmãos para refletirem sobre essas questões. Estado alterado de consciência por si só causado com mais facilidade pelo uso de Atabaques, não é sinônimo de mediunização. Pensem nisso!

(Texto de Wanderson Cruz)

Você gosta de desfrutar da santidade do silêncio e do sossego em seu lar? Quando fizer uso de Atabaques em rituais no seu Terreiro, e do lado existirem residências, nunca se esqueça: *“Ame a teu próximo como a ti mesmo e não faça aos outros o que não quer que façam contigo”*.

Porque tentar “impor” as pessoas, àquilo que eu gosto? Porque tentar “impor” algo fanaticamente, alegando que respeitem o seu culto?

Porque tentar “impor” algo, alegando que faz parte efetiva da ritualística da sua religião, sendo que jamais ouvimos um Guia Espiritual sequer nos dizer que “sem Atabaques uma Sessão Espiritual não funciona”. Será que você gostaria de ter uma Igreja Protestante ou um Terreiro de Umbanda ao lado da sua casa com instrumentação e cânticos altíssimos?

Será que meus vizinhos estão reclamando ou mesmo nos processando na justiça tão somente por não gostar de mim ou da Umbanda? Com a nossa intransigência não estaríamos criando uma condição infeliz, onde as pessoas pegariam “nojo” da Umbanda?

Então, quando houver reclamações do alto barulho produzido pelos Atabaques, reflita, usando a razão e o bom senso, verificando a veracidade dos fatos, e esteja pronto pra reformular seus conceitos. Somente atente que: *“Toda discussão é estéril”*; não imponha; ninguém é obrigado a te aceitar, e nós por sermos médiuns evangelizados, devemos entender as pessoas.

Depois de tudo exposto, analisem na razão e do bom senso, o porquê o senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas vetou veementemente o “bater de tambores” em sua ritualística.

Vamos agora ler com atenção, uma história com um grande exemplo enfatizando o Atabaque, contada por uma Preta-Velha:

A ESSÊNCIA EM DETRIMENTO DA FORMA

Dona Margarida era uma senhora que já passava dos sessenta anos de idade, embora seu dinamismo não demonstrasse, aparentando ser muito mais jovem. Sempre alegre, disposta e conversadeira, era conhecida e querida por todos do bairro onde morava. Parteira aposentada, trabalhara como enfermeira num hospital público por muitos anos e vivia modestamente fazendo um trabalho voluntário na creche perto de sua casa. Nunca havia parido, mas considerava-se meio mãe de quase uma centena de crianças.

Certo dia, observando, da janela de sua casa, a meninada brincar na rua, percebeu que uma senhora distinta e desconhecida, ao chegar próximo de seu portão, benzeu-se com o sinal da cruz e atravessou a rua rapidamente. Estranhou o gesto e até desceu a rua para verificar se havia algo estranho por ali, nada observando. Curiosa, perguntou a um dos meninos se conhecia aquela senhora, e foi informada de que se tratava de moradora nova do bairro. Ainda segundo o menino, soube que era uma carola da igreja. Dona Margarida, em sua simplicidade, não deu mais importância ao fato, até o dia em que, entrando na quitanda de seu Zé, encontrou-se com a senhora e pôde perceber seu mal-estar com sua presença. A mulher rapidamente deu-lhe as costas e outra vez fez o sinal-da-cruz disfarçadamente. Foi impossível não se sentir embaraçada com aquilo, e, quando ela saiu, comentou com seu Zé e foi informada:

- Seu nome é Eleonora, professora aposentada. Hoje ela se dedica em tempo integral à Igreja Católica, coordenando vários setores dos trabalhos prestados nas capelas. Comentou com minha esposa que fez um levantamento aqui em nosso bairro para avaliar o número de famílias católicas.

Vai cadastrar todas e fazer apelo para que compareçam à missa todos os domingos, além de pedir que se desvinculem das visitas ao Centro de Umbanda a que estão acostumados, pois, segundo ela, “é prática primitiva e perdição dos cristãos”.

Estava explicado! Dona Margarida era a dirigente do Terreiro de Umbanda onde as pessoas buscavam ajuda, não importando a religião que seguiam. Um misto de tristeza e pena foi o que passou pelo coração de dona Margarida, mas, como não sabia guardar mágoas, logo esqueceu. Em tantas outras ocasiões aconteceram encontros inevitáveis entre Eleonora e pessoas que moravam perto de dona Margarida. Voltava a se repetir o mesmo embaraço.

Muitos comentários chegavam até os ouvidos de dona Margarida sobre os sermões dominicais, quando o tema “Umbanda” era abordado e os fiéis eram alertados sobre o perigo daquela prática – segundo eles, demoníaca. Dona Margarida também soube que a senhora católica havia passado para os moradores do bairro um abaixo-assinado que ela apresentaria posteriormente à Prefeitura Municipal, pedindo o fechamento do centro de Umbanda, alegando que o som dos Atabaques e a cantoria até tarde da noite incomodavam os vizinhos, além de alegar que os frequentes “despachos” nas esquinas eram um “perigo iminente à população”, ocasionado pelos umbandistas.

Querendo ou não, dona Margarida estava se abatendo com todos os rumores; afinal, sempre vivera-se em paz naquele lugar, independentemente do credo religioso, da cor da pele ou da condição socioeconômica dos moradores. Por isso, naquela noite, após o atendimento ao público no terreiro, Vovó Catarina, a Preta-Velha protetora de dona Margarida, reuniu a corrente de médiuns e se manifestou:

- Saravá aos filhos de fé! A preta velha e os outros manos que aqui vêm prestar a caridade estão observando que os filhos andam preocupados com os acontecimentos. Embora não estejamos mais na época da escravidão negra, ainda as sombras insistem em escurecer o coração de algumas criaturas que são instigadas a escravizar outras, segundo sua vontade e seu poder.

Enquanto existir a ignorância em lugar da busca do conhecimento e enquanto o egoísmo ocupar o lugar destinado ao amor no coração das pessoas, existirão portas abertas por onde as trevas se infiltram para desarmonizar o mundo.

Os escravos, para exercer seu culto aos Orixás, precisaram enganar os senhores com o sincretismo. Hoje existe a liberdade de crença, de culto, mas existem as leis dos homens, que precisam e devem ser respeitadas. Por isso, esta preta velha vem pedir aos filhos que respeitem a lei do silêncio e retirem os Atabaques do terreiro.

O pedido da Preta-Velha caiu como algo fúnebre sobre a corrente, levando alguns a argumentar:

- Minha mãe, com todo respeito, nosso trabalho vai ficar descaracterizado!

- O filho sabe que não é o som dos Atabaques que deixa a caridade que aqui é prestada mais ou menos eficiente ou agradável aos olhos do grande Pai Zambi.

Da mesma forma que a altura com que são cantados os pontos não interfere na qualidade do trabalho efetuado, mas sim e apenas o amor e a dedicação que os filhos derramam de seus corações. São apenas costumes que podem ser mudados, e, se aos olhos do mundo lá fora é isso que incomoda, de nada custa cortar os galhos, se são eles que incomodam a janela do vizinho, antes de ter que sacrificar a árvore inteira.

- Eles estão sendo injustos conosco, minha mãe. Acusaram-nos de efetuar despachos nas esquinas, e a senhora sabe que isso não faz parte de nosso culto.

- O filho referiu-se ao termo certo: injustiça. Se nada devem, nada temam. O tempo se encarrega de mostrar a verdade. Por isso os manos da espiritualidade insistem seguidamente com a corrente para que estudem e se atualizem, evitando falsas crenças, procurando fazer da amada Umbanda “uma banda só”, evitando muitos ritos inúteis e misturas confundíveis e desnecessárias.

É preciso que todos os umbandistas procurem entender que a magia é mental e que os materiais usados apenas catalisam as energias, sendo necessários somente enquanto as mentes acostumadas ao fenômeno físico ainda não estiverem adestradas. Que se deixe de confundir “oferendas” que não têm nada de ofensivo às pessoas, nem ao sítio sagrado da natureza, com os despachos que causam mal-estar aos transeuntes de vossas cidades e que deixam espalhados materiais perigosos como vidros quebrados, além da exposição de animais em decomposição, quando não, de bonecos alfinetados, nada agradáveis aos sentidos da visão e do olfato.

Por que então não substituir o tão agradável som dos Atabaques pelo som de uma leitura instrutiva e evangelizadora aos consulentes e à corrente mediúnica?

Quem sabe é hora de os filhos pensarem na formação de uma escolinha aos pequenos, ensinando-lhes sobre a realidade da umbanda, renascida em solo brasileiro, mas de origem ancestral, de maneira a esclarecer os espíritos desde cedo e, assim, desmistificar a visão distorcida desse culto sagrado.

Nada como esclarecer, como ensinar para que se desfaçam os equívocos. Já passou o tempo em que apenas a fé, mesmo irracional, bastava. O mundo evoluiu, e é preciso que tudo e todos se ajustem a esse processo.

Prova disso está na tirania que se exerce sobre mentes desavisadas, que, condicionadas a uma fé irracional e milagreira, entregam tudo o que possuem a certos pastores de religiões que se dizem cristãs. É preciso discernimento do médium que trabalha na magia, pois ela é uma faca de dois gumes.

Os necessitados que batem à porta do terreiro, se esclarecidos sobre a parte que lhes cabe nas mudanças de atitude, deixarão de mistificar a Umbanda como a “milagreira das horas de apuro” e passarão a respeitar o culto como ele merece ser respeitado. Se mentem, cabe aos filhos desmentir com atitudes justas, nunca com revides.

A Umbanda hoje, meus filhos, pela vibratória de Xangô, atua em vosso mundo de forma instigante, para que se exerça a justiça em todos os setores da sociedade. Nada temam, não enfraqueçam vossa fé e fiquem alerta para a verdadeira caridade, nunca julgando quem quer que seja. “Todos” que aqui aportarem deverão ser atendidos com amor e respeito.

Embora atentos, talvez nem todos entenderam a última frase de Vovó Catarina. Naquele terreiro, a partir daquela noite, calou-se o som dos Atabaques. Demorou um tempo até que os médiuns se acostumassem com aquilo.

Mas, diante de várias tarefas a que se ligaram, como a fundação Escolinha de Umbanda Cosme e Damião, onde havia curso para os pequenos e para os adolescentes, além do estudo mensal da corrente mediúnica e das palestras esclarecedoras para os consulentes, pouco tempo restou para chorar o leite derramado.

Como bem dizia Vovó Catarina, *“mente ocupada no serviço da caridade é ferramenta afiada, e Preta-Velha gosta de cortar mironga com ela ... eh eh”*.

Os ânimos haviam se acalmado, e dona Margarida estava se acostumando com o benzimento costumeiro da beata, sempre que o acaso as levava a se encontrar. A conselho da Preta-Velha, cumprimentava Eleonora educadamente e mentalmente a abençoava. Certa manhã, ao chegar à quitanda, percebeu certo tumulto que se fazia lá dentro. Logo verificou que alguém se debatia no chão, acometido de aparente ataque epilético.

Chegando mais perto, viu ser dona Eleonora. Sem demora, tomou providências, afastando as pessoas que, assustadas, em vez de ajudar, sufocavam-na, fechando um círculo ao seu redor.

Dona Margarida sabia como lidar com a situação por causa de seus longos anos de dedicação à enfermagem. Arregaçou então suas mangas, abriu a gola apertada da camisa da vítima, rasgou um pedaço de tecido de sua própria saia e, enrolando-o em seu indicador, salvou Eleonora de asfixiar-se com a própria língua. Fez todos os procedimentos de praxe, e, aos poucos, aquela senhora voltava a si outra vez, sem entender o que havia se passado, agora sendo aconselhada por dona Margarida a procurar imediatamente um médico.

Muito tempo depois desse fato, certa noite, quando os atendimentos já findavam no terreiro e as portas eram fechadas para que a corrente mediúnica pudesse encerrar os trabalhos, uma senhora de óculos escuros e com um lenço amarrado na cabeça cobrindo parte da face, tentando claramente disfarçar sua imagem, pedia ao cambono que, por favor, atendessem-na. Foi levada até a frente do Conga, onde Vovó Catarina ainda estava incorporada em seu aparelho, esperando-a.

- Nega véia saúda zi fia.

- Estou muito envergonhada. Na verdade, tenho sonhado muito que estou aqui à sua frente e agora vejo que é tudo igual, como no sonho. Estou apavorada, pois andam acontecendo coisas estranhas comigo. Ontem mesmo o padre a quem tenho auxiliado todos estes anos pediu para que me afastasse da igreja, pois acha que estou endemoniada.

Por várias vezes, quando as pessoas me procuram para aconselhá-las, eu saio do ar, e dizem que, além de me abaixar como uma velha arqueada, falo diferente, assim como a senhora está falando agora. Dizem que ensino remédios com ervas, banhos de descarrego, que benzo. Quando volto do transe, sinto-me muito bem; nem as dores do reumatismo sinto mais por vários dias. Depois que isso começou a acontecer, nunca mais tive os desmaios. Mas estou triste, pois minha vida é a igreja, e agora fui afastada.

- Eh eh... zi fia. Salve a mana que tá grudada em seu costado!

Por mais de hora, enquanto a corrente, concentrada, cantava baixinho pontos aos Orixás, Vovó Catarina esclareceu àquele coração sedento de sabedoria, de entendimento, as coisas do espírito. Falou-lhe sobre sua mediunidade reprimida, sobre caridade, sobre Deus como Pai de todos, sobre Cristo e o que era ser cristão. Daquele dia em diante, mesmo sem os Atabaques naquele terreiro, mais uma voz se juntava quando a corrente louvava os Orixás, dando um tom especial à caridade.

“Saravá pra Vovó Catarina que é dona da gira do meu terreiro. Saravá pra vovó Catarina e pra todas as almas do cativoiro”.

(Trecho extraído do livro: “Causos de Umbanda – A psicologia dos Pretos Velhos”. Pelo Espírito de Vovó Benta – Psicógrafa: Leny W. Saviscki)

HINOS, PONTOS DE FORÇA E PONTOS DE PODER

Na “Escola Iniciática Umbanda Crística”, os Pontos Cantados são divididos entre Hinos, Pontos de Força e Pontos de Poder.

- **Hinos:** São os cânticos efetuados que elevam o tônus vibratório de todos, através da vivenciação sentimental emanadas das composições, que trazem mensagens do Evangelho, de amor, caridade, elevação, perdão, reforma íntima e mesmo exaltação a Deus, a Jesus, a Mãe Maria Santíssima, a Orixás e aos Guias Espirituais. São composições elaboradas com letras que remetem a exemplos de vida. Os hinos são os tipos Etho lídio (que produz sentimentos de contrição, de arrependimento, de compaixão), e o Etho dórico (que gera estados mais profundos, de recolhimento e de concentração).

Os que chamamos de “Pontos”, são composições curtas, que não remetem a mensagens elaboradas, somente se atendo a repetições condicionantes, às vezes mantrâmicas, fazendo com que todos cantem repetidamente, forçando o cérebro a condicionar a mensagem, para a formação de egrégora.

Os pontos são divididos em:

- **Pontos de Força:** São os cânticos entoados com a finalidade de invocar, bendizer e trazer curtas mensagens sobre todos os Espíritos trabalhadores da Umbanda. Os cânticos de Força é o tipo Etho eólio (que gera sentimentos profundos e amor).
- **Pontos de Poder:** São os cânticos entoados com a finalidade de proteção, descarregos, firmação, desmanches e benzeções. Os cânticos de Poder é o tipo Etho frígio (que excita, gera coragem).

É de suma importância a devida concentração quando formos entoar cânticos de força ou cânticos de poder, para que seja formada a devida egrégora sustentadora de todo o trabalho espiritual, bem como termos as condições necessárias da formação mental facilitadora das manipulações magnéticas em ligação com o astral superior, bem com as forças da Mãe Natureza.

Os pontos de força e pontos de poder são distribuídos em dois tipos:

1º) Pontos Cantados de Raiz

São os cânticos compostos por Guias Espirituais que os trazem dos Planos Espirituais onde habitam, fazendo deles uma chamada particular ou da Linha de Trabalho Espiritual que integram, ou mesmo ativador de egrégoras. Ativam uma linguagem espiritual referente aos sons que o ponto emite, estabelecendo uma conexão vibratória entre o plano físico e o plano espiritual. Traduzem verdadeiras magias de movimentação magnética, e devem ser cantados com concentração. Os Pontos de Raiz somente são ensinados pelos Guias Espirituais, pessoalmente, ou mesmo intuídos para médiuns abalizados. Os pontos cantados de raiz de forma nenhuma devem ser alterados em suas letras ou melodias, já que são direcionados e estabelecidos pelos Guias Espirituais para fins específicos. Geralmente, os pontos cantados de raiz são dolentes e entoados de forma harmoniosa sem o concurso de qualquer tipo de instrumento musical e não ser a própria voz. Se trocarem o nome das entidades espirituais nesses pontos, não vemos problema algum.

2º) Pontos Cantados Terrenos

São os cânticos criados pelos encarnados para homenagear os Orixás, as Linhas de Trabalhos Espirituais ou determinado Guia Espiritual, sendo aceitos pela espiritualidade desde que providos de musicalidade religiosa, harmonia, espiritualidade, razão e bom senso. Às vezes, porém, nos deparamos com pontos cantados terrenos que nos causam verdadeiro espanto, quando não tristeza. São composições “sem pé nem cabeça”, destituídas de fundamento, com frases ingênuas e sem nenhum nexo, chegando algumas a denegrirem os reais valores umbandistas; estes são veementemente rechaçados pela espiritualidade.

Vejamos a opinião de dois dirigentes umbandistas, onde vemos coerência:

PONTOS CANTADOS E SUA INICIAÇÃO

Os pontos cantados de Umbanda, ou seja, os cânticos entoados nos Templos umbandistas têm finalidades sequer imaginadas pelos consulentes, e mesmo por muitos médiuns, estando longe de serem apenas para alegrar ou distrair pela música. São, na verdade, manifestações do Verbo Sagrado, decodificações dos Mantrans da Coroa do Verbo, com profunda ação magística, capazes de movimentar as forças sutis da Natureza...

(...) Dentro da ritualística de Umbanda, os pontos cantados são indispensáveis. São verdadeiras orações cantadas, que expressam à fé, a mística, a magia da ritualística de Umbanda. Mas hoje em dia, infelizmente, existe muita adulteração.

Antigamente – e mesmo hoje, em raros Templos de Umbanda – nossos mentores os ensinavam, cantando-os durante as Giras.

Quando uma Entidade Espiritual (Caboclo, Pai-Velho, etc.) ensina um ponto cantado, dizemos que o mesmo é de raiz. Hoje em dia os pontos cantados de raiz são raros. O que há é muito ponto cantado sem pé nem cabeça, identificando o nível espiritual de quem os canta. Sim, temos observado, de há muito, pontos cantados de uma pobreza franciscana no verso e na musicalidade, que acabam por fornecer subsídios aos nossos mais fortes detratores.

Este equívoco de muitos irmãos em fé já está sendo corrigido e entendido em muitos lugares, pois os verdadeiros umbandistas são pessoas simples, honestas e bem-intencionadas, que buscam de todas as formas melhorar seus rituais para melhor atender-se ao objetivo e finalidade máxima da Umbanda, qual seja a prática da caridade, em todas as suas formas e expressões. Deixemos para trás esses pontos desconexos, barulhentos, esquisitos, jungidos às coisas do baixo mundo astral e que foram “feitos” por “veias poéticas” profanas de visionários e fanáticos... pelo dinheiro!

Os verdadeiros pontos cantados são como já dissemos os de raiz, dados que foram por uma Entidade Espiritual de fato e de direito, expressam, de maneira sublime, uma mensagem, uma emoção, um sentimento, uma imagem, um alerta, etc.

Como podemos observar ao ouvi-los, além de ativarem o misterioso fogo renovador da fé e do puro misticismo, movimentam uma linguagem metafísica onde cada um entende, segundo seu alcance, várias mensagens. Com eles as Entidades impregnam certas energias e desimpregnam outras, dependendo do ponto cantado no momento. (...)

(...) Os pontos devem ser entoados não apenas com a boca, mas sim, muito principalmente, pelo coração, ou seja, devem ser sentidos, interiorizados. A “Corrente Espiritual” de um Terreiro, ou seja, os Guias, os Protetores, esperam que todos entendam que os pontos cantados em verdade são o “roteiro vibratório” da Gira. É o caminho vibratório por onde uma Gira vai encaminhar-se.

Pontos cantados adequados e harmonicamente cantados tornarão a Gira tranquila, proveitosa e organizada, dando-se o contrário quando os pontos cantados forem inadequados e inabilmente entoados. Como já dissemos, os “verdadeiros” pontos despertam a fé, a harmonia, o bom ânimo, o ajuste, etc.

Jamais os pontos cantados devem ser “gritados”, entoados a plenos pulmões, ferindo a sensibilidade astral de quem a tenha e mesmo de quem não a tenha. Pontos cantados altos, gritados, ativam o ardor guerreiro, atávico, fetichista, atraindo esta classe de correntes de pensamento e Espíritos afins. Repetimos que os pontos cantados são verdadeiras orações, quando bem cantados, em cujas letras realmente há imagens positivas, que elevam o tônus vibracional (energético) de todos, facilitando a atuação das Entidades Espirituais em determinados médiuns e mesmo nos consulentes.

O ponto cantado de raiz (dado por uma verdadeira Entidade) não se limita a atuar em certas pessoas através de reflexo condicionado. É importante entendermos que a música é uma combinação harmoniosa de sons. Como sabemos pela ciência oficial, todo som tem frequência peculiar, tendo cor e emitindo, atraindo ou dissipando certas energias. Além dos aspectos místicos, o ponto cantado movimenta a Magia de Umbanda...

Segundo o Caboclo Senhor Sete Espadas, em relação aos pontos cantados: *“Procure entoar os pontos cantados adequadamente, sentindo-os e não apenas cantando-os. Sinta-os em sua alma e verá surpresa, como você canta bem, como você está bem. O ponto cantado é o caminho vibratório por onde “anda” a Gira. É o Verbo Sagrado; portanto entoe-os adequadamente, harmoniosamente (...).”*

Os pontos cantados mudam de ritmo e mesmo de frequência de acordo com as Linhas Espirituais.

(...) Como estamos observando, o ponto cantado possui uma função ímpar dentro do ritual de Umbanda, devendo ser-lhe dada a devida atenção, pois estamos movimentando forças das quais poucos conhecem a existência.

(Yamunisiddha Arhapiagha)

PORQUE OS PONTOS CANTADOS SÃO TÃO IMPORTANTES PARA UM TERREIRO DE UMBANDA?

O ponto cantado é uma prece, uma oração. Através deles, salvamos uma, ou várias forças; pedimos ajuda para aflições, demandas, cargas negativas etc.

Sendo assim, os pontos devem ser entoados não apenas com a boca, mas com o coração. É preciso que um filho de fé sinta o que está cantando, interiorize o seu cantar. Para saber cantar um ponto não é preciso o “dom do cantar”, é preciso apenas saber sentir.

São os pontos cantados o caminho vibratório por onde uma gira vai encaminhar-se. Se estes forem cantados com o coração, certamente esta gira tornar-se-á tranquila, proveitosa e organizada, porque despertarão: a Fé, a Harmonia, a Paz etc.

Assim como acontece cada vez que vamos fazer as nossas preces, de forma tranquila, sem palmas, sem tambores, sem gritos, sem pulos, sem nada, apenas a nossa voz e Deus. Certos filhos de fé, inclusive, gostam de cantar pontos quando vão fazer suas preces, suas orações, e isso o fazem tranquilamente, em Paz.

Saibam vocês, que quando um ponto é cantado aos gritos, a plenos pulmões, ele fere a sensibilidade astral de quem tem e até mesmo de quem não tem.

Outro aspecto a se observar são as letras desses pontos, pois as mesmas devem estar repletas de imagens positivas que elevem o tônus vibracional de todos, facilitando inclusive a atuação das entidades espirituais.

Por esta razão, os “Pontos de Raiz” são tão importantes, primeiramente porque são pontos dados pelas Entidades espirituais e, por isso mesmo não se limita apenas a atuar em certas pessoas através do reflexo condicionado, ele penetra profundamente na alma de todos que têm sensibilidade para tal. É importante ter em conta que a música é uma combinação harmoniosa de sons e que, tem cor, atrai ou dissipa certas energias, portanto, além dos aspectos místicos, o ponto cantado movimenta forças, movimenta a magia de Umbanda.

Saibam os Filhos de Fé que o som do Atabaque, por ser destituído da qualidade chamada altura, produz ruídos e não acordes. Seus sons despertam tão somente a cor vermelha (monocromático).

Os ritmos são em compasso compostos de dois sons, e os andamentos lento, moderado e rápido

Além disso, por prestar-se mais a ritmos sob o compasso compostos de dois sons, e os andamentos lento, moderado e rápido (o mesmo usado para as marchas militares, etc.), sua percussão retumba principalmente sobre nossas vísceras, ativando assim, num ambiente mediúnico, o atavismo, o animismo, o fetichismo. Como a maioria dos brasileiros gosta de um bom pagode ao ritmo dos tantãs e Atabaques, um simples bater dos instrumentos já começa a gingar. Porém, não podemos esquecer que isto é festa, é lazer, é divertimento profano e não culto religioso ou de aperfeiçoamento espiritual, até porque, os guias e protetores não são pagodeiros e o som produzido pelos referidos pagodes nada têm a ver com a faixa vibratória deles.

Dessa forma, haveremos de concordar, movidos apenas pela lógica pura e simples, que gostar de um “bom batuque” é lícito, é justo, mas daí a querer levá-lo aos nossos Terreiros vai uma distância enorme (...).

(...) Para quem interessar possa, deixo aqui algumas características sobre o ritmo e a frequência dos pontos cantados:

- Vibração Espiritual de Oxalá – os sons são místicos, predispondo à paz e às coisas do Espírito.
- Vibração Espiritual de Ogum (*nota do autor: igualmente para Yansã*) – os sons são vibrantes.
- Vibração Espiritual de Oxossi – os sons são imitações da harmonia da natureza.
- Vibração Espiritual de Xangô – os sons são graves, isto é, são cantados “baixo”.
- Vibração Espiritual de Yorimá (*nota do autor: Omulú/Obaluaê*) – os sons são dolentes, melancólicos.
- Vibração Espiritual de Yori (*nota do autor: Ibeji – Crianças*) – os sons são alegres, predispondo ao bom ânimo.
- Vibração Espiritual de Yemanjá (*nota do autor: igualmente para Nanã Buruquê, Oxum, Obá e Yewá*) – os sons são suaves, predispondo à renovação afetiva emocional.

(nota do autor: Para as entidades espirituais militantes na umbanda, os pontos cantados são com as mesmas características da dos Orixás a que são filiados por afinidade)

Finalizo o texto apenas reforçando o ensinamento dos Guias e Protetores da Sagrada Corrente Astral de Umbanda, quando afirmam que o ponto cantado possui uma função ímpar dentro do ritual de Umbanda, devendo ser-lhe dada a devida atenção, pois estão sendo movimentadas forças das quais poucos conhecem a existência.

(Tania Lacerda – com adaptações do autor)

Observaram a importância da concentração, bem como a forma harmônica que devemos entoar os Pontos Cantados de Umbanda, entoando-os de coração, e de forma correta, para a formação da egrégora sustentadora dos trabalhos espirituais?

Agora, vamos estudar o que quer dizer egrégora, para podermos finalizar o nosso entendimento de como devemos proceder ao curimbarmos num Terreiro de Umbanda. Como já dissemos, ao entoarmos os pontos cantados, imediatamente formamos uma eficiente egrégora. É um dos principais objetivos dos pontos cantados.

O QUE VEM SER EGRÉGORA



Se você é pai no santo ou médium frequentador de algum Terreiro, já deve ter pelo menos ouvido alguém dizer: *“Olha a corrente, gente! Vamos concentrar!”*

Você sabe realmente o que isso quer dizer? Muita gente (até as que falam) não sabe!

O que é essa tal de “corrente”? Será uma corrente de ferro ou de fibras que se forma no invisível? Será uma corrente que vai prender os Espíritos? Será? Será?

Na verdade, quando um dirigente (quando bem preparado) chama a atenção para a “corrente” é porque ele sentiu uma queda ou diminuição na energia ambiental (egrégora) que deve ser mantida pelos médiuns em um potencial elevado, de forma a manter os trabalhos em nível adequado, até mesmo por uma questão de auto preservação.

Essa questão da “corrente” ou egrégora é tão importante que vamos nos aprofundar um pouco mais no assunto para que você possa perceber, se orientar e orientar a outros.

Nota do autor: Egrégora provém do grego “egrégoroi” e designa a força gerada pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade. É o envolvimento, clima envolvente, estado de Espírito resultante de fatores externos e internos. Quando um grupo de pessoas se reúne em meditação e oração com um objetivo comum, pela união do amor e da vontade é criada uma forma pensamento. Essa forma pensamento coletiva é formada pela vontade dos encarnados e desencarnados, movidas pela intenção. Baseada na Grande Lei de que cada pensamento/sentimento, cada intenção, quando aliada ao desejo sincero transmite uma força dinâmica separada do ser que a forma e a envia, formamos um grupo de meditação e oração para podermos juntos emitir pensamentos saudáveis de amor e paz, conduzidos no plano astral pelos Anjos, Orixás, Guias Espirituais, Santos, etc., canalizados para um bem comum. A força de uma egrégora é ampliada, e segundo a intenção e dinamização do grupo formador, se torna poderosa. Portanto, egrégora é uma força espiritual coletiva.

Vou tomar como exemplo uma Gira de Umbanda, mas advirto que você pode adaptar minhas explicações para entender práticas espirituais, inclusive das Igrejas Evangélicas que fazem curas, etc. Vamos considerar um grupo de 10 pessoas e partir do princípio de que todas estão unidas por um mesmo ideal. Isso é a base de tudo! Criada a egrégora como já vimos antes (pela união dos pensamentos direcionada aos mesmos fins), cada vez mais energias de mesma sintonia são atraídas para o ambiente. Essas energias somadas atuam imediatamente nas pessoas que ali estão e em alguns casos, se for bem forte já começam a operar alguns “milagres”, desde que as pessoas estejam em estado de recepção (concentradas no ritual e ansiando por receberem um bem). As entidades afins (aí eu já estou falando de seres espirituais) penetram e até são atraídas para o interior.

Entidades inferiores tendem a ser barradas por uma força invisível (a energia) que a princípio é incompatível com suas vibrações (isso se tudo estiver “correndo bem”). Se uma entidade inferior for atraída para dentro da egrégora, ela fica de certa forma subjugada pela força desta e desse modo se consegue lhes dar um melhor encaminhamento para outros planos espirituais. As entidades afins usam parte dessa energia para auxiliar os que ali estão na medida de suas possibilidades.

A técnica usada nos Terreiros de Umbanda e Candomblé para formar a egrégora inicial (quando os grupos são bem dirigidos) está baseada nos rituais de “abertura”. Já nas Igrejas Evangélicas e outras, consiste basicamente nas pregações, que fazem com que os adeptos se concentrem ou dirijam seus pensamentos de acordo com a “pregação”. Se você for um estudioso e não carregar preconceitos, notará que nessas “pregações” há sempre um direcionamento do raciocínio dos ouvintes de forma a fazê-los pensar positivamente e acreditarem firmemente na possibilidade de alcançarem os bens que foram procurar. Nesse momento, embora nem saibam, às vezes, estão gerando a egrégora. Fazer com que a assistência participe ativamente, pensando positivamente, deve ser parte obrigatória de todas as Giras de Umbanda.

Essa, no entanto é uma prática esquecida e o que vemos em muitos Terreiros é uma assistência quase que sempre alheia, só participando em alguns momentos, de preferência quando vêm de encontro ao que lhes interessa.

Dessa egrégora, como já disse, são retiradas as energias para a realização dos trabalhos, o que vale dizer que se essa energia não for forte o suficiente, o mínimo que pode acontecer é acontecer nada. Por outro lado, se a corrente ou egrégora das “Giras” não for suficiente, várias complicações podem acontecer com o passar do tempo, sendo que, o(a) dirigente, por ser o centro maior das atenções e para quem convergem as maiores quantidades de energia ali geradas e mesmo as trazidas pelos assistentes, é quem sofre, por assim dizer, as maiores consequências dos trabalhos realizados sem a devida segurança.

Veja abaixo alguns tipos de complicações que podem ocorrer:

- Médiun dirigente e/ou médiuns auxiliares não conectados positivamente com suas entidades de guarda o que pode provocar de imediato incorporações insatisfatórias, e insegurança – animismo.
- Perturbações por intromissão de entidades do Baixo Astral que encontram entrada fácil nesses casos.
- Problemas com médiuns e/ou assistência com relação até mesmo à integridade física, pois não é raro em sessões dessa natureza, haverem manifestações turbulentas de entidades descontroladas e médiuns idem.
- Cansaço físico de dirigente e médiuns ao final dos trabalhos pela perda energética sofrida. O normal é que quando se encerram os trabalhos, todos os médiuns se sintam em perfeitas condições físicas e, não se tratando de trabalhos de descarga e desobsessão, é normal até que saiam sentindo-se melhor do que quando chegaram, justamente porque conseguiram atrair uma grande quantidade de energia positiva da quais todos poderão desfrutar.

Observação: Existem mais situações que podem acontecer, mas vamos ficando por aqui, pois só as citadas já darão como consequências as que vêm após.

Complicações que podem ocorrer com a continuidade dos problemas:

- Enfraquecimento crescente dos contatos entidade/médiun.
- Corpo mediúnico cada vez mais inseguro.
- Dificuldades crescentes para a realização de trabalhos.
- Problemas começam a surgir na vida material de todos.
- Discórdias entre o grupo começam a gerar desentendimentos maiores.
- Formam-se grupos dentro do grupo dividindo a energia ao invés de somá-la.
- Doenças e dificuldades começam a aparecer.
- Como os contatos espírito/médiun já não são tão positivos, torna-se difícil ou impossível a solução de problemas que antes eram nada (aí, não raramente começam a se consultar em outros lugares).

Para sintetizar: Todos serão altamente prejudicados por seus próprios atos e desunião e, como ocorre normalmente, ao final elegerão sempre um culpado – ou o dirigente ou a própria Umbanda (no nosso caso).

Ainda sobre a egrégora de Terreiros de Umbanda, é preciso que se explique que ela, além de ser formada e nutrida com a energia gerada em cada reunião, também é favorecida pelas “firmezas” ou “assentamentos” que devem ser tratados, reforçados e respeitados.

Mais uma explicação. Assentamento, como muitos podem crer, não é prática exclusiva das religiões Afro. Até mesmo elas “importaram” essa prática de Seitas e Religiões muito mais antigas. Se os assentamentos estiverem bem “sintonizados” com as energias e entidades para os quais foram dirigidos, sabendo o/a dirigente acioná-los, eles serão de grande importância (caso contrário serão meros ocupantes de lugar), pois poderão trazer para o ambiente essas energias e entidades que beneficiarão sobremaneira a realização de trabalhos positivos.

Para resumir e ficar bem entendido observe o seguinte:

- Energia positiva atrai energia positiva (o oposto também vale).
- Pensamentos (que geram energia) positivos atraem energias e fatos positivos (ou negativos...).
- Medo, insegurança e discórdias quebram a rotina da criação e da ação de energias positivas.
- Fé (certeza, convicção) provoca sempre a criação de energia e, quanto maior for maior será a ação dessa energia.
- Egrégoras são energias que podem ser geradas e fortalecidas a cada dia. Se elas serão positivas ou negativas, dependerá de quem as criará.
- Egrégoras (se positivas) são de utilidade total em qualquer reunião para trabalhos mediúnicos. Quanto mais fortes, maior o auxílio que podem prestar.
- Egrégoras formam-se até mesmo em sua casa, seu ambiente de trabalho, etc. Só que nesses casos, como não costuma haver um direcionamento das energias que a formarão (a não ser em poucos casos) elas correm o risco de serem negativas.
- Grupos desunidos, por mais forte que queira parecer o dirigente, estarão sempre a um passo da derrota em função de não conseguirem gerar o ambiente propício para a presença de verdadeiros Espíritos Guias.

A disciplina e a união em torno de objetivos comuns são partes sólidas da base que construirá o verdadeiro Templo – aquele onde comparecerão sempre os verdadeiros Amigos Espirituais.

(Claudio Zeus – extraído do livro Umbanda Sem Medo Vol I)

SACRIFÍCIO DE ANIMAIS SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”



Ao abordar esse assunto delicado, antes, gostaríamos de esclarecer, no nosso entendimento, analisando na razão e no bom senso, o porquê o sacrifício ritualístico de animais, quer para homenagear Orixás, Guias, Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios, magias e/ou despachos magísticos, para obtenção de favores de qualquer ordem, é uma prática que não faz parte dos postulados da Umbanda. Não estaremos condenando e nem criticando quem faz uso desse ritual, mas tão somente afirmando que na Umbanda, categoricamente, não se faz, e tem seus motivos, que a priori pode contrariar muitos.

Zélio Fernandino de Moraes, médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas (anunciador da Umbanda no Brasil) com 83 anos de idade, relatou o seguinte: *“O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca determinou o sacrifício de animais, quer para homenagear Entidades, quer para fortificar a minha mediunidade. Ele* (nota do autor: o Caboclo) *excluiu tudo o que de supérfluo* (nota do autor: para a Umbanda) *nos legaram as seitas africanas”.*

“Zélio de Moraes foi um médium exemplar e com o Caboclo das Sete Encruzilhadas se conjugaram numa brilhante missão. Foram vanguardeiros ostensivos que plantaram as primeiras sementes da reação e do protesto doutrinário, contra as práticas fetichistas das matanças e dos sacrifícios a divindades... etc.” (palavras de Wilson Woodron da Matta e Silva).

Zélio de Moraes relata em entrevista com Lília Ribeiro realizada em 1961 diversos assuntos relacionados à Umbanda anunciada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas no que tange a sacrifícios de animais:

SOBRE A MATANÇA DE ANIMAIS PELOS QUE SE DIZEM UMBANDISTAS

- D. Lília Ribeiro – Sr. Zélio, nós gostaríamos de saber agora o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas diria sobre as matanças que são feitas todo dia, quase ainda, pelos que se dizem Umbandistas.

Sr. Zélio – *“Decorrido cinco anos de existência da Tenda da Piedade, Ele trouxe da Malasia, um Espírito que se dá o nome de Ogum Orixá Mallet (pronuncia-se Malé), um rajá da Malasia, para curar os loucos e desmanchar as feitiçarias. Porque aqueles Pretos que trabalhavam, até aquele momento, na capital da República, só trabalhavam matando bichos, então, o bicho era a coisa material para levar a magia, os Espíritos, em cima dos outros para fazer o mal. E veio este Espírito para desmanchar essas feitiçarias feitas na magia negra, esse Orixá Mallet.*

E então, ele nos ensinou, e nos ensinando, como ele fala que foi um grande faquir, por que fez diversas provas com facas, rodeando a pessoa com faca, tá aí o general Aristóteles Santos, que foi o primeiro a precisar de cinquenta e sete facas ao redor.

Então, o que acontece é que, começamos a sentir que eles cobravam dinheiro, então, para fazer, pediam bichos para matar, inclusive até urubus, e outras coisas mais. E cada vez mais caro”.

- D. Lilia Ribeiro – Ao seu ver, então, a matança é só um meio de se ganhar dinheiro? Eles só usam os bichos para sacrificar, só pra ganhar dinheiro?

Sr. Zélio – *“Pra tratar na magia? Só pra isso. Porque, pra aumentar a renda. Muitos hoje estão felizes, esses que trabalham matando bichos. É só pra ganhar dinheiro. Não há ninguém que posso contar que eu estive sendo pago pelas pessoas. No entanto só de loucos saíram um montante”.*

- D. Lilia Ribeiro – E toda a desculpa que dão alguns, de que os Orixás é que pedem esses sacrifícios para fortalecer os Anjos de Guarda e outras coisas mais. O quê que o senhor diz?

Sr. Zélio – *“O meu Orixá, nunca me pediu para sacrificar bichos. Nem os outros que trabalham comigo. Pelo contrário. Ele sempre usa alguma coisa. A maldade do mundo tem progredido tanto que, é preciso que esses Espíritos adormecidos nas trevas que pediam alguma coisa em benefício, além da prece. Porque há quem faça matanças grandes para prejudicar a, b e c. Então ele disse: “Não vamos fazer por muito menos, levando esse bicho, soltando esse bicho da própria agressão”. Pega e solta. Ele manda amarrar uma fita, para que eles levem aquele mal e despertem esses Espíritos que estavam servindo de brinquedo na mão daqueles que fazem o mal”.*

- D. Lilia Ribeiro – Mas, o senhor acha mesmo necessário que se use qualquer animal, para se conseguir alguma coisa, ou para se fazer algum pedido? O senhor acha realmente necessário que se leve o animal, ainda que para soltar vivo?

Sr. Zélio – *“Eu trabalho com espiritismo, quem pensar em não ganhar dinheiro, só pode pensar em Deus e no preparo para a sua vida futura”.*

Vide o capítulo 14 – “Magia Negra” – no livro “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” (1932), do escritor e jornalista Leal de Souza para mais detalhes.

(https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1628277894110150&id=1532411553696785&substory_index=0)

“O holocausto – herança dos cultos africanos – é totalmente alheio à Umbanda”, dizia-o, José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), que foi por mais de quarenta anos dirigente da Tenda São Jerônimo – a grande Casa de Xangô (uma das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas) – e estudioso de todos os ramos do espiritualismo. Confirma-o Cavalcanti Bandeira, dizendo textualmente: “Na Umbanda pura, nenhum sacrifício animal é admitido”. E, J. Alves de Oliveira, em “O Evangelho na Umbanda”, observa que “a Umbanda chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação (...)”, e se as práticas de Umbanda são de amor ao próximo, é inconcebível que se sacrifique animais, nossos irmãos inferiores, para a consagração desse amor. Não pode o amor ter eficácia através da morte de terceiros. Sacrificar animais, dentro da Umbanda, para fins ritualísticos, não é o caminho a seguir, quer seja com a finalidade de honrar Orixás, quer seja para neutralizar efeitos maléficos produzidos por magia negra. (Texto de Lilia Ribeiro (dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora do Rosário, oriunda da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas) – Revista “Gira de Umbanda” – Rio de Janeiro – 1977).

Eis aqui um assunto de grande importância no que tange a não utilização de uma ritualística pertencente aos cultos afros descendentes, e, infelizmente, por total falta de conhecimento é adotada por alguns irmãos que se dizem umbandistas. Vamos agora esclarecer de uma vez por todas, que o uso da matança de animais não faz parte das práticas umbandísticas, seja em que instância for.

Aqui, trataremos tão somente da temática do não uso de sacrifícios de animais na Umbanda. Não é da nossa intenção interferir, ferir ou mesmo desclassificar quem faz uso desse procedimento em rituais; eles têm seus motivos, e temos os nossos; eles têm suas explicações que acham plausíveis e temos as nossas.

Faremos alguns comentários que podem ser mal-entendido pelos praticantes do sacrifício ritualísticos de animais, mas, paciência. Temos que esclarecer os motivos pelos quais a Umbanda não o faz, e se algum umbandista fizer uso desse procedimento como prática ritualística, os alertaremos das sérias consequências.

Somos sabedores que muitos umbandistas até fazem uso da ritualística de sacrifício de animais, mas, numa prática isolada, solitária, embora contrariando os ditames da Umbanda, o realizam por vontade própria, para resolver pendengas particulares, e nunca como parte efetiva da doutrina umbandista.

Entendemos que, se as práticas de Umbanda são crísticas, ou seja, de amor ao próximo, é inconcebível o sacrifício de animais, nossos irmãos inferiores, à consagração desse amor. Os animais sacrificados não serão o inverso desse propalado amor? Não pode o amor realçar ou ter eficácia através da morte de um ser vivente.

Matar animais para fins ritualísticos, como prática umbandista, não é o caminho a seguir, quer seja com finalidade de honrar Orixás, agradar a Exus e/ou Pombas-Gira, firmar “tronqueiras” ou mesmo como neutralização dos efeitos maléficos produzidos por magia negra.

É evidente estarmos encaminhando a questão a um sentido nobre, elevado espiritualmente, fraterno, harmonioso, positivo em toda a extensão da palavra.

Se a Umbanda, pois, se nos apresenta como um campo vasto de luz, de amor e de caridade, e se Jesus ensina em seu Evangelho que é preciso amar ao próximo como a nós mesmos, como é que os praticantes da Umbanda matam animais para fazer ressaltar o amor? Então o animal não será, também, o nosso próximo, mesmo que irmãos menores? E qual o proveito positivo revelado em sacrificar animais para homenagear ou mesmo requerer algo dos Orixás ou mesmo aos Espíritos da Umbanda?

Não sabem que o sangue derramado com fins de magia torna escravos os manejadores e os que recebem a oblata, além de ofenderem a Deus? Não sabem que somente Espíritos inferiores aceitam tais trabalhos? Não sabem que é prática dos tempos primitivos, bárbaros, retrógrados e que data de muitos milênios de anos, e que somente Espíritos atrasados e insensíveis é que dela se servem? Irmãos Umbandistas, quem foi que lhes ensinou a matar animais para consagrar Orixás, Guias Espirituais ou Exus e Pombas-Gira dentro da ritualística de Umbanda? Quem lhes ensinou a praticar sacrifícios de animais para “barganharem” favores com a espiritualidade? Não foram os verdadeiros Guias Espirituais da Umbanda, os Espíritos do bem. Com certeza não foram.

Andam por esse mundo de Nosso Senhor, muitos copistas. Alguém lhes disse que tal ou qual processo é bom para isso ou para aquilo, e pronto! Metem-se a fazer coisas cujas consequências, boas ou más, ignoram totalmente. Muitos o fazem por total ignorância das Leis Divinas que regem o Universo. Uma grande maioria o faz numa alusão a conquistarem o que não conseguem por sua total incompetência.

Achamos importante, para esclarecer aos irmãos umbandistas, repetir que, realizar rituais envolvendo sacrifícios de animais é atividade perigosíssima. Repetimos que a Umbanda não usa matar animais em hipótese alguma. A Umbanda também não usa colocar sangue na cabeça de seus iniciados. Acreditamos – pois temos certeza – de que o sangue atrai esta classe de Espíritos do quais falamos. Os irmãos dos cultos afros descendentes, muitas vezes questionam a nós umbandistas sobre o uso do sangue, alegando que este é axé e que a sua utilização revitaliza todo o sistema magístico de um ritual; mas isto não faz parte da magia/ritualística /doutrinária da Umbanda. Cada coisa no seu lugar, e cada ritual na sua religião.

Os elementos mais densos (sangue, carne, cadáveres, ossos), são atratores de Espíritos endurecidos e elementais negativos, que sentem necessidade desses elementos.

A problemática do sacrifício de animais em relação aos Espíritos elementais, o Espírito de Pai João Cobú certamente orienta:

- Pois bem, meu filho – tornou João Cobú, pacientemente – Repare, portanto, as implicações complexas da ação desta infeliz criatura, que se comprometeu amplamente com o mal. Apontando para o Espírito no leito a nossa frente, que agora gemia, vítima de si mesmo; o velho Pai João relatou: Como médium, foi-lhe concedida a oportunidade de aprender certas lições de magia, no ambiente dos cultos afro-brasileiros. Utilizou mal o conhecimento que adquiriu e deliberadamente viciou muitos elementais com o sacrifício e o sangue de animais. Lançando mão de seu intenso magnetismo pessoal, manipulou o poder das Salamandras e de outros elementais para atormentar muitas vidas, em troca de dinheiro, status e reconhecimento social.

- *Ela brincou com as forças da Natureza.*

- Mais do que isso. Ela desviou os seres elementais do curso normal de sua evolução, comprometendo esses nossos irmãos com seus atos abomináveis.

Existe uma implicação muito grande e perigosa no que tange a magia/feiticeira do sacrifício de animais: Utilizando desse expediente abominável, deliberadamente vicia-se muitos Espíritos elementais da Natureza para atormentar muitas vidas, em troca de dinheiro, status e reconhecimento social. Não se pode brincar com as forças da Natureza. Com esse ato, pode-se desviar os Espíritos elementais do curso normal de suas evoluções, comprometendo-os por esse ato infeliz.

Muitos poderão nos perguntar: Pode um humano dominar os Espíritos elementais da Natureza? O Espírito de Pai João Cobú orienta:

“Os elementais são seres que ainda não passaram pela fase de humanidade. Oriundos dos reinos inferiores da Natureza e mais especificamente do reino animal, ainda não ingressaram na espécie humana. Por essa razão trazem um conteúdo instintivo e primário muito intenso. Para eles, o homem é um deus. É habitual, e até natural, que obedeçam ao ser humano e, nesse processo, ligam-se a ele intensamente. Portanto, meu filho, todo médium é responsável não só pelas comunicações dadas por seu interior”.

Nós também cremos que o sangue é axé, mas este só realiza sua função de princípio e poder de realização quando no animal vivo. No nosso entendimento, para a Umbanda, matar um animal, ou vários, e entregá-los no seio da Natureza é uma violação e uma afronta a esta mesma Natureza, pois as vibrações expressas em oferendas e despachos deste tipo agridem aos Espíritos elementais positivos que atuam na Natureza, Espíritos estes que estão aprendendo e se adaptando às realidades que os aguardam e são agredidos com estas vibrações negativas. Como poderemos louvar, adorar e bendizer a Deus e Seus Poderes Reinantes (Orixás), ofertando o sangue de animais, criações Suas, imolados na intenção de obter favores?

É tempo de fazermos uso da razão, de sermos coerentes, de sermos honestos conosco mesmos.

“A lei de Moisés dizia: Que os sacrifícios de sangue são agradáveis a Deus. Eu (nota do autor: Jesus) direi: Expulsai do Templo o que mancha e ofereci a Deus o coração de seus filhos. Caminhais pelo meio das flores do prado, jamais entre o massacre e as chamas. Ofereci a Deus a homenagem de vossas penas, de vossas dores, para ser-lhe agradável; mas não mateis o que foi por Ele criado e não profaneis com sacrifícios horríveis o altar (nota do autor: a Natureza e a nossa cabeça, sede do nosso Espírito) do Deus de paz e de amor”. (A Vida de Jesus, ditada por Ele mesmo – Editora Freitas Bastos – 5ª edição- 1964)

No Sagrado Evangelho Jesus disse: *“Basta de sacrifícios”*. Destarte o sangue derramado de um animal não acalma Deus e os Sagrados Orixás, e nem faria despertar Neles sua misericórdia para nós. Lembrem-se: Deus é imutável. Aliás, a sua misericórdia, por ser infinita, não poderia ser aumentada nem diminuída com nenhuma espécie de sacrifício, muito menos de animais. Deus, os Sagrados Orixás, Guias Espirituais, Exus e Pombas-Gira da Umbanda não são Espíritos perturbados, que se comprazem com sangue derramado.

Acreditamos na “eficácia” dos métodos que aplicam o sacrifício de animais, porém contestamos a sua necessidade; toda prática que exige sacrifícios de animais pode ser substituída por outra que não requer neste ato, e que possuirá tanta eficácia como a primeira.

Consideramos o “sacrifício de animais” um ato covarde de pessoas que desejam realizar feitos, sem conhecer os meios. São inconsequentes, praticantes da magia invertida, que por ignorância e quererem impor suas egoísticas vontades, creem que nesse ato infame poderão adquirir seus egoísticos desejos.

Os “sacrificadores” de animais são meros veículos de Espíritos inferiores, ou mesmo de elementais negativos, que ilusoriamente acham estarem investidos de “autoridade divina”, invocando poderes da Natureza ou Espíritos, para conquistar favores ou bênçãos, mas, com certeza, somente estão sendo manipulados mordazmente pelas forças que acreditam dominar.

É importante lembrar que em nossas vidas, todo ato cometido, positivo ou negativo, acumula pontos em nosso carma; desses pontos, positivos ou negativos, iremos dar conta um dia; cabe a cada um julgar e pesar seus atos e intenções, lembrando que um, não se subtrai ao outro, e responderemos na vida terrena, individualmente, por nossos atos e intenções. *“A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória; e quem colhe é Deus Pai Todo Poderoso”*. (Jesus)

Os animais são nossos professores e alunos; eles coexistem conosco em uma grande vida; devemos todos buscar a harmonia entre nossas vidas, respeitar e reconhecer os valores atribuídos a cada um de nós. Nem mais, nem menos, somos todos manifestações de um único Deus; respeitemos a vida que abunda em nós.

Vejamos as orientações dos Espíritos Superiores:

VI – SACRIFÍCIOS

669. A prática dos sacrifícios humanos remonta a mais alta Antiguidade. Como foi o homem levado a crer que semelhantes coisas pudessem agradar a Deus?

— Primeiro, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade.

Entre os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao Espírito; eles se entregam aos instintos animais e por isso são geralmente cruéis, pois o senso moral ainda não se encontra desenvolvido. Depois, os homens primitivos deviam crer naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus que um corpo material. Foi isso que os levou a imolar primeiramente animais e mais tarde criaturas humanas, pois, segundo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava em relação com a importância da vítima. Na vida material, como geralmente a levais, se ofereçais um presente a alguém, escolheis sempre o de um valor tanto maior, quanto mais amizade e consideração quereis testemunhar à pessoa. O mesmo deviam fazer os homens ignorantes, com relação a Deus.

669 -a) Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os humanos?

— Não há dúvida quanto a isso.

669 – b) Segundo essa explicação, os sacrifícios humanos não se originaram de um sentimento de crueldade?

— Não, mas de uma falsa concepção do que seria agradável a Deus. Vede Abraão. Com o tempo, os homens passaram a cometer abusos, imolando os inimigos, até mesmo os inimigos pessoais. De resto, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais, nem de homens. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.

670. Poderiam os sacrifícios humanos, realizados com intenções piedosas, ter algumas vezes agradado a Deus?

— Não, jamais; mas Deus julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam crer que faziam um ato louvável ao imolar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus atentaria para o pensamento e não para o fato. Os homens, ao se melhorarem, deviam reconhecer o erro e reprovar esses sacrifícios, que não mais seriam admissíveis para espíritos esclarecidos; eu digo esclarecidos porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material. Mas pelo livre-arbítrio poderiam ter uma percepção de sua origem e sua finalidade. Muitos já compreendiam por intuição o mal que faziam, e só o praticavam para satisfazer suas paixões.

671. Que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar o mais possível os que não partilham de suas crenças, com o fim de agradar a Deus, não teria a mesma origem dos que antigamente provocavam os sacrifícios humanos?

— Esses povos são impulsionados pelos maus Espíritos. Fazendo a guerra aos seus semelhantes, vão contra Deus, que manda o homem amar o próximo como a si mesmo. Todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, quer sob este ou aquele nome. Como promover uma guerra de extermínio, porque a religião de um outro é diferente ou não atingiu ainda o progresso religioso dos povos esclarecidos? Os povos são escusáveis por não crerem na palavra daquele que estava animado pelo Espírito de Deus e fora enviado por Ele, sobretudo quando não o viram e não testemunharam os seus atos; e como quereis que eles creiam nessa palavra de paz quando os procurais de espada em punho? Eles devem esclarecer-se e devemos procurar fazê-los conhecer a sua doutrina pela persuasão e a doçura, e não pela força e o sangue. A maioria de vós não acreditais nas nossas comunicações com certos mortais; por que quereis então que os estranhos acreditem nas vossas palavras, quando os vossos atos desmentem a doutrina que pregais ?

672. A oferenda dos frutos da terra teria mais mérito aos olhos de Deus que o sacrifício dos animais?

— Já vos respondi ao dizer que Deus julgaria a intenção, e que o fato em si teria pouca importância para ele. Seria evidentemente mais agradável a Deus a oferenda de frutos da terra que a de sangue das vítimas. Como vos dissemos e repetimos sempre, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus que todas as oferendas que lhe pudésseis fazer. Repito que a intenção é tudo e o fato, nada.

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus, consagrando-as ao amparo dos que não têm sequer o necessário? E, nesse caso, o sacrifício dos animais, realizado com uma finalidade útil, não seria mais meritório que o sacrifício abusivo que não servia para nada ou não aproveitava senão aos de que nada precisavam? Não haveria algo de realmente piedoso em se consagrar aos pobres as primícias dos bens da terra que Deus nos concede?

— Deus abençoa sempre os que praticam o bem; amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenageá-lo. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente.

O homem que se prende à exterioridade e não ao coração é um espírito de vista estreita; julgai se Deus deve importar-se mais com a forma do que o fundo.

(Trecho extraído do livro: “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec)

Vejamos a opinião do abalizado Espírito de Ramatís:

OS MALES DO VAMPIRISMO

- **Há fundamento nas práticas de enfeitiçamento, em que se sacrificam galos pretos nas encruzilhadas, cabritos e bodes nos “Candomblés”, ou ofertam bifes sangrentos nas portas de cemitérios?**

Ramatís: - Embora essas práticas sangrentas e primitivas só predominem nos “Candomblés” africanos espalhados pela Europa, América Latina e principalmente no Norte do Brasil, (*“A Bahia tem mais de mil terreiros de Candomblé, onde os deuses negros, os Orixás – trazidos da África pelos escravos -, resolvem problemas de amor, saúde, política e dinheiro”*. Extraído da reportagem “O Mundo Secreto do Candomblé”, da revista Realidade, de julho de 1966) a influência da civilização e o avanço científico tende a diminuí-las ou sublimá-las futuramente. Quanto aos sacrifícios de aves e animais em semelhantes trabalhos conservadores das tradições e da magia africana, nem é preciso lembrar-vos da importância do sangue ali vertido e fundamento principal para o intercâmbio com os Espíritos subvertidos.

O sangue é a linfa da vida e elemento imprescindível no ser vivo, pois, além de sua função propriamente física, ainda capta e absorve as forças vitalizantes do Sol, como o “prana”, o magnetismo lunar e certos fluidos do mundo astral. A sua circulação rapidíssima é imantada pela eletricidade animal e nutrida pelo éter-físico, que emana pelos poros da Terra e flui através do duplo etérico. É, enfim, a corrente portadora da saúde ou da enfermidade, pois percorre as zonas mais nevrálgicas e atinge os pontos mais vitais do corpo humano. Transporta os diversos hormônios endócrinos por todo o organismo, nutre e refaz as células carreando os detritos indesejáveis para as vias “emuncórias”. O sangue ainda intervém em todos os processos defensivos do organismo, conduzindo os elementos de combate aos germens e às suas toxinas. Mesmo depois de coagulado e sob o aspecto gelatinoso, dele exsuda-se um líquido amarelado e utilíssimo, bastante conhecido por soro sanguíneo e ainda aproveitável nas transfusões salvadoras. O homem atual possui de 5 a 6 litros de sangue, cuja produção é incessante na intimidade da medula óssea.

- **Mas esse derramamento deliberado de sangue através de sacrifícios pagãos e macabros, é realmente necessário para o processo de enfeitiçamento?**

Ramatís: - Na realidade, trata-se de um processo detestável, que se vincula a interesses e subversões abomináveis, ativado e controlado pelo mundo oculto pervertido! Afora as preocupações de enfeitiçamentos, despachos e demandas, a vertência de sangue e os ritos de sua dinamização fluídica atendem às mais ignóbeis tarefas dos “comandos das trevas”! Em torno da Crosta movimenta-se extensa multidão de Espíritos exauridos pelas paixões e vícios da carne, famintos de vitalidade e aflitos para obterem o “tônus vital” que perderam e viceja no sangue humano. Eles aceitam qualquer tarefa nefanda, trabalho execrável ou humilhante no Além, desde que possam conseguir o sangue para a sua nutrição mórbida.

Tão desesperados como os viciados pela cocaína, morfina, álcool, acompanham os encarnados na esperança de vampirizá-los na sua fonte de vitalidade, que é o sangue! Ademais, os Espíritos astutos, malévolos e veteranos do astral inferior ainda costumam vampirizar os infelizes recém-chegados desprotegidos, extraindo-lhes qualquer resíduo vital que porventura ainda possam trazer na sua contextura perispiritual. Só quando os falecidos possuem amigos ou parentes desencarnados, que os protegem de um vampirismo indesejável, os famintos das sombras então permanecem à distância do sepultamento. Então, lhes resta o recurso de se contentarem com a precária nutrição de fluido vital obtida na simbiose com as criaturas viciadas e escravas dos prazeres impuros. Assim como as parasitas extraem a seiva vital dos arbustos benfeitores, os vampiros do Além-túmulo exaurem suas vítimas imprudentes no processo de parasitismo de baixa espiritualidade.

- **Existe outra fonte de nutrição tão repulsiva para os vampiros do Além-túmulo, além do sangue do animal e das aves?**

Ramatís: - O sangue dos animais e das aves, cujo resíduo vital é de baixa vibração, só pode ser absorvido pelos Espíritos primitivos, de vitalidade inferior. (...)

- (...) **O judeu, considerado o povo eleito de Deus, também sacrificava aves e animais nos templos religiosos. Isso também seria oferenda aos Espíritos perversos?**

Ramatis: - O sacrifício habitual de touros, cabritos, carneiros e aves, entre judeus, também mascarava a sede de sangue dos Espíritos monstruosos do Além, os quais incentivavam tais práticas tenebrosas a fim de compensarem a redução dos massacres humanos dos antigos ritos pagãos. Eles vampirizavam as carnes tenras das crianças sacrificadas aos ídolos bárbaros, assim como os civilizados de hoje exigem, epicurísticamente, a carne da vitela para satisfazer o seu carnivorismo insaciável. Embora os próprios sacerdotes, às vezes, percebessem em sua “visão astralina” a presença dos detestáveis vampiros banqueteando-se no sangue dos sacrifícios, eles também fingiam ignorar o acontecimento, porque viviam nababescamente da “indústria da morte”, tal qual hoje ainda se vive do massacre, nos matadouros e frigoríficos! Os templos pagãos, com a degola e a queima de crianças e jovens, os templos judeus, com o morticínio de animais e aves, eram verdadeiras filiais de fornecimento de tônus vital cobiçado pelos Espíritos subvertidos do Além-túmulo, tal qual ainda se faz hoje nos Candomblés africanos e outros ritos primitivos. Mas o sangue vertido inutilmente volta-se por Lei Cármica contra os seus próprios responsáveis, marcando-os como futuras vítimas do vampirismo, feitiçarias ou obsessões. Aliás, o homem resgata quase de imediato, a sua defecção para com os animais, porque herda as doenças que eles não podem denunciar antes do corte, em face de sua impotência verbal. Então proliferam hepatites, tumorações, anemias perniciosas, decomposições sanguíneas, nefrites, hipertrofias, artrismos, úlceras, chagas e principalmente o parasitismo incontrolável de amebas, giárdias, estrongilóides, triconocéfalos, helmintos, oxiúros, tênias, ascárides ou diversos protozoários patogênicos...

(Trecho extraído do livro: “Magia de Redenção” – pelo Espírito de Ramatis, psicografado pelo médium Hercílio Maes)

O SACRIFÍCIO DE ANIMAIS NA “UMBANDA”

- **Qual vossa opinião sobre o sacrifício de animais na Umbanda?**

Ramatis: A Umbanda não recorre aos sacrifícios de animais para assentamentos vibratórios dos Orixás e nem realiza ritos de iniciação para fortalecer o tônus mediúnico com sangue. Não tem nessa prática legítima de outros cultos, um dos seus recursos de oferta às divindades. A fé é o principal fundamento religioso da Umbanda – assim como em outras religiões. Suas oferendas se diferenciam das demais por serem isentas de sacrifícios de animais pelo fato de preconizarem o amor universal e, acima de tudo, o exercício da caridade como reverência e troca energética junto aos Orixás e aos seus enviados, os Guias Espirituais. É incompatível ceifar uma vida e fazer a caridade, que é a essência do praticar amoroso que norteia a Umbanda do Espaço. Toda oferenda deve ser um mecanismo estimulador do respeito e união religiosa com o Divino, daí com os Espíritos da Natureza e dos animais – almas grupo –, que um dia encarnarão no ciclo hominal, assim como já fostes animal encarnado em outras épocas.

- **E os dirigentes de centros que sacrificam em nome da Umbanda?**

Ramatis: Reconhecemos que na mistura de ritos existentes, se confundem o ser e o não ser umbandista. Observai a essência da Luz Divina – fazer a caridade – e sabereis separar o joio do trigo. Tal estado de coisa reflete a imaturidade e despreparo de alguns dirigentes que se iludem pela pressão de ter que oferecer o trabalho “forte”. As exigências de quem paga a consulta e o trabalho espiritual e quer resultados “para ontem” acabam impondo um imediatismo que os conduz a adaptarem ritos de outros cultos aos seus Terreiros. Na verdade, há uma enorme profusão de rituais que naturalmente é confusa, refletindo o estado da consciência coletiva e o sistema de troca com o além, estabelecido que viceja: o toma lá da cá.

Toda vez que um médium aplica um rito em nome do Divino e sacrifica um animal, interfere num ciclo cósmico da natureza universal, causando um desequilíbrio, desde que interrompe artificialmente o “quantum” de vida que o Espírito ainda teria que ocupar no vaso carnal, direito sagrado concedido pelo Pai. Pela Lei de Causa e Efeito, quanto maior seu entendimento da evolução espiritual – que inexoravelmente é diferente da compreensão do sacerdote tribal de antigamente –, ambição pelo ganho financeiro, vaidade e promoção pessoal, tanto maior será o seu carma a ser saldado, mesmo que isto aparentemente não seja percebido no momento presente. Dia chegará que tais medianeiros terão que prestar contas aos verdadeiros e genuínos “zeladores” dos Sítios Sagrados da Natureza que “materializam” os Orixás aos homens e oportunizam os ciclos cósmicos da vida espiritual – as reencarnações sucessivas das almas-grupo dos animais em vosso orbe.

Lembra-vos que quanto maior a inteligência tanto maior pode ser a ambição no exercício do sacerdócio religioso. Aos que muito sabem e ambicionam, muito será cobrado pelos Orixás.

- **E os que justificam o sacrifício animal como “inofensivo” dizendo que não causa nenhum carma negativo?**

Ramatis: O carma coletivo que rege os movimentos ascensionais não se prende as crenças humanas e trata-se de lei universal.

Vós que sois homens e caminham à angelitude tal qual os animais rumam a humanização gostaríeis de ter vossa garganta cortada e sangue vertido até a última gota entre ladainhas, campânulas e mantras que culminam num ápice com transe de possessão? Assim fazem com os animais que rumam para se humanizar. Mesmo que os irmãos menores do orbe sejam somente instintos, regem-nos uma Inteligência Superior que os leva a inexorável individualização, direito cósmico sagrado que os conduz ao encarnarem num corpo hominal. Quanto maior a consciência menor a ignorância das verdades cósmicas e mais amplos os débitos ou créditos na contabilidade sideral de cada cidade.

A finalidade superior das almas grupos e dos animais é não serem escravizados e cruelmente despedaçados pelos crentes religiosos que acabam bloqueando-lhes o direito sagrado de aquisição dos princípios rudimentares de inteligência pela convivência pacífica e amorosa com os humanos, experiência propiciatória para que paulatinamente formem os veículos – corpo astral e mental – para oportunamente virem a estagiar no ciclo encarnatório humanóide.

Reflitam os que matam os animais em nome dos santos se gostaríeis que os anjos para se tornarem arcanjos viessem vos cortar em pedaços e “chupar” vosso sangue para se saciarem nos paramos celestiais.

(Trecho de: “Mediunidade e Sacerdócio” – pelo Espírito de Ramatis, psicografado pelo médium Norberto Peixoto)

ESCLARECIMENTO DE RAMATIS

- **Pergunta: Qual a diferença entre matar um animal nos ritos mágicos e utilizar esse mesmo animal como alimento, já que estaríamos interrompendo o mesmo “quantum” de vida que o Espírito ainda teria de ocupar no vaso carnal, direito sagrado concedido pelo Pai?**

Ramatís: Muitos se alimentam dos animais e sequer acreditam em reencarnação. A cada um é dado o tempo necessário para a dilatação da consciência ante as verdades espirituais. Quanto às equânimes leis cósmicas, a mortandade impessoal automatizada nos frigoríficos modernos para saciar a fome animalesca de uma coletividade insaciável difere do ato individual do sacerdote que mata e orienta um agrupamento mediúnico. A responsabilidade do líder religioso é enorme.

Quanto mais se beneficia da energia pelas vidas ceifadas dos irmãos menores para prejudicar os outros em favor próprio, mais irá agravar a sua prestação de contas nos tribunais divinos. Não somos afeitos a estabelecer sentenças. Mas certamente a avaliação de quem sacrifica em nome do sagrado, num rito de determinado culto religioso em que ainda persistem usos e costumes por questão de fé ancestral, será feita, caso a caso, por quem tem competência no Astral superior. Os compromissos daqueles que extinguem uma vida num rito mágico qualquer é proporcional à consciência que o conhecimento propicia. Quanto maior o saber, tanto mais dilatada as consequências dos atos de cada Espírito, seja encarnado ou não.

- **Pergunta: Qual a vossa opinião sobre o fato de alguns dirigentes proibirem médiuns carnívoros de trabalhar em seus centros?**

Ramatís: Há de se considerar que quando julgais verticalmente o ato do próximo, indicando defeitos e sentenciando o que é certo ou errado na conduta alheia, deixais vosso candeeiro embaixo da goteira. As determinações sectárias de alguns dirigentes espirituais encarnados, proibindo médiuns carnívoros de trabalhar, é qual gotejamento que “apaga” a tênue luz crística que tendes em vós, já que a imposição dessa falsa igualdade não conscientiza amorosamente e sim exercita o orgulho de considerar-se melhor, mais evoluído e superior ao outro.

- **Pergunta: Percebemos que várias lideranças umbandistas aceitam os sacrifícios animais e a cobrança para angariar simpáticos ao seu modelo de Umbanda. Como interpretar isso?**

Ramatís: A sede de poder e a disputa ensandecida de domínio perante a comunidade umbandista, ainda entontecida pela difusão de fundamentos jogados diuturnamente nas mais diversas formas de mídia que disfarçam no sagrado a venalidade de certos sacerdotes, impera nessas lideranças que travam verdadeira guerra para impor o seu modelo teológico. Assim, persistem numa busca ferrenha de adeptos para ter o rebanho maior, qual pastor que pula o seu cercado para pegar as ovelhas do vizinho. Não importa se o do lado cobra, raspa, corta e mata. O que vale é aumentar os adeptos, qual “guru” de outrora que impressionava as multidões ao amansar tigres e cobras. Lembrai-vos de que quanto maior a inteligência e a consciência, maior pode ser a ambição. Aos que muito sabem e ambicionam, muito será cobrado pelos Orixás.

(Trecho extraído do livro: Umbanda Pé no Chão – pelo Espírito de Ramatis, psicografado pelo médium Norberto Peixoto)

REINO ANIMAL – UM DOS ELEMENTOS DA NATUREZA

A concretização das energias na sua forma mais primária se dá nos reinos da Natureza em movimentação constante da energia mais simples para a energia mais complexa, que chamamos de absoluto. Quando saímos da “Casa do Pai” para experiências a consciência e sua concretização se dá nos reinos da Natureza.

Também somos considerados “animais” superiores (pois, raciocinamos), porque ainda estamos muito próximo dos animais inferiores (pois são irracionais). Temos ainda características destes seres inferiores, como exemplo os pelos, mas já partimos para o reino humano que é o início da vida espiritual, mais pura. Somos animais superiores com uma individualidade, pois temos o poder de agir e pensar, decidir e construir, ou seja, somos os únicos “animais” com o córtex cerebral frontal em plena atividade.

Na evolução nos Reinos da Natureza, a nossa consciência tem que passar por estas experiências, pois somos nós mesmos que construímos os nossos corpos. Se observarmos atentamente o corpo humano teremos a seguinte relação com o reino animal: os instintos, a sobrevivência, o medo, o ódio, a raiva, o início do amor racional. É o contato com o sangue vermelho.

Caminhamos para o Reino Humano que é a integração destas energias, desta consciência, do absoluto, do Amor Cósmico.

Muitas pessoas consideram os animais irracionais, com menos consciência, menos inteligente, menos importante que nós mesmos. A sociedade os vê simplesmente como cobaias em laboratórios, peças de exposição em zoológicos, ou mesmo serem consumidos como comida ou adornos, ou como os maus acostumados bichos de estimação.

Nós podemos usar a imagem animal como meio de aprender sobre nós mesmos e sobre mundos invisíveis. Esses arquétipos têm suas próprias qualidades e características que se refletem através de comportamentos e atividades dos animais e outras expressões da natureza.

Os animais estão mais próximos do que nós da fonte divina. Cada espécie de animal tem um “animal mestre” que é também um poder espiritual e com o qual temos que nos relacionar. Cada animal evidencia uma característica, ou um estado de espírito, um instinto, um afeto. O pânico à vista ou proximidade de certos animais parece um resíduo em nossa psique. Arquetipicamente essa emoção está ligada a Pã, o deus arcaico dos animais, que podia encher de pânico tanto animais como homens.

Foi através da observação da Natureza, das plantas e dos animais, que os primeiros iogues foram desenvolvendo as práticas das várias posturas (asanas) que imitam animais: Vatayanasana (postura do cavalo), Bakasana (postura do cisne), Mayurasana (postura do pavão), Bhujangasana (postura da cobra), Hanumanasana (postura do macaco), Mandukasana (postura do sapo), Utrasana (postura do camelo), Matsyasana (postura do peixe), Kurmasana (postura da tartaruga), Gomukhasana (postura da vaca), Makarasana (postura do crocodilo), Salabhasana (postura do gafanhoto), Vrsasana (postura do touro), Vrschikasana (postura do escorpião), etc.

Os gestos magnéticos, ou mudras: Garuda Mudrá (gesto da águia), Kurma Mudrá (gesto da tartaruga), Hamsasya (gesto do coelho), Bherunda Mudrá (gesto dos pássaros), Tamrachuda Mudrá (gesto do galo), Sarpasirsha (gesto da serpente), Karkata Mudrá (gesto do caranguejo), Simhamukha Mudrá (gesto da face de leão) etc.

Vamos citar um trecho do livro “Os animais e a Psique”, da editora Palas Athenas: *“Entre os hebreus, o sacrifício do carneiro, foi uma antecipação da imolação de Cristo. O cristianismo absorveu o simbolismo pagão do sacrifício animal e o carneiro passou a ser o símbolo do Filho imolado, que segundo os textos bíblicos, pagou com sua vida o pecado dos homens e os salvou para a vida eterna”.*

O carneiro foi escolhido, pela igreja, como imagem e símbolo de Cristo. O carneiro tem aspectos de pureza, da mansidão, e da vítima sacrificial. Morto na cruz para a salvação da humanidade, Jesus derramou seu sangue, assim como, simbolicamente, o sangue do cordeiro libertou o povo judeu do Egito.

No cristianismo, o cordeiro está ligado a Jesus, Cordeiro de Deus, que se imolou pela humanidade: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do Mundo”.* (João 1:29)

Também é encontrada no Evangelho, o Cordeiro do Apocalipse, com sete chifres e sete olhos, com poderes para abrir o lacre dos sete selos e vingar a morte dos Santos e dos seguidores de Jesus.

Os animais devem ser tratados com respeito, devem ser honrados e bem estudados porque são manifestações dos poderes arquetípicos que estão por trás das transformações da alma humana.

Eles nos falam de nossas compulsões ou instintos, como o comportamento dos filhotes e das aves acompanhando uma figura materna. O animal torna-se símbolo de uma força específica, energia invisível, espiritual manifestando-se em nossa vida. Que nosso caminho seja guiado e protegido novamente pela sabedoria ancestral da Terra.

Aprendemos que os Elementais da Natureza somos nós ontem e os Anjos ou Orixás seremos nós amanhã.

Na escalada evolutiva da vida, iniciamos a jornada no Reino dos Elementais, e ficamos estagiando em grupos, em todas as formas de vida da Natureza, vamos adquirindo os elementos da Natureza para a formação humana.

O Reino Animal seria o último estágio antes de nos tornarmos humanos; portanto, neste reino, estaríamos desenvolvendo o instinto da visão, da fala, do andar, do medo, do amor, do ódio, etc. É o Reino que está sob o comando e proteção do Poder Reinante Oxossi do Divino Criador, o Senhor da fauna. Então, nesse Reino, onde o sangue vermelho encontra-se pulsante no corpo, nos trazendo o instinto animal, torna-se de suma importância para o desenvolvimento do futuro humano. No Reino Animal, o princípio inteligente somaria novas aquisições refletidas nos instintos: atitudes espontâneas, involuntárias, reflexas, características da espécie.

Bem superficialmente, vamos observar o que adquirimos quando estagiamos em cada elemento da Natureza:

- No reino vegetal, mostraria maiores aquisições pelo fenômeno de sensibilidade celular, onde se adquire a faculdade de reagir aos estímulos do meio.
- No reino mineral, o princípio espiritual refletiria a sua presença nas manifestações das forças de atração e coesão com que as moléculas se juntam em característicos sistemas cristalográficos. É o reino da razão.
- No reino telúrico, a determinação;
- No reino ígneo, a paixão;
- No reino eólico, o intelecto;
- No reino aquático, a sensibilidade e as emoções; e,
- No reino animal (a presença do sangue vermelho), o princípio inteligente somaria novas aquisições refletidas dos instintos: a sobrevivência, o medo, o ódio, a raiva, a proteção, etc.

Vamos atentar para alguns aspectos importantes explanadas pelo nosso amigo, Cláudio Zeus:

SACRIFÍCIO DE ANIMAIS NA UMBANDA

(...) Partindo da Umbanda original (a que se iniciou pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas e Zélio de Moraes), estudando as gravações em áudio que foram feitas com o médium, e outros tantos textos que se espalharam pela Internet, veremos que até o 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda realizado em 1941, a Umbanda original (bem assim como as que dela derivaram) nasceu tendo como fundamentos:

- 1º) Lema básico: Trabalho com Espíritos para a Caridade no sentido de amor fraternal;
- 2º) Isenção de sacrifícios animais, rito este ausente até hoje em quaisquer das verdadeiras derivações da Umbanda.
- 3º) Humildade, tanto nos comportamentos dos médiuns, quanto nas vestimentas utilizadas durante os rituais;
- 4º) Aberta para que se pudesse aprender com os Espíritos que soubessem mais e ensinar aos Espíritos que soubessem menos;

E, sem pressa, como sempre deve ser, vamos tentar entender o porquê de dizerem (erradamente) que em algumas Umbandas existe o rito de cortes (*nota do autor: sacrifício de animais*).

O que se sabe (é só acompanhar a história) é que logo após o 1º Congresso acima referido, que teve como tema de discussão o Espiritismo de Umbanda, começaram a pulular autores de “livros de Umbanda” (antes somente Eliezer Leal de Souza havia escrito algo), cada um tentando impingir aos seguidores de suas seitas e ao público, suas formas de culto misturados como aconteciam nas Macumbas cariocas que era uma mistura de tudo e qualquer coisa (leia-se de João do Rio – “AS RELIGIÕES DO RIO”, publicado em 1904).

E isto foi tão marcante – esta ânsia de se escrever e divulgar o que seria Umbanda segundo suas crenças – que o senhor Lourenço Braga, por exemplo, publicou em 1942 (logo após o Congresso) o seu livro “Umbanda (magia branca) e Quimbanda (magia negra)”, tendo na ocasião, inclusive, feito sua própria proposta sobre quais seriam as 7 Linhas de Umbanda (vide <http://registrosdeumbanda.wordpress.com/2009/10/04/as-sete-linhas-segundo-lourenco-braga/>), tendo depois, em 1955, ele mesmo feito modificações tipo Recall, como os que hoje vemos a toda hora anunciados por fabricantes que, na ânsia de venderem seus produtos rapidamente, só vão fazer as correções algum tempo depois e mesmo assim se alguns notarem as falhas.

Paralelamente, e como já dissemos antes, muitos praticantes de cultos mistos (pra não chamá-los de macumbas), já antes do Congresso e principalmente após este, passaram a adotar o rótulo de “umbandas” por conta de diversos fatores, tendo-se entre estes o fato de a Umbanda ter arregimentado para suas hostes pessoas de certo destaque social, digamos assim, o que de certa forma a tornou menos perseguida pela polícia que naquela época já invadia Terreiros africanistas e mistos que acabavam autodenunciados pelo ruído que provocavam com seus tambores, o que a Umbanda então criada não usava.

Nesta leva de cultos mistos o chamado Culto Omolocô, trazido para o Brasil por Maria Batayó, e que desde sua origem já seria um culto misto por ter se originado numa região africana entre Angola e a terra dos Yorubás (Lokojá, parte Yorubá e Lunda-Quioço, parte Angola) teve aqui uma disseminação maior por conta de Tancredo da Silva Pinto que por sua vez, cismou que Omolocô era Umbanda, apenas porque, como muitos ainda pensam e defendem como tese, em seus cultos eram permitidos os chamados “catiços” (*nota do autor: a palavra “catiço”, é um termo regionalizado, utilizado pelo povo do Candomblé para designar os Espíritos que trabalham na Umbanda; Esse termo não é usado pelos umbandistas, sendo inclusive, rechaçado, pela conotação inferior e preconceituosa com que a palavra é usada*), que seriam os Espíritos de Pretos-Velhos, basicamente, Caboclos e Exus, esquecendo-se este que antes de ser só pela presença destas entidades, Umbanda já nasceu com diretrizes e fundamentos que nenhum culto Omolocô, Ketu, Angola, Jêje, Fon, etc., tinha em suas bases, destacando-se a relação Espírito/Caridade, pois todos esses cultos, mistos ou não, não tinham a Caridade através dos Espíritos (catiços para eles) como fundamentação, como base de suas ritualísticas, sem querer adentrar por mais fundamentos até contrastantes.

Só por não assumirem este fundamento acima, já não deveriam se auto rotular Umbanda, mas muitos o fizeram. E o que começou a ser passado a público por essa auto rotulação? Que em Umbanda havia toques de Atabaques; que em Umbanda havia roupas especiais para Espíritos trabalharem; que em Umbanda Exu era Orixá; que em Umbanda havia “saída de santo”; que em Umbanda se cortava ou se imolava pra isto ou aquilo e tantas outras coisas mais que, na verdade, eram práticas dos cultos mistos que se auto rotularam, mas, que acabaram entrando para a crença popular como Umbanda pelo tanto de “sabedoria” que se espalhou e foi amplamente divulgado através de livros dos “autores pós Congresso”.

Bem, como hoje quase todo mundo está inclinado a aceitar tudo o que se mistura como Umbanda, o que podemos concluir? Que na verdade a Umbanda, que nasceu para ser diferenciada das Macumbas Cariocas desde seu mais básico fundamento, hoje pode ser considerada a Macumba Carioca, de tantas misturas de crenças, práticas e ritualizações que se vê serem apregoadas como “de Umbanda”.

Mas, voltando a real e sendo até bastante flexível no que pode ser considerado Umbanda e o que não pode, e passando a considerar alguns adendos como técnicas de Terreiro (mas não fundamentos porque não existem em todos), sem fugir dos fundamentos verdadeiros da Umbanda podemos aceitar o uso de Atabaques, bem assim como a entrada dos Exus (entre outros) nas Umbandas como Povo Auxiliar, por sinal de grande valia quando são orientados para trabalharem de acordo com a Lei, até porque essa foi uma máxima também deixada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas quando falou de ensinar aos que menos soubessem.

Aceitando então a presença de nossos “compadres” e sabendo que eles vieram (e vêm) da Kimbanda, culto no qual a lei provém deles mesmos e que também se difere da Umbanda em seu fundamento mais básico (Espírito/Caridade), desde o início os cultos mistos que aceitavam Exus, e se auto rotularam umbandas, sabiam que Exus viriam para a Umbanda principalmente para aprenderem com a Lei e as entidades que já a obedeciam e no intuito de largarem as práticas de escambo às quais estavam totalmente ligados e pelas quais trabalhavam sem refletirem no fato de estarem fazendo bem ou mal, mantinham-nos sob vigilância de diversas formas evitando que as práticas mais pesadas de Kimbanda, às quais estavam acostumados, fossem praticadas nos Terreiros que acabaram sendo reconhecidos como Umbandas Cruzadas.

Cruzadas por quê? Porque em suas giras, cruzavam linhas (formas) de trabalho (Umbanda/Kimbanda) de acordo com a necessidade, dando a esses Espíritos a oportunidade de trabalharem sem as antes obrigatórias trocas de favores e “presentes” (escambo) ao mesmo tempo em que iam se aclimatando à nova realidade – trabalho para a Caridade!!!

Na medida em que um Exu se adaptava mais à nova Lei, era considerado (por nós, encarnados) batizado na Lei de Umbanda e na sequência, quando o Exu já tinha se adaptado totalmente à nova Lei e já não fazia jogo de interesse de forma alguma, era então considerado coroado na Lei de Umbanda, o que, não queria dizer que ele traria uma coroa em sua cabeça, até porque este título lhe era dado por nós, os encarnados, apenas.

Outros cultos mistos, no entanto, sequer se preocuparam em entender que Exu estava ali, principalmente para aprender sobre a Lei, e as novas técnicas de trabalho, e os deixavam trabalhar em seus Terreiros da mesma maneira que trabalhavam em suas Kimbandas e, embora esses outros cultos também se auto rotulassem umbandas e fossem reconhecidos como Umbandas Cruzadas, passaram a receber maiores influências e domínios do povo da rua e das calungas, como também eram conhecidos os compadres, justamente pelo poder de sedução que esses Espíritos são capazes de exercer, principalmente sobre pessoas mais necessitadas de “uma força”, como se costuma dizer, e mais ainda sobre os imediatistas que, antes de sequer pensarem em mudarem em si muitos dos fatores que os levam a decair, preferem dar logo uma solução aos problemas causados ou criados muitas vezes por eles mesmos, pelo caminho mais curto, o caminho do “eu lhe presenteio e o senhor me quebra o galho”!!!

Como consequência deste comportamento, vemos ainda hoje alguns Terreiros que se dizem de Umbanda serem dirigidos por Exus, Pomba Giras, Pelintras, etc., que mantêm “Pretos-Velhos”, “Crianças” e “Caboclos” sob suas tutelas e fazem suas próprias leis. Como a gente sabe que isto é uma completa inversão de valores, só podemos concluir que essas entidades que se apresentam como “pretos velhos”, “caboclos” e “crianças” nestes Terreiros, estando sob a tutela de Exus, só podem ser menores que eles ou, por outro lado, tão Exus (em termos energéticos, vibracionais) quanto eles.

Pois muito bem. Nesses Terreiros em que Exu trabalha como aprendeu na Kimbanda junto aos seus, é claro que os cortes, principalmente dos animais de duas patas, costumam ser “remédio” para grande parte dos males que afligem os necessitados, porque foi assim que Exu aprendeu a trabalhar e nada lhe foi ensinado de outras técnicas que, mesmo mais lentas, não tão imediatistas, acabam chegando aos mesmos fins sem a menor necessidade de “menga”, “ejé”, ou seja: sangue. Mas o problema é que esses Terreiros também são chamados de umbandas e muitas vezes nem se tratam por cruzada, donde advém o início de toda essa confusão que leva a crer que em Umbanda há cortes e menga nos trabalhos.

Mas agora vamos organizar e tentar entender como funcionam as coisas dentro de um Terreiro cruzado de verdade, que tenha Giras específicas de Exus comandadas por Coroados ou apenas Batizados na Lei de Umbanda, sendo este Terreiro de Umbanda de fato e de direito por se fundamentar nas bases lá atrás citadas – Espíritos – Caridade – Humildade em todos os sentidos.

Ainda em relação a esta classificação dos Exus dadas por nós, os Coroados são os que não exigem mais a menga para seus trabalhos – isto é um fato por já terem aprendido a trabalhar sem. Os Batizados apenas, dependendo de cada situação, podem ou não usar o corte e a menga, mas os que são considerados pagãos na Lei de Umbanda, com certeza vão pedir cortes e trabalharão ainda por “trocas de favores”, não sendo isto uma maldade deles especificamente, mas sim uma técnica de trabalho que aprenderam e com a qual estão sintonizados por não terem tido a oportunidade de estar em contato com entidades que lhes poderiam ensinar outras técnicas.

- Primeiro ponto a ser observado: Os Terreiros ditos cruzados são aqueles que adotam Giras de Exu, sejam elas em dias específicos ou como parte da Gira Geral, como continuidade das Giras de Caboclos e Pretos-Velhos.
- Segundo ponto a ser observado: Sendo a Gira de Exu uma continuidade da Gira dos Velhos e Caboclos, no momento em que ela acontece, diz-se estar “virando a banda” (claro que você já deve ter ouvido isto). E diz-se isto por quê? Porque neste momento está-se saindo da Umbanda (ou fechando-a) e iniciando a parte Kimbanda da Gira Geral. A partir daí, qualquer pedido de corte que possa existir está acontecendo na Gira de Kimbanda que o Terreiro de Umbanda está realizando.

Como a Gira de Kimbanda está sendo realizada no Terreiro de Umbanda (Cruzada), a maioria dos observadores confunde as coisas e, não entendendo que a partir daquele ponto é Kimbanda e não Umbanda acredita que possíveis cortes pedidos fazem parte da Umbanda, quando não fazem!

Em outros Terreiros, já se anuncia a Gira de Exus para tal dia e, esquecendo-se também de que Gira de Exu é o mesmo que Gira de Kimbanda, se a banda for comandada por Exus apenas Batizados na Lei de Umbanda ou os não Batizados (Pagãos na Lei), os cortes (as copagens) podem fazer parte das práticas rituais, pelos motivos já expostos acima.

Ora, se você acompanhou bem o exposto e passar a observar que na grande maioria das vezes quem pede cortes é Exu, seja em Terreiros de Umbanda Cruzada, seja em Terreiros de Kimbando pura, entenderá a confusão que se forma por não entenderem (e alguns fazerem questão de não entender) que a Umbanda, nos Terreiros Cruzados, termina onde começa a Kimbando e que a partir daí, dependendo da direção da chefia espiritual e material do Terreiro, pode ou não acontecer escambos (permuta) e copagens (cortes) (...)

(...) Num resumo que creio, vai tornar tudo mais fácil ainda de se entender, veja bem:

- 1º) Entidades da Lei de Umbanda (Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Exus e Pomba Giras Coroados na Lei) não pedem cortes, não trabalham com menga (sangue);
- 2º) Entidades da Kimbando (Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Exus e Pomba Giras não batizados na Lei) podem pedir (ou não) cortes, seja trabalhando no Terreiro específico de Kimbando ou na Kimbando dentro do Terreiro de Umbanda Cruzada.

Espero que possa tê-lo(a) ajudado a entender o que muitos parecem não querer! Fraterno sarava a todos!

(<http://umbandasemmedo.blogspot.com>)

IMOLAÇÃO NA UMBANDA?

Volta e meia nos deparamos com aquela velha ladainha de que a Umbanda é africana, tem raízes africanas e cultua Orixás (que também são africanos) e ainda mais: por cultuar “Orixás” tem o direito (ou seria dever?) de imolar animais de 2 ou 4 patas em louvor a estes. É claro que essas afirmativas nos são apresentadas por pessoas, ou que praticam o africanismo (candomblés, umbandomblés) ou que deles são simpatizantes, e mesmo os que nada entendam do que pretendem pregar, mas acham tudo um fascínio e pretendem justificar imolações como um Culto à Natureza Divina dos “Orixás”.

Se eu tiver que voltar ao assunto “Umbanda no Brasil e sua Criação pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas” a leitura vai ficar enfadonha, mas quem nos acompanha já percebeu pelo menos alguns pontos básicos:

- 1º) A Umbanda original foi criada e fundamentada em bases cristãs e espíritas com alguma conotação africana relativa tão e somente ao nome das Linhas de Trabalhos que tiveram como patronos, nomes de alguns “Orixás” assemelhados imediatamente a Santos Católicos.
- 2º) Que mesmo tendo sido usados nomes de alguns “Orixás Nagôs” como patronos das Linhas de Trabalho, não existia qualquer tipo de culto a Orixás determinado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas;
- 3º) Que essa correlação primeira que o Caboclo fazia entre “Orixás” e “Santos”, provavelmente tinha como objetivo criar uma espécie de ponte entre duas religiões totalmente distintas mas que poderiam, ao longo do tempo, tornarem-se irmãs, além do fato claro de que naquela ocasião, tudo o que não fosse cristão (como o espiritismo de Kardec, por exemplo) era perseguido política e policialmente. Inclusive o fato que levou o Caboclo a batizar suas primeiras Tendências de Tendências Espíritas e não de Tendências Umbandistas (observaram isto?), se prendia ao fato do Espiritismo não ser tão perseguido (tinha até Federação – FEB) e depois, durante a ditadura Vargas, isto ser obrigatório, sendo o Espiritismo, que era cristão, até apreciado por Vargas, segundo o que se conta.

(Nota do autor: Essa questão de “sincretismo” na Umbanda está explanado no livro: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS CORPORAÇÕES ORIXÁS”, no subtítulo: “A UMBANDA NÃO É SINCRÉTICA”, de nossa autoria, disponibilizado gratuitamente em nosso site (www.umbanda.com.br)).

- 4º) Que desde o início qualquer tipo de sacrifício animal era combatido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas e seus seguidores de Umbanda.
- 5º) Que como já afirmamos antes, após a divulgação do nome Umbanda, seu fortalecimento através da Federação (1936), do primeiro Congresso (1941), ou até antes, muitos foram os cultos que se rotularam como tal, possivelmente até mesmo para escaparem da perseguição policial que invadia Terreiros e Casas de cultos, animallescamente, como estão tentando fazer ainda hoje alguns fanáticos pseudo cristãos, acontecendo, no entanto, que mesmo se rotulando como de Umbanda, permaneciam nas práticas africanistas e até mesmo outras (sei lá) que nada tinham a ver com o que foi determinado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Foi bem a partir desta auto rotulação, que começaram a acontecer o que hoje chamamos as “diversidades umbandistas”.

Não que a “Umbanda Original” permitisse tantas, pelo que já se pôde ler aqui, mas como se proliferaram os “cultos umbandistas por auto rotulação”, todos acabaram sendo reconhecidos como Umbanda – é aquele fato de que se repetimos e repetimos, quase tudo acaba virando “verdade”. No meio destes “cultos umbandistas” (as macumbas) existiam (e ainda existem) aqueles fortemente africanizados que não pretendiam deixar suas raízes culturais e seus cultos a “Orixás” da forma que aprenderam e sempre cultuaram. Esse fato, se não me engano, foi um dos que induziu o famoso Tata ti Inkice, senhor Tancredo da Siva Pinto a trazer para o Brasil, como dizem o Culto Omolocô que em sua base já era um culto onde havia trabalhos com entidades ditas de Umbanda (Caboclos, Pretos Velhos) e Culto aos Orixás através dos rituais ensinados pelos africanos, com direito a imolações, borís, feitura, etc. – provavelmente o primeiro Umbandomblé oficial verdadeiro no Brasil.

Nos dias de hoje, até mesmo o Omolocô Original sofreu tantas modificações, tanto em seus rituais como em sua filosofia, que já vemos alguns Terreiros ditas de Omolocô até mesmo meio “esoterizados”, com culto aos Elementais e mais alguns que se rotulam de Umbanda Omolocô – isto não é uma depreciação e sim uma constatação, já que em minha opinião pessoal seria até melhor que todos os tipos de culto de raízes afro que se rotulassem Umbanda, deveriam se rotular também com suas raízes (Umbanda Omolocô, Umbanda Jêje, Angola, etc.) evitando essa generalização que confunde a maior parte, tanto de iniciantes como de antigos. Por que disso?

Porque está exatamente aí a confusão que se faz quando se diz que em Umbanda (generalizando) existe imolação de animais. É devido a essa generalização aplicada ao vocábulo Umbanda que acontece essa confusão, e para que não aconteça para quem nos lê, vamos deixar bem claro que em Umbanda não africanizada (acho que fica melhor assim) não existe imolação de qualquer tipo de animal, seja para trabalhos de demanda, de saúde ou outros quaisquer, principalmente para culto a “Orixás” ou Feituras que também não existem nessas Umbandas.

Quando você encontrar uma “Umbanda” em que o elemento sangue (ejé, menga) por imolação esteja presente em qualquer um de seus rituais, pode ter certeza de que você estará de frente para uma Umbanda Africanizada ou Umbandomblé com raiz em alguma “Nação Afro” ou até mesmo uma Kimbanda auto rotulada de Umbanda.

E por que não se usa imolação nas outras Umbandas? Em primeiro lugar, exatamente pelo fato delas não seguirem tradições dos cultos afros e se adaptarem mais a outras filosofias e técnicas de trabalho em que o ejé e a energia contida nas vísceras deixam de ser necessários. Em segundo lugar, porque, mesmo que alguns creiam assim, não cultuam “Orixás Nagôs ou Voduns Jêjes” que têm suas formas de serem cultuadas bem definidas pelos africanos e sempre ou quase sempre com a presença do ejé. Neste caso, para que cultuassem Orixás Nagôs ou os Voduns Jêje teriam, obrigatoriamente, que fazê-lo como o fazem os africanistas, ou será que podemos acreditar que cultuamos um Ogum Nagô sem lhe oferecer sangue no seu assentamento? Será que ele (o Ogum Nagô) entende que o umbandista é diferente e por isso passa a aceitar assentamentos ou firmezas sem sangue? Só com flores e velas? Perfumes? Seria muito estranho, não? Vamos raciocinar?

A respeito disso, li um comentário sobre o Jeová Bíblico que era um adorador de ejé da melhor qualidade, para o qual se matava não um animal, mas dezenas de cada vez, sendo inclusive a Bíblia, (Antigo Testamento) um almanaque em que até o ritual de imolação nos é ensinado.

Dizia-nos o postulante, tentando nos fazer crer que seria possível cultuar os mesmos “Orixás”, mas sem sangue na Umbanda, que o Jeová Bíblico, que antes adorava sangue, depois do mito Jesus e sua crucificação, deixou de gostar e que os que acreditavam em Jesus como filho de Deus adoravam o mesmo Jeová de antes, sem imolações! Bem, se for assim, coitados dos israelitas judeus que continuaram dando sangue pra Jeová muito tempo depois da crucificação, não? Estavam matando bois e carneiros pra quem tinha virado vegetariano?

Até a Bíblia pretende confundir seus seguidores quando tenta passar esta ideia de que Jeová e o Deus (ABBA) de Jesus eram o mesmo Deus. Basta uma releitura dos ensinamentos cristãos (nos 04 Evangelhos) e uma comparação com o que era pregado como “palavras de Jeová” (Torah ou Antigo Testamento) para percebermos o quanto eram até contraditórios, sinalizando claramente a troca de “deuses”, bem assim como da própria doutrina.

Sintetizando então: nem o Deus-Pai de Jesus era o mesmo Deus dos Judeus e nem Umbandistas não africanistas cultuam Orixás nagôs ou voduns jêje. Tudo é muito diferente e afirmar isto é pura “força de barra”!

Agora nos prendendo especificamente à Umbanda, vemos que a maioria entende serem os “Orixás” seres ou energias de “muita luz”, querendo dizer com isso que são seres ou energias de um padrão vibratório muito além do nosso em evolução ou proximidade com o criador. Estou certo?

Pois muito bem. Com essa ideia acima, como podemos então entender que esses seres iluminados, essas energias quase que vizinhas ao próprio Deus Maior, aceitem ou peçam, como oferenda, sangue animal que como todos devem saber (ou deveriam) entra em decomposição quase que imediatamente após sua retirada e por seu padrão energético vibratório atrai os Elementais mais elementares – vampiros astrais – para sugar-lhe a “energia viva”? Como entender que “meu Orixá” (o senhor de minha cabeça), sendo um iluminado (segundo a crença acima citada), precise ser fixado com sangue, tanto na minha cabeça como em suas “ferramentas” (assentamentos)? Se eu aceitar isso como natural, vou ter que aceitar também que todos os “iluminados” (Espíritos e Elementais) que estão do outro lado têm também essa necessidade e que, no futuro, quando eu (ou você que lê agora) estiver lá na luz, também terei essa necessidade e provavelmente estarei servindo de encosto e pedindo que me matem umas galinhas, uns patos.

E mais ainda: Se for verdade que os “iluminados” precisem de sangue, acho que podemos afirmar que se não fôssemos nós e os animais a serem imolados, eles (os “iluminados”) provavelmente não existiriam ou teriam que caçar suas próprias vítimas e por isso nos mantém aqui, encarnados, para servi-los!

Mas será que não podemos raciocinar junto com nossos irmãos umbandistas passando pela premissa de que, se formos considerar que os nossos Guias, os Espíritos de luz, os Orixás, os “Medalhões do Espaço”, os que se dizem mais evoluídos, mais “iluminados”, os que já teriam alcançado a glória de Deus precisam receber oferendas de sangue para poderem atuar, então é porque os instintos animais, as necessidades animais, se perpetuam no espaço e em todos os Planos de Existência, inclusive os Divinos? Estranho, não?

Com todo o respeito pessoal a quem pretende continuar a pensar assim, mas nada vejo de verdade nisso aí. Nada há de racional, em minha opinião, em “possibilidades” como estas.

Deuses, Guias, Mentores, Orixás, Santos ou sei lá mais o que, para que sejam realmente e não somente se alardeiam como tal, têm que estar desligados, não dependentes, do que de material (terráqueo) existe, até porque, se a matéria de que precisam não está lá onde eles estão, então devemos repensar essa tal de evolução, não acham?

Mas ainda há uma corrente de pensamento afirmando que não se imola para os “Orixás” e sim para nós mesmos e que o ejé sobre o ori seria uma forma de fortalecimento deste. Não é não! O ejé e outras coisas mais que compõem o oxu (sobre o que não cabe aqui falar) tem como objetivo (por crença) fazer nascer ou acordar o Orixá individual ou o gênio individual (usando-se outra nomenclatura) como pensam alguns, ou atrair o Orixá (também gênio particular) individual para aquele ponto sobre a cabeça do iniciando, como pensam outros. Por isso acontecem outros fatos nesse tipo de iniciação, que também não cabem aqui, mas que deixam bem claros seus objetivos.

A “feitura” no Candomblé é uma sintonização vibratória, uma afinação da coroa para que a energia densa do que chamam de “Orixá” se conecte ao ori (cabeça) do iniciando que, fundamentalmente, a partir daí, só receberia energias através desta canalização, o que excluiria, naturalmente, a presença de todo e qualquer egun (Espírito, catiço) dessa situação – esse é o fundamento e o ejé é um dos elementos sintonizadores.

E ainda há uma outra corrente que nem aceita os Umbandomblés, mas acreditam que às vezes é necessário uma minga aqui ou ali para que determinados trabalhos surtam efeito.

Aqui já encontramos fundamentos de Kimbando e quem costuma se utilizar desta técnica de trabalho são os Exus e Pretos-Velhos ou Caboclos kimbandeiros desde priscas eras, já que, na maioria das vezes, trabalham sob regime de trocas (escambo) – dando ao obsessivo vampiro o que ele quer, para afastá-lo e conseguir seu(s) intento(s). No africanismo do Candomblé, pelo que sei, só se imolava em casos de “feituas”, “boris”, “assentamentos” e fortalecimento, tanto das “obrigações” quanto dos “assentamentos”, nos casos de pedidos a serem alcançados, mas sempre na intenção dos ditos “Orixás”. Essa situação de trocas, dando-se ao obsessivo para que se afaste, (comprando-se a liberdade de alguém) já é prática proveniente das Kimbandas adotadas por algumas Umbandas e também por alguns Candomblés e Umbandomblés mais recentemente.

Em relação ainda ao sangue, encontramos uma “linha de pensamento” em que afirmam serem também as plantas (ervas) seres vivos e que, portanto, a retirada destas para banhos e amacis tornar-se-ia também uma forma de imolação na intenção.

Irmãos! Até onde se sabe a seiva (que seria o sangue vegetal no entender comparativo) não contém hemoglobina, leucócitos ou outros componentes que fazem parte da composição do sangue animal; não dá vida a um ser claramente mais evoluído, com claros sinais de reações emocionais, direcionais, comportamentais e muitos até mesmo, ainda que rudimentares, sentimentos, e, principalmente, não possibilita a criação (por degenerescência da matéria) da “energia viva” (tipo ectoplasma) que é a utilizada pelos “obsessores vampiros” para, às vezes, até mesmo se materializarem – nunca se soube de obsessores pedirem, por exemplo, um prato do suco de alguma planta para seus “delírios”.

Mas vamos ao significado radical da palavra imolar:

- Segundo o Houaiss seria “Matar em sacrifício a uma divindade”.
- Segundo o Aurélio, seria: “Matar em sacrifício; sacrificar; Oferecer em sacrifício”.
- Segundo o Michaelis seria: “Matar vítimas para as oferecer em sacrifício”.

Se levarmos criticamente os significados acima em consideração, veremos que a retirada de uma planta para um Amaci, ou banho, por exemplo, não seria imolação, já que, nesse ato, não se oferece a planta a divindade alguma, mas o oferecimento de flores para Yemanjá ou outro santo qualquer, aí já seria, como também seria o oferecimento de frutos a qualquer divindade, já que ao retirarmos os vegetais de suas fontes de vida já os estaríamos “matando” para oferecê-los a “divindades” e nesse caso, nossas passagens de ano, com farto oferecimento de flores no mar, não passaria de um ritual “holocáustico” devido às milhares de “mortes” de flores de todas as espécies, em oferecimento às divindades. Se você quiser pensar assim, o livre arbítrio é seu, mas convenhamos que se continuarmos nessa linha de raciocínio, até matarmos insetos (baratas, cupins, mosquitos, por exemplo) poderá ser considerado um absurdo. Vamos à conclusão.

- 1º) O sangue cerimonial que é usado ainda quente por quem imola é apenas o do animal que, estando vivo, é abatido na hora, com técnicas específicas – esse sangue deteriora e projeta ectoplasma a ser utilizado.
- 2º) O sangue frio (a seiva) não atrai elementos do baixo astral, podendo, no entanto, atrair larvas astrais se a deixarem apodrecer.
- 3º) A Umbanda não africanizada não se utiliza de sangue animal (e, portanto, não imola) para quaisquer de seus rituais.
- 4º) E os que ainda acharem que ao oferecerem flores e frutos também estarão imolando, então que parem com isso, até porque, se alguma divindade realmente necessitar de flores para sua subsistência, então vamos cair exatamente naquela pergunta: Será que lá no Plano em que estão não existe o material energético que os mantenha existindo? Se evoluirmos também vamos ficar assim, dependentes?

(<http://umbandasemmedo.blogspot.com>)

Conclusões:

- Um dos pontos culminantes da Umbanda ser considerada uma religião que honra e interage com a Natureza, é pelo fato de em seus rituais não haverem o dito “sacrifícios de animais”, que contraria essa honra, pois os animais como irmãos menores nossos, fazem parte integrante da Natureza. Como podemos admitir sacrificar uma das obras de Deus para glorificá-lo? Seria uma grande incoerência. Sacrificar animais, não é honrar a Natureza. Pelo contrário: é destruir.
- Um animal inocente tem que pagar com a vida para que possamos reabilitar a nossa ligação com a Espiritualidade? Cremos que não devemos destruir a vida por isso. Para harmonizar algo, devemos desarmonizar outro? Não há muita lógica nisso.
- A Umbanda não usa matar animais em hipótese alguma, seja para louvar ou assentar Orixás, Guias Espirituais, Tarefeiros da Umbanda ou para resolver qualquer desmando ou mesmo pedir favorecimentos. A Umbanda também não usa colocar sangue na cabeça de seus iniciandos/iniciados. Acreditamos – pois temos certeza – de que o sangue atrai certa classe de Espíritos malévolos e maldosos.
- Os cultos afros têm total submissão aos Orixás, oferecendo-lhes sacrifícios de animais. A Umbanda vê os Orixás como Poderes Reinantes do Divino Criador, Corporações com títulos honrosos, habitadas por Espíritos dignos, e não tem submissão e nem culto a esses Poderes. Não confundam práticas de cultos afros com práticas de Umbanda. Cada coisa em seu lugar.
- Os inimigos da Umbanda apegam-se sempre a este tipo de trabalho magístico para dizer que é uma religião demoníaca. Quando uma pessoa passa em frente a um trabalho com restos animais numa encruzilhada, aquela cena causa-lhe desagradáveis sensações e os seus pensamentos negativos vão se juntar a egrégora negativa já criada com um trabalho utilizando materiais de baixa vibração (carnes, animais, sangue, ossos, etc.).

- Oferendas com sangue, animais, carne ossos, etc., atraem muitos kiumbas; portanto, estaremos alimentando os vícios destes Espíritos inferiores. Os Tarefeiros da Umbanda não recebem de forma alguma esse tipo de culto ou oferenda; aliás, os rejeitam veementemente. Podem, em casos raros, utilizar sangue e carnes comprados em açougues ou matadouros tão somente para “despachos demandadores” (e jamais para oferendas), mas, nunca sacrificar um animal.

Alguns irmãos poderão nos dizer: Mas, vocês não compram animais mortos para comer? Realmente. Também é uma prática abominável, mas, infelizmente faz parte da alimentação da maioria dos humanos (o ser humano é onívoro – come de tudo), até por orientação da classe médica oficial. Mas, observem uma coisa: só é para comer e nunca para agradecer, louvar, satisfazer ou mesmo barganhar com Espíritos, deuses ou mesmo com Deus. O ideal seria o ser humano ser vegetariano ou mesmo vegano; quem sabe um dia, com consciência, o homem amadurece e se volta para uma alimentação mais saudável e natural, sem ferir os irmãos menores.

Reparem que na Natureza, os animais carnívoros são irritadiços e briguentos (tigres, leões, tubarões, etc.), ao passo que os animais vegetarianos são mansos e pacíficos (golfinhos, tartarugas, elefantes, etc.). E no ser humano, em geral, o que o consumo de carne ocasiona:

EFEITOS DA CARNE NO ORGANISMO HUMANO

O gado ao ser abatido (muitas vezes com porretadas na cabeça), libera na corrente sanguínea uma grande quantidade de adrenalina, em razão do medo e da situação de perigo em que se encontra. Essa adrenalina, uma vez no corpo humano, transforma-se em endrenocromo e posteriormente em adrenolutina, que são substâncias capazes de causar numerosos distúrbios nervosos e afetam não somente à nível bioquímico como também energético, bloqueando, por exemplo, a fluidez da energia Cósmica através dos canais sutis chamados Meridianos.

Dentre os distúrbios nervosos podemos classificar alguns mais comuns: irritação, brutalidade, nervosismo sem causa aparente, depressão, angústia, insônia, medo, etc., os mesmos sintomas causados pelo stress da vida moderna.

O uso excessivo de carne causa um acúmulo nas vias digestivas, produzindo a proliferação de bactérias patogênicas que podem provocar focos infecciosos e intensa putrefação intestinal. Assim, o ambiente intestinal fica propício à apendicite, colite, constipação intestinal (prisão de ventre) e muitas outras doenças.

A carne bovina é muito fibrosa e grande parte do seu peso é eliminado, dando antes muito trabalho ao organismo para metabolizá-lo e transportar seus restos para a excreção. Com isto, há maior desgaste orgânico e conseqüentemente uma diminuição do tempo de vida e do tônus do aparelho digestivo, além do que a produção muito acentuada de enzimas proteolíticas causa intenso desgaste orgânico. Talvez seja por esse motivo pelo qual um animal carnívoro viva menos tempo do que um herbívoro.

É sabido que a carne é muito rica em gorduras, principalmente, as gorduras saturadas e de difícil metabolização. É óbvio então, que o uso excessivo provoca acúmulo de gorduras no organismo, causando obesidade, deformidade estética e comprometimento do sistema cardiovascular pela terrível ação do colesterol. Todos os problemas aqui observados em relação à carne bovina, também o são em relação à carne de porco, que é muito gordurosa e cheia de toxinas. Ambas, porém, quando ingeridas mal cozidas podem causar ao homem a teníase (solitária) pois é comum encontrar ovos de *Tênia Sólum* (no porco) e de *Tênia Saginata* (na vaca) nos tecidos doentes animais.

Além disso, o portador de uma *Tênia*, afora os distúrbios digestivos, da fraqueza e dos incômodos que esta pode causar, corre o risco de adquirir uma doença muito pior: a cesticercose, capaz de criar sérios problemas no Sistema Nervoso Central, no coração, nos músculos, e em muitos órgãos, podendo levar inclusive à loucura se um cesticercos (ou larva) atingir estruturas nobres no cérebro.

As entidades espirituais que aceitam o elemento sangue como oferta, manipulações magísticas ou mesmo para se “alimentarem”, pelas emanções magnéticas da carne não seriam também irritadiços, briguentos e aí por fora?

Observem que para a nossa alimentação, obrigatoriamente temos que comer vegetais que tem presentes em sua constituição fitoectoplasmática, todos os elementos da Natureza, menos o Elemento Fogo, o Elemento Humano e o Elemento Animal. Os elementos do Reino Vegetal, quando colhido para a nossa alimentação, não estamos ferindo com contundência o grupo de elementares que ali estão estagiando.

Prestem atenção à orientação dos Espíritos Superiores: *“As plantas quando são mutiladas, recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor”*. (Livro dos Espíritos – 9ª - página 292 questão 587)

Mas, o sangue sim; este fere de forma especial o grupo de seres elementares que ali estão no final de seu estágio evolutivo antes de se tornarem humanos. O sangue é o fator determinante para a concepção, à fertilidade e o nascimento, portanto, é força ativa de princípio de poder de realização. É melhor não utilizar e manipular este tipo de ritualística, pois os resultados, com certeza, serão negativos, prejudiciais e nefastos.

A TEOLOGIA DO SACRIFÍCIO NAS RELIGIÕES

O sacrifício religioso tem a função de religar o terreno ao divino, pois materializa o abstrato, facilitando o intercâmbio. Pode ser realizado por meio de meditação e recolhimento ou ofertando algo como agradecimento ou como forma de se fazer essa religação com o princípio sagrado e divino.

O sacrifício, na intenção de fazer oferendas a Deus ou divindades, existe desde os primórdios da humanidade. Não podemos reduzir ou entender a palavra sacrifício como sinônimo de sofrimento. Seu verdadeiro significado é o trabalhar pelo sagrado – o sacro ofício.

“A palavra “sacrifício”, na nossa imaginação, está associada a ideias negativas (sofrimento e morte). No entanto, o sentido original da palavra “sacrifício” é positivo. Trata-se de oferecer algo a Deus, por amor. Na definição de Santo Agostinho, sacrifício é uma “ação que nos une a Deus em santa amizade”. No uso profano da palavra, sacrificar-se é consagrar-se inteiramente a algo ou a alguém, dedicar-se com ardor a uma causa: Um cientista consagra sua vida ao progresso da ciência; um esportista dedica-se, intensamente, ao esporte; um pai ou uma mãe de família entregam-se ao cuidado e educação dos seus filhos, etc. Para triunfar e ser feliz, em qualquer estado de vida ou profissão, é preciso uma boa dose de dedicação, de entrega, de sacrifício. Os povos primitivos ofereciam aos seus deuses as primícias da colheita ou dos rebanhos. No Antigo Testamento, os hebreus ofereciam touros e carneiros em “holocausto”: sacrifício em que a vítima era queimada (kaustos) completamente (holos). A mentalidade religiosa primitiva imaginava que era necessário aplacar a “ira de Deus” com orações e sacrifícios. Hoje, sabemos que Deus é tão bom e nos ama tanto, que não precisamos comprar seu afeto com sacrifícios e promessas ou com nosso bom comportamento. Os cristãos devem rezar e fazer sacrifícios, sim, mas não para mudar Deus, antes para nos mudar e melhorar nós mesmos”.
(www.vilakostkaitaici.org.br).

Etimologia da palavra sacrifício

Vem do latim “sacrum facere”, que significa “fazer algo sagrado” mediante um ato ou ação sagrada; oferecer alguma coisa a Deus. O adjetivo “sacrum” vem do verbo latino “sancire”, de onde deriva também a palavra sanção, e significa consagrar, sancionar, tornar inviolável ou invulnerável, transformar em sacrosanto, consagrar a divindade. Sagrado vem do latim “sacratus” – sagrado, consagrado, e deriva de “sacrare” – consagrar.

Permanece uma questão em aberto, não apenas para as religiões que ainda realizam rituais de sacrifício de animais, mas também para as que não mais os praticam, ainda que suas escrituras, tradições e histórias façam menção à imolação de animais. As religiões apresentam diversas razões pelas quais os sacrifícios podem ser realizados:

- Os deuses necessitam do sacrifício para seu sustento e para a manutenção de seu poder, que diminuiria sem o sacrifício;
- Os bens sacrificiais são utilizados para realizar uma troca com os deuses, que prometeram favores aos homens em retribuição pelos sacrifícios;
- A vida e o sangue dos sacrifícios contêm “mana” – energia vital – ou algum outro poder sobrenatural, cuja oferenda agrada aos “deuses”;
- O sacrifício é, na verdade, parte de uma cerimônia. Por vezes é consumido pelos fiéis. Habitualmente incorpora uma forma de redistribuição em que os pobres obtêm parcela maior do que sua contribuição.
- Na “íbli” hebraica, Deus ordena que os israelitas ofereçam sacrifícios de animais no santuário ou tabernáculo. Quando os israelitas já haviam chegado a terra de Canaã, ordenou-se que todos os sacrifícios terminassem, exceto os que aconteciam no Templo de Jerusalém. Na Bíblia, Deus pede sacrifícios como um sinal de sua aliança com o povo de Israel.

O SACRIFÍCIO NO ISLÃ



O sacrifício de um animal, em língua árabe, se diz “qurban”. No entanto, a palavra possui em certas regiões uma conotação pagã. Na Índia, porém, a palavra “qurbani” é utilizada para o rito islâmico de sacrifícios de animais. O contexto islâmico, o sacrifício de um animal é comumente referido como “Udhiyah”, significando sacrifício. Os muçulmanos dizem que isso não tem nada a ver com sangue e ferimentos (Corão 22:37: “*Não é a sua carne tampouco seu sangue que alcança Alá, mas sim a sua fé que o alcança (...)*”). O sacrifício é feito para ajudar os pobres, e para recordar o profeta Abrão que não se opunha a sacrificar o filho (de acordo com os muçulmanos, seria Ismael) a pedido de Deus. O animal a ser sacrificado pode ser um cordeiro, uma ovelha, uma cabra, um camelo ou uma vaca. O rito islâmico de sacrifício é chamado de “Dhabh”. Trata-se de um tipo de permissão garantida ao autor do sacrifício, que resulta em sentimento de gratidão por poder comer a carne do animal sacrificado. A carne é normalmente distribuída entre os parentes necessitados. No entanto, dependendo do propósito ou da ocasião, pode ser consumida pela pessoa que sacrificou o animal. O estudo das antigas civilizações revela que todos os povos ofereciam sacrifícios a Deus, ou a seus deuses. Em Roma, na África, na Índia, etc.

Na Bíblia, o sacrifício aparece logo de início da humanidade: “*Passado muito tempo, aconteceu oferecer Caim, em oblação, ao Senhor, dos frutos da terra. Abel também ofereceu dois primogênitos do seu rebanho e das gorduras deles; e o Senhor olhou para Abel e para os seus dons. Não olhou, porém, para Caim nem para os seus dons*”. Em todos os grandes acontecimentos, os homens ofereciam sacrifícios a Deus. Noé: Gen.8,20, Abraão: Gen.22,1, Moisés: Exod.29,39 e Levítico, onde aparece toda a ordenação litúrgica estabelecida por Deus no Antigo Testamento.

O SACRIFÍCIO NO JUDAÍSMO



“Esta é minha mudança, este é meu substituto, esta é minha expiação”, murmuram os fiéis judeus enquanto dão três voltas por cima de suas cabeças com um animal que, minutos depois, é morto como forma de expiar os pecados. No ritual das Kaparot, uma expiação simbólica dos pecados, milhares de galos e galinhas são degolados em Israel para lembrar os judeus que, a qualquer momento, Deus pode tirar a vida como forma de compensação por seus pecados. As mulheres usam galinhas; os homens, galos; e as grávidas, um exemplar de cada um.

As Kaparot são vividas nos dias anteriores ao Yom Kippur, a data mais solene do judaísmo, destinada ao arrependimento e ao pedido de perdão. No Judaísmo, o sacrifício é conhecido como “Korban”, palavra oriunda do hebreu “karov”, que significa “vir pra perto de Deus”. Judeus medievais como Maimônides reinterpretaram a necessidade de sacrifícios. Em sua visão, Deus sempre colocava os sacrifícios abaixo de orações e da meditação filosófica. O entanto, Deus entendia que os israelitas estavam acostumados aos sacrifícios animais como forma de comunicação com seus deuses. Assim, na visão de Maimônides, era natural que os israelitas acreditassem que o sacrifício fosse necessário na relação entre o homem e Deus. Maimônides concluíram que a decisão de Deus de permitir sacrifícios era concessão a limitações psicológicas do homem. Era esperado que os israelitas passassem de sacrifícios à adoração em pouco tempo.

O SACRIFÍCIO NO CATOLICISMO



É a Santa Liturgia que realiza o sacrifício. Pelos sacramentos, principalmente pela santa missa, a Igreja tem o poder de realizar o mesmo sacrifício da Cruz, realizar esta comunhão das almas com seu chefe, que é Jesus Cristo. Ela o realiza de um modo espiritual e invisível (pela graça), mas também pelas cerimônias do culto, atos externos, sensíveis e visíveis que manifestam claramente a graça invisível. Cada sacramento possui uma graça sacramental própria, além da forma e da matéria que constituem o lado visível do sacramento.

A missa é um verdadeiro sacrifício, mas é também um sacramento. Isto significa que aquele único e mesmo sacrifício do Calvário nos é apresentado sob a forma de sinais sensíveis (a consagração do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor) apropriados para atravessar todos os séculos à existência da Igreja.

O SACRIFÍCIO NO CANDOMBLÉ



No candomblé, esta parte do ritual denominada de sacrifício não é propriamente secreta; porém não se realiza senão diante de um reduzido número de pessoas, todos fiéis da religião. Deve-se temer que a vista do sangue revigore, entre os não iniciados, os estereótipos sobre a barbárie ou o caráter supersticioso da religião africana.

Uma pessoa especializada no sacrifício, o axogun, que tem tal função na hierarquia sacerdotal, é quem o realiza ou, na sua falta o babalorixá. O axogun não pode deixar o animal sentir dor ou sofrer porque a oferenda não seria aceita pelo Orixá.

O objeto do sacrifício, que é sempre um animal, muda conforme o Orixá ao qual é oferecido; trata-se, conforme a terminologia tradicional, ora de um animal de duas patas, ora de um animal de quatro patas, galinha, pombo, bode, carneiro. Na realidade não se trata de um único sacrifício: sempre que se fizer um sacrifício a qualquer Orixá, deve ser antes feito um para Exu, o primeiro a ser servido.

Esse sacrifício não é só uma oferenda aos Orixás. Todas as partes do animal vão servir de alimento, nada é jogado fora. O couro do animal é usado para encourar os Atabaques, o animal inteiro é limpo e cortado em partes, algumas partes são preparadas para os Orixás e o restante é destinado aos demais. Tudo é aproveitado: até a porção oferecida aos Orixás é posteriormente distribuída entre os filhos da casa como o inché do Orixá.

É usada para confraternização: unem-se os filhos a comer com o pai ou mãe, havendo repartição do axé gerado pelo Orixá. Acredita-se que após algum tempo que a comida esteja no Peji ela fica impregnada pelo axé do Orixá. O sacrifício no Candomblé é a renovação do axé, feito uma vez por ano para cada Orixá da casa ou em circunstâncias especiais.

(<http://pt.wikipedia.org>)

Fora a opinião acadêmica, cremos ser importante a opinião de dois entendidos da religião do Candomblé (Fernandes Portugal e Agenor de Miranda), com opiniões discordantes em certos aspectos, dando a oportunidade de esclarecimentos sobre a questão do sacrifício de animais como fator ritualístico pelos cultuadores afros.

SACRIFÍCIO DE ANIMAIS EM RITUAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANAS

Transcrição da entrevista realizada com o Professor Fernandes Portugal (Formado em Filosofia com mestrado em Antropologia. Professor do programa de mestrado em Antropologia na Universidade de Havana, Cuba. Diretor de pesquisas do instituto Yorubana. Babalorixá e iniciado no culto de Ifá).

• O que significa para as religiões de matrizes africanas o sacrifício de animais?

Veja bem, quando falamos em sacrifício algumas pessoas consideram que só existe como remédio nos cultos afro brasileiros o sacrifício animal, mas temos vários tipos, que, por ordem de Orumilá (Deus supremo do culto Yorubá), por ordem de Ifá (Orixá da adivinhação) são realizados ocasionalmente para resolução de problemas.

Hoje só se faz sacrifício de animais ditos “domésticos”, faço essa ressalva porque antigamente se fazia sacrifício de animais dito silvestres. Por exemplo, o veado, o “adjapa” (tartaruga), o tatu já foram utilizados, como o lagarto e outros animais. Hoje só se faz de animais dito domésticos. Sacrificamos, o cabrito, a cabra, a codorna, a galinha da angola, o galo, a galinha, a franga, o pato, a pata, paturi, enfim, esses são os principais. São os Orixás que definem quais animais vão ser sacrificados. Existe um sistema, uma lógica, não é aleatório.

Na verdade usamos o fluido, o etérico do sangue, que é o maior selo que temos, e a maior virtude que possa existir em um animal novo para se fazer uma transposição alquímica. Como isso ocorre: se formos realizar um ebó (trabalho ou oferenda a Exu), em geral passamos a ave pelo corpo da pessoa, e “as penas vão absorver a própria pessoa”, o DNA daquela pessoa, pois quando se esfrega vigorosamente aquelas penas no corpo da pessoa, nos estamos levando fragmentos de pelos do corpo, humores (substâncias excretados pelo corpo), tecido epitelial, suor, etc.

Esse conjunto de situações que foi colhido no corpo da pessoa é uma espécie de testemunho, e esse testemunho é que nos vamos precisar para mostrar um caminho, para modificar uma situação. Então, quando fazemos esse sacrifício animal e olhamos o tempo todo para aquele sangue correndo em cima da pedra, ou de outra substância, estamos substituindo aquela vítima, em relação aquilo que precise. O animal absorve aquela energia (é como se saísse da pessoa e passasse pelo animal). Esse é o aspecto principal, na verdade você está também com isso estimulando, ativando forcas atemporais. O Orixá não é só força da Natureza, é força da humanidade como um todo, planetária, força das próprias pessoas, uma vez que a pessoa tem elementos do próprio Orixá.

Na verdade você faz uma troca, uma transfusão, de energias para aquela situação, por isso que é feito o sacrifício animal, que deve ser feito com a total ética, não se deve fazer qualquer tipo de sacrifício animal, de qualquer jeito, a qualquer momento, por exemplo, eu não realizo qualquer sacrifício quando a pessoa não é afeta aquela situação, seria uma forma de agredir a pessoa; não fazemos sacrifício quando a pessoa não gosta.

- **Nesse caso, quando a pessoa não gosta de sacrifício, você obtém o mesmo resultado se não fizer o sacrifício?**

Não. Veja bem, a ave pode ser passada no corpo e não ser sacrificada. Você passa o animal pelo corpo e depois vai soltá-lo. Ele absorve a energia e em seguida é solto. Não é sempre que se faz o sacrifício, como disse anteriormente, existem outros “remédios” que podem ser aplicados dependendo da situação, das ordens de Ifá e Orumilá.

- **Porque o sacrifício então se existe meios alternativos?**

Nem sempre o sacrifício pode ser substituído; às vezes precisa-se do sangue animal para fortalecer o axé (força), para fortalecer a pessoa. Atenção: o Orixá não se fortalece com isso, é mentira, o que você fortalece são manifestações de devotos daquele Orixá. Há determinados remédios que são utilizados para certas circunstâncias. Não é a qualquer momento que você faz; o ambiente tem que estar limpo; tem que limpar as pessoas depois com banhos aromáticos, banhos de defesa, que limpam a alma da pessoa.

Matar é uma expressão utilizada pela milícia, pela polícia mineira. Trata-se realmente de sacrifício animal, é a imolação em função de algo, de uma troca. Sacrifica-se para ter a vida, é uma troca. Se o animal não é passado no corpo, ele serve para dar de comer para as pessoas do Terreiro.

Há então outros tipos de sacrifício que não o que é passado pelo corpo. Às vezes o animal não é sacrificado, ele é colocado na mata, enterrado.

Há sacrifício de animais para festejar, mas este tem uma lógica própria, com começo, meio e fim. Na cultura Yorubá, não tem essa de oferecer por oferecer, não é a forma principal de louvação aos Orixás.

A louvação se faz diariamente, através de preces, de vivências junto aos Orixás. Para louvar o Orixá, faz-se também oferendas de frutos e grãos, pois são outros elementos que você também vai usar.

- **Como é feito o sacrifício do ponto de vista do animal?**

Compra-se o animal, guarda-se em local apropriado com água, comida. Não utilizamos animais cegos ou com alguma deficiência para oferecer ao Orixá. Fazemos a seleção desses animais para oferecer. Mais ele não vai estressado, absolutamente. O animal não sofre.

- **Mesmo ao degolar o animal, enquanto escorre o sangue, não há stress?**

Bem, estamos praticando a morte para gerar vida. Então você vai sacrificar o animal ele se debate como qualquer ser que está prestes a morrer. As pessoas que dizem não aceitar o sacrifício animal, quando vão à churrascaria comem aqueles espetos inteiros de carne, galinha ao molho pardo, isto é relativo. As pessoas tendem a dar uma dimensão maior do que a coisa é realmente.

- **O Sr. Considera que o sacrifício seja uma forma de mal trato, de matar um animal de forma cruel?**

Absolutamente não!

- **Seria possível imaginar o Candomblé, o culto Yorubá, sem o sacrifício animal?**

Eu acho que imaginar, pode-se imaginar tudo, mas não vejo; esses cultos perderiam todo o sentido sem o sacrifício animal. O sacrifício animal é um dogma da cultura Yorubá, que foi transplantado no Brasil pelos Africanos. É inviável; jamais vai se atingir esse ponto. Seria charlatanismo. Não consigo imaginar o que as pessoas imaginam quando anunciam “Candomblé sem sacrifício”. O sacrifício da pessoa em dormir na esteira? O Candomblé sem o sacrifício animal, não é Candomblé.

A Umbanda criou um novo sistema, quer dizer, o Astral criou uma nova forma de cultuar os Orixás, a princípio sem o sacrifício animal, mas hoje existem casas de Umbanda que praticam o sacrifício animal.

- **Vê-se na internet, ou até em algumas casas de santo, Exus que bebem sangue. Isso está dentro da tradição Yorubá?**

Exus que bebem sangue incorporados... estamos fugindo do assunto, isso para mim constitui uma aberração! Não creio que existam entidades que necessitam beber diretamente o sangue do animal; não vejo razão para isso; isso constitui um estelionato espiritual! É feito para impressionar as pessoas, para os pais de santo se exibirem. Isso foge totalmente da cultura Yorubá, não tem sentido, nem fundamento.

- **Para o Senhor como deveria ser feito o sacrifício de animais? Como que o Sr. delimitaria isso para a lei?**

Faria da seguinte maneira. A primeira coisa, que faz muita falta, é que se fizesse um grande cadastro afro-brasileiro e que existissem locais previamente cadastrados para vender animais somente para o sacrifício animal e que somente as pessoas cadastradas poderiam ir lá comprar, isso já estabeleceria uma espécie de regra de funcionamento para os cultos afro-brasileiros. Acho que daria certo.

- **Como o Sr. disse anteriormente, o Candomblé é “bagunçado”; cada um faz de um jeito; muitas pessoas não fazem o sacrifício de animais da maneira como o Sr. tem descrito. Como o Sr. qualificaria / adjetivaria esses babalorixás?**

Tem muitas coisas no Candomblé que não se entende, pois como culto, ele está sujeito a diferentes interpretações locais e supersticiosas.

Este é um açougueiro! Ele não está qualificado.

Veja bem, o cadastro que eu falei vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. A sociedade se organiza ou por batalha, revolução, ou por imposição de outra sociedade, por autoridade do Estado. Mais cedo ou mais tarde vamos ter que cadastrar essas pessoas.

Essa ideia minha é muito mais abrangente, não só para o sacrifício, isso vai pulverizar os maus dirigentes de casa que acabam denegrindo a imagem da religião. Como é uma prática interna, deveriam ter locais específicos para comprar os animais, não só o mercadão. Para fazer isso, precisamos discutir a miúda essa ideia, esse modus operandi. Precisamos banir essas pessoas levianas que fazem anúncio de “trago a pessoa amada em 03 dias”, com esse censo criar-se-ia um cadastro, e um órgão para fiscalizar essas praticas.

- **Esse é um dos problemas que a comunidade das religiões de matriz africana tem; essa desorganização cada um faz o que quer.**

Já houveram várias tentativas de organizar as religiões afro brasileiras, mas os projetos que já participei não vingaram pois falta organização, falta estrutura. Muitas vezes são gerais fracassados que não tem nenhuma estrela. Essa situação se resolve em dois aspectos, ou pelo menos se estrutura: Fazer um censo nas casas que praticam o sacrifício de animais e fazer seminários, congressos para discutir questões importantes. O problema é que os congressos, seminários que ocorrem sobre o tema são organizados por ogãs e dirigentes de pequenas casas com ambições, que visam meramente se projetarem politicamente e que se auto intitulam como líderes da Umbanda ou do Candomblé, que tem pretensões de se tornarem líderes. Vejo que por ai cabe uma longa discussão deixando que todas as pessoas falem. Temos um problema de educação; quando as pessoas do culto afro se reúnem tem a maldita mania de particularizar coisas “porque na minha casa” “porque no meu santo”... isso não resolve nada. Temos que trabalhar em termos coletivos em termos de organização de uma sociedade como um todo, não no bloco do eu sozinho, isso demora muito tempo e requer muitos sacrifícios.

Essa iniciativa deve partir das casas de santo, deve haver vontade dos dirigentes, poder-se-ia criar um colegiado, um código de ética, mas os praticantes não querem. O sujeito que bota o anúncio medíocre prometendo que traz a pessoa amada em três dias vai rir se eu falar em código de ética. Outra coisa: será se os jornais vão respeitar esse código de ética? O que eu penso é que se deve criar um conselho, e que as pessoas para atenderem o publico devem ter inscrição nesse conselho, assim como tem o CRM, OAB, etc. o anúncio deve ser ético.

Nos fóruns debates, você vai, e vê pessoas fantasiadas com roupas de santo, pavões, ou entrega de troféus não se sabe por quê. O que a pessoa fez para merecer esse troféu? Nada! São “trofezes”!

Falta essa visão do todo. De trabalhar pelo todo.

(Departamento de Direito – PUC-RIO - Aluno: Yannick Yves Andrade Robert. Orientadores: Carlos Alberto Plastino e Fábio Carvalho Leite)

AGENOR DE MIRANDA ROCHA E O CANDOMBLÉ VERDE



Agenor Miranda Rocha (na foto acima, sentado), o Pai Agenor, (Luanda, Angola, 8 de setembro de 1907 — Rio de Janeiro, 17 de julho de 2004) foi um babalawô da Religião do Candomblé.

Foi iniciado aos cinco anos de idade, em 1912, ao Orixá Oxalá, pelas mãos de Sra. Eugênia Ana dos Santos, mais conhecida como Mãe Aninha de Sango ou Obá Biyi, fundadora do Axé Opô Afonjá, na cidade Salvador, devido a uma enfermidade, fato este que levou sua mãe carnal a senhora Zulmira Miranda, católica apostólica romana, fervorosa, a aceitar o feito com intuito de salvar a vida de seu filho.

Quando jovem, e já residindo na cidade do Rio de Janeiro, foi o nosso Ilustre professor, iniciado nos mistérios da Orixá Ewá, de onde segue que dado a União destes dois Orixás, Oxalufã e Ewá, o nosso digno professor, ou como ele se auto intitulava, Zelador de Santo, ter um dom especial nos jogos sagrados dos búzios.

O Professor Agenor, como era conhecido, foi professor catedrático aposentado do Colégio Pedro II, nas cadeiras de matemática e latim, cantor lírico (seguindo os passos de sua mãe, o soprano Zulmira Miranda), e babalawô adivinho na referida tradição religiosa do Candomblé, um dos ocidentais mais conhecedores da herança e a cultura afro-brasileira, além de talvez, uma das mais respeitadas personalidades religiosas por todas as lideranças de tradicionais Terreiros do Brasil.

Foi o jogo de búzios (meridilogun) do Prof. Agenor que decidiu a sucessão de importantes terreiros: Mãe Oké e Mãe Tatá, na Casa Branca do Engenho Velho; Mãe Stella, no Axé Opô Afonjá; Mãe Índia, no Terreiro do Bogun (o último grande jogo de sucessão antes do falecimento do professor).

Seu jogo de búzios foi um dos mais procurados do país. O velho professor foi orientador espiritual e conselheiro de personalidades de diferentes procedências religiosas e de muitos babalorixás, como Tatá Makamba Malaiá em São Paulo, no ano de 1972 e orientador do Babá Augusto César de Logunedé. Jorge Amado, Zélia Gattai, Almirante Adalberto de Barros Nunes, Maria Zilda, Maria Bethânia, Gal Costa, Liége Monteiro, Hugo Gross, Zora Sejlman, Antônio Olinto, Professor Paulo Alonso, Delegado Protógenes Queiroz, Vera Fisher, Marcelo Picchi, Camila Amado, Heloísa Perissé, Bel Kutner e Regina Casé, dentre muitos outros, foram amigos ou frequentavam à casa do velho professor.

Existe um documentário sobre a vida de Agenor – *“Um Vento Sagrado”*, do diretor e artista plástico baiano Walter Lima, o trabalho conta a história de Pai Agenor, um dos mais importantes nomes do Candomblé no país. O trabalho de pesquisa consumiu mais de três anos de viagens, pesquisas e gravações no Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Roma. O filme (Brasil, 2001, 93 min.), mostra Pai Agenor em sua casa no Engenho Novo, subúrbio do Rio de Janeiro, onde figuram desde imagens de São Francisco e Buda até de Oxalá e outras divindades do Candomblé. É no local que ele recebe visitantes em busca de aconselhamento e joga búzios.

Suas declarações são desconcertantes. “A força do Candomblé está no sangue verde das plantas e não no sangue vermelho dos animais”, comenta para condenar os sacrifícios em cultos.

Pai Agenor é um homem múltiplo e incomum. “Ele é talvez a última das grandes figuras do Candomblé”, afirma Gilberto Gil. O retrato pintado por Walter Lima é o de um ser de personalidade instigante cujas opiniões são sempre respeitadas.

Hoje, alguns Zeladores de Santo herdaram a busca pelo “Candomblé Verde” e usam algumas declarações de Agenor como base para suas defesas. Hoje com o conhecimento que possuo não vejo como poderia fazer o que precisa ser feito sem os animais, mas pesquisarei a fundo e contarei para os leitores minhas futuras conclusões e claro que respeitarei um dos, senão, o maior conhecedor do Candomblé.

<http://alexandretiayra.blogspot.com.br/2014/05/agenor-miranda-rocha-e-o-candomble-verde.html>

SACRIFÍCIO DE ANIMAIS: ATO NECESSÁRIO?

“(…) A pergunta é: Orixás, seres incorpóreos, elevadíssimos, necessitam realmente de algo material, assim como as humanas criaturas, para “sobreviverem”? Particularmente, acredito eu que não.

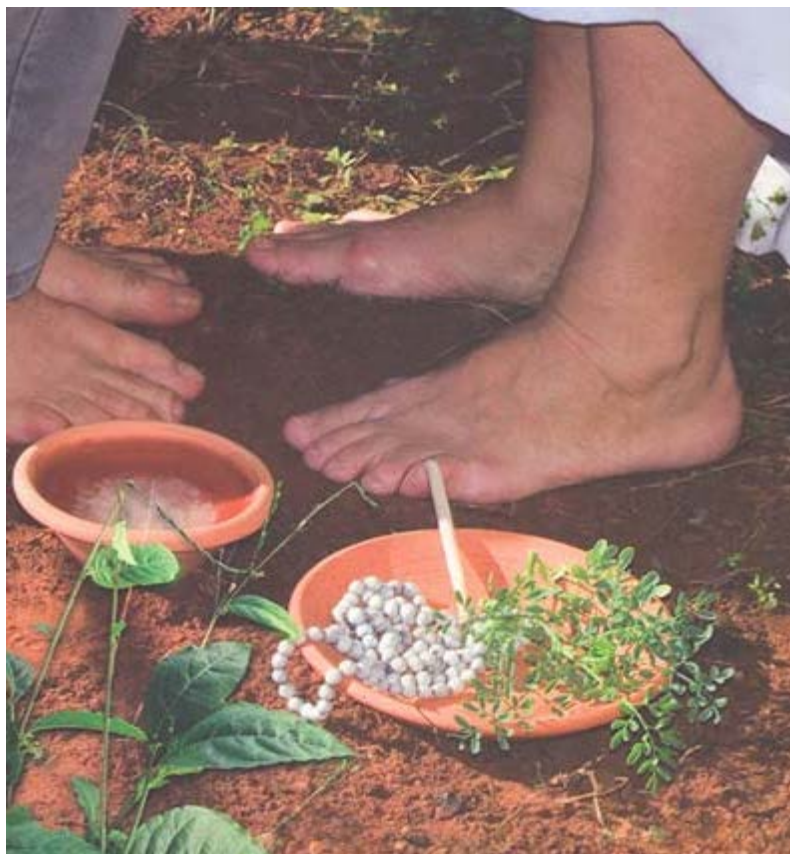
Vamos supor que todos os adeptos da matança deixassem de oferecer sacrifícios aos Orixás, que nenhuma gota de sangue, seja de que animal for, fosse derramada para fins ritualísticos, de “axé”. O que aconteceria? Deixariam de ser Orixás? Morreriam? Abandonariam ou castigariam seus filhos? Creio que não (…).

(…) Não consigo conceber onde a morte, a destruição, o holocausto de uma vida pode beneficiar outra. Será que realmente onde há morte pode haver algo de benéfico?

Talvez seja a hora de, como no passado, repensarem a questão dos sacrifícios humanos, reconsiderarmos a imolação de animais”.

(http://vozesdearuanda.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html)

O SACRIFÍCIO NA UMBANDA



O atendimento fraterno

O sacrifício em Umbanda, para a “Escola Iniciática Umbanda Crística”, é subdividido em quatro partes, sendo grandemente propalado, reforçando-os diariamente entre seus adeptos:

1. A prática da caridade

No Livro dos Espíritos, Allan Kardec faz a seguinte pergunta aos Espíritos: **Pergunta 886:** Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? **Resposta:** “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.

“O Amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, como irmãos”. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos”. (Allan Kardec)

“(…) Caridade é amor, em manifestação incessante e crescente. É o sol de mil faces, brilhando para todos, é o gênio de mil mãos, ajudando, indistintamente, na obra do bem, onde quer que se encontre, entre justos e injustos, bons e maus, felizes e infelizes, porque, onde estiver o Espírito do Senhor, aí se derrama a claridade constante dela, a benefício do mundo inteiro”. (pelo Espírito de Emmanuel)

“Meus filhos, na máxima: “Fora da caridade não há salvação”, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no Céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no Céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as consequências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação. Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírito e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860.). 253”. (Evangelho Segundo o Espiritismo)

2. O sacrifício mais agradável a Deus (e aos Orixás) – O Perdão

Disse Jesus: “Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltaí a oferecê-la. (S. Mateus, cap. V, vv 23 e 24). Quando diz: “Ide reconciliar-vos com o vosso irmão, antes de depordes a vossa oferenda no altar”, Jesus ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor Deus é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser por ele perdoado, precisa o homem haver perdoado e reparado o agravo que tenha feito a algum de seus irmãos. Só então a sua oferenda será bem aceita, porque virá de um coração expungido de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria-lhe conformar suas palavras aos usos ainda em voga. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ainda mais força ganha. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. Entrando no Templo do Senhor, deve ele deixar fora todo mau pensamento contra seu irmão. Só então os Anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis aí o que ensina Jesus por estas palavras: “Deixai a vossa oferenda junto do altar e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão, se quiserdes ser agradável ao Senhor” (Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo X).

Aqui, há uma exigência que está condicionada para se obter o resultado total: se você está de mal ou magoado com alguém, se tem ofendido, aceito ofensas, se ainda em briga ou demanda com alguém, e se não procurar esquecer, perdoadando, estará em desacordo com a Lei Divina.

3. O grande trabalho de Reforma Íntima

A Reforma Íntima é um processo contínuo de autoconhecimento da nossa intimidade espiritual, modelando-nos progressivamente na vivência evangélica, em todos os sentidos da nossa existência. É a transformação do homem velho, carregado de tendências e erros seculares, no homem novo, atuante na implantação dos ensinamentos o Divino Mestre, dentro e fora de si.

No decorrer da sua vida deverá criar condições de auto aperfeiçoamento, criando em seu coração amor, perdão, caridade, humildade, benevolência e devoção, assumindo a responsabilidade de adquirir conhecimentos, e manter o caráter e a moral irrepreensíveis. Exige perseverança, honestidade, desprendimento e Espírito de renúncia para que haja a efetivação do contato espiritual. Deverá ser limpo de corpo e alma, para ter uma boa assistência espiritual. Tudo isso se transforma em “sacrifício material”, pois foge do seu dia-a-dia. Portanto, é tempo de entrarmos no entendimento perfeito das lições deixadas pelo Mestre Jesus, promovendo nossa Reforma Íntima, para que alcancemos aquela paz que todos deveremos alcançar e que Ele nos deu os meios de conseguirmos. Mas, é preciso estudar, analisar, procurar compreender, do contrário, como diria o Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“É carregar água no cesto”*.

4. O sacrifício material

“893. Qual a mais meritória de todas as virtudes? — Todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas são indícios de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento das más tendências; mas tal sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segunda intenção. A mais meritória é aquela que se baseia na caridade mais desinteressada”. (Livro dos Espíritos)

Muitas vezes o médium terá que abrir mão de certas “coisas” materiais (visitas, cinemas, filmes, futebol, baladas, aniversários, casamentos, viagens, festas, etc.), a fim de cumprir sua missão espiritual. Isso é sinal de responsabilidade, devoção, renúncia e amor ao próximo.

E não podemos nos esquecer do que nos pediu o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“Daí de graça o que de graça recebeste! São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) A consulente mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior”*.

Eis então os sacrifícios requeridos na Umbanda, para que seus profíctos possam servir a Deus e a Espiritualidade da melhor forma possível. Podemos concluir que oferecer sacrifícios num ato religioso é próprio à natureza humana, visto que todas as religiões assim o fizeram.

A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA MAGNETIZADA



Quantidade e composição da água:

A água ocupa 70% da superfície da Terra. A maior parte, 97%, é salgada. Apenas 3% do total é água doce e, desses, 0,01% vai para os rios, ficando disponível para uso. O restante está em geleiras, icebergs e em subsolos muito profundos. Ou seja, o que pode ser potencialmente consumido é uma pequena fração.

Há muita coisa, a saber, a respeito da água. Ela está presente nos menores movimentos do nosso corpo, como no piscar de olhos. Afinal, somos compostos basicamente de água.

Esse líquido precioso está nas células, nos vasos sanguíneos e nos tecidos de sustentação. Nossas funções orgânicas necessitam da água para o seu bom funcionamento. Em média, um homem tem aproximadamente 47 litros de água em seu corpo. Diariamente, ele deve repor cerca de 2 litros e meio. Todo o nosso corpo depende da água, por isso, é preciso haver equilíbrio entre a água que perdemos e a água que repomos.

Quando o corpo perde líquido, aumenta a concentração de sódio que se encontra dissolvido na água. Ao perceber esse aumento, o cérebro coordena a produção de hormônios que provocam a sede. Se não beber água, o ser humano entra em processo de desidratação e pode morrer de sede em cerca de dois dias.

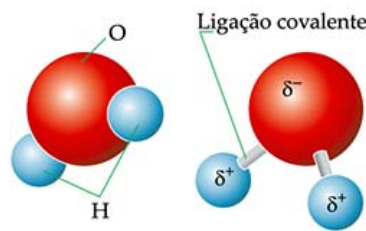
A água é composta por dois elementos químicos: Hidrogênio e Oxigênio, representados pela fórmula H_2O . Como substância, a água pura é incolor, não tem sabor nem cheiro. Quimicamente, nada se compara à água. É um composto de grande estabilidade, um solvente universal e uma fonte poderosa de energia química. A água é capaz de absorver e liberar mais calor que todas as demais substâncias comuns.

Quando congelada, ao invés de se retrair, como acontece com a maioria das substâncias, a água se expande e, assim, flutua sobre a parte líquida, por ter se tornado "mais leve". De acordo com leis da física, isso não deveria acontecer. Por causa dessa propriedade incomum da água é que os rios, lagos e oceanos, ao congelarem, formam uma camada de gelo na superfície enquanto o fundo permanece líquido. No que diz respeito a uma série de propriedades físicas e químicas, a água é uma verdadeira exceção à regra.

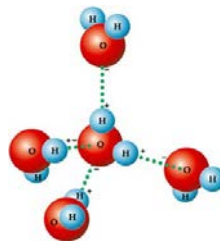
A Terra está a uma distância do Sol que permite a existência dos três estados da água: sólido, líquido e gasoso.

As propriedades da água que a tornam fundamental para os seres vivos se relacionam com sua estrutura molecular que é constituída por dois átomos de hidrogênio ligados a um átomo de oxigênio por ligações covalentes. Embora a molécula como um todo seja eletricamente neutra, a distribuição do par eletrônico em cada ligação covalente é assimétrica, deslocada para perto do átomo de oxigênio.

Assim, a molécula tem um lado com predomínio de cargas positivas e outro com predomínio de cargas negativas. Moléculas assim são chamadas polares.



Quando os átomos de hidrogênio da molécula de água (com carga positiva) se colocam próximos ao átomo de oxigênio de outra molécula de água (com carga negativa), se estabelece uma ligação entre eles, denominada ligação de hidrogênio (ponte de hidrogênio).



Essa ligação garante a coesão entre as moléculas, o que mantém a água fluida e estável nas condições habituais de temperatura e pressão. Algumas das mais importantes propriedades da água se relacionam com suas ligações de hidrogênio.

Água mineral

“É aquela proveniente de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas que possua composição química ou propriedades físicas ou físico-químicas distintas das águas comuns, com características que lhe confira uma ação medicamentosa” (Decreto-Lei Nº 7.841, de 08/08/1945). Sais, compostos de enxofre e gases estão entre as substâncias que podem estar dissolvidas na água. Não deve ser confundida com a água de mesa, que é uma água de composição normal, proveniente de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas, que preenche tão-somente as condições de potabilidade para a região. Algumas águas minerais são originárias de regiões com alguma atividade vulcânica.

Os diversos tipos de águas minerais são classificados segundo a composição química, origem da fonte, temperatura e gases presentes. Estes aspectos determinam a forma de uso: consumo como bebida, apenas para banhos e se são terapêuticas ou não. As águas minerais subterrâneas retornam à superfície através de fontes naturais ou são extraídas através de poços perfurados.

O ELEMENTO ÁGUA

A água é um elemento da Natureza considerado passivo e feminino. O conceito de água estende-se de maneira geral a toda a matéria em estado líquido. Símbolo universal do princípio feminino, das emoções do inconsciente; de todas as substâncias, a água é a de mais complexa interpretação. Este elemento está sempre ligado aos conceitos de fertilização, de maternidade e de geração. A água consiste num fluido denso e numa essência potencial de natureza fluidica; manifesta-se de modo bem visível no mundo da forma, e seu valor é incontestável.

Em nosso Planeta, a água segue um círculo de transformação com quatro etapas, as quais se completam: o Sol aquece as águas da superfície do mar, que evaporam e sobem como vapor para formar as nuvens; as massas frias de vento originárias dos polos entram em contato com as nuvens (que são vapor) e a água se condensa, precipitando-se para o solo em forma de gotas; uma vez no solo, a água penetra na terra e, em seu interior, sofre transformações e é impulsionada para cima pela força da pressão, saindo nas fontes para formar os rios que, por gravidade, correm de volta para o mar.

Na Umbanda, a água é considerada com os seus valores de cada etapa do ciclo das águas. Assim, cada etapa está ligada a determinadas Corporações Orixás, todas femininas.

A água do mar. O sal sempre teve importância e valor mágico devido à sua propriedade de conservar e evitar a putrefação e, como símbolo, acompanha a água. Sua presença é sempre marcante nas cerimônias de exorcismo. Por isso, o mar se investe da propriedade de receber os detritos físicos e espirituais, bem como os objetos de trabalhos feitos. Colocar objetos no mar significa remetê-los ao caos primordial representado pelas águas marinhas.

A água doce (rios, fontes, nascentes e cachoeiras) representa o amor, a bondade, a doçura, a beleza e a riqueza material e espiritual. Serve como elemento condutor da energia vibratória. No corpo humano, aliás, ela se manifesta como o elemento líquido que representa cerca de 70% do volume do corpo. É esse tipo de água que utilizaremos para abençoar e tomar.

As águas paradas (lagos, represas, mangues, etc.), representam a calma, a ponderação, a sabedoria e os momentos que precisamos parar para melhor analisarmos sobre o que está acontecendo em nossas vidas, pois muitas vezes precisamos de reflexão, para sabermos como melhor conduzir nossos caminhos. Representa a decantação necessária para que obtenhamos sabedoria.

A água é o elemento da purificação, da mente subconsciente, do amor e todas as emoções. Assim como a água é fluida, constantemente mudando, fluindo de um nível a outro, também são assim nossas emoções, constantemente se movimentando. A água é o elemento da absorção e germinação. O subconsciente é simbolizado por este elemento, pois está sempre em movimento, como o mar que nunca descansa quer seja noite ou dia. É o poder da sensibilidade e das emoções.

O QUE É ÁGUA FLUIDIFICADA?

Kardec nos diz em O Livro dos Médiuns: *“Esta teoria nos dá a solução de um fato bem conhecido do magnetismo, mas inexplicado até hoje — o da mudança das propriedades da água através da vontade. O Espírito agente é o do magnetizador, na maioria das vezes, assistido por um Espírito estranho; ele opera uma transformação com o auxílio do fluido magnético que, como já foi dito, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica ou elemento universal. Se ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode, igualmente, produzir um fenômeno análogo sobre os fluidos do organismo e, daí, o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida”.*

Água fluidificada, então existe?

O que seria “fluidificar” água? Que conceito científico é aplicado nesse caso?

Lembro que Kardec chamou acima de “Teoria” e deste modo não trata o assunto como Postulado Doutrinário.

Exatamente por conta das propriedades da água e das propriedades magnéticas, é impossível fluidificar a água como se afirma nos Centros Espíritas.

O termo “água fluidificada” é um pleonismo. A água em estado líquido ou gasoso (vapor) é um fluido porque não “resiste de forma permanente às mudanças de formas provocadas pela pressão”. Como se “fluidifica” algo que já é um fluido, ou seja, a água?

Allan Kardec utilizou, na Revista Espírita de 1860, o termo “Água Espiritualizada” (*Eau Spiritualisée*), mas é comum também vermos em Léon Denis “Água Magnetizada”. Todos os termos têm seus inconvenientes.

E por quê?

Porque isso significaria a criação de um campo magnético mensurável. As moléculas de água também se alterariam, pois fluidificar – que é a mesma coisa que energizar – alteraria as propriedades materiais da substância.

Uma coisa é certa, não se pode alterar a molécula da água (H₂O), o que se pode fazer é alterar a composição atômica de cada átomo da molécula da água como um Hidrogênio mais pesado ²H (D₂O) ou super-pesado ³H (T₂O) ou ¹⁸O.

O T₂O (³H₂O) é corrosivo e prejudicial a saúde.

O D₂O (²H₂O) em ratos e cães causaram esterilidade irreversível e se dadas em altas doses causavam até a morte. Em seres humanos não há perigo a não ser que haja ingestão exagerada de D₂O por longos períodos.

A fluidificação ou magnetização da água:

- Não altera a molécula da água, pois se alterasse não seria mais água.
- Não cria isotopos de Hidrogênio nem de Oxigênio senão teríamos casos de pessoas passando mal por ingestão de T2O ($^3\text{H}_2\text{O}$) ou, sem ironia, teríamos fábricas, espalhadas pelo mundo, de D2O ($^2\text{H}_2\text{O}$) com médiuns de magnetismo na linha de produção.

Energia não se cria, nem se esgota. Energia se transforma – esse é o princípio físico. E a doutrina nos manda sempre respeitar a ciência.

Se você energiza um copo de água – que não é espírito (e, portanto, não guarda a mesma receptividade como num passe) ela teria obrigatoriamente que apresentar as seguintes condições alternativas:

- Teria que ficar aquecida, ou;
- Teria bolhas provocadas por alguma ionização, ou;
- Teria um campo magnético capaz de ser medido por um simples voltímetro, ou;
- Emanaria radiação passível de ser mensurada em escalas de espectros de radiação.

Desconheço qualquer estudo que tenha apontado alterações nestas condições.

Não podemos crer em magia ou misticismo apenas porque ocorrem em uma Casa Espírita.

Como uma “pílula” espiritual pode curar alguém, se a doutrina espírita nos ensina que toda “cura” espiritual depende exclusivamente do mérito?

Exatamente por isso mesmo temos que ser criteriosos. Um copo de água não é algo etéreo que não possa ser visto nem analisado. Não é como um fenômeno mediúnico, onde se lida com a vontade humana e equilíbrio psicológico ténue com forças espirituais.

Um copo de água é um recipiente de sílica vitrificada contendo quantidade qualquer de H_2O . Tanto as propriedades da sílica quanto da água são largamente conhecidas no meio científico.

Sendo assim, dados os parâmetros físicos e materiais da água – e do copo – não seria de se esperar que alguém já tivesse tido a curiosidade de fazer uma análise físico-química da tal “água fluidificada”?

A Gênese é uma obra já conhecida por conter algumas inverdades científicas, pois Kardec a aproveitava para publicar algumas de suas teorias.

Mas, podemos começar pelo começo: fala-se em “magnetização” da água. Ora, magnético é o objeto capaz de reter ou produzir campos magnéticos.

A pergunta inicial seria: a água é capaz de reter campos magnéticos?

Andei pesquisando sobre as propriedades da água e tive alguns dados para complicar essa história.

Para começar, de que água falamos?

A água já não é mais apenas H_2O . Infelizmente, para complicar para o lado do “A Gênese”, a água moderna vem repleta de sais minerais, cloro e flúor.

Portanto, enquanto a água realmente possua capacidade de condutividade elétrica, ela se torna cada vez menos “magnetizável”, ou seja, tem zero de chance de reter campos magnéticos pelo fato de conter substâncias misturadas que são notáveis não condutores elétricos.

Em cada região, em cada cidade do Brasil, a água apresenta diferentes configurações. Já não falamos mais de água, desta forma e sim de alguma outra coisa que sai de nossas torneiras.

Pois bem... Se a água é incapaz de reter campos magnéticos, ela não é magnetizável. (...)

(...) A questão aqui é mesmo de natureza científica. Com água ou sem água o resultado depende do mérito moral.

Se começarmos a acreditar que uma substância material pode efetuar a cura, vamos ter que esquecer, então, o que a Codificação nos informa que a cura espiritual advém do mérito moral.

Qualquer jarro de água que você deixar em qualquer lugar vai liberar bolhas de água derivadas das diversas reações físico-químicas que ali ocorrem.

Bolhas em um copo de água significam liberação de gases (CO₂, por exemplo, se ali contiverem elementos para tal). Ou ainda sinal de aquecimento da água. Verifique a temperatura da água quando isso ocorrer.

Eu vejo o copo de água que fica no meu criado mudo sempre amanhecer com bolhas.

Isso seria fluidificação?

Não creio.

Se a água fluidificada, em tese, é água magnetizada e se objetos ou substâncias magnetizadas irradiam um campo magnético e se um campo magnético pode ser medido por qualquer instrumento da Terra, pergunto:

- Alguém já mediu o campo magnético da tal água fluidificada?

Ou as pessoas só acreditam por acreditar?

Afinal, falou-se em magnetismo, falou-se em física. E física é uma ciência. (...)

(...) A água fluidificada não está cientificamente demonstrada. De todos os supostos fenômenos nomeados pelo Espiritismo é justamente o mais material de todos, o que lida diretamente com matéria fácil de ser encontrada e manipulada.

Sendo assim, é de se estranhar que justamente algo tão material não tenha deixado conclusões contundentes para a ciência acadêmica. O que é “mudar as propriedades da água”? O que acontece com os dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio neste processo? E de que água estamos falando? Daquela que contém elementos químicos retentores de magnetismo das fontes de que lugar? A água destilada pode ser fluidificada? A água do mar pode ser fluidificada? Quando alguém magnetiza a água as demais substâncias nela contidas ficam inertes?

Muita matéria, muitos anos de estudo e... nada.

Isso é muito diferente do que tentar provar a existência do espírito imaterial.

Seguir a codificação também significa “avançar com a ciência”, pois esta é a recomendação do mesmo Kardec.

Nota do autor: Concordamos com o artigo, no que tange a impossibilidade da fluidificação e magnetização da água em si, como elemento. Não se mudam as moléculas, os átomos de hidrogênio e nem o de oxigênio presentes na água. Mais abaixo estaremos explicando melhor a questão da magnetização, não da água, pois as propriedades da água não são alteradas, mas sim, os minerais presentes nesta água são magnetizados, mas também não são alterados; somente vibram intensamente, repetindo o padrão mental a que foram expostos.

(Fonte: Comunidade “Eu Sou Espírita”)

Os Espíritos ensinam que a água é um dos principais condutores de energia que existe e dela se utilizam para transmitir aos enfermos as energias de que necessitam para obterem alívio de suas dores físicas e espirituais. Assim, a magnetização da água é um recurso de tratamento muito utilizado pelos Espíritos. Entende-se por água magnetizada aquela em que é exercida poderosa atração sobre os oligoelementos (microminerais) presentes na mesma, não os alterando, mas sim, infundindo-lhes padrões energéticos, que posteriormente os repercutirão.

Portanto, quando dizemos – “magnetizar a água” – estamos nos referindo à magnetização dos microminerais presente na dita água. A água é tão somente o elemento carreador destes micros minerais.

Quem faz a magnetização da água?

Em geral, são os Espíritos desencarnados que, durante trabalhos espirituais, orações, rezas, etc., magnetizam a água.

Tipos de magnetização de água:

	Magnetização mediúnica: é aquela em que padrões energéticos medicamentosos são adicionados aos microminerais presentes na água por ação do médium dotado do dom da cura, que coloca suas mãos sobre o recipiente com água e projeta seus próprios padrões.
	Magnetização Espiritual: é aquela em que os Espíritos aplicam padrões energéticos, sem intermediários, diretamente sobre os frascos com água. Na Magnetização Espiritual a água não recebe padrões energéticos do médium, mas somente os trazidos pelos Espíritos. A Magnetização Espiritual é a mais comumente utilizada.
	Magnetização Mista: É uma modalidade de Magnetização da Água onde se misturam os padrões energéticos do médium com os padrões energéticos trazidos pelos Espíritos.



Como é feita a magnetização da água?

A água é uma substância líquida importante para os seres vivos e pode ser encontrada dentro do organismo dos mesmos e fora do organismo, no meio externo. É formada por dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio que se dispõem num formato angular estabelecendo um contraste entre os lados, onde um lado há a formação das zonas positivas e de outro lado há a formação das zonas negativas.

As moléculas de água tendem a se unirem a outras moléculas, pois estas sofrem atrações motivadas pelas cargas elétricas, o que origina a formação de pontes de hidrogênio, porém não se unem a qualquer molécula, pois as moléculas apolares que são formadas por gorduras, óleos e ceras não são solúveis à água.

A água é considerada um líquido de dissolução universal, pois em contato com outras moléculas polares consegue envolvê-las e separá-las, o que também é possível com sais minerais. Por este fato, a água apresenta sais minerais em sua composição que podem ser bicarbonato, cloreto e sulfato, sódio, magnésio, potássio, flúor, ferro, cálcio, como outros, que foram dissolvidos pela água ao entrarem em contato com a mesma.

Aí está o segredo de podermos magnetizar a água. Sabemos que na Natureza os elementos minerais são os únicos que podem ser “programados” segundo a Energia Quântica, aliada a nossa vontade, e passam a refletir por um tempo, àquilo a que foram “condicionados” a fazerem por magnetização mental; ou seja, os minerais refletem intermitentemente, por um tempo, as determinações programadas neles pela nossa vontade. Os minerais são os responsáveis pela água ficar magnetizada, e cada um desses minerais, responderá especificamente pela programação, indo se depositar nos órgãos específicos, refletindo neles os seus condicionamentos.

Talvez esteja aí uma explicação do porque ao emitirmos pensamentos negativos, vamos programando os minerais carregados pelo sangue, e cada um deles é programado negativamente, indo se depositar em órgãos específicos, refletindo o condicionamento negativo, adoecendo o órgão. Do mesmo modo, ao condicionarmos os minerais da água com pensamentos e padrões energéticos positivos, estes se depositarão positivamente em nossos órgãos da mesma forma.

Ao estabelecermos contato, através das irradiações, com o Astral Superior, aliado ao magnetismo humano, é formado um campo magnético propício que induz vibrações e emissão de fluidos vivificadores. Portanto, poderíamos dizer que a água magnetizada contém fluidos lançados por tudo o que nos cerca, mas, principalmente, é hiper-magnetizada pela ação do pensamento dirigido a ela, em orações e concentrações.

A água utilizada para ser magnetizada poderá ser pessoal, ou seja, só pode ser tomada pela pessoa a quem foi endereçada (aqui, especialmente em casos de doenças), como também pode ser magnetizada para um grupo, tipo família.

Podemos, e devemos, em favor de alguém doente, magnetizar um vasilhame de água, para, posteriormente darmos ao enfermo. A eficácia é grande.

A água magnetizada através de orações seja para qual uso for, também poderá ser “determinada” para o porquê e quais os padrões energéticos que desejamos que sejam impregnados naquela água.

A magnetização da água pode ser efetuada em recipientes tampados ou destampados, pois nada disso impede a penetração dos padrões energéticos.

Evite utilizar água de torneira para ser magnetizada, e nunca utilize água fervida; é preferível utilizar água mineral, por estar em seu estado natural, saturada e micro minerais importantes para o corpo (Observem que em diversas mensagens espirituais, os Espíritos sempre se referem a “água cristalina”, ou seja, seria a mesma que chamamos de água mineral, saturadas com micro aglomerados de cristais).

Vejamos a opinião abalizada de um cientista: Pergunta: Uma vez que uma certa vibração é apresentada à água, por quanto tempo a água se “lembra” dessa estrutura cristalina? Resposta: *Isso será diferente, dependendo da estrutura original da água. A água de torneira perde a sua memória rapidamente. Nós nos referimos às estruturas de água cristalina como “aglomerados”. Quanto menor o aglomerado, mais tempo a água retém a memória. Se existe muito espaço entre os aglomerados, outra informação pode facilmente se infiltrar nesse espaço, tornando difícil para os aglomerados manterem a integridade da informação. Outros micro-organismos também podem entrar nesse espaço. Uma estrutura mais próxima mantém melhor a integridade da informação.* (Dr. Masaru Emoto)

Ao orar, ou ao determinarmos, exteriorizamos poderes e emanamos bons fluidos, possibilitando que os micro minerais presentes na água recebam esta influência. Assim a água pode ser magnetizada por nós mesmos. Pela prece atraímos os bons Espíritos, que também nos ajudam na magnetização. A água passa a ser mais profunda e benéfica.

Quando a água for terminando, não completar o recipiente com outra água; providencie outra.

Magnetização da água à distância

Se formos orar ou intervir em intenção de alguém distante, no mesmo momento, peça para que providencie um recipiente com água mineral (se possível, acenda uma vela branca do lado), e por alguns instantes fique vibrando em oração. Essa água será magnetizada a distância e terá os mesmos padrões energéticos como se estivesse sendo magnetizando-a pessoalmente. Mais uma vez, vamos a opinião do cientista: Pergunta: *Você descobriu se a distância fez alguma diferença quando as pessoas oram para a água? Por exemplo, se as pessoas no Japão fossem orar para a água na Rússia, isso seria diferente das pessoas rezando para a água que está bem diante delas?* Resposta: *Nós só experimentamos isso uma vez para o livro. Mas, nesse experimento, a distância não pareceu importar. A intenção e as orações das pessoas continuam influenciando a água. Nós ainda não tentamos mais experimentos de longa distância. Porém, imagino que a distância não faria muita diferença. O que faria a diferença é a pureza da intenção da pessoa que está fazendo a oração. Quanto maior for a pureza da intenção, menor será a diferença que fará a distância.* (Dr Masaru Emoto).

O processo da magnetização dos micros minerais presentes da água:

Apresentaremos agora a visão sutil da água, ou seja, como se apresentam os micros minerais em seu estado natural, e posteriormente, com a magnetização.



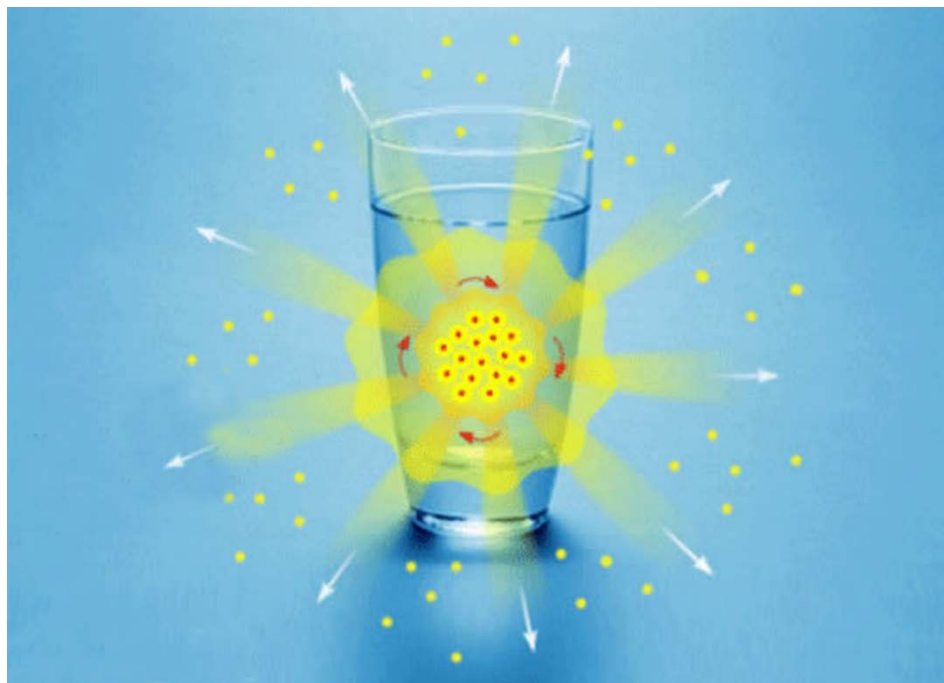
Existem elementos básicos próprios de toda a criação. Permeiam todos os seres vivos e não vivos, materiais e imateriais.

As vibrações emitidas por qualquer coisa são dependentes do componente predominante sutil de base. Esses elementos também influenciam o comportamento de todas as coisas. A proporção desses componentes, só podem ser alterados pela prática espiritual. Na figura acima está a água comum. Repare que existem alguns componentes básicos, formados pelas influências do meio onde essa água passou. Portanto, podem existir componentes negativados (as ondulações escuras) agregadas do meio ambiente, e os componentes positivos (células prânicas – de cor amarela tendo o núcleo vermelho), agregadas aos micros minerais naturalmente existentes na água, em descanso.

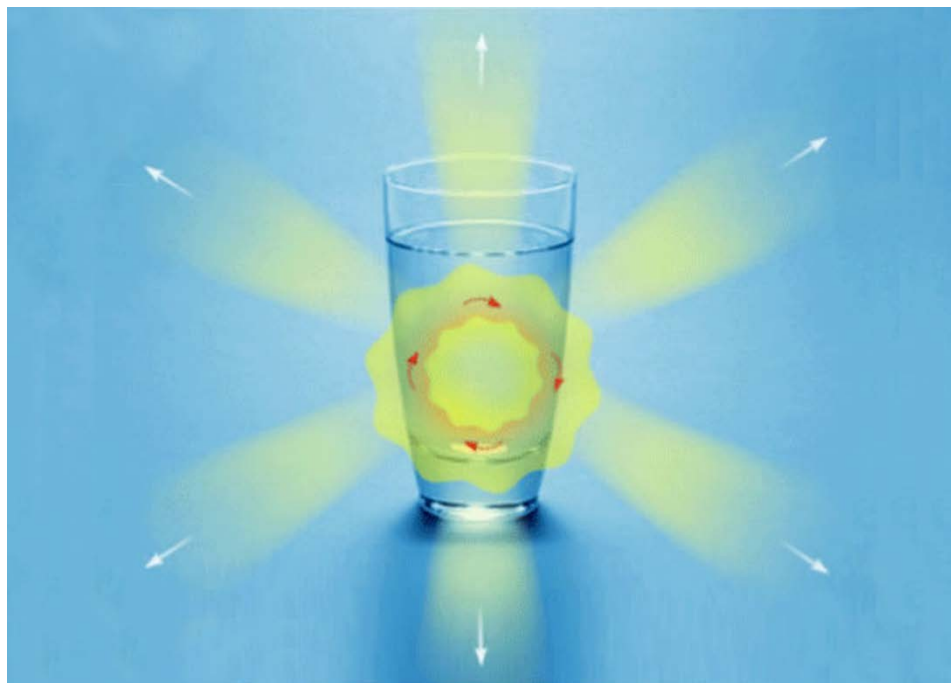
As águas minerais, além de possuírem células prânicas agregadas aos micros minerais em maior quantidade e mais puramente agregadas, serão amplamente condicionadas pela magnetização.



Na figura acima iniciou-se um processo da água magnetizada eficaz. Observem que os componentes negativos dissolveram-se, e que as células prânicas dos micros minerais começam a se expandir luminosamente, iniciando um processo de agregação, onde todas se juntarão e formarão um só núcleo de força.

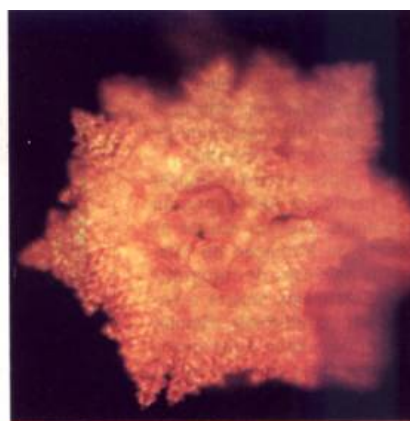
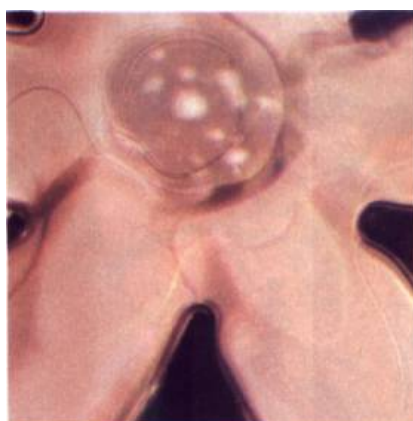


No meio da magnetização eficaz, as células prânicas dos micros minerais já agregados, iniciam um movimento centrípeto cada vez mais rápido no sentido horário, fazendo com que as diversas células fundam-se, transformando-se num núcleo celular gerador, iniciando um processo poderoso de aspersão molecular, formando uma energia curadora, que flui até para fora dos limites do vasilhame.

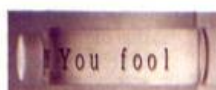
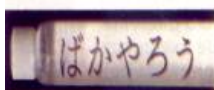
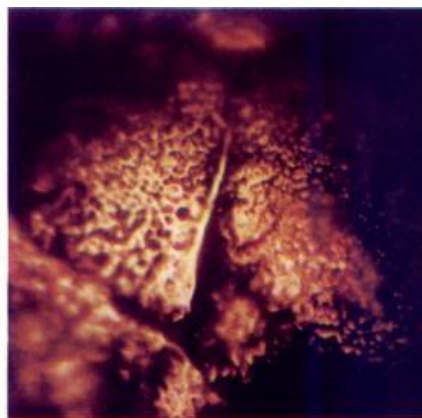
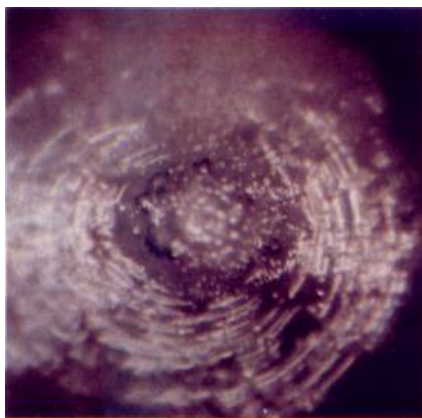


No final da magnetização eficaz, as células prânicas dos micros minerais fundem-se num só núcleo vibracional rotatório, transformando a água num imenso reservatório de energias curativas, emanando para fora do vasilhame em grande medida. Esta água está magnetizada; está carregada de padrões energéticos regeneradores. Esta pronta para ser usada.

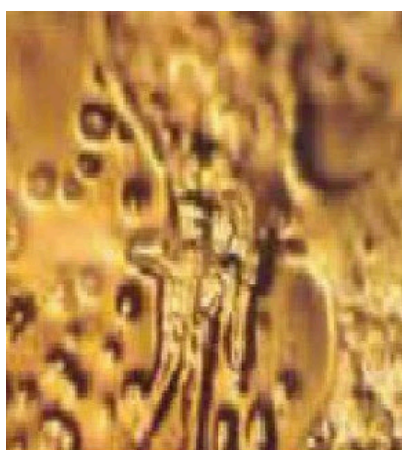
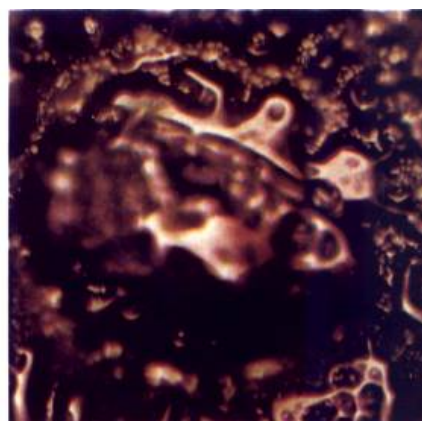
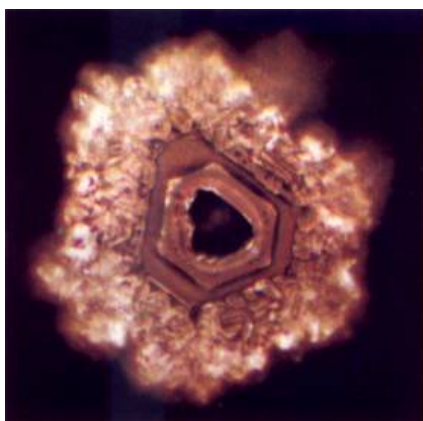
O já citado cientista japonês, Masaru Emoto, autor do livro: “A Memória da Água”, fez experiências com a água em contato com a palavra escrita, em ideogramas japoneses, ampliados e impressos por computador. Durante uma noite inteira, dois lotes de ampolas permanecem envelopadas; o primeiro lote por uma folha onde esta escrita à palavra “obrigado”. No papel que envolve o segundo lote, está escrito um insulto grosseiro. No dia seguinte, os resultados das fotografias desses dois lotes são impressionantes: no primeiro caso, aparecem os belos cristais hexagonais; no segundo, apenas figuras caóticas, indefinidas! Outra experiência curiosa feita pela equipe de Emoto foi envolver as amostras de água destilada com papéis nos quais estavam escritas palavras diferentes, em línguas como japonês, inglês e coreano. A influência, é claro, pode não ser simplesmente dos dizeres, mas das mentes dos pesquisadores envolvidos no processo, mas os resultados merecem ser observados. Entre os exemplos mais destacados estão o de “obrigado” em japonês e inglês (fotos abaixo, respectivamente). Os cristais resultantes são perfeitos, belos e luminosos.



As fotos abaixo são de cristais produzidos por amostras da mesma água envelopadas em papel com a frase “Você a estúpido” em japonês e inglês. A água não consegue formar cristais regulares.



As amostras de água das fotos abaixo foram envolvidas em papéis com os dizeres “Alma” (esquerda) e “Demônio” (direita). Os resultados são impressionantes. No primeiro caso, a foto mostra um cristal regular, luminoso e de grande beleza. No segundo caso, a estrutura resultante é escura e caótica.



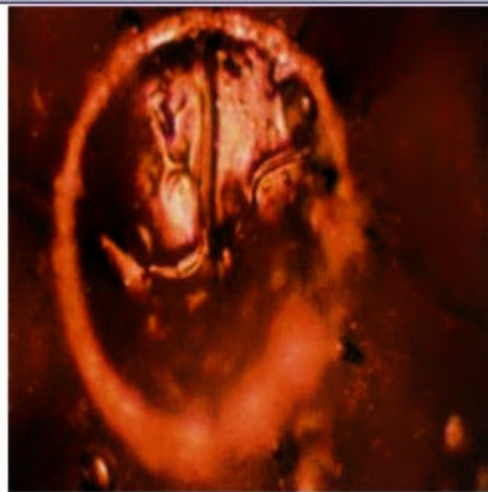
**Molécula da água
exposta a
sentimentos de
ódio e aversão**



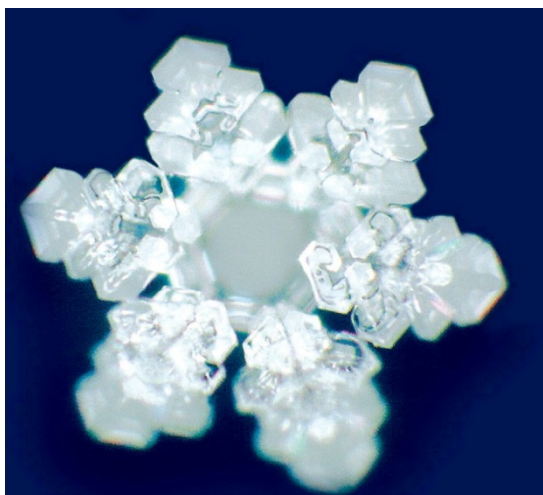
**Molécula da água
exposta a
sentimentos de amor
e espiritualidade**



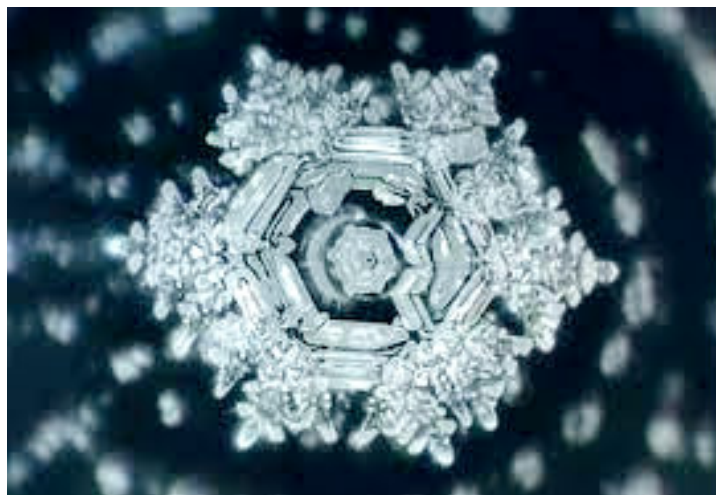
Molécula de água exposta
ao som de “UMA
AMEAÇA DE MORTE”.



Molécula de água exposta
ao som da voz de Adolph
Hitler



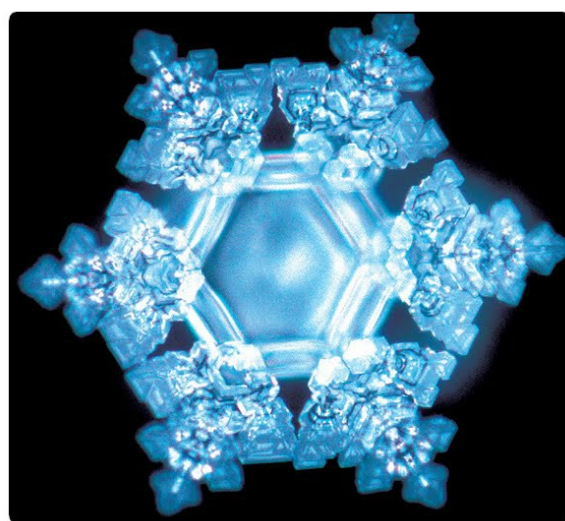
Água exposta ao som do amor



Água exposta ao som da paz



Cristal de água abençoada por um monge budista



Cristal de água de uma nascente (água mineral)

Os micros minerais depositados na água memorizaram as determinações, orações, e o que estava escrito no papel que envolvia o recipiente, incorporando em suas moléculas, formando agregados.

AÇÃO DA ÁGUA MAGNETIZADA NO ORGANISMO

A água é uma molécula polar composta e é facilmente absorvida no nosso organismo. Por isso e aproveitando-se de algumas de suas propriedades (tensão superficial, condutividade elétrica e susceptibilidade magnética), é usada como agente do tratamento. Todas as reações que acontecem no nosso organismo são em soluções aquosas, e as proteínas, membranas, enzimas, mitocôndrias e hormônios somente são funcionais na presença desta substância (água). A ciência denomina a água de “Líquido Vital”. Uma vez magnetizada e ingerida, a água pode provocar os seguintes efeitos:

- Inibição da formação de radicais livres, ou seja, diminuição dos processos oxidativos celulares, diminuição da taxa de produção de gás carbônico, aceleração dos processos de fagocitose, incremento na produção de linfócitos (células de defesa);
- Observa-se na membrana celular uma maior mobilidade de íons Sódio e Potássio, melhorando o processo de osmose celular, tendo um efeito rejuvenescedor no organismo. Há uma distribuição no mecanismo de transporte de vários tipos de cátions, como é o caso do cálcio;
- Efeitos sobre os hormônios receptores, ativação dos linfócitos por antígenos e várias lecitinas. O processo de polarização magnética induzida (imantação) da água no organismo produz a captura e precipitação do cálcio em excesso no meio celular;
- Reposição da energia espiritual, renovando a estrutura perispiritual.

A terapêutica com a água magnetizada traz muitos benefícios ao organismo, apesar de não poder parar ou regredir as doenças geradas por resgates cármicos, órgão já degenerados, porém facilita a ação medicamentosa e tem se mostrado eficiente na cura das doenças psicossomáticas.

Conclusão

A água magnetizada, juntamente com os Espíritos, contendo, assim, alterações ocasionadas pelos padrões energéticos salutar ali colocados e direcionados para o equilíbrio de alguma enfermidade física ou espiritual. Para cada paciente o padrão energético medicamentoso será específico não só para a sua enfermidade física, mas também para as necessidades espirituais de cada um.

Deve ser usada como um medicamento. Manda o bom senso que não se utilize remédios sem necessidade, portanto, da mesma maneira, só deve usar a água magnetizada quem de fato estiver necessitando dela. Tudo em excesso faz mal.

(Fonte: Mediunidade Sem Preconceito. Autor: Edvaldo Kulcheski – com adaptações do autor)

Vejamos agora a opinião abalizada do Espírito de Ramatis:

PERGUNTA: - Que dizeis sobre as qualidades terapêuticas da água fluidificada pelos médiuns?

RAMATIS: - A água fluidificada é a medicina ideal para os espíritos e médiuns receitistas, pois, embora seja destinada a fins terapêuticos, sua aplicação não deve ser censurada pelos médicos, pois não infringe as posturas do Código Penal do mundo e sua prescrição não constitui prática ilegal de medicina. Quando a água é fluidificada por médiuns ou pessoas de físico e psiquismo sadios, ela se potencializa extraordinariamente no seu energismo etérico natural, tornando-se um medicamento salutar, capaz de revitalizar os órgãos físicos debilitados e restabelecer as funções orgânicas comprometidas.

A água é elemento energético e ótimo veículo para transmitir fluidos benéficos ao organismo humano. Ela é sensível aos princípios radioativos emanados do Sol e também ao magnetismo áurico do perispírito humano. ¹

1 - Nota do Revisor: Ainda como elucidação quanto aos benefícios da água magnetizada, transcrevemos o que diz o esclarecido Espírito Emmanuel:

“A água é um dos elementos mais receptivos da Terra e no qual a medicação do Céu pode ser impressa através de recursos substanciais de assistência ao corpo e à alma.

A prece intercessória, como veículo de bondade, emite irradiações de fluidos que, por enquanto, são invisíveis aos olhos humanos e escapam à análise das vossas pesquisas comuns. A água recebe-nos a influência ativa de força magnética e princípios terapêuticos que aliviam e sustentam, que ajudam e curam.

A rogativa que flui do imo d'alma e a linfa que procede do coração da Terra, unidas na função do bem, operam milagres. Quando o Mestre advertiu que o doador de um simples copo de água ofertado em nome de sua memória, fazia jus à sua bênção, Ele reporta-se ao valor real da providência, a benefício do corpo e do Espírito, sempre que estejam enfermos.

Se desejas, portanto, o concurso dos Amigos espirituais na solução de tuas necessidades fisiopsíquicas ou nos problemas de saúde e equilíbrio dos companheiros, coloca o teu recipiente de água cristalina, à frente de tuas orações, espera e confia. O orvalho do Plano Divino magnetizará o líquido com raios de amor, em forma de bênçãos, e estarás então consagrando o sublime ensinamento do copo de água pura, abençoado nos Céus”.

Por conseguinte, se o indivíduo que lhe transfundir os seus fluidos for de físico enfermo, depauperado, ou que, em sua mente, estejam em efervescência emoções nocivas, neste caso, a água que ele fluidificar transformar-se-á em elemento deletério.

Porém, não se deduza que o doador de fluidos tenha de ser um santo; mas, sim, que o seu Espírito esteja com “boa saúde”, pois se, por exemplo, em sua mente ainda estiverem em ebulição as toxinas de uma explosão de ciúme que o tomou na véspera, torna-se evidente que os seus fluidos não podem ser benéficos. A água fluidificada é medicação eficaz sem a toxidez das drogas e produtos da farmacologia moderna, os quais algumas vezes são fabricados por industriais que, pela avidez de maiores lucros, não atendem a um escrúpulo rigoroso quanto aos fatores qualidade e técnicas irrepreensíveis. Embora seja raro, há casos em que a água potencializada ou fluidificada por médiuns poderosos e de sadia vitalidade chega a alcançar o “quantum” energético e benfeitor da homeopatia na sua 100.000 dinamização infinitesimal.

Os médiuns vegetarianos, sem vícios deprimentes e, libertos de paixões violentas, são capazes de produzir curas prodigiosas pelo emprego da água fluidificada, a qual ainda é superativada pelo energismo mobilizado pelos Espíritos desencarnados em serviços socorristas aos encarnados.

PERGUNTA: - Qual é, enfim, o verdadeiro processo que torna a água fluidificada superior à água comum, a ponto de transformá-la em medicamento com propriedade curativa?

RAMATÍS: - Em verdade, é o próprio organismo do homem que oferece as condições eletivas para então manifestar-se em sua intimidade orgânica a ação terapêutica da água fluidificada! Conforme os conceitos modernos firmados pela ciência terrena, o corpo humano é apenas um aspecto ilusório de “matéria”, na qual predomina um número inconcebível de espaços vazios denominados “interatômicos” prevalecendo sobre uma quantidade microscópica de massa realmente absoluta.

Caso fosse possível comprimirem-se todos esses espaços vazios que existem na intimidade da substância material do corpo físico, até ele se transformar no que os cientistas chamam de “pasta nuclear”, resultaria dessa desagregação químico-física apenas um punhado de pó compacto representando a massa real existente, do homem, mas cabível numa caixa de fósforos, continuando, porém, a manter o mesmo peso conhecido.

Comprova-se, assim, que um homem cujo peso normal é de 60 quilos, caso pudesse reduzir-se à condição dessa “pasta nuclear” compacta em absoluto, do tamanho de uma caixa de fósforos, para surpresa geral e, embora assim reduzida, continuaria a pesar os mesmos 60 quilos da sua estatura normal.

Em consequência, o organismo humano, na realidade, constitui um portentoso acumulador ou rede de energia, que a precariedade dos sentidos humanos distingue sob forma aparente de um corpo de carne ou matéria. Porém a sua individualidade intrínseca e preexistente é o Espírito eterno cujo “habitat” adequado é o plano espiritual onde ele utiliza os seus atributos de pensar e agir sem precisar de um corpo físico.

Quando o homem se alimenta, ele apenas ingere massa ilusória, repleta de espaços vazios ou interatômicos, nos quais a energia cósmica prevalece sustentando a figura provisória do ser. Embora a alimentação comum do homem se componha de substância material, ela se destina essencialmente a nutrir os espaços vazios do “campo magnético” do homem. O corpo físico, na verdade, funciona como um desintegrador atômico que extrai todo o energismo existente nas substâncias que absorve em sua nutrição.

Ele libera completamente a energia atômica que existe em sua própria alimentação, ou nos medicamentos que a medicina terrena prescreve para defesa da sua saúde orgânica. Na verdade, tudo se resume em “revitalização magnética”, isto é, aquisição de energia e não propriamente de substância. Os alimentos, o ar, a energia solar ou demais fluidos oculto do orbe terráqueo estão saturados de princípios similares aos da eletricidade, os quais, na realidade, é que asseguram a estabilidade da forma humana em sua aparência física.

O médium é um ser humano e, portanto, um receptáculo dessa eletricidade biológica, transformando-se num acumulador vivo que absorve as energias de todos os tipos e frequências vibratórias, a fim de prover às necessidades do seu próprio metabolismo carnal. Desde que ele possa potencializar essas energias e conjugá-las numa só direção, comandando-as pela sua vontade desperta e ativa, poderá fluir ou dinamizar a água e transformá-la em líquido vitalizante capaz de produzir curas miraculosas.

É evidente que o corpo humano dos enfermos, quais outros acumuladores de carga mais debilitados, absorvem tanto quanto possível o “quantum” de energia que lhes carrega a água fluidificada pelos médiuns. E assim que esse energismo provindo do socorro mediúnico penetra na organização perispiritual do enfermo, distribui-se por todos os espaços interatômicos e eleva o “tônus-vital” pela dinamização de sua estrutura eletrobiológica.

PERGUNTA: - Como poderemos entender que a água potencializada pelos fluidos magnéticos dos médiuns incomuns pode mesmo superar certos medicamentos poderosos da nossa medicina?

RAMATÍS: - Já dissemos que o médium, tanto quanto o enfermo, não passam de acumuladores vivos com diferença de carga energética em comum, cujos corpos reduzidos em sua estrutura e espaços interatômicos cabem perfeitamente numa caixa de fósforos. Ao ingerir a água fluidificada, isto é, um conteúdo potencializado de modo incomum no seu energismo, o homem absorve diretamente e em estado de pureza, essa carga de forças vitalizadoras. Mas no caso dos medicamentos fabricados, ele, extraíndo deles o “quantum” de energia de que necessita, também absorve desses elementos as impurezas e substâncias tóxicas da sua natural composição química.

Sabem os médicos que a eliminação dos sintomas enfermiços do corpo físico nem sempre significa a cura da moléstia, porquanto neutralizar os efeitos mórbidos não induz à extinção da sua causa.

No entanto, essas drogas excitantes, antiespasmódicas, dilatadoras, sedativas ou térmicas, embora benfeitoras na eliminação de sintomas dolorosos, são compostas, geralmente, de tintura de vegetais agressivos, minerais cáusticos, substâncias tóxicas extraídas de insetos e répteis e que, se fossem ministradas na sua forma química natural causariam a morte imediata. Essa é a grande diferença entre a água fluidificada e a medicação medicinal. Enquanto a primeira é energia pura transmitida através dum veículo inofensivo, como é a água comum, a segunda, embora ofereça também proveitoso energismo para o campo magnético do homem, utiliza substâncias nocivas, que obrigam o perispírito a uma exaustiva reação de defesa contra a sua toxidez. Enquanto tais drogas ou medicamentos extinguem sintomas enfermiços do corpo carnal, o seu eterismo oculto e desconhecido da ciência comum ataca o perispírito, porque esse eterismo origina-se do duplo etérico de minerais, vegetais, insetos e répteis do mundo astral primário, próprio dos reinos inferiores do orbe.

A água é, pois, naturalmente um bom “condutor” de eletricidade, e que depois de fluidificada ainda eleva o seu padrão energético comum para um nível vibratório superior. Assim operam-se verdadeiros milagres² pelo seu uso terapêutico adequado, igual ao passe mediúnico ou magnético que, aplicado por médiuns ou pessoas de fé viva e sadios, transforma-se em veículo de energias benéficas para a contextura atômica do corpo físico. A matéria, conforme explicou Einstein é “energia condensada”, o que ficou comprovado pela própria desintegração atômica conseguida pela ciência moderna. transformando novamente a matéria em energia! Deste modo, o que nos parece substância sólida, absoluta, é um campo dinâmico em contínua ebulição, cuja forma é apenas uma aparência resultante desse fenômeno admirável do movimento vibratório. Não há estaticidade absoluta no Cosmo, uma vez que no seio da própria pedra há vida dinâmica, incessante, condicionada a atingir frequências cada vez mais altas e perfeitas.

2 - Nota do Revisor: Como exemplo e prova de tais “milagres”, obtidos mediante a aplicação de água fluidificada e passes magnéticos, Ramatís nos permitiu deixar consignado nesta obra o seguinte fato: - Há muitos anos, um casal de nossa amizade se lastimava e se considerava infeliz porque, tendo-se consorciado havia seis anos, ainda não tinham obtido a graça de lhes nascer um filho. Inconformados com a dita provação, o marido decidiu levar a esposa a um médico especialista, a fim de ser identificada a causa e adotarem as providências adequadas. Então, feito o exame ginecológico, ficou constatado que, além do distúrbio específico causador da omissão e escassez do fluxo mensal, a infecundidade era devida a um atrofiamento das trompas uterinas, por anomalia congênita. E o médico aconselhou o recurso de uma intervenção cirúrgica. Ficou marcado o dia em que deveria ser efetuada a operação.

Aconteceu, no entanto, que dito casal, tomando conhecimento de um caso idêntico, cuja operação não dera o resultado previsto, ficou receoso e desistiu da intervenção cirúrgica. Nessa emergência, lembraram-se de vir ao nosso encontro solicitar que fizéssemos uma “consulta aos Espíritos”. Em face da angústia que os dominava, decidimos fazer a dita consulta. E a resposta foi a seguinte: - *“Durante vinte dias aplicar passes magnéticos (resolutivos e de dispersão), no baixo-ventre; e em seguida, uma lavagem interna, com um litro de água fria fluidificada. Após esse tratamento, a paciente ficará curada e em condições de conceber”*. O tratamento prescrito foi efetuado rigorosamente. Porém, decorridos três meses, o esposo, ao certificar que a mulher estava com o ventre inchado, ficou bastante apreensivo e atribuiu o caso a uma inflamação interna produzida (segundo sua convicção) pelas lavagens de água fria.

E, então, lamentava haver concordado com semelhante tratamento.

Tendo sido informado dessa nova angústia doméstica, decidimos ir a sua casa para dizer-lhe apenas o seguinte: - “Meu irmão”: o guia ou Espírito que formulou o tratamento asseverou, conforme dissemos, que “após vinte dias, sua esposa ficaria em condições de conceber”. Por conseguinte, a fim de identificar a causa dessa “inchação” ventral, aconselho que a leve a um médico ginecologista. Assim se fez; e o diagnóstico foi o seguinte: - “Sua esposa está grávida!” Efetivamente, no prazo certo nasceu o primeiro filho; e nos cinco anos seguintes nasceram mais cinco. Porém, infelizmente, logo a seguir, a dita senhora enviuvou. E como era pobre, teve de travar grande luta para manter-se com os seis filhos.

Assim é que, na intimidade do corpo físico, o perfeito equilíbrio gravitacional das órbitas microeletrônicas, governadas pelas forças de atração e repulsão, é que lhe dá a aparência ilusória de matéria compacta. A anulação recíproca da lei de gravidade no mundo infinitesimal, e que permite a cada elétron manter-se em órbita em torno do seu núcleo, é também conseguida pela sua maior ou menor velocidade, tal como acontece com os satélites artificiais lançados pelos cientistas terrenos, os quais, de acordo com sua velocidade, mantêm-se em rotação em torno da Terra entre determinado apogeu e perigeu.

PERGUNTA: - Toda água fluidificada pelos médiuns produz sempre resultados terapêuticos benéficos aos doentes?

RAMATÍS: - Não é bastante os médiuns fluidificarem a água, ministrarem passes mediúnicos ou extraírem receitas para, com isso, alcançar resultados positivos. Eles precisam melhorar sua saúde física e sanar os seus desequilíbrios morais. A simples operação de estender as mãos sobre um recipiente contendo água e fluidificá-la para que ela se torne em um veículo de magnetismo curador, exige, também do médium, o fiel cumprimento das leis de higiene física e espiritual, a fim de elevar o padrão qualitativo das suas irradiações vitais.

Embora as forças do Espírito sejam autônomas e se manifestem independentemente das condições físicas ou da saúde corporal, o êxito mediúnico de passes e fluidificação da água é afetado, quando os médiuns ou passistas negligenciam a sua higiene física e mental.

(Trecho retirado do livro: “Mediunidade de Cura” – pelo Espírito de Ramatis, psicografada pelo médium Hercílio Mães)

Importante:

- Embora a água esteja fervida, podemos igualmente magnetizá-la em forma de chá. Nesse caso estaremos amplificando o poder etérico bem como os princípios ativos contidos nas plantas utilizadas no composto. É de grande importância o chá ser magnetizado. O poder de ação dessa medicação específica será grandemente favorável na melhora do paciente.
- Também poderemos magnetizar os remédios que fazemos uso. Eles serão maximizados em suas potencialidades, bem como, no momento da magnetização, podemos pedir que sejam minorados os efeitos maléficos (efeitos colaterais) que esses medicamentos possam produzir. Será de grande valia esse ato, para uma melhor absorção, bem como os efeitos serem mais efetivos em nosso organismo.

Em todos os processos de magnetização, nunca deveremos esquecer de agradecer a Deus Pai e a Espiritualidade Superior, pelos benefícios requeridos nesse abençoado “medicamento”.

Uso da água magnetizada:

Os fluidos depositados na água, quando ingeridos, são assimilados diretamente pelas moléculas e pelas psimoléculas que estão em desarmonia. Se usar 01 litro de água para ser magnetizada deve ser tomada ao longo da semana, 04 (quatro) cálices por dia, sendo assim divididos:

- 01 cálice de manhã em jejum;
- 01 cálice antes do almoço;
- 01 cálice antes do jantar; e,
- 01 cálice antes de dormir.

Se sobrar água, continue tomando na semana seguinte. Quando estiver terminando, não acrescente mais água; magnetize outra.

Se usar um copo com água para ser magnetizada, poderá ingeri-la, dividindo-a em três partes, ou, se, na presença de dores intensas, toma-la duma vez.

ÁGUA BENTA SEGUNDO A “ESCOLA INICIÁTICA UMBANDA CRÍSTICA”



Muitos poderão perguntar: água benta na Umbanda?

Já vimos declarações de umbandistas sendo incisivos em dizer que não se deve nunca misturar catolicismo com Umbanda, e que se algum Guia Espiritual “receitar” ao assistido o uso de água benta, isso seria da cabeça do médium e nunca do Espírito comunicante. Se fosse assim, então, também não deveríamos crer em Jesus ou mesmo na Mãe Maria Santíssima, pois foi graças a Igreja católica que Eles chegaram a té nos. A Igreja Católica ministra não apenas água benta, mas, também, o sal sagrado, “salis sapientiae”, o sal da sabedoria (Na igreja católica é considerado, também, um importante componente nos rituais de exorcismo, pois, por ser uma substância que nunca estraga, os demônios não conseguem corromper. Os monastérios ganham o direito de extrair e armazenar o sal, ficando aos monges o dever de fiscalizar o comércio do produto); então, só por isso, também devemos erradicar o uso do sal na Umbanda, pois ele pertence a ritualística católica?

Será que não atentaram para o fato de que a Umbanda também “fabrica” água benta? Esquecem que a Umbanda é milenar em seus conceitos, e aceita como postulado tudo o que é bom, desde que calcado na razão e no bom senso, seja em questões doutrinárias e/ou ritualísticas? Se todos se dessem ao luxo de estudar um pouco mais, veriam que muita coisa do arsenal da Umbanda é milenar. Outras religiões anteriores a implantação da Umbanda utilizam em seu seio rituais, liturgias e doutrinas milenares, que já eram utilizadas na antiguidade. Afinal, uma coisa é certa: *“nada se cria; tudo se copia e se transforma”*.

A Umbanda procura por todos os meios salvaguardar condignamente rituais, liturgias, sacramentos e magias corretas, e que já são praticadas a centenas ou milênios de anos por outras religiões, pois estes procedimentos são corretos. O que for supérfluo, com excessiva exterioridade, ineficácia, anti-crístico, placebo, com certeza a Umbanda não incorporará como prática religiosa, mágica ou doutrinária.

O que acontece é que a maioria dos umbandistas desconhece a eficácia, bem como o preparo e os procedimentos para purificar e consagrar a água a fim de que se torne “benta” (*benzida, consagrada pela bênção*), e possa ser utilizada para variados fins. Será de grande valia essa água benta, principalmente no uso pelos Guias Espirituais em seus passes e benzimentos.

Praticar algumas ritualísticas cristãs quer dizer ser católico? Muitos irmãos inconformados querem a todo custo que todos sigam e preguem incondicionalmente àquilo que suas mentes acreditam e aceitam ser a Umbanda verdadeira, mas, não se dão ao luxo de estudarem e analisarem a luz da razão e do bom senso, o que outros também acreditam. Se fosse assim então, poderíamos também dizer que esse ou aquele pratica uma Umbanda africana, uma Umbanda cigana, uma Umbanda oriental, etc. Não nos esqueçamos que a Umbanda é crística e retém tudo o que é bom do praticado em várias religiões e filosofias, mas sua religiosidade primordial é calcada no Evangelho Redentor.

Não podemos somente calcados em achismos, ou mesmo por gosto particulares, aceitar ou rechaçar uma prática ritualística ou doutrinária. Temos que estar calcados em conhecimento amplo, razão e bom senso.

Ramatis nos alerta: *“Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto!”* E como também diz um ditado popular: *“O que seria do branco se todos gostassem do vermelho”*. Readaptando um aforismo do Espírito de Miranez: *“Toda pessoa, doutrina, culto ou facção religiosa que combate o tipo de fé de outra, é por não estar seguro da sua”*.

Julgam que a água benta usada no catolicismo é de origem recente. Na realidade o seu emprego é muito mais antigo do que supõem. O uso da água benta é um dos mais antigos rituais egípcios, de onde passou para os cultos romanos. No seu, “Fé Egípcia”, Bonwick diz que: *“O sacerdote egípcio aspergia com água benta as imagens de seus deuses, bem como seus fiéis. Vertia-se e aspergia-se com tal água”*.

Já repararam a água depositada numa terrina, onde os Guias Espirituais molham um conjunto de ervas para depois aspergir sobre as pessoas? Seria água comum? Porque utilizam essa água? Será que os Guias Espirituais a utilizariam somente para molhar os assistidos?

A função purificadora da água benta é marcante. Na Bíblia ela aparece em vários acontecimentos, na vida das pessoas. E até como poder de Deus na cura de várias enfermidades (Jo 9,7). A água lembra o próprio Cristo, que é a água viva (Jo 4,10), e mesmo o Espírito Santo que nos purifica os lábios, a mente e o coração. Usa-se da água ainda hoje, de modo especial na Celebração do Batismo, como sinal do novo nascimento. Muitas vezes nas bençãos, em geral, no sinal da cruz à entrada dos Templos, defronte um altar, etc. A água é antes de tudo fonte e poder de vida: sem ela a Terra não é mais que um deserto árido, cenário da fome e da sede, onde os homens e animais estão condenados à morte. Contudo, há também águas da morte: a inundação devastadora que transtorna a Terra e traga os seres vivos.

A água enfim, nas abluções culturais, que são transferência duma praxe da vida doméstica, purifica as pessoas e as coisas da sujidade contraídas no curso dos contatos cotidianos. *“Tomará água-santa num vaso de barro e, pegando um pouco de pó do pavimento do tabernáculo, o lançará na água. Estando a mulher de pé diante do senhor, o sacerdote lhe descobrirá a cabeça e porá em suas mãos a oblação de recordação, a oblação de ciúme. O sacerdote terá na mão as águas amargas que trazem a maldição”* (Nm 5,17-18).

“O Senhor disse a Moisés o seguinte; toma os levitas do meio dos israelitas e purifica-os. Eis como farás para purificá-los: asperge-os com a água da expiação e eles passem uma navalha sobre todo o corpo, lavem as suas vestes e purifiquem-se a si mesmos” (Nm 8,5-7). *“Derramarei sobre vós águas puras, que vos purificarão de todas as vossas imundícies e de todas as vossas abominações”* (Ez 36,25).

O Corão, livro sagrado do Islã, faz diversas menções à água. Na religião há rituais de ablução necessários para purificação antes de entrada na mesquita para orações. O livro é muito explícito sobre o sentido da água: *“de água é feito todo ser vivente”* (Corão 21:30). Para o Islã, água é uma dádiva de Deus e prova de sua existência. Dos ensinamentos do Profeta Maomé constam orientações de cuidados com a água, prevenindo as pessoas de banharem-se ou tomarem água contaminada.

As fontes de água são consideradas sagradas também em várias religiões. O Rio Jordão, partilhado entre Israel, Síria e Jordânia nos dias de hoje, é importante para cristãos, muçulmanos e judeus. Acredita-se que foi nesse rio que João Batista batizou o Cristo. O Antigo Testamento referia-se ao vale do Rio Jordão como um jardim divino. Em suas margens estão enterrados muitos dos companheiros de Maomé. Na Índia, o Rio Ganges é considerado sagrado. Uma das maiores aspirações no hinduísmo é morrer na cidade de Varanasi, às margens do Rio Ganges. Acredita-se que a morte nesse local interrompa o ciclo de encarnação e reencarnação, rumo à vida eterna. O banho nas águas do Ganges é ritual purificador, o que hoje gera enormes preocupações em termos de saúde pública, dada sua contaminação.

A água há de ser limpa, para aliviar nossa sede, para limpar nossas casas, e até para virar símbolo e ser usado em rituais. A água tem grande força simbólica. Significa pureza, saúde e vida eterna.

Em rituais e benzeções para curar, a água esta muito presente. Com um “raminho de ervas e água da fonte”, a rezadeira benze diversos incômodos: erisipela, queimadura, fogo selvagem, olho gordo, inveja e perseguição. A dor de cabeça é benzida segurando uma garrafa ou copo de água na cabeça do doente.

ÁGUA LUSTRAL

Água sagrada dos antigos pagãos ou água lustral se obtinha extinguindo-se na água comum, um tição ardente tirado da pira dos sacrifícios dos deuses. Os antigos pagãos usavam a água santa, ou lustral, para purificar suas cidades, seus campos, seus Templos e os homens.

As fontes purificadoras acham-se à porta de cada Templo, cheias de água lustral e chamavam-se “Favisses” e “Aquiminaria”, onde as crianças eram purificadas.

Antes de oferecer o sacrifício aos deuses, o Pontífice ou “Curion” (cura) mergulha um ramo de louro na água lustral para aspergir toda a piedosa congregação; o que era então chamado “Lustrica” a “Aspergilium”, é hoje chamado “hissope” ou “aspersório”, por adoção dos termos empregados na tradição hebraica. Esse aspersório, nas mãos das sacerdotisas de Mithra, era o símbolo fálico universal. Durante os mistérios, era mergulhado no leite lustral para aspergir os fiéis. Era o emblema de fecundidade universal.

O uso da água benta no cristianismo é, portanto, um rito de origem fálica – a sacerdotisa representando o elemento feminino, o aspersório o pênis da divindade, e o leite como esperma divino, simbolizando a ejaculação divina sobre os fiéis – posteriormente substituído por água, como em outros rituais pagãos. A ideia subjacente da aspersão nesse fato é puramente oculta, e pertence ao cerimonial mágico.

Então, para obter a atenção dos deuses celestes, havia o recurso das abluções (lavagens), e para conjurar e afastar os deuses inferiores usava-se o aspersório. E pela “porta de vida” por onde entra diariamente a luz para o quadrado oblongo da terra, chamado “o tabernáculo do Sol”, e era pela a via solene, que o recém-nascido é levado às fontes para ser lavado com água lustral. E era à esquerda, que até hoje pias batismais são colocadas, e antigamente onde se achavam as fontes de água lustral, tendo sido muitas das Igrejas antigas, Templos pagãos.

“Os cristãos primitivos não tiveram nem Templos, nem altares, nem círios, nem incenso, nem água benta, nem qualquer dos ritos instituídos posteriormente. Os cristãos começaram a edificar Templos no reinado de Diocleciano (final do séc. III), sendo o primeiro deles o de Nicomédia. Outros foram levantados em seguida, mas os cristãos continuavam com aversão aos círios, aos incensos, à água lustral e aos hábitos pontificiais, pois isso tudo lhes parecia o selo distintivo do paganismo. Entretanto, estes usos foram sendo adotados aos poucos durante o reinado de Constantino (séc. IV) e de seus sucessores”.

(<http://hierolinguistica.blogspot.com/2007/06/trecho-de-santo-profano-estudo.html>)

A ÁGUA LUSTRAL NA BÍBLIA

Na verdade, é incontestável o sincretismo feito pela Igreja Católica, embora muitos ainda se esforcem para abraçar tais sincretismos. A ligação é tão incontestável, que os próprios católicos, na “Bíblia Ave Maria”, colocaram incorretamente a palavra “Lustral” no Velho Testamento.

Os altares da Lutécia pagã foram enterrados e reencontrados sob o coro da Igreja de Nôtre-Dame de Paris, onde ainda hoje existe o poço onde era conservada a água lustral. Quase todas as grandes e antigas Igrejas do continente eram Templos pagãos ou foram construídas no mesmo lugar, em consequência das ordens dadas pelos Bispos e Papas romanos. Gregório, o Grande, assim dá suas ordens ao frade Agostinho, seu missionário em Inglaterra: *“Destrua os ídolos, jamais os Templos. Borrife-os de água benta, coloque-lhes relíquias, e que os povos as adorem nos lugares onde têm o hábito de o fazer”.* Nas “antiguidades gaulesas” de Fauchet, lemos que os Bispos de França adotaram e usaram as cerimônias pagãs a fim de converter os pagãos ao cristianismo.

Consultemos as obras do Cardeal Baronius em seus Anais do ano XXXVI, para achar sua confissão. *“Foi permitido – diz ele – à Santa Igreja apropriar-se dos ritos e cerimônias utilizadas pelos pagãos no seu culto idólatra, pois que ela (a Igreja) os regeneraria pela sua consagração”.*

(<http://verdadesespeciais.blogspot.com/2009/06/agua-lustral.html>) – (<http://www.bibliacatolica.com.br/busca/01/1lustral>)

Entre os gregos havia a água lustral para as expiações e para as propiciações. Os budistas consagravam o pão e o vinho, representando o corpo e o sangue de Agni, quando os bonzos aspergiam os crentes. Enquanto aspergem água lustral, cantam hinos ao Sol e ao Fogo, o “*Kirie Eleison*” que os católicos copiaram e cantam ou recitam durante a missa. O batismo era uma cerimônia praticada pelos antigos muito antes de se cogitar, sequer, do nome de cristão. Os hindus lavam o recém-nascido em água lustral, dando-lhe um nome de um gênio protetor. Aos oito anos, a criança aprende a recitar os hinos ao deus-Sol.

“O batismo cristão é o mesmo rito de purificação celebrado durante a cerimônia de iniciação nos tanques sagrados da Índia, pertencente à primitiva teurgia dos caldeus e acádios, praticado nas cerimônias noturnas nas pirâmides e durante os Mistérios de Elêusis em honra de Deméter (Ceres). Há ainda relação com a lustração dos greco-romanos, especialmente a lustração da criança, na qual ela recebia seu nome e era purificada com uma aspersão de água lustral”. (<http://hierolinguistica.blogspot.com/2007/06/trecho-de-santo-profano-estudo.html>)

Foi Santo Alexandre — que governou a Igreja do ano 121 até 132 — quem mandou usar o sal na composição da água benta (hoje, não sabemos o porquê, não se utiliza mais do sal na produção de água benta). Na lei de Moisés, aspergia-se o povo com água misturada com a cinza do bezerrinho vermelho que imolavam. Chama-se lustral esta água, que limpava o povo das imundícies legais. O que as cinzas eram na Lei de Moisés é o sal na Lei evangélica. O sal simboliza a sabedoria e a amargura da penitência. Introduziu-se na igreja o uso da água benta para apagar aquela cerimônia judaica e gentílica, de lavarem-se antes de entrar na Igreja, para pedirem a Deus torná-los limpos e puros. Para apagar esta figura, o cristão pedia ao sacerdote para benzer primeiro a água.

ÁGUA BENTA NA ANTIGUIDADE

Quando se fala em água benta, imediatamente vem em nossa mente: Igreja Católica — padre. Mas, a água benta é exclusividade do catolicismo, ou esse mesmo catolicismo absorveu esse processo ritualístico de outro cultos? Observem a “água benta” na antiguidade, com aspersório:

“Dagom” — Peixinho; diminutivo de *dag* = peixe, o deus-peixe; o deus nacional dos filisteus (Juízes 16:23). Esse ídolo tinha o corpo de um peixe, a cabeça e os braços de um homem. Era uma deidade assíria-babilônia (*Easton's Illustrated Dictionary*). Dagom teve origem na Babilônia. Verdadeiramente, o Apocalipse 17 está correto quando chama a igreja do Falso Profeta de “Mistério Babilônia”.

Quando você examina a figura abaixo, veem várias representações do modo como à mitra de Dagom era usada (igual à mitra usada pelo papa). Na esquerda você vê um sacerdote de Dagom vestido com uma mitra espargindo água benta com uma mão e segurando uma vasilha de água na outra. A figura do meio mostra dois sacerdotes de Dagom espargindo água benta enquanto olham para um símbolo egípcio da adoração ao sol. Na gravura a direita representa a deusa Cibeles com a mitra de Dagom, espargindo água benta. Cibeles era adorada em Roma e era chamada de “a grande deusa rainha-mãe”. Alguns eruditos dizem que a Basílica de São Pedro foi na verdade construída no antigo sítio em que estava o principal templo de Cibeles. Na figura abaixo, está à mitra de Dagon, a mitra de Cibeles e a mitra do Papa. Coincidência?



(<http://www.fortunecity.com/greenfield/bp/890/dagon.html> - com adaptações do autor)

RITUAL DE PURIFICAÇÃO E CONSAGRAÇÃO DA ÁGUA

Uma coisa importante que nunca deveria faltar, não só para realizar rituais mas também para ter em casa e limpar objetos ou espaços é a água abençoada, comumente chamada de água benta. Esta água sagrada significa que está abençoada e que a vamos utilizar para determinados objetivos, em rituais de bênçãos ou para proteger e limpar espaços. Não confundir água benta com água magnetizada; são completamente distintas e seus usos se diferem muito (reler o capítulo “A ÁGUA MAGNETIZADA”, onde entenderemos que a água benzida está “condicionada” e especialmente preparada para certos fatores, diferenciados da água magnetizada). A água magnetizada é a mineral. A água benta é acrescida de sal.

Para consagrar água comum e torná-la em água com propriedades mágicas, deveremos acreditar que temos em nós a força suficiente para purificá-la e consagrá-la. Aliás, para podermos purificar e consagrar a água para torná-la benta, precisamos ter a mente ilibada, santidade das intenções, confiança e fé inabalável; de nada adianta somente querermos ou termos boa vontade; é necessário ter conhecimento. Qualquer leigo ou leiga pode fazer isto. Em nosso caso, naturalmente, quando a água for purificada e consagrada por um Guia Espiritual ou por um dirigente umbandista competente, tem mais peso. Por isso aconselhamos que se procure um bom sacerdote, e peça-lhe que purifique e consagre a água para torná-la benta.

Quem está habituado a fazer rituais já sabe como fazer água benta; por isso esta partilha vai para as outras pessoas, aquelas que não têm os instrumentos necessários, mas sentem a magia como algo intrínseco, ou que por outra qualquer razão poderá vir a necessitar de água benta.

Antes de realizar o ritual de consagração, deverá fazer uma meditação invocando a luz superior para proteção e para energização.

Ao fazer este pequeno ritual, antes, temos que nos desligar do cotidiano, entrando mais facilmente neste mundo mágico.

Na purificação e consagração da água, utilizaremos certas posições das mãos e dos dedos, a fim de canalizarmos as energias necessárias. Para um melhor entendimento de como isso ocorre, vamos esclarecer o que são estas posições, conhecidas mundialmente como “mudras” (pronuncia-se mudrás):

MUDRAS – O PODER DOS GESTOS

Você nem imagina como é forte e poderosa a linguagem não-verbal. Assim como os mantras (cantos e sons), os mudras (gestos) são parte integrante dos rituais budistas e das danças sagradas da Índia. Mergulhe no universo dos gestos simbólicos e inclua os mudras na sua prática diária de viver melhor.

Se você observar as pinturas e esculturas não apenas da Índia, mas do Tibet, da China, da Coréia e do Japão, vai ver que em grande parte delas a posição das mãos e dos dedos parece significar alguma coisa mais do que um simples gesto. De fato, os mudras (pronuncie mudrás), além de serem uma forma não-verbal de comunicação e de auto-expressão, também são símbolos poderosos, capazes de canalizar a energia que flui no nosso corpo e de expressar diferentes estados da alma. Na dança indiana, por exemplo, são centenas de gestos feitos com uma ou com as duas mãos, cada um com um significado. Combinados, eles podem contar uma história inteira, sem necessidade de nenhuma palavra. No budismo tântrico, também conhecido como Vajrayana ou Caminho do Diamante, os mudras são ferramentas fundamentais para conectar o homem com o divino.

Além de possuírem um significado espiritual, eles são repetições dos gestos do próprio Buda, em suas várias manifestações. O praticante do budismo reconhece nas posições das mãos de cada estátua ou de cada imagem de Buda um significado e entende sua natureza. Vamos dar um exemplo: O *abhaya mudra* é o gesto típico do Amoghasiddhi Buda, o senhor do karma. É ele que ajuda os seres humanos a superarem a ilusão da inveja e a transformá-la em sabedoria e em realização. Neste gesto, que significa literalmente “sem medo”, Buda aparece com o braço estendido para frente e a mão levantada, como se fosse fazer um sinal de pare. Repetindo e meditando neste mudra, o praticante pode efetivamente transformar-se e alcançar este mesmo estado.

Do ponto de vista religioso, então, os mudras são gestos que simbolizam as manifestações divinas. Além de meditar sobre seu significado, os monges, por exemplo, usam-nos em seus exercícios espirituais de meditação e de concentração.

Nas suas formas mais avançadas, este trabalho com gestos simbólicos permite alcançar estados alterados de consciência.

Os budistas acreditam que, neste estágio, os mudras se transformam em arte mágica, capaz de invocar as forças invisíveis que atuam na terra e fazê-las atuarem em benefício dos seres humanos. Mas os mudras têm ainda uma outra função: ao curvar, estender e tocar de diferentes maneiras dedos e mãos, você faz circular a energia que percorre todo o corpo. Como na medicina oriental todas as partes do corpo se refletem nas mãos e nos pés, estes movimentos harmonizam o fluxo de energia do organismo e, segundo dizem, pode até curar certos males, seguindo o mesmo princípio da acupuntura e das massagens, como shiatsu e do-in.

Antes de você experimentar, lembre-se de respirar profundamente por alguns instantes e deixar que o sentimento de calma e tranquilidade que vem desta respiração penetre você. Fique assim por uns 5 minutos. Depois faça a postura, assim como se estivesse praticando yoga: concentrado e atento em todos os movimentos.

PURIFICAÇÃO

Ao realizar este ritual, haverá a necessidade de estar com o corpo limpo, ou seja: sem sexo e sem consumir carnes vermelhas e bebidas alcoólicas por no mínimo 12 horas; não estar aborrecido ou nervoso; estar com saúde física e mental em ordem e preferivelmente descansado.

Você irá precisar de:

- Água, na quantidade que desejar (de preferência uma quantidade suficiente para que não haja necessidade de repetir este ritual constantemente). Poderá também, com grande eficácia, utilizar água do mar.
- De uma tábua (virgem e só usada para purificações e consagrações). Tem que ser de madeira, de um tamanho que caiba o vasilhame com a água (não usar vasilhame de metal).
- De uma pemba branca (espécie de giz em forma cônico-arredondada, adquirido em casas de artigos religiosos umbandistas). Pode igualmente utilizar o giz branco escolar.
- Uma vareta de incenso no aroma de sândalo.
- 01 vela branca.
- Sal grosso (segundo a espiritualidade, também pode-se usar o sal refinado). Se for utilizar água do mar, logicamente não precisa acrescentar o sal.

Em linhas gerais: O sal grosso ganhou fama pelo seu potencial asséptico no combate às energias negativas, tanto do indivíduo, como dos ambientes, sendo considerado poderoso agente desagregador das energias. Os éteres do sal é que fazem a limpeza fluidica do ser humano. O cloro em forma etérea será o responsável pela limpeza do corpo astral, do corpo vital, do aura, enquanto o sódio, também em forma etérea, terá a função de condutor e escoador dos miasmas, larvas astrais e cargas fluidicas negativas. O cloro é formado por moléculas de grande poder germicida e bactericida, sendo utilizado em várias finalidades depurativas. O sódio, outro elemento formado do sal é um metal invisível a olho nu e tem como função agir como condutor térmico e eliminador de corpos nocivos à saúde. Tanto o conhecido sal grosso como o sal refinado é cloreto de potássio; o que os difere é o tamanho dos cristais.

Como proceder:

- 1º) Coloque na água, um punhado de sal (a quantidade do sal será medida pelo tanto de água; não há necessidade de se salgar muito a água). Se utilizar água do mar, não acrescentar mais sal).
- 2º) Trace, com a pemba, uma estrela de sete pontas, na tábua.
- 3º) Coloque o vasilhame com a água preparada no meio da estrela.
- 4º) Numa ponta qualquer da estrela coloque a vela branca acesa.
- 5º) Noutra ponta qualquer da estrela, coloque a vareta de incenso acesa.

De joelhos, estenda os braços para frente, com as palmas voltadas para o Céu, dizendo:

“Senhor, purificai conosco esta irmã água, a fim de que, de todo o lugar onde for utilizada, seja expulso qualquer malefício, e que qualquer coisa que ela tocar se torne abençoado”.

Logo após, colocando os dedos como indiciado:



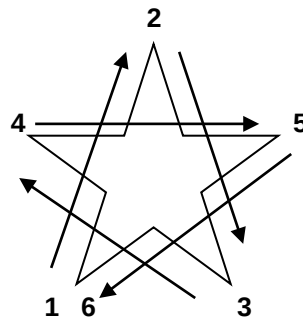
Posição para realização do sinal da cruz

- A Mão: A posição deve ser realizada com a mão nobre, ou seja, a mão dominante. Para os destros: a mão direita; para os canhotos: a mão esquerda.
- Dedos: Para a purificação e o sinal da cruz, utilizaremos três dedos juntos: o dedo polegar, o dedo indicador e o dedo médio.

Vá formando uma estrela de cinco pontas seguindo os movimentos do desenho abaixo. A cada traço, profira as seguintes palavras (no total, proferirá por 5 vezes):

“Purifico, consagro e bendigo esta irmã água, em nome de Deus Pai Todo Poderoso”.

Sinta a energia clareando, limpando e purificando a água; no mesmo momento,



Terminada a purificação, vamos à consagração:

CONSAGRAÇÃO

Estenda as mãos na sua frente por cima do objeto, com as palmas voltadas para o Céu e diga:

“Senhor, consagrai esta irmã água, a fim de que todos aqueles que lhe tocarem ou absorverem encontrem a pureza da alma e a saúde do corpo, quer os seus males sejam devidos à ação perniciosa dos Espíritos maléficos, ou a uma obra de magia negra, mesmo se, para realizar esta obra, se utilizou a força do Teu Nome e a das tuas hierarquias Divinas. Em nome de Deus Pai Todo Poderoso, que esta água seja abençoada e consagrada”.

Coloque as duas mãos, abertas, unindo os indicadores e os polegares, formando um triângulo na altura da boca em direção do vasilhame; aproxime-se para que seu hálito chegue bem próximo a água, e diga (neste momento, iremos invocar as Corporações Orixás):



“Que esta irmã água muito pura nunca seja corrompida e que conserve a sua virtude de sabedoria, por: Oxalá, Yemanjá, Ogum, Oxóssi, Yansã, Xangô, Omulú/Obaluaiê”.

Logo após, por cima da água, faça por três vezes o sinal da cruz (com os três dedos juntos, como ensinado acima); a cada sinal da cruz profira as seguintes palavras:

“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Que assim seja”.

Após purificar e consagrar a água, chegou o momento de sacralizá-la, tornando-a verdadeiramente abençoada, pela graça de Deus.

A oração para a sacralização da água:

“Senhor Deus Pai Todo Poderoso; louvado sejas pela irmã água tão preciosa, humilde e pura! Nós oramos em agradecimento pela sua generosidade em sustentar a vida. Ela sacia a nossa sede ardente. Ela rega as sementes de colheitas futuras, garantindo o pão nosso de cada dia. Oh! Deus misericordioso e justo, Criador que sopraste a vida sobre a face dos oceanos, nós Te pedimos perdão pelo nosso uso inconsequente da água! Nós Te imploramos por sabedoria, para sabermos como a estimar e preservá-la. Que todas as formas de água sejam abençoadas. Que assim seja”.

Logo após a oração de sacralização, estenda as mãos para frente, com as palmas das mãos por cima do vasilhame de água, e proceda da seguinte maneira:

Rezar 01 Pai-Nosso e 01 Ave-Maria; logo após, profira com determinação, o seguinte decreto, por três vezes:

*Irmã água, fonte da vida;
Seja abençoada e vivificada;
Seu Espírito seja desperto;
Para nos curar e proteger.*

A sua água esta benta e pronta para o uso.

Também, com grande eficácia, poderá, após purificar e consagrar a água, realizar um Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas, utilizando como “Prece Invocatória” a oração para a sacralização da água, e como decreto, a determinação dada acima. A água abençoada através de um Rosário torna-se potentíssima.

Essa água deverá ser acondicionada em frascos de vidro, barro, ágata ou mesmo plástico, longe da luz do sol e da luz da lua. Preferencialmente deve ser guardada próximo a um local sagrado, como um altar.

No Terreiro, poderão ter um vasilhame, tipo “Pia de água benta” na assistência, ao lado de uma imagem sacra, para que as pessoas ao se chegarem, possam se benzerem, antes, e após suas orações. Num Templo umbandista, também poderá se ter um vasilhame com água benta defronte ao Congá principal. Os médiuns, ao chegarem e ao se retirarem, se benzerão com a água.

Todas as vezes que for realizar um Rosário das Santas Almas Benditas, todos os participantes poderão de benzer com a água benta antes e após o Rosário.

Pra que a água benta é utilizada:

Há várias formas de usá-la, para variados fins, todos em proteções, bênçãos e desmaculação de energias enfermigas. A mais comum é persignar-se com ela. Outra é aspergi-la sobre si mesmo, sobre outras pessoas, lugares ou objetos.

A água utilizada em batismos e cerimônia fúnebre é a água benta. Portanto, quando formos proceder à batismos e cerimônias fúnebres, devemos ter em mãos, a água consagrada e abençoada (água benta).

Todas as vezes que formos usar a água benta em algo ou alguém, poderemos utilizar um “amarradinho” de ervas, ou um aspersório, e com ele espargirmos a água. É assim que os Guias Espirituais fazem em suas benzeções.

Pode-se aplicar com os dedos molhados na água benta, os locais com dor, fazendo o sinal da cruz por cima, e posteriormente, massageando levemente o local.

Como se benzer com a água benta:

Em ofícios religiosos, com a mão dominante, deve-se primeiramente mergulhar o dedo polegar (dedão) na água benta, e encostando-se à testa (entre as sobrancelhas) fazer uma cruz. Com esse ato, estaremos abençoando e ativando positivamente o chacra frontal, que nos traz a noção de responsabilidade por nossos atos. Nossa visão interior, a visão de equilíbrio. Coordena a atividade dos dois hemisférios cerebrais, a lógica e a intuição, a precisão e a percepção. É o chacra do raciocínio. Focaliza, percebe. Após esse ato, mergulhe três dedos juntos (polegar, indicador e média), na água benta, e realize o sinal da cruz convencional, deixando pequenas gotas nas quatro partes do corpo, compreendidas na fronte, no umbigo e nos ombros.

Importante:

- Água benta é diferentemente da água utilizada em Amacis e banhos ritualísticos. Essas, sim, são águas carreadoras dos princípios ativos e etéricos das plantas. Somente usar água benta em tais ocasiões, sob orientações de Guias Espirituais.
- Nunca beber água benta. Para esse fim, temos a água magnetizada.



Recipiente com água benta ao lado esquerdo, abaixo da imagem do Sagrado Coração de Maria, localizado na assistência do Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista, onde os assistidos se persignam com a água.